

# Às margens do Eufrates

O Alvorecer da Espiritualidade

DOLORES BACELAR  
JOSEPHIO (ESPÍRITO)



JOSEPHO  
DOLORES BACELAR

**As Margens do Eufrates:  
O Alvorecer  
da Espiritualidade**  
(1º volume da Série “Às Margens do Eufrates”)  
Correio Fraterno

# Nota da Versão digital

## Às Margens do Eufrates: A Trilogia

"Guardiães da Verdade",

"Veladores da Luz"

"O Voo do Pássaro Azul".

O espírito Josepho, através da mediunidade de Dolores Bacelar, descreve as intrigas de uma corte assíria à época do século VII a. C. O personagem central é o imperador Assírio Sargon II, filho de Salmanazar e pai de Senaqueribe. Em foco, o domínio assírio sobre o oriente médio e o antigo egito, as guerras contra a Samaria e o domínio do reino de Judá. A resistência urartiana e a cultura persa também têm um papel importante nesta história.

Josepho cria personagens que encarnam a dualidade do ser humano, as suas contradições, as escolhas entre o poder e o dever. A pena deste espírito vagueia entre as paixões dos indivíduos e as análises sociais.

O enredo é bem tramado, sendo muito difícil ao leitor adivinhar o desfecho dos três romances que se seguem, contando apenas uma história. Mais uma vez, impressionam as citações, datas, informações sobre os personagens históricos que se entrelaçam com os personagens imaginados, a ficção. Josepho interrompe sua narrativa inúmeras vezes para tecer explicações com bases na doutrina espírita para o leitor, às vezes muito extensamente.

Outra articulação curiosa é a dos dados históricos com os dados da tradição hebraica. A cultura assíria é posta a nu, e o espírito defende a tese de Burns que propõe que uma sociedade não se sustenta apenas com o cultivo do militarismo e de um imperialismo predatório.

Esta política gera as bases da insatisfação e da busca de libertação pelos povos dominados, com tanto mais empenho quanto mais se lhes dilacerem os recursos e a perspectiva de futuro.

Deixando um pouco de lado os relatos o que invadiram o mercado editorial espírita brasileiro, com pouca qualidade literária, o realismo fantástico de Josepho merece ser apreciado pela comunidade espírita brasileira e internacional.

<http://espiritismocomentado.blogspot.com.br/2008/03/s-margens-do-eufrates-trilogia.html>

## Apresentação

Em seu peregrinar através as estradas das civilizações pretéritas, viu Josepho o nascer e o ocaso de quantos impérios na aparência indestrutíveis. Solicitado por nós a transcrever o relato de tudo quanto testemunhou, não se furtou ao nosso convite, passando a ditar-nos “Às Margens do Eufrates”, cujo título simboliza a marcha da Civilização do Oriente para o Ocidente.

Josepho, em suas narrativas romanceadas, não nos descreve fatos sobrenaturais, antes procura focalizar o “simples” e o “real” em tudo que nos transmite. Fala-nos do pretérito da Humanidade fugindo ao sensacional das revelações apocalípticas, tão ao gosto dos amantes do trágico e do fantástico. Porém, ao invés de prender-se às teorias sofismáveis que não se fundamentam sobre a base da prova matemática, Josepho analisa e compara o Ontem com o Hoje e, usando o romance apenas como repouso à mente intelectual, nos conduz à pesquisa e ao exame do nosso próprio eu, e à realidade da época atual.

Então, surpreende-se o leitor sentindo-se parte desse Passado que, no Presente, continua em luta com quase todas as paixões e erros de quando despertava o Homem para o alvorecer da Espiritualidade. Teria o Gênero Humano — indagar-se-á — evoluído em sentido paralelo, em equilíbrio a Matéria e o Espírito, seguindo a Razão e o Sentimento, a Inteligência e o Coração um igual ritmo de aperfeiçoamento? Ou apenas progrediu ele em conforto e comodidade, transformando a caverna, a palafita ou a barraca nômade em palácios e arranha-céus? O machado troglodita seria mais mortífero que as “civilizadas” armas de hoje? A luta do Homem das cavernas diferenciar-se-ia muito das guerras do século XX?

A estas indagações nos conduz Josepho. Entretanto a sua mensagem à Terra não é um anátema e sim advertência fraterna. Não condena, apenas lastima. Não teoriza, expõe fatos. Não cria personagens e sim símbolos, em que ele próprio personifica o mal, a ignorância, a impiedade.

Neste primeiro livro, vemos o Bem — Javan — sacrificado como acontece comumente, pelo egoísmo e ambição. Sentimos em Débora o símbolo dessas Almas que se deixam vencer pelas paixões. Em Tidal, temos os déspotas de todos os tempos. Na voz dos patriarcas, a sempre imutável

verdade conclamando o Homem para o Reino de Deus. Na Barca de gofer, o Bem sobrevivendo a todos os cataclismos,\* pairando acima do dilúvio da Maldade e do Erro, pousando no Ararat símbolo da eterna vida.

Partindo da nebulosidade dos dias pré-diluvianos, inicia Josepho a sua narrativa em linguagem simples e despreziosa, para que todos leiam com clareza o seu pensamento, enunciado com tanta espontaneidade que até as crianças não de compreendê-lo.

“Nada de novo este livro encerra”... diz ele em princípio. Franca afirmativa de um Espírito que “sabe” que “nada há de novo sob o Sol”.

Nestas páginas não nos descreve o autor fatos que se não os possam praticar na vida diária, porque nos fala de coisas e sentimentos que se repetem comumente sob a luz desse mesmo Sol que iluminava as planícies da Lemúria e continua clorofilando os jardins do século XX, como há de colorir o alvorecer do Terceiro Milênio e dos Milênios porvindouros.

Creemos que, se as crianças podem compreender este livro e os que vêm após, nem todos os homens o aceitarão e muitos os lerão como simples autobiografias... Porque, unicamente aqueles que penetram na plenitude da Vida não de entendê-lo graças ao conhecimento das ciências espirituais, o qual virá a todos com o. desabrochar das faculdades anímicas.

Por isso a obra de Josepho não se destina ao intelecto nem a Razão o pode explicar. Só essas almas já libertas das limitações farisaicas e dogmáticas podem aceitá-las sem reservas. Destina-se ela ao Coração da Cristandade, àqueles que sabem ler além das letras que matam a Verdade, em espírito que tudo esclarece e vivifica.

Esforçando-se em não fugir aos postulados científicos da atualidade, buscou Josepho no Espaço, na memória dos Tempos perdidos concatenar dados e trazê-los até nós, através as páginas deste livro. Muito mais poderia ter-nos dito se não pedíssemos que resumisse, simplificasse as suas impressões atendendo a um imperativo circunstancial.

Porém, lede o que nos ditou Josepho... Ele, melhor do que nós, narrarvos-á como o Espírito, dominado pela Matéria, esquece os caminhos que conduzem a Deus.

Após lerdes esta série de livros, “Às Margens do Eufrates”, compreenderéis, leitor, que o Homem, as Sociedades e as Pátrias só atingirão o cimo da suprema felicidade quando adotarem por lei definitiva o Amor exemplificado pelo Cristo de Deus.

ALFREDO{1}

## **Livro Primeiro**

### **As margens do Eufrates**

#### **O ALVORECERDA ESPIRITUALIDADE**

##### **1**

Muito antes que o sol do Progresso estendesse seus raios sobre a Terra, sentiu o Homem que de luta seria o seu “klíma”.

As manifestações geológicas que sofria o orbe, o resfriamento de sua crosta, as bruscas variações climatéricas, os monstruosos animais que dominavam o período paleolítico, os cataclismos que iam de maneira vagarosa, porém contínua, modificando a Fauna e a Flora, tudo predispunha o Homem para a luta.

Se desde o princípio não projetasse o Verbo divino a sua Luz sobre o destino da Humanidade terrestre, guiando-a e orientando-a, não teria o Homem resistido à luta contra os elementos naturais. Átomo perdido em meio à grandiosidade, seria fatalmente vencido pelas forças cósmicas da Natureza. Sobre ele pairava, porém, o Verbo regente e, animando-o, um Espírito, centelha de Deus, eterno e imperecível.

##### **2**

Rememorando as Épocas transcorridas desde os tempos mais remotos e obscuros até os dias atuais, vemos que uma Providência Divina zela pela Humanidade. Graças a Ela, o Homem, elevando-se acima dos interesses efêmeros, revela-se membro digno de uma Sociedade Universal, lutando através dos séculos pela conquista da Virtude, da Ciência e da Felicidade.

Quão pura é a satisfação que o Espírito desfruta quando compreende sua condição de parte integrante de uma Humanidade que vem, no Espaço e no Tempo, cumprindo os decretos da Providência, sem visar a um benefício

parcial, mas por amor às verdades de uma rigorosa Justiça, ansiosa por cumprir a eterna Lei de Caridade e Solidariedade humanas!

Descrever o sentir de uma Alma que viveu em todas as nações, que foi contemporânea de grandes homens e viu de perto tantos cataclismos devastando civilizações hoje esquecidas, requer muito senso de verdade para que se não deixe dominar pelo espírito de partido, em prejuízo dos fatos históricos que lhe cumpre relatar. Se essa Alma não se fizesse já guiar só pelas luzes da Razão, de certo não lhe seria permitido revelar-se aos homens e, se o ousasse, sentir-se-ia como que perdida num labirinto imenso, cuja entrada esquecera e de onde. nunca sairia.

Hoje, porém, ela abrange com uma vista única a Humanidade inteira e ama não apenas a uma nação à parte, mas já fez de todas as pátrias a sua pátria, pois que ama a todo o Universo.

Quando podemos descortinar ao longe, no horizonte dos tempos, não uma vida, mas séculos de existências, já deixamos de ser cidadão deste ou daquele país, somos cidadão do Mundo.

Vemos, então, os fatos passados ou contemporâneos, com opiniões mais justas, porque não confundimos mais o que nos é proveitoso e bom com o que é realmente útil à coletividade; já não sentimos o belo conforme as nossas paixões, mas contemplamos a paisagem humana com os olhos de rigorosa justiça; regulamos as nossas impressões sem fugir à simpatia e à benevolência generosa, vendo nas ações alheias que nos ferem, os decretos da Providência.

Mas só atingimos a essa culminância moral quando esquecemos nossa felicidade particular pela felicidade de todos.

Quando o Espírito se integra na Consciência Universal, já cômico de que o Amor e a Justiça são o caminho mais rápido para o Aperfeiçoamento, então encara ele o homem como um espelho em que mira as suas antigas deficiências e se vê reproduzido naquele irmão que luta por aquisições de virtudes e de sentimentos nobres e, ampliando o círculo das afeições, sente por ele — pelo homem em luta contra o covarde egoísmo — fraterno amor e admiração. E do plano onde se encontra o Espírito consciente, estende os braços, ergue a voz, para animar e confortar seu irmão que na Terra sofre os embates da Existência.

A Justiça Divina não necessita de advogados em defesa daqueles que fogem das Leis do Amor e da Harmonia. Nos Tribunais do Infinito, o réu é o seu próprio e severo juiz. Ele vê a extensão do erro e, aplicando a lógica aos sentimentos, obedecendo às normas sábias de causas e efeitos, antevê melhoramentos possíveis para sua Alma nas dolorosas provas expiatórias que impõe a si mesmo.

Na Eternidade podemos melhor compreender a Força da justiça que rege os mundos. E certos desse Poder que se faz sentir providencialmente na Terra e em todo o Cosmos, aceitamos como Lei todos os fatos mais cruciantes.

É pela dor que a Humanidade se engrandece. Colocando-se o Espírito num ângulo onde pudesse abranger, num só panorama, o passado e o presente, sentiria ele que os seus lamentos e frustrações nada são diante da dor coletiva e, envergonhado de suas fraquezas, suas lamentações cessariam dissipadas pela dor comum a todo o gênero humano.

Agigantam-se nos homens os desejos de fraternidade, quando penetram no poder divino é, numa inversão natural e lógica, motivada pelos sentimentos anímicos, atrofiam-se em seus Espíritos o orgulho, a vaidade e demais impulsos e anseios egoísticos.

Diante desse Poder de Justiça, dessa Força equilibrada e continuamente ativa que demole impérios e civilizações na aparência indestrutíveis, quando, abusando do Livre Arbítrio, se desviam das fronteiras traçadas pelas Leis do Amor, sentem as Almas que têm de dar sua quota de sacrifício pelo Bem geral; e não lastimam mais as suas esperanças destruídas, os desejos insatisfeitos feridos e projetos evaporados como nuvens que o vento desfaz. Porque estão certas de que foram causas, como células que são do organismo da Humanidade, do desequilíbrio que esta sofreu em seus movimentos de gradação evolutiva. Desequilíbrio gerador de hecatombes, cataclismos, guerras e de todo mal que assola continuamente toda a Coletividade terrestre.

Antes de que as suas ações negativas estorvarão a marcha progressista do gênero humano, assim como uma partícula de pó poderia paralisar o funcionamento de um grande maquinismo, integram-se em seus deveres, cónscias de sua responsabilidade dentro da Maquinaria universal.

E por mais absurdo que pareça, ainda diante dessa Força de Justiça a que estão sujeitas todas as criaturas, na Terra e no Espaço, fortalecidas pelo senso de Dever, desaparece das Almas a impotência improdutiva e estacionária, e sentem, em si mesmas e nos demais seres, uma confiança absoluta de que são

necessárias ao triunfo universal do Bem.

Transformam-se de massas trabalhadas em mãos diligentes cooperando no soerguimento do Edifício da Felicidade geral. Passam, então, esses Espíritos de protegidos a protetores naturais e diretos junto daqueles que, biologicamente falando, são como embriões, distanciados ainda muitos séculos da maturidade espiritual.

São eles os indivíduos que, na conquista da Verdade e da Virtude, foram vítimas da violência, mas que, apesar dos cilícios, sofridos, souberam atingir a culminância onde pairam os benfeitores da Humanidade.

Libertos das correntes consanguíneas e territoriais, passam a viver e a trabalhar exclusivamente pela regeneração das criaturas, vendo, em todos, os membros de uma só família humana.

Sacerdotes de Deus ensinam o culto do Bom, do Belo e do Verdadeiro e, vencendo os obstáculos da ignorância, da vaidade, do orgulho, do fanatismo e da férrea tirania, impelem toda a Humanidade para o Progresso no caminho da Perfeição. Porque Deus paira sobre o Universo, dirigindo o Destino dos mundos, das nações e dos povos.

## 4

Assim, nestas narrativas, encontrará o Leitor sempre uma voz elevando-se acima da surdez psíquica daqueles que desarmonizaram, no Pretérito, a Unidade Sinfônica do Concerto; Universal.

## 5

Este livro que eu, Josepho, escrevo por ordem superior, não vem modificar a Ciência nem a Fé dos homens.

Contento-me em compilar os fatos que causaram os colapsos mortíferos por que passou a Civilização terrestre através das Épocas. Acompanho apenas os fatos, deixando que eles sigam seu curso natural. Alenta-me uma esperança: que o Homem do século XX, lendo estas memórias, saiba usufruir das experiências de nossos antepassados; que aprenda a não rir das Eras pretéritas.

Que a Prudência e a Tolerância pesem em seus julgamentos, para que possa ele examinar com imparcialidade as palavras e as ações daqueles que conheciam um pouco os princípios de liberdade e justiça. Lembre-se o Homem de que as aquisições religiosas, científicas e civis que usufrui a sua inteligência, são frutos da luta travada, através dos tempos, pela Humanidade pregressa, contra o império da escravidão e da força bruta.

E que dessa Humanidade ele era parte integrante, punindo, então, com suplícios terríveis, os mesmos atos que hoje — com evolução dos Sentimentos de Fraternidade — ele opina que deviam merecer honras e troféus.

## 6

Nada de novo este livro encerra; ele é apenas o relato das experiências vividas por um Espírito em muitos períodos da História. Eu, Josepho, nestas páginas gravo o meu testemunho de como a Humanidade terrestre vem sofrendo e lutando pela conquista da Felicidade. Ora vencida, ora vencedora, vem ela nessa luta milenar, desde os mais remotos tempos, quando, infante ainda, aprendia a dar sobre este planeta os seus primeiros passos pela estrada da Evolução.

## 7

Descendente de Seth, como reveza a tradição guardada em nossa “clan”,<sup>{2}</sup> vivia a nossa tribo às margens do rio Eufrates cultivando acidentalmente a Terra e apascentando rebanhos. Éramos os Filhos de Deus, porque nos conservávamos fieis à Sua Lei desde Enos que nos ensinara o Seu Culto, seguido de pai a filho, de geração a geração.<sup>{3}</sup>

Enos recebera os segredos do Culto pela voz de seu pai, Seth , um dos numerosos filhos de Adão.

Sofríamos as agruras da existência, animados pela certeza de que um dia volveríamos ao paraíso perdido por nossos pais. A tradição falava de um mundo distante, onde, ávido de falsa liberdade, negando-se a seguir os

objetivos superiores, o Homem abusara dos dons de Deus.

Segregado pelas suas próprias ações do seu primitivo mundo que fora elevado à categoria de Céu, o Homem, indigno que era de participar de uma Felicidade para a qual nada contribuía, aportara ele à Terra na noite obscura dos Tempos, para, pelo auxílio aos inexperientes e incultos terrícolas, cumprir sua expiação, tornando-se digno de um destino mais sublime.

Anjo pelo Conhecimento, demônio pelo orgulho e abuso de liberdade, o Homem exilado nesta Terra de trabalho e de duros revezes, teve que obter o sustento à custa do suor do rosto e do calejamento das mãos.

Mas, esse castigo imposto pelos Altos Desígnios, não aviltava, antes dignificava o Homem caído, despertando seu caráter, jungido ao egoísmo, para as bênçãos meritórias do trabalho. Através deste, avançaria sempre até o triunfo do Espírito sobre a Matéria, na luta pela reconquista das ciências e do aprimoramento da livre vontade para o Bem.

Senhores da Terra, lutavam os homens entre si pela partilha das primazias da Natureza e pelos privilégios do Culto ao Senhor, manifestando-se, assim, a desunião que traziam na Consciência.

Derramado pela inveja e pela discórdia, o sangue banhou a Terra, criando uma sequência de horror e execração.

Era a luta de classes que ainda hoje domina nas sociedades. Em princípio fora o agricultor Caim<sup>{4}</sup>, contra seu irmão Abel, o pastor de ovelhas.

Espírito dinâmico, mas aferrado aos sonhos de domínio, sacrificou a Abel que lhe tolhia, apoiado este pelos bonzos<sup>{5}</sup> de então, os impulsos expansionistas e mais que revolucionários para a época. Temendo a ira religiosa e a vingança dos criadores, fugiu ele para longe, indo edificar a primeira cidade, Enoch, cujos habitantes só tinham fé na própria força, sendo chamados por isso de Filhos dos Homens.

Os cananitas eram os maiores inimigos das tribos de Seth, movendo-lhes guerra incessantemente. Matavam-lhes as ovelhas e danificavam as pastagens. Na época que situamos nestas memórias, essa luta era mais intensa do que nunca d'antes.

Por esse tempo, tínhamos como chefe o patriarca Methusala, filho de Enoch, da descendência de Jared.

Temido e respeitado por todos, graças à sua ciência, coragem e longa idade, Methusala era justo e temente a Deus. Aplicava a Lei em nossa tribo

sem abusar dos fracos e sem temer os fortes.

Os povos vizinhos temiam-no e tributavam, ao nosso chefe, respeitosa vassalagem. Até mesmo as tribos cainitas reconheciam o valor de Methusala.  
{6}

A tenda de nosso patriarca era adornada com as mais variadas peles de animais e coloridas plumas, quase todas ofertadas por nossos vizinhos.

Porém, as homenagens não o envaideciam nem o temor que os chefes de outras tribos lhe demonstravam o tornava prepotente.

As pastagens vizinhas jamais foram invadidas por nossos rebanhos durante o seu patriarcado que foi o período de maior glória em nossa “clan”.

Quando Lamech nasceu, alegrando a tenda de Methusala, começou este a dirigir os destinos de nossa tribo sob a orientação de seu pai Enoch e, quando o filho de Jared voltou ao Espaço, 113 anos após o advento de Lamech, Methusala era chefe absoluto de nossa gente, o povo de Seth — os Filhos de Deus.

## 8

Lembro-me bem: era eu um rude pastor de ovelhas, então, e tinha um irmão chamado Javan. Éramos irmãos de Lamech, pois a nossa mãe Milcah era irmã de Leah, esposa de Methusala<sup>{7}</sup>, mãe de Lamech. Nosso pai morrera nas garras de um leão, durante uma caçada. Nossa mãe jamais quis ocupar outra tenda e os homens de nossa tribo respeitavam a sua viuvez.

Milcah, nossa veneranda mãe, sempre nos aconselhava: — Josepho, Javan, filhos de Japhet, jamais pequeis diante de Deus. Vosso pai foi grande caçador, mas nunca manchou as mãos no sangue de um irmão. Descendemos de Seth, o Abençoado, e não de Caim, o Maldito do gênero humano. Sacrificai apenas a Jeovah e a nenhum outro deus; mas, que as vossas mãos estejam imaculadas como o cordeiro que ofertais ao Senhor Deus de vossos pais. Que a lenha do holocausto não seja adquirida pelo dolo, para que o Senhor aceite os vossos sacrifícios e vos abençoe, multiplicando a vossa descendência. Não vos maculeis com as filhas dos Homens. Fugi das águas do vício, onde se banham os cainitas.

Quando passardes pelas terras de Nod, deixai lá a poeira das sandálias,

são terras malditas.

Javan ouvia, num silêncio respeitoso, as palavras de nossa mãe; mas, eu, no íntimo, pensava maldosamente: — Tola mãe!... Não sabe ela que o cordeiro que ofereci ontem ao Senhor, eu o furtei dos rebanhos de Jubal, e que são belas as mulheres cainitas, belas e prazerosas...

Doce Milcah! Tão pura como os lírios do vale do Cedron. Javan lhe herdara as virtudes e a beleza.

Em nossa família, apenas a minha figura hirsuta e feia contrastava com a beleza dos demais...

A nossa tenda fora construída por nosso pai que tinha sido, além de grande caçador, exímio na arte de Jabal, o primeiro a erguer, sobre a Terra, as tendas onde se abrigavam os pastores nômades com suas famílias.

Ela fora armada um pouco distante da de Methusala, sendo, no tamanho, quase tão grande quanto a de nosso chefe. Porém, nem mesmo a tenda de nosso patriarca era tão bem cuidada. No interior de nosso lar imperavam o asseio e a ordem. Nele não se percebia o característico cheiro tão comum às habitações daqueles que se dedicavam ao pastoreio: o repugnante fartum dos cabris, que se entranhava até nas peles dos zagais.

Milcah era muito zelosa com tudo que dissesse respeito ao corpo e à nossa Alma. Nossa mãe era bem o símbolo das mulheres desse singular povo de Israel que encarnam, em todos os tempos, a mãe mártir, plena de abnegação e renúncia que, desde o ventre, consagra seus filhos a Deus, na mais sublime das oferendas.

Ela nos exortava, quase diariamente, incentivando em nós a prática dos bons costumes, tanto corporais quanto espirituais.

Dizia-nos sempre:

— A água limpa todas as impurezas, menos as da Alma. Antes de o Senhor povoar toda a Terra, cobriu-a por inteiro com o precioso líquido que, fecundando-a, fez nascer de suas entranhas o limo que daria vitalidade a todos os seres. Foi a água que vestiu a Terra de verduras e é graças a ela que o Homem e todos os seres podem viver.

E dirigindo-se a mim, em particular, concluía: — Josepho, meu filho, não apeteces o banho? Temo que desgostes da água...

Os temores de Milcah tinham fundamento... Eu detestava a água! Não foram as águas límpidas do Eufrates que me revelaram quanto era horrendo o meu aspecto? Desde aquele instante eu odiava o rio e todas as águas da Terra!

Minha fealdade nata torturava-me a vida... No todo, assemelhava-me com os grotescos símios das grandes florestas: fartos pelos cobriam-me todo o corpo. Com fúria selvagem, cortava-os com uma lâmina que eu mesmo preparava, porém, dias após, eles rebrotavam mais abundantes e ásperos. Nem mesmo uma lâmina de sílex poderia exterminá-los.

Todos em nossa tribo me evitavam, fugiam de mim. Por esse horror que inspirava, inculpava eu a minha fealdade... Hoje sei: não fugiam temendo o meu aspecto, não! Fugiam das minhas ações ascosas.

## 9

Eu era o triste símbolo da degenerescência do Gênero humano que se deixara dominar pela Carne e por suas mais baixas vilezas. Tinha a Alma corrompida e ria-me de toda Virtude e descreia de Deus. Os caminhos por onde passava, marcava-os com os rastros da minha violência. Fugia da sabedoria dos velhos e abusava da inexperiência dos moços, pervertendo-lhes os sentimentos. Embriagava-me e aos companheiros que me seguiam de mosto e de mulheres.

As mulheres honestas fugiam de mim, as crianças temiam-me e os homens me desprezavam.

Enquanto eu só inspirava aversão aos meus semelhantes, Javan, pelo contrário, era querido, mais que estimado em nossa tribo. Nunca dois seres tão heterogêneos, física e moralmente, viveram juntos num mesmo lar, oriundos de uma mesma fonte. Dir-se-ia que eu era a reencarnação de algum dos gênios de Ahriman — o princípio do Mal — e Javan, um dos Espíritos de Armand, o princípio de todo o Bem, segundo os mazdeístas de Zoroastro.

Em mim vereis retratados, paciente Leitor, todos os primitivos vícios e erros os mais bárbaros dos ímpios filhos dos Jtlomens. Em Javan, o primado das virtudes dos severos, porém simples e bons Filhos de Deus.

## 10

Como invejava a Javan!... O amor que consagravam a meu irmão

despertava, em meu coração enegrecido, o mais profundo ódio. A sua beleza, a sua força, os seus gestos harmoniosos, a sua alma imaculada enchiam-se de despeito e rancor. Procurava por todos os meios desviá-lo das normas éticas de nossa “clan”; porém ele era um rochedo! Em vão tentava quebrantá-lo com a astúcia da palavra manhosa e falsa... Javan era incorrutível, para desespero de meu pútrido coração.

## 11

Methusala, o nosso patriarca, reunia-nos todos, moços e velhos, após as grandes-tosquias anuais, pelos fins da Primavera, e nos ensinava as tradições e a Lei de nosso povo. Era magnífico vê-lo nesses dias festivos, diante de sua grande tenda, envolto em imaculadas peles de gazela, com os cabelos brancos caindo-lhe sobre os ombros ainda rijos e eretos, ligeiramente apoiado em seu bastão de pegureiro, falando a toda a tribo sobre o Concerto que o Senhor fizera com Adão e sua descendência.

Em torno dele, em respeitoso silêncio, prostravam-se todos: os mais velhos e as mulheres, sentados sobre peles de carneiro; os mais moços, sobre o solo nu. O seu verbo, a sua força, a sua idade, a majestade de seu aspecto venerável, a profundidade do que dizia, o seu saber, tudo em Methusala parecia gritar-nos: — Eu sou o chefe, porque sou o mais velho e o mais forte! Sou o chefe, porque sou o mais sábio, o senhor dos segredos herdados de Seth!<sup>{8}</sup>

Lembro-me daquela tarde em que eu, distanciado dos demais ouvia o que falava Methusala. A sua voz ecoava por toda a planície, perdendo-se à distância...

O sol dardejava seus raios sobre o Eufrates, iluminando-lhe as águas. Os fortes ventos vindos do deserto que se estendia pelo Oriente a fora, fustigavam-nos as faces e faziam esvoaçar os longos cabelos de nosso patriarca que, parecendo não sentir a frieza daquele fim de tarde, nos dizia: — Árduo tem sido o nosso trabalho, mas em compensação ao nosso esforço, multiplicaram-se os rebanhos e cresceram as pastagens. Quando chegar o frio do inverno, os nossos filhos não sofrerão, porque abundante foi a tosquia. Este acréscimo de bens nos consolará do trabalho de nossas mãos. Sacrifiquemos ao Senhor o nosso mais belo cordeiro, em reconhecimento à

fartura com que nos abençoou... Vai, Javan, traze-nos o mais belo cordeiro do redil sagrado, enquanto preparamos a lenha para o grande holocausto.

Erguendo-se, meu irmão se encaminhou para o redil, onde ficavam os mais belos espécimens de nossas criações.

## 12

Era uso, em nossa tribo, consagrar ao Senhor os cordeiros que nasciam sem a menor mácula<sup>{9}</sup>. E dentre estes selecionavam-se os mais fortes e belos para os momentos solenes, como este agora, quando em regozijo fazíamos grandes oferendas ao Deus dos deuses. Além do cordeiro que seria sacrificado por Methusala, outros eram abatidos pelos demais chefes. Grande era a matança nesses dias.

Depois das oferendas, entregávamo-nos aos mais variados prazeres.

Festejávamos, naquele período do ano, as nossas bodas e as alianças com as tribos vizinhas. Havia, entre os novos da tribo, jogos e lutas, quando então escolhíamos os mais hábeis atiradores de flechas e fundas.

Os músicos zagais faziam soar avenhas, harpas e órgãos, instrumentos ofertados à Terra pela inteligência de Jubal<sup>{10}</sup>, filho de Ada e Lamech, da tribo dos cainitas.

Devemos ao engenho destes o conhecimento de preciosas artes, como soldar o cobre e o ferro, transformando-os em utilidades várias. Foi Tubalcaim, o cainita, quem primeiro ensinou o Homem a lidar com esses elementos tão preciosos.

Os Filhos dos Homens primaram pela inteligência. Ambiciosos de conhecimentos objetivos, esqueciam os dons de Deus, frutos do Espírito. A eles deve a Humanidade as chagas da insatisfação que a atormentam há milênios. Deles herdou ela esse desejo insaciável de alcançar uma Ciência que se lhe escapa quando menos espera... Foram os filhos de Caim quem primeiro desarmonizaram os anseios da espécie humana.

Eles, os anarquistas primitivos, atearam fogo no estopim da mente, provocando a luta milenar da Imaginação com a Razão e do Entendimento com a Vontade, quebrando assim a harmonia de origem que até hoje não foi restabelecida, entre o Coração, os Sentidos e a Inteligência.

Foram eles os primeiros revoltosos, porque não se conformaram com a felicidade perdida, com o exílio de um mundo tão altamente heterogêneo para a Terra. Sofriam eles, no próprio cerne, as consequências de seus sonhos de Liberdade, cujo nome é tão exaltado, mas tão difícil o uso e tão prejudicial o abuso!...

Aos Filhos de Deus deve a Humanidade as aquisições filosóficas e religiosas, e mesmo as conquistas científicas mais heterotéticas; aos Filhos dos Homens, os engenhos, as ciências físicas e exatas, e a arte em geral.

## 13

Mas retomemos às nossas memórias... Como dizíamos, os músicos pastores faziam soar seus suavíssimos instrumentos acompanhando a cantilena de ritmo dolente e nostálgico das mulheres...

O sorriso iluminava todos os rostos. A alegria era geral! Até os mais velhos abusavam do mosto nesses dias. Unicamente Methusala ficava impassível, sem se deixar dominar pelos excessos.

Eu não tomava parte nos festejos, pois não me sentia feliz... A inveja, qual vampiro sedento, sugava-me o ânimo e a alegria. Não desejava folgar e rir, quando a maior honra da festa fora usufruída por meu detestado irmão. Jamais fora eu escolhido para trazer a vítima para o sacrifício, e isto era como um dardo ferroteando-me a alma.

Trazer a vítima para ser sacrificada pelas mãos do nosso chefe, era uma distinção almejada por todos os moços e só conferida àquele tido na tribo como o mais perfeito. E Javan, desde que se tornara mancebo, fora sempre o preferido. Apesar de aspirarem a tal honra, os demais jovens aplaudiam jubilosamente o meu irmão, pois sabiam ser justa e merecida a escolha de Methusala. Apenas eu lhe negava encômios, conservando-me à parte, em rancoroso silêncio.

Desejava ardentemente ser o indicado para conduzir o cordeiro ao holocausto, não pelas bênçãos divinas que os mais velhos diziam advir desse ato; porque eu não cria em Deus nem em bênçãos: queria ser o escolhido só para receber os louvores e os gabos. Porque, em minha cegueira espiritual, somente acreditava em tudo que fosse palpável, visível, concreto. Deus? Que

sabia eu então do Ser Supremo? Nada!... Pobre diamante bruto que, lançado no lodo, esquecera por completo da Fulgente Mina onde fora forjado...

Só cria na Terra, porque a sentia sob meus pés e podia tocá-la com os dedos. Temia os elementos, cujas causas desconhecia, porque sentia presentes e vivos seus efeitos e ações. E era para esses elementos da Natureza, — os trovões, os raios, as luzes solar, lunar e estrelar, os rios, os ventos —, que ofertava os meus holocaustos, mais por temor que por piedade.

Mas não foi o temor do desconhecido que fez despertar nas Almas a crença em Deus; essa crença é congênita nas criaturas, como os sentidos e os instintos. Apenas ela jaz, por vezes, adormecida na mente do Homem, quando agentes estranhos paralisam o funcionamento psíquico normal; assim como faz um quisto cerebral que estaciona os nervos sensórios e motores do organismo humano.

E o mal é agente alheio à Alma em essência e natureza. É quisto, corpo estranho que terá de ser extraído, porque tudo terá que voltar às suas primitivas funções normais.

## 14

Após a celebração do grande sacrifício anual, quando comíamos e bebíamos em abundância pão e vinho, e nos regalávamos com as tenras carnes dos cordeiros abatidos em honra a Jeovah, entregava-se toda a tribo aos folguedos e danças, em volta de um grande fogo alimentado por madeiras de cheirosas resinas.

Corroído de inveja eu via Javan distinguido por todos, velhos e moços.

Nas disputas dos jogos, ganhara ele todos os troféus, fazendo fulgir de admiração o olhar das virgens da tribo... E nenhum olhar o fitava com mais amor do que o de Débora, filha de Methusala... E eu amava apaixonadamente a Débora, mas desse amor desejo material, grosseiro, bruto, capaz de todos os crimes para conseguir a posse do ser que o inspira.

Javan parecia ignorar o afeto que lhe consagrava a filha de nosso patriarca. Dispensava-lhe deferência carinhosa, mas não era essa deferência própria dos namorados. Débora sofria por isso.

## 15

Eu daria a vida por um olhar, um sorriso de Débora... Como as outras virgens, porém, ela me evitava, fugia de mim.

Quando, em nossa infância, brincávamos juntos, ela preferia sempre os brinquedos que lhe fazia Javan e desprezava os meus... Certa feita lhe ofertei um pássaro de plumagens brilhantes e coloridas, a que eu ensinara a pronunciar o nome dela. Era ave raríssima e cobiçada por toda mulher de nossa tribo, e Débora, indiferente, a doou a Sara, filha de Natan, irmã de seu pai... Ferido em meu orgulho, sofria mais por vê-la acariciar um macaquinho que lhe caçara Javan.

Certa ocasião, escondido por trás do tronco de um sicômoro, a cuja sombra se abrigaram Débora e Sara, ouvi o que conversavam. Dizia Sara: — Débora, às vezes penso que Jeovah é injusto — Por que, minha irmã?

— Porque há tanta diferença nas criaturas!... Vê, por exemplo, Javan e Josepho. Um tão lindo e o outro horrendo... Por que isso, Débora?

— Só Ele o sabe, Sara. Talvez a beleza física seja uma consequência da bondade do Espírito... Javan é bom e verdadeiro, enquanto Josepho é mau e mentiroso... Seus atos atemorizam mais do que a sua fisionomia... Viste como ontem ele torturava uma pobre avezinha?

— Sim, respondeu Sara. Se não fosse a intervenção de Javan, ele teria arrancado os olhos da mísera avezita... Tenho-lhe horror, sabes?

— Também eu...

Fugi para não ouvir mais o que diziam à meu respeito.

Porém, em vez de tentar modificar-me, eu mergulhava mais na maldade, fazendo assim crescer em torno de minha pessoa um repulsivo círculo de antipatias.

Da minha infância não guardava inocentes lembranças, apenas recordações de atos tidos, por todos, como monstruosos e repelentes.

Escondia-me entre os caniços à beira do rio, para ver as mulheres se banharem; desrespeitava a inocência dos outros.

## 16

Quando na vida a Alma saudosa, qual andorinha que volta ao primeiro ninho, busca, através da passagem do tempo, os dias risonhos da infância, eles

ressurgem na memória, amenos e claros, plenos de momentos felizes e inocentes, mostrando ao homem que de todas as épocas, a mais radiosa é a da infância. Essa fase da existência é, como a morte, igual para todos. Mesmo o mais pobre dos homens guarda de sua infância doces lembranças que amenizam as agruras do verão, a parca colheita do outono e os frios do inverno da Vida.

A infância é como a primavera: sempre florida para todos! Mesmo aos mais desamparados não nega ela suas flores...

Entretanto, as recordações infantis guardadas por mim no transcurso daquela existência, eram negras e pestilentas...

## 17

Methusala, sentado diante de sua tenda, acompanhava com um riso de complacência a alegria dos moços. Leah, sua esposa, não tirava os olhos de sua filha Débora, a mais formosa virgem das planícies. Angustiava o coração materno a visível tristeza que sombreava o lindo rosto moreno da donzela.

Veza ou outra, com certo despeito, Leah desviava o olhar para Javan, como que a censurar a indiferença do mancebo pela sua querida filha.

Alheio ao que se passava naqueles corações, meu irmão, após haver vencido todas as competições daquele dia, conservava-se, meio distraído, junto de nossa mãe. Com ar sonhador e distante, brincava com um anel que sempre trazia no dedo anular.

Aquele anel fora adquirido por ele na última feira anual que se realizava próxima às muralhas de Enoch. Eu ouvira dizer que naquele anel havia um estranho sortilégio; qual fosse, não sabia eu.

Erguendo-se, Leah veio ter com nossa mãe. As duas irmãs se pareciam muito. Ambas conservavam ainda os traços formosos da mocidade.

Minha mãe era mais velha alguns anos, por isso Leah sempre lhe demonstrava respeito e obediência.

Compreendendo pelo olhar de minha tia que sua conversa seria relacionada com Débora e Javan, aproximei-me, também, fingindo indiferença.

Tomei assento perto das duas mulheres e, fechando os olhos, fingi que descansava dos excessos do dia.

Leah, após algumas palavras de louvor à minha mãe pelos troféus ganhos por Javan, louvores que Milcah recebeu em silêncio, como era próprio à sua dignidade de mãe de um valente, iniciou a seguinte conversação que eu ouvia com o coração em brasa: — Milcah, minha irmã, já pensaste em casar teus filhos?

— Não, — respondeu minha mãe. Espero que eles sintam necessidade de uma companheira.

— Fazes mal. O homem tem que se casar cedo, para que sua descendência se multiplique por muitos anos e possa ele acompanhar os filhos de seus filhos.

— Tens razão... Na próxima primavera cederei a tenda de Japhet aos cuidados das mãos novas das noras. Pedirei aos filhos que construam outra menor para abrigo da minha velhice.

— Poderás habitar em nossa tenda, pois, também eu, na próxima primavera, pretendo casar Débora... Lamech e os demais filhos já estão casados... Temo morrer e deixar minha filha sem o esteio de um marido.

— Débora, disse minha mãe, há muito já estaria casada se aceitasse a proteção de algum de seus inúmeros pretendentes. Mas parece que o seu coração ainda não despertou para as delícias do amor...

— Sei de um que ela aceitaria sorrindo...

E Leah fitou significativamente a Javan. Minha mãe acompanhou-lhe o olhar, meio surpresa e satisfeita, e as irmãs trocaram um sorriso de compreensão. Eu assistira a tudo através das pálpebras semicerradas, tremendo de ódio e despeito.

Javan aparentava nada ter ouvido do que diziam Leah e Milcah.

Minha mãe, colocando a mão na dele, interpelou-o com brandura: — Estás cansado, filho?

— Sim, mãe, respondeu ele de modo estranho; permite que me afaste um pouco, sinto-me exausto...

E Javan se dirigiu em passos lentos para os lados do Eufrates.

Minha mãe, intrigada, acompanhou meu irmão com o olhar até vê-lo desaparecer entre as palmeiras, ao longe.

Também a mim causara estranheza aquela manifestação de fadiga, incomum em meu irmão. Que poderia preocupá-lo?

Minha mãe comentou com Leah: — Notaste, irmã, algo de diferente em Javan? Não parece o mesmo...

— Sim, e bem sei a razão. Meu sobrinho, disse ela sem conter o rancor, fingiu cansaço para fugir de nós... Temia a nossa conversa...

— Não compreendo. Javan, bem o sabes, é verdadeiro e incapaz de um sentimento mesquinho... Que pode temer ele?

— Que o obrigues a casar-se com Débora, a quem não ama.

— Como podes supô-lo? Javan ama a Débora e sempre a distinguiu em nossa tribo.

— Ama, não tenho dúvidas, mas como a uma irmã. Não a deseja para esposa.

— E tua filha? — perguntou minha mãe meio aflita.

— Morre por ele. Ama-o com loucura.

Milcah baixou a veneranda cabeça em silêncio. Senti que estava preocupada. Depois, pousando os mansos olhos sobre a irmã, disse com firmeza: — Hei de falar com meu filho; dize à Débora que hei de obrigá-lo, se assim for preciso, a casar-se com ela.

Leah, erguendo-se, retornou ao seu lugar, junto a Methusala. Este notara a ausência de Javan e por isso perguntou à esposa: — Aonde foi Javan?

— O teu Javan está cansado, ausentou-se para repousar, respondeu ela com azedume.

— Impossível! Javan é incansável como o leão da planície. Estás escondendo algo, senti em tuas palavras! exclamou Methusala, impaciente.

— Não negas que és o mais sábio de todos... Advinhas-te: o cansaço de meu sobrinho é um pretexto para ausentar-se de nossa festa... Ele anda diferente por algum motivo que mesmo Milcah ignora. Enquanto isso, olha a nossa filha, vê quanta tristeza aquele rosto encerra!...

— Débora sofre, mas a minha ciência não tem bálsamo para curar a dor que a fere; e, mulher, não posso culpar a Javan por isso...

— Podes, sim, e podes obrigá-lo a casar-se com a nossa filha.

— Casamento sem amor em ambos os corações, dura apenas uma lua, mulher... Mas deixa estar. Falarei hoje mesmo com Lamech e ele talvez consiga que Javan se case com a nossa filha.

— Vou mandar chamar o nosso filho; consentes?

— Sim, Leah; que venha ele falar comigo.

Fui o encarregado de procurar Lamech... São estranhos os desígnios do destino.

Conduzi o filho de Leah ao pai e me deixei ficar a ouvir o que diziam.

Lamech era o maior amigo de Javan. Mal Methusala tocou no assunto, ele ficou sério e fitou no ancião um olhar descontente.

— Pai, disse, não cabe ao amigo contrariar os sentimentos de Javan; e não fica bem ao irmão impor sua irmã a quem não a quer como esposa.

— Falas com sabedoria e prudência, meu filho. Orgulho-me de ti.

Não te quero forçar a contrariar os teus sentimentos de amigo e irmão. Desejava saber, apenas, se tens esperança que, algum dia, Javan se case com a tua irmã.

— Não, pai, não tenho essa esperança.

— Por que negas com tanta convicção? — estranhou Methusala. — Porque sei que Javan ama e por toda a vida a uma estrangeira que desconheço quem seja. Nada mais te posso adiantar, pai.

— Está bem. Espero que Javan, correto como tem sido até hoje, nunca desonre as tradições de nosso povo.

— Antes morrerá ele a fazer tal, afirmou Lamech.

— A mulher tem sido a fonte de perdição há anos e anos, desde o princípio, filho, disse Methusala, com voz pausada. O Senhor deu todos os encantos da Natureza à mulher para ela suavizar a rudeza do viver dos homens. Mas, desprezando a sua sublime missão, ela desgraça a vida em vez de encantá-la. Por isso é que os homens cada vez mais se tornam ferozes, endurecidos e infelizes. A mulher tem preferido despertar os instintos animalizados e não os sentimentos puros e nobres daquele que o Senhor lhe deu como companheiro. Ela vem dominando toda a criação através de seus atrativos. Qual o homem, meu filho, que é forte diante da mulher a quem ele ama? Por mais forte que se julgue, é dominado, vencido pela beleza, pelo carinho daquela que o escravizou pelo amor. Pode a mulher ser escrava até, pode o homem dispor do corpo dela, vendê-la, dá-la; mas se ele ama, mesmo a uma de suas servas, em vez de Senhor, tornar-se-á ele o escravo dela. Bem vêes, filho, e bem sabes, que a mulher pode transformar a vida do homem num céu ou num inferno. Não confio em mulher nenhuma e muito menos nas filhas dos Homens.

— Não sei se a estrangeira que Javan ama é cainita, pai; talvez seja filha de uma de nossas tribos que vivem para lá das planícies.

— Peçamos a Jeovah que assim seja. Amo a Javan como filho e não quero ser forçado a lhe aplicar a Lei de nosso povo que proíbe a união com as filhas dos Homens. Porquê dessa união nasceriam as nossas desgraças. Os

cainitas mergulham, dia a dia, na mais grosseira animalidade... Sobreviveremos à destruição somente se fugirmos de seus costumes e de seus vícios.

— Pai, permite que te contradiga num ponto: também entre os cainitas há homens bons, tementes ao Senhor. Em Enoch há um ancião chamado Methusael que segue a nossa Lei. Também o poderoso Rehú é justo e bom.

— Rehú, é justo, mas o seu filho Tidal<sup>{11}</sup> é tão perverso como a hiena. A bondade nos Filhos dos Homens é tão rara como a oliveira em nossos campos. Chegam-me aos velhos ouvidos os lamentos das vítimas desses desalmados ímpios. Suas maldades clamam aos Céus, e o Senhor Deus de nossos pais há de castigá-los, destruindo toda a sua descendência maldita. E o velho Methusala ergueu-se solene..-

Eu e Lamech o fitávamos, em respeitoso silêncio. Diante de sua indignação, nem Lamech ousava mais contradizê-lo.

— Filho, continuou ele; — mas agora também os músicos já tinham silenciado seus instrumentos, e, como os demais, escutavam as palavras de Methusala. Dizia este: — Foi o abuso da Carne que expulsou Adão<sup>{12}</sup> do Paraíso. Mas o Criador Misericordioso deu ao Homem, como castigo paternal, o trabalho. Castigo que bem revela, por suas bênçãos, a Fonte de Divina Origem. Porque, só o trabalho alegra a vida, dando-nos saúde, bem-estar. Ele é meio de aperfeiçoamento e de elevação espiritual. É ele que nos dá o senso, a consciência do nosso ser, das energias que jazem latentes em nossas Almas, impelindo-nos para o Bem, para a conquista de uma vida de paz e harmonia, plena de tranquilidade, desviando-nos das falsas glórias da Terra.

Há muitos anos, quando o sangue ainda não manchara as mãos dos homens, o viver era simples e ao Senhor sabia agradável a ação das suas criaturas. Mas, por inveja, Caim e sua descendência revoltaram-se contra o Senhor, preferindo um viver de maldições e remorsos ao que desfrutavam todos em comum.

O fratricídio dispersou-os, como abutres saciados do sangue de suas vítimas que, satisfeitos os apetites, voam para outras paragens.

Abandonando as barracas patriarcais, multiplicaram-se e construíram cidades. São orgulhosos de suas artes e desprezam o nosso viver e a nossa Lei.

Mas, muitos de nós, ávidos de novidades, afrouxando os laços sagrados de nossa tradição, frequentam as suas cidades, antros de pecados e vícios.

Se há beleza nas filhas dos Homens, são áspides venenosas os seus

abraços.

Fugi das suas cidades, fugi de suas mulheres. São falsas as suas leis, porque são frutos de maldição.

Enquanto trilhades os caminhos do Senhor, Ele vos abençoará, multiplicando-vos a descendência. Mas se mergulhades nos mesmos erros dos Filhos dos Homens, confundidos sereis com eles no dia do castigo. Ah! não queirais saber o que seja esse dia... Todo ser vivo submergirá quando os Céus chorarem, por muitos dias, as lágrimas de sua revolta.

Um silêncio de medo envolveu as últimas palavras de Methusala.

Eu mesmo que não cria em profecias, senti um frio desagradável correndo-me pela espinha...

Entretanto, minha mãe e os mais velhos da tribo estavam impassíveis, balançando apenas as cabeças em sinal de aprovação.

Methusala, fazendo um gesto para que se dispersassem todos, penetrou em sua tenda.

A noite já envolvera, há muito, a planície. Era a hora do descanso da tribo, respeitada mesmo nos dias festivos.

Todos se recolheram às suas barracas, menos eu que fui em busca de Javan, que ainda não voltara, desde que deixara Milcah e Leah. Eu sabia onde ele costumava isolar-se.

## 18

Entretanto, Lamedh me precedera.

Fui encontrá-lo conversando com meu irmão.

A Lua aclarava as águas do Eufrates e punha reflexos de prata nas folhagens dos painços que cresciam às margens do Rio, atingindo alturas consideráveis.

Escondido em meio ao painçal, aproximei-me dos dois.

Falavam a meia voz, mas de onde eu estava ouvia, nitidamente, o que diziam.

— Que tens, irmão? — perguntava Lamech. Não folgas mais como antigamente... Foges do convívio da tribo. Os nossos jovens já te chamam de Javan, o solitário. Que tens, Javan?

— O meu mal não tem cura. Nenhum unguento suavizaria a angústia que me oprime. Sinto o meu sangue abrasar-se... Deixei a alegria presa do olhar de alguém...

— Amas, já o adivinhara. Tuas maneiras estranhas me revelaram teus sentimentos. Mas não compreendo porque sofres... Quem não se orgulharia de unir a sua à tua descendência?

— Amo alguém tão distante de mim como aquela estrela... E o seu braço apontava o Infinito.

— Tão distante assim?

A voz de Lamech soara num tom severo.

— Sim; — confirmou Javan distraidamente.

Uma de suas mãos brincava com um junco que ele imergia nas águas do Eufrates, enquanto a outra descansava sobre os joelhos.

Estavam ambos assentados sobre um grosso caule de palmeira, que fora arrancado pelos fortes ventos da planície, na última inundação períodica, quando transbordava o rio, fertilizando as terras planas que o abrigavam em seu leito pouco profundo, onde abundava o barro vermelho que, mais tarde, após o dilúvio, iria favorecer o surgimento de Babilônia, terra de Nimrod. Mas esses fatos ainda estão adormecidos no tempo, não os despertemos agora...

Preocupado, Lamech fitava meu irmão.

Depois de curto silêncio, em que se podia ouvir a voz do rio, marulhando, e o cantar da brisa, beijando as copas das tamareiras que se erguiam um pouco além, o filho de Methusala continuou o diálogo.

Eu era todo ouvidos, mal respirava.

— Enquanto sonhas com a tua “estrela”, sei de alguém que sofre a mesma angústia que tu.

Javan curvou a cabeça, sem responder.

Lamech continuou:

— Por que ir tão distante buscar a felicidade, se ela pode estar   tua espera, aqui, em meio às nossas virgens?

— Oh! não me perguntes nada, peço-te, Lamech, meu irmão! ...

— Não quero desvendar os teus segredos... confio em ti. Mas, permite-me que te diga: sabes quem é o alguém a quem me refiro?

— Sim... Não ousou pronunciar-lhe o nome, sagrado para o meu cora o.

— Ouso eu, disse Lamech.   Débora, minha doce irmã. Recusas desposá-la, Javan?

— Bem sabes que preferia morrer a causar sofrimento a Débora.

Amo-a, porém...

— Sei. Compreendo... Amas a Débora como irmã.

— Sim. Perdoa a teu pobre amigo, se te ofende. Sei que estou sendo ingrato. Amanhã mesmo partirei... Preciso ausentar-me por mim e por Débora. Ela me esquecerá e, na próxima primavera, alegrará a tenda de um dos nossos valentes, mais digno dela do que o infeliz Javan. Não me guardes rancor, Lamech...

— Não és culpado do que acontece. Talvez estejas sob o efeito de algum sortilégio...

E segurando a mão de Javan, onde fulgia o anel em forma de dois corações feridos por uma seta, continuou: — A “estrela” que amas deve trazer no dedo o anel gêmeo deste...

Não é verdade, meu irmão?

— Talvez... Mas não foi este anel que me enfeitiçou, foi o seu olhar.

— E onde o fitaste pela primeira vez, Javan? — perguntou Lamech algo intrigado.

— No infinito céu, meu irmão...

E os seus olhos, soerguidos para o alto, embeberam-se na luz do luar.

Lamech levantou-se. A sua grande estatura, refletida, sombreava-me. Em passos lentos, afastou-se ele sem se despedir do amigo.

Eu, em meio dos painços, continuava observando Javan. Esperava uma palavra, um gesto, algo que me revelasse o seu segredo, o nome de sua “estrela” que, eu pressagiava, o levaria à perdição por mim longamente almejada...

## 19

Neste livro e nos que, com a graça de Deus, se hão de seguir, descrevo os íntimos sentimentos das Almas que rememoro, como fazem os escritores de ficção; porém com uma vantagem sobre eles: não crio os sentimentos, descrevo-os como vim a conhecê-los depois, relatados pelos próprios Espíritos que os viveram em seus orações.

## 20

Javan, abstraído, rodava o estranho anel, a fitar a estrela que indicara a Lamech. Parecia absorto, alheio a tudo que o cercava... não sentia a umidade da noite já entrada em horas.

Eu lhe via o rosto como em pleno dia.

O luar tão límpido e claro assemelhava-se a um alvorecer.

No horizonte a planície confundia-se com o espaço, afigurava-se infinita.

Só as palmeiras e as tamareiras, eretas, luxuriantes de viço, quebravam a monotonia horizontal das terras planas às margens do Eufrates.

## 21

Há um quê de místico nas paisagens nuas de ondulações montanhosas, que predispõe a Alma à poesia, ao devaneio e à oração.

O olhar, livre de obstáculos, fita sempre as alturas, sentindo, nos seres que as iluminam, poderes e influências que o atraem e o abismam.

Foi vencido por esse influxo magnético que exercem os corpos celestes sobre a Terra, que o homem primitivo, incapaz de explicá-lo, passou a adorar, como deuses, todos os astros.

## 22

Javan namorava as estrelas. A angústia cruciava-lhe a alma... Lembrava as palavras de Milcah quando aconselhava a evitar as mulheres cainitas...

Que dirá ela, pensava Javan, quando souber que amo a Dinah, a virgem cainita da cidade de Enoch? E suspirou amargurado.

## 23

Naquele momento eu teria dado metade da existência em troca de seus pensamentos que só vim a conhecer de todo quando, já livre, da carne, compareci como réu ao julgamento dos meus atos.

Mas passo a historiar o sentir de Javan e os acontecimentos relacionados com a sua vida de então, como o escritor que domina as paixões de suas personagens.

Façamos um retrospecto em nossa história.

## 24

O coração, órgão retentivo dos sentimentos, sempre ignorou fronteiras em qualquer tempo ou época.

Meu irmão conhecera Dinah, naquela última ,viagem que empreendera com Lamech a Enoch, na ocasião da grande feira anual.

A animosidade que separava os dois povos sofria uma relativa trégua, nos dias em que falava mais alto o interesse comum às suas vidas. E então, cainitas e sethitas, esquecidos das mútuas ofensas, encontravam-se para permutar entre si as suas mercadorias e especialidades.

Uniam-se todos num terreno neutro, próximo a Enoch, e aí erguiam as suas barracas, e tendas. E por quatro ciclos lunares reinava paz naqueles corações. Adamis negros e agigantados fitavam de viés, mas reprimindo os instintos bélicos, os Sarkus que habitavam com eles as terras de Surripak, mas sempre guerreando uns aos outros.

Era um armistício forçado pela conveniência e bem estar geral.

Das longínquas costas meridionais da Ásia, abrigo dos remanescentes Rutas da Lemúria, de Surripak, de Havila, de Cush, das terras de Nod e de todo o Oriente, vinham gentes as mais estranhas permutar suas especiarias.

O ouro de Havila, o bdélio e a pedra sardónica eram trocados pelos artefatos de Enoch, pelos tecidos de Seth, cavalos de Ornar e camelos de Irad.

Ali imperava o interesse e não o ódio e os preconceitos étnicos.

## 25

Javan permutava por algumas pepitas de ouro, bom ouro de Havila, um anel de forma estranha que lhe despertara a atenção, quando uma jovem cainita, acompanhada por duas escravas e dois fortes eunucos adamis, parara

na mesma barraca em que ele, paciente, ouvia o tagarelar do mercador, um ruta ganancioso e sem escrúpulos.

Por alguns segundos, os olhos cor de mel fitaram os olhos negros de Javan. Só por alguns segundos fitaram-se os dois jovens, mas foi o tempo suficiente para acordar, em suas Almas, sentimentos há muito adormecidos.

Desviando o olhar, enrubescida, do rosto másculo e formoso de Javan, a jovem adquiriu um anel igual ao que meu irmão escolhera.

O ruta, num riso malicioso, informou aos dois moços que aqueles anéis tinham singular propriedade e eram únicos sobre a Terra.

A cainita, meio distraída, colocou o anel em um dos seus dedos longos e brancos como pétalas de lírio, parecendo não ouvir a lengalenga do mercador. Mas Javan, fingindo grande interesse no que ele dizia, fazia-lhe perguntas que o ruta respondia palavroso, para que, prolongando a história, pudesse dilatar aquele instante em que tinha diante de si a mulher que tão de súbito lhe fizera pulsar o coração.

Resumindo aqui a história do mercador, diremos que aqueles dois anéis encerravam o sortilégio de unir os corações de quem os possuíssem, caso fossem de sexos opostos.

Aparentando não crer nas palavras que ouvia, a cainita, entregando ao mercador um pouco de prata em pó, que tirara de um saquinho que uma de suas escravas trazia, cobriu o rosto com um véu e afastou-se; mas antes dirigiu um rápido olhar a Javan.

Este não a deixara de fitar desde que a vira, e acompanhou com os olhos o seu vulto até vê-lo desaparecer em meio à multidão que se comprimia na feira.

O ruta perspicaz, percebendo o interesse que a jovem despertara no estrangeiro, disse-lhe, piscando os olhos manhosamente: — Aquela é Dinah, filha de Rehú, o homem mais rico de Enoch.

Atirando uma pequena bolsa de couro de carneiro, cheia de ouro, ao homem cúvido, Javan interrogou: — Onde habita Rehú?

— Na parte sul da cidade... Lá todos te informarão. Mas, cuidado, jovem!... Os cainitas — e o ruta cuspiu de lado, em sinal de desprezo — não gostam de estrangeiros e, muito menos, dos filhos de Seth. Dizem que tão feroz quão poderoso é o pai, é Tidal, irmão de Dinah, comandante em chefe dos arqueiros e o mais hábil e perverso dos guerreiros de Enoch, invicto até hoje em todas as lutas.

Estremecendo, Javan empalideceu; não por temor, mas porque já de há muito a fama aguerrida de Tidal lhe chegara aos ouvidos, junto com os clamores e os gemidos das tribos por ele devastadas.

Javan estremeceu, temeroso do sentimento que a irmã de Tidal, o terror das planícies, despertara em seu coração.

Irmã de Tidal, ela!

Tidal, a hiena cainita que, em suas pilhagens não respeitava velhos nem crianças. Seus comandados eram como manadas de feras, devastando tudo: pastos e criações.

Por sobre as pegadas de Tidal só restavam a desolação e a morte.

## 26

Indo ao encontro de Lamech que o esperava em sua grande tenda, levantada próximo ao redil onde se viam espécimes raros de carneiros de suas pastagens, que ele e Javan tinham trazido à feira, o filho de Milcah surpreendeu o amigo, com o seu silêncio e ar pensativo.

Notando Lamech que o meu irmão fitava de maneira estranha um anel de ouro, que tinha a forma de dois corações cravejados de rubis e traspassados por uma seta, perguntou, a brincar: — Dir-se-ia que foste ferido pelas setas do amor como os corações deste teu lindo anel... Onde o adquiriste?

— Que dizes? — indagou Javan, voltando a si do seu alheamento.

— Perguntei onde encontraste este estranho anel que trazes em teu dedo.

— Eu o adquiri das mãos de um mercador da Ásia meridional. O ruta que me cedeu a peso de ouro, contou-me que este anel tem uma história, mentirosa, certamente, como todas as histórias dos mercadores rutas.

— Eu gostaria de conhecê-la... Conta-me, Javan.

Meu irmão relatou o que ouvira dos lábios do ruta.

— Interessante história, mentirosa ou não...

E, após um curto silêncio que empregara em observar o estranho anel, Lamech quis saber, curioso: — E o outro anel, onde se encontra?

Desviando o olhar, corando, mentiu Javan: — O mercador se desfez dele há muitas luas.

— Que pena... Lamentou Lamech, pensando: como seria interessante

levar o outro anel para minha irmã Débora... Talvez o sortilégio das joias unisse Javan a ela que tanto o ama.

## 27

Na tarde do dia seguinte, meu irmão, pretextando um motivo quaisquer, dirigiu-se a Enoch<sup>{13}</sup>, tendo tido a precaução de vestir-se antes como um cainita da cidade.

Vestido assim, sua pessoa não chamou atenção nem mesmo do mendigo a quem indagara onde encontrar a residência de Rehú.

Aquele, ante o aspecto abastado de Javan, prontificou-se a guiá-lo até lá, recebendo em paga uma pepita de ouro do tamanho de um grão de milho, que o fez desejar a meu irmão todos os gozos do Céu e da Terra.

## 28

Enoch era uma cidade construída quase toda de pedra na parte oriental das terras de Nod, onde proliferaram os rebeldes cainitas. Rezava a tradição, que ela tinha sido erguida por Caim que lhe dera o nome de seu filho Enoch, Espírito puro e santo, o Iniciado em todas as Verdades que, por Deus, lhe foram reveladas.

## 29

Permiti, Leitor, um interregno necessário em nosso retrospecto... Que é a nossa vida terrestre senão interregnos necessários, nos quais nos aprimoramos através das obras e dos sentimentos?

## 30

Enoch ensinara aos homens muitas coisas até então ocultas aos olhos deles.

Nos ciclos étnicos houvera um visível e súbito transformismo, Sofrido numa data que se perdera nos anais da tradição, fonte originária da História como Ciência e que não tinha sido ainda devidamente explanado à compreensão rudimentar dos primatas inteligentes do globo terráqueo.

Graças aos ensinamentos alegóricos de Enoch, o Iniciado que testemunhara a Shekinah<sup>{14}</sup> — o esplendor de Jeovah — Deus Único Incriado, que sempre existiu, porque é a própria Existência de todo o Cosmo Infinito, a Humanidade adventista deste planeta sentiu que não estava só: zelava por ela o Senhor dos Mundos.

Porque fora Ele Quem enviara à Terra os seus Anjos que velariam pelos destinos dos homens de então, em lutas já milenárias por aquisições intelectuais e espirituais mais completas e amplas, que lhes haviam de favorecer o Progresso evolutivo.

Já possuidores de certos segredos naturais que lhes revelara a Misericórdia Divina, mais aptos a suportar as transições telúricas pelas quais passava o planeta em formação, ora sob a ação hibernal de intensos resfriamentos, ora sob os rigores de aquecimentos atmosféricos que davam causas aos tremendos degelos que castigavam a Terra, inundando-a, submergindo-lhe trechos que as águas escondiam para sempre; os homens quaternários, senhores da pedra, do sílex e do fogo, já plenos de vontade própria e dos primeiros albores do Sentimento, já não se deixando guiar apenas pelos instintos, já despertos para o amor à família e ao respeito às coisas belas e aos elementos que os atemorizavam, necessitavam de um impulso que os arrancaria das palafitas locustres para o esplendor e conforto dos palácios de Mênfis e para os encantos dos jardins babilônicos. ‘

Porém, como se processara esse transformismo étnico? — perguntavam os homens, frutos dessa miscigenação que se realizara no tempo e no espaço determinados por Deus.

Ninguém melhor do que Enoch soube explicá-lo ao raciocínio humano daquela época e, também, da atual.

Anjos, dissera ele, desceram do Céu e, confundindo-se pelo amor com as filhas da Terra, procriaram super-homens e a eles ensinaram os encantamentos, a magia, as propriedades medicinais das plantas, o segredo dos

astros e dos seus signos e os movimentos da Lua, desvendando novos horizontes à primeva<sup>{15}</sup> Humanidade.

Nós que mergulhamos na obscuridade dos primeiros tempos terrestres, em busca de informes para aqui relatar aos homens deste século XX, evitando o absurdo e o fantástico, não adiamos nada mais que alagasse a nossa ignorância, além das revelações de Enoch.

Elas nos satisfizeram à Razão e ao Espírito.

Hoje sabemos que esses Anjos, que Enoch chamou de Veladores, são aqueles seres revoltosos, chefiados por Lúcifer que, rebelando-se contra o Senhor, foram jogados às trevas, de que nos fala a Gênesis mosaica.

Sabemos, ainda, que esses Anjos são os capelinos há muito conhecidos através das Revelações iniciáticas e espíritas.

## 31

Continuemos a nossa história... O mendigo conduziu Javan até à residência de Rehú. Era uma casa sólida, muito semelhante às fortalezas dos desertos de vossos dias, construída de grandes blocos de pedra talhada, ligados por uma espécie de argamassa .muito resistente, e erguida em meio de um pátio circulado por muralha também construída de pedras sobrepostas, quase toda ela coberta de hera e outras plantas rastejantes e trepadeiras, do gênero das umbelíferas araliáceas.

Despedindo o mendigo, Javan contornou o muro, esperançoso de encontrar uma entrada que o conduzisse ao pátio, sem ser visto pelos habitantes da casa.

Duas palmeiras gigantes, plantadas de cada lado, assinalavam o portão que conduzia ao lar de Rehú.

Não pensava Javan no perigo que corria, se fosse descoberto invadindo a residência alheia. As Leis eram severas e claras no que dizia respeito à propriedade violada. Apedrejamento, mutilações ou morte, eram as penas.

Javan não ignorava as Leis que, nesse setor, não se diferenciavam das que regiam os povos da planície.

Mas não pensava ele em lei nenhuma, apenas sonhava rever Dinah e poder falar-lhe, ouvir-lhe a voz antes de volver às suas Vagens, talvez para

sempre.

O filho de Milcah já desanimava de encontrar, na sólida muralha, uma passagem que o conduzisse ao pátio onde talvez pudesse rever ou ouvir Dinah, quando seus olhos deram numa das pedras que parecia estar deslocada pela ação das chuvas ou do tempo.

Criando novo ânimo, fácil lhe foi afastá-la e, esgueirando-se através da fenda que antes a pedra vedava, Javan encontrou-se em meio de um belo jardim.

Árvores variadas, cujas flores tinham coloridos semelhantes aos do arco-íris, encantaram a vista e o olfato do apaixonado jovem.

Jamais tinha visto coisa tão linda e harmoniosa como aquele jardim.

Extasiado, aspirava o ar perfumado e deleitava-se em olhar as flores que pendiam, abundantes, dos caules.

Num pequeno lago, peixes exóticos, em cardumes, aveludados e vermelhos, disputavam migalhas de pão que deviam ter sido jogadas ali pouco antes.

Às hordas do lago, que eram de pedras pintadas de azul, aves pernilongas de cores várias, passeavam solenes e vagarosas.

Em meio das árvores os pássaros cantavam, esvoaçando.

Os olhos de Javan, acostumados às rústicas pastagens, sentiam-se presos à magia daquele recanto edênico, quando o som de uma harpa, dedilhada por mãos de mestre, começou a chegar, em surdina, aos seus ouvidos.

Abrigando-se entre os copados arbustos, o jovem seguiu a direção de onde vinha a música.

Parou ao ouvir vozes femininas, bem próximas do lugar em que se escondera. Uma delas, parecendo pela maneira de expressar-se, voz de seiva, dizia: — Minha senhora, este anel a enfeitiçou... Desfaça-se dele...

— Cala-te, Myra. Não creio em feitiços. Não foi a história do mercador que me impressionou; foi o olhar daquele moço estrangeiro. Que belo e forte que era!... Mais forte do que Tidal e mais belo do que qualquer dos nossos guerreiros! Quem seria ele, Myra, algum deus?

— Os deuses não descem mais à Terra, senhora. Já desceram, porém, dizem os velhos que foram vencidos pela maldade dos primeiros homens e, perdidos seus poderes, confundiram-se com os mortais. Aquele estrangeiro deve ser um desses nômades abastados... Talvez um descendente de Seth, indigno de merecer um olhar de minha senhora.

— Não, Myra, não creio no que dizes. Ele não cheirava a redil e seus gestos eram inteligentes e ricas as suas vestes. Reparaste no cinto cravejado de pedras que lhe sustinha a túnica?

— Sim, minha senhora. Myra viu tão bem como tu... Mas creio, pelos deuses, que o teu pai, o poderoso Rehú, não ficaria satisfeito em ouvir-te falar desta maneira sobre um estrangeiro... Bem sabes que estás prometida ao grande guerreiro Mehujael.

A jovem, parecendo irritar-se com as palavras da serva, ordenou-lhe com certa rispidez: — Deixa-me só... cansei-me de tua música. Afasta-te!

Javan ouviu os passos de Myra, perdendo-se à distância.

Fez-se silêncio no jardim.

Meu irmão temia que Dinah ouvisse as pulsações de seu coração, tão fortes eram elas.

Desviando, cauteloso, as folhagens que o ocultavam, ele pôde ver Dinah a fitar o anel gêmeo do seu, suspirando de instante a instante.

Diante da amada, esqueceu as precauções e, vencido por sua beleza que o estonteava, exclamou, sem poder conter-se: — Que linda!

A jovem, àquela voz, sobressaltada, ergueu-se e dirigiu-se temerosa e intrigada para o trecho do jardim onde Javan se abrigava trêmulo de emoção incontrolável. Que pensaria ela ao encontrá-lo? — aflito perguntava ele a si mesmo.

Entretanto, Dinah aproxima-se entre curiosa e assustada, num andar hesitante. E não pôde conter um grito de receio quando deparou com o jovem que, confuso, recuara, curvando-se, vermelho de vergonha, diante dela.

— O senhor! — exclamou a cainita.

— Perdoe o ousado estrangeiro, senhora, que não queria partir sem rever, mais uma vez, a virgem que o enfeitiçou...

Dinah não respondeu. Parecia-lhe ouvir algo à distância.

Javan ficou em guarda, segurando o punhal que trazia à cinta. Ouvira, também ele, rumores de vozes que se aproximavam cada vez mais.

Dinah, como quem toma uma resolução súbita, segurando a mão de Javan, dirigiu-se com ele correndo para o interior do jardim e aproximando-se de uma grande pedra, contornou-a e empurrou um dos seus lados que, cedendo, revelou uma passagem oculta por onde a jovem penetrou acompanhada de Javan, fechando depois a entrada.

O interior da pedra era uma gruta onde se viam, suspensos pelo teto e

cobrindo o chão, concreções calcárias, estalagmites e estalactites que, unidas algumas, formavam estranhas pilastras. Notava-se, entretanto, que a mão do homem, não somente a ação das águas, andara modificando-lhe a estrutura.

Em silêncio, Dinah ficara escutando de ouvido à porta — um dos indícios de que o homem por ali passara com os seus engenhos — com a respiração opressa, não tanto pelo susto, mas pela comoção que lhe causava a presença de Javan.

Passado um instante que pareceu anos ao rapaz, voltou ela para junto dele e, sem falar, ficou fitando-o.

O mancebo, perturbado com o seu olhar, não sabia o que dizer, A luz, coando-se por frestas que se viam só do interior da gruta, punha reflexos dourados nos olhos cor de mel de Dinah, que pareciam duas estrelas a fitar Javan.

Foi ela quem rompeu o silêncio que os envolvia: — Por que penetraste em meu jardim?

— Queria reverte...

— A tua ousadia poderia ter-te causado a morte. Sabes quem sou?

— Sim. Tu és Dinah, filha de Rehú, irmã de Tidal e noiva de Mehujael.

— Então, ouviste o que falávamos eu e Myra? — perguntou a jovem, corando.

— Sim... confirmou o jovem, tomando as mãos de Dinah nas suas. Mas que importa o que sucedeu em nossas vidas antes de nos conhecermos? Amo-te... teus olhos são estrelas, ofuscam-me. Perdoa se o ousado estrangeiro te ofende...

— Em meu coração não és estrangeiro. Amo-te, também... Devem ter sido os anéis, murmurou a cainita, baixinho, sem oferecer resistência aos carinhos de Javan.

— Não foram os anéis... Nossas Almas se encontraram quando, ontem, nos fitamos. Se houve sortilégio, foi de tua beleza, que me enfeitiçou. Hás de ser minha, pelo Deus de meus pais, Dinah...

E, abraçando-a, Javan beijou-lhe a fronte. Ao contato daqueles lábios apaixonados, a jovem estremeceu e, desprendendo-se dos fortes braços que a enlaçavam, perguntou, juntando as mãos em súplica: — Quem és?

— Sou Javan, filho de Japhet, da descendência de Seth.

— Javan... Javan?... Já ouvi alguém pronunciar teu belo nome. Onde vive o teu povo?

— Às margens do Eufrates, apascentando rebanhos pelas grandes planícies.

— És um pastor, então? Não parece...

— Não te assustes, Dinah... Sou criador como o foi Abel. As nossas ovelhas são tantas quantas as estrelas nas pastagens do Céu.

— Já sei... Não apascentas, diriges os pastores. Pertences a que tribo?

— À de Methusala.

— Ah! — exclamou ela, aflita. Já sei onde ouvi teu nome... Foi Tidal quem falou de ti há quatro luas a meu pai. Dizia ele que és o mais forte dos filhos de Seth, e que o tens estorvado em suas excursões pelas planícies... Pedia autorização para invadir as pastagens de teu povo. Saiu furioso, porque o meu pai não deu consentimento, alegando que eras filho do poderoso Methusala, a quem meu pai não interessa guerrear, não sei porque...

— Porque sabe ele, Dinah, que Methusala é justo e forte e, além de tudo, que Jeovah o inspira e orienta.

— Rehú, meu pai, não crê em teu Deus, Javan...

— Crê, Dinah; é o orgulho dos cainitas que impede que ele o declare. Mas Jeovah foi o Deus de Caim, como o foi de Abel.

— Sim... Falas como o nosso patriarca Methusael. Eu gostaria de conhecer o teu Deus, Javan...

— Hás de conhecê-LO e amá-LO, minha Dinah. Leva-me a teu pai...

— Estás louco?! Esqueceste que estou prometida a Mehujael? Meu pai antes morreria que faltaria com a sua palavra! exclamou a cainita assustada.

— Que faremos, então? — perguntou aflito o jovem.

— Não sei... Foi tudo tão rápido o que nos aconteceu que me parece estar sonhando... Só sei que te amo.

— E eu me sinto morrer só de pensar em ti unida a outro... Oh! Dinah! Dinah! és o impossível da minha vida...

E apertando a jovem nos fortes braços, Javan ergueu o olhar para o Alto e orou: — Jeovah! Deus de Abel e de Seth, ajuda-nos, Senhor! Ofertar-Te-ei sete cordeiros, se me deres Dinah por esposa...

Um trovão ecoou em resposta à súplica de Javan.

Dinah estremeceu, murmurando: — O teu Deus está zangado...

— Não. Methusala diz que o Senhor não castiga os justos. Em meu coração não há maldade, só há amor... Não foi a voz de Jeovah que ouvimos, e sim a voz dos elementos em fúria... Não ouves? Chove torrencialmente.

Sim, enquanto os dois jovens, abrigados na gruta, esqueciam o mundo, desabara um temporal sobre a cidade de Enoch.

Dinah, que temia os elementos como a deuses, estremecia toda vez que um relâmpago aclarava a gruta, precedendo a um forte trovão. Apavorada, dizia: — O nosso amor ofendeu aos deuses...

— Oh! não o repitas! Este som, esta luz ofuscante, vem das nuvens em luta, não de Deus. Como és frágil! Pareces a gazela das planícies, temerosa do uivar dos chacais... Queres que eu parta?

— Não... não! Tua presença dá-me coragem. Tremo, porque me sinto sem forças junto de ti. É a fraqueza do amor. Foi o anel, Javan, foi o anel... Myra tem razão; ele me enfeitiçou...

— Então, abençoado anel, Dinah, que uniu os nossos corações.

A jovem o fitou com os olhos lacrimosos, e as suas Almas oscularam-se selando o amor que os uniria por toda a Eternidade.

Fora, a chuva abrandara, apenas a ventania fustigava, com violência, os arvoredos do jardim.

Javan sentiu que tinha de partir, pois certamente a ausência de Dinah, já estava causando estranheza às suas servas. Temendo pela amada, falou, apartando-se dela: — Devo dizer-te adeus... Não tarda que te busquem e não quero que sofras por imprudência minha... Amanhã, onde nos poderemos encontrar?

— Aqui... somente eu conheço esta gruta, cujo segredo me foi confiado por uma velha escrava que o recebeu de minha mãe, que era, como tu, descendente de Seth...

— Que dizes? És sethita, também?

Sim; porém não sei ao certo a história de minha mãe. Zila, a primeira esposa de meu pai, proibiu falar-se em seu nome. Morreu, parece, quando vim ao mundo... Nesta gruta, disseme a sua escrava, vinha ela às ocultas, orar ao seu Deus que deve ser O mesmo teu.

— Sinto-me feliz em saber tudo isso, disse Javan, olhando em volta com respeito. Então, aqui é lugar santo... Bom presságio para o nosso amor.

— Por essa outra porta que abre para um subterrâneo, passarás por baixo da muralha sem perigo, e irás sair no campo, junto da Oliveira sagrada. A entrada desse subterrâneo é guardada pelo temor que o povo consagra à Pedra que o oculta, porque foi ali sobre a Pedra, à sombra da Oliveira, que Enoch viu a Shekinah... Aqui, quando o Sol declinar, esperar-te-ei amanhã.

Amanhã... hora incerta no calendário da existência. Instante impreciso que pode demorar um dia ou anos... E mesmo, em muitas vidas, não vem nunca ou chega tarde demais...

No dia seguinte, na hora precisa, Javan foi ter à gruta que encontrou deserta. Esperou até à noite e Dinah não apareceu...

Acabrunhado, temendo ter acontecido algum mal a bem-amada, regressou à tenda, vencendo a tentação de ir à sua procura no jardim.

Não dormiu, presa da incerteza. Conjeturou mil coisas diferentes e nenhuma o satisfez.

Caráter impoluto, compreendeu que não deveria encontrar-se com Dinah às escondidas, como malfeitor. Deveria chegar até a ela pelo caminho único aberto a todo homem de bem: pelo matrimônio. Porém, como fazê-lo, se Dinah estava prometida a outro? Só existia um meio: apelar para a nobreza e bondade de Rehú. Revelar, a este o sentimento que o prendia à filha. Porém, como chegar ao patriarca de Enoch? Foi, então, que se lembrou das palavras de Dinah sobre Methusael. Quem sabe se este não os ajudaria? Contar-lhe-ia tudo, e certamente o nobre ancião advogaria a sua causa junto ao poderoso Rehú. Resolveu falar com Methusael logo no dia seguinte.

Madrugada ainda foi ter com Lamech. Este, ao acordar, surpreendeu-se com o aspecto abatido de meu irmão.

— Estás doente, Javan?

— Não; apenas insone. Venho comunicar-te que vou ausentar-me por dois ou três dias...

— Queres que te acompanhe?

— Não... Vou resolver um caso particular. Peço-te: não me perguntes o que seja... Um dia dir-te-ei tudo...

Lamech, franzindo as grossas sobranceiras com estranheza, desviou o olhar do rosto de Javan. Não queria que o meu irmão notasse o seu desagrado por aquele mistério que não deveria existir entre eles que eram mais que amigos, irmãos.

Falou, aparentando despreocupação: — Não tarde muito, irmão. Temos

que partir antes que a Lua esconda de todo o rosto. Ouvi diversas bocas murmurarem que Tidal quer destruir-nos as pastagens. Chegou ontem de uma de suas pilhagens.

Javan estremeceu e Lamech, mais surpreso e inquieto, percebeu que ele empalidecia intensamente. Por que? — perguntava a si mesmo.

Desviando o olhar, meu irmão respondeu: — Rehú não consentirá que ele o faça. Há um acordo entre Rehú e Methusala. Não creio que Tidal o quebre, por mais prepotente que seja.

— Já o tem quebrado, bem o sabes, pois tem pilhado tribos nossas protegidas, desautorando-nos. Tu mesmo já o repeliste quantas vezes em suas rapinagens? Inúmeras, não é verdade?

— Sim... por onde ele passa deixa a destruição e a morte... Nunca o encontrei frente a frente... É mesmo como o chacal: só ataca indefesos e de surpresa... e é “seu” irmão...

Ele falava como que a si mesmo; não se dirigia diretamente a Lamech. Falava como se monologasse.

O filho de Methusala o fitava cada vez com mais estranheza. Algo de anormal se passava com Javan, sentia ele. Mas não ousava inquiri-lo, em respeito à amizade que os unia.

Compreendendo que alguma coisa de muito séria perturbava o amigo, e querendo ajudá-lo, falou-lhe, fingindo despreocupação: — Faze a tua viagem sossegado. Que Jeovah te alegre o espírito.

Cheio de gratidão, pela confiança que leu no olhar do amigo, Javan fitou a Lamech.

Sem falar, abraçou-o e partiu.

Com um pressentimento mau atormentando-lhe a alma, Lamech viu que ele tomava a direção de Enoch.

## 33

Não foi difícil a Javan encontrar um mendigo que lhe ensinou a atingir a residência do venerável Methusael.

Erguia-se esta num bairro sossegado, próximo ao templo de Baal, na zona norte da cidade.

Este trecho de Enoch era diferente da maioria dos outros bairros que eram repletos de tavernas e de bordeis-, verdadeiros antros de desordens, onde os moradores e até as pessoas mais gradas da cidade entregavam-se aos sórdidos prazeres que terminavam sempre em pancadaria, quando não em morte. Para ali convergiam muitos estrangeiros, atraídos pela corrupção que degradava as Almas, mas deliciava os sentidos ávidos de gozos.

A casa de Methusael era sombreada por tamareiras. Em vez de um muro de pedras como possuíam quase todas as casas de Enoch, a sua fora protegida por uma sebe feita de primitiva espécie de “flamboyant”, cujas flores rubras, contrastando com o azul do céu, alegravam a paisagem.

Methusael estava sentado sob uma varanda ao lado da casa e para ali fora conduzido Javan.

Este saudou o ancião à moda nômade: erguendo o braço esquerdo para o alto e com o direito sobre o coração, exclamou: — Viva Methusael! Que a sua descendência seja numerosa como as estrelas do céu. Bendita seja a sua terra, a sua casa, e sobre tudo desça a bênção do Senhor!

Levantando-se, Methusael respondeu: — Benvindo o hóspede que busca o nosso teto. Amenas lhe sejam as noites e claros os dias.

A um gesto seu, um servo trouxe água em uma bacia de cobre polido. Fazendo Javan sentar-se na cadeira em que estivera, ajoelhou-se e banhou-lhe os pés, enxugando-os com um tecido semelhante ao linho. Depois derramou água sobre as suas mãos e perfumou-lhe os cabelos com essências raras.

Javan, daquela hora em diante, era sagrado como hóspede. Ninguém o molestaria com perguntas indiscretas ou gesto descortês, tão santas eram as leis da hospitalidade naqueles tempos; quem ousasse transgredi-las, acarretaria o desprezo para si e toda a sua descendência. Mas ai do hóspede que não respeitasse o teto que o acolhera! Passadas as fronteiras do lar que ultrajara, não escaparia à vingança, sempre terrível do ofendido.

Methusael conduziu o moço para o interior do lar, pondo-lhe à disposição o melhor quarto da casa.

Já na mesa, saboreando o delicioso vinho de Enoch, o filho de Milcah disse com sua maneira franca de falar, que refletia a nobreza de seus sentimentos: — Methusael, em sua grande generosidade, pureza de espírito, que bem revelam a sua veneração às Leis do Senhor, não perguntou ao hóspede nome nem procedência. Mas peço permissão ao mais nobre filho de

Enoch, para revelar quem sou e de onde venho.

O ancião curvou-se em sinal de assentimento. O moço continuou: — Sou Javan, filho de Japhet, chefe dos arqueiros da tribo de Methusala.

— Methusael orgulha-se em hospedar o filho de Japhet, cuja fama de valente era tão grande e merecida quanto a do filho.

Javan curvou a cabeça, agradecendo. Sem desviar os olhos dos de Methusael, continuou falando com firmeza: — Vedes este anel? — e Javan indicou o anel que comprara ao ruta. Peço-vos permissão para relatar uma história que se prende a ele e que me conduziu até à vossa presença.

E meu irmão, sem omitir nenhum pormenor, relatou tudo que lhe acontecera desde que vira a Dinah pela primeira vez.

À proporção que Javan falava, Methusael demonstrava sinais de preocupação; mas ouviu toda a história sem interromper o hóspede. Somente quando este fez ponto final ao que dizia, após pequeno silêncio, disse ele pensativo: — A vida repete-se a todo o instante. A tua história não me é estranha em seu enredo, pois ouvi, há muitos anos, aqui mesmo sob este teto, outra semelhante à que me narras agora; apenas os personagens mudaram...

— Quem foram eles, então? Posso sabê-lo, venerável Methusael?

— Sim. Foram os pais de Dinah: Rehú e a sethita Miriam. As leis de ambos eram contra o amor que sentiam um pelo outro. Mas Rehú desconheceu as Leis e uniu-se à mulher que amava. Esta, após sua fuga com o poderoso cainita, foi amaldiçoada por toda a sua tribo.

Acompanharam Miriam a Enoch três escravos que lhe eram fieis e dedicados.

A filha de Seth jamais foi feliz. Vivia torturada em seu próprio lar pela primeira esposa de Rehú — Zila<sup>{16}</sup> — mãe de Tidal, que jamais lhe perdoou o amor que Miriam despertara em Rehú, amor que perdurou até à morte da infeliz e formosa sethita.

Zila tinha as regalias devidas por ser mãe do primogênito. Rehú não se envolvia na desavença das duas mulheres. Além de tudo isso, Miriam sofria ainda o desprezo que o povo de Enoch lhe votava por ser ela filha de Seth. Pobre mulher!... muito resignada e boa. Fui seu confidente e seu amigo. Ao morrer, logo que Dinah nascera, pediu-me que velasse por ela... Sabia que jamais renegara o seu Deus. A gruta e o subterrâneo foram construídos por seus fiéis escravos, certamente. Eram dois homens e uma mulher. Estes

desapareceram depois de sua morte. A mulher dedicou-se a Dinah até que Jeovah a levou.

Javan ouviu atentamente a história. Quando Methusael a concluiu, exclamou meio feliz: — Dinah falou-me que sua mãe era sethita... Agora o senhor o confirma. Alegro-me, porque o seu sangue é o meu sangue e assim as Leis não poderão separar-nos...

— As Leis não podem, mas esqueceste a palavra de Rehú? Dinah está prometida a Mehujael, um dos nossos valentes, afirmou o ancião, não com acrimônia, mas com firmeza. E fitando o jovem com benevolência mesclada de piedade, continuou: Não debes alimentar mentirosas esperanças. Rehú não voltará atrás com sua palavra...

Javan ergueu-se e deu algumas passadas pela sala. Depois parou diante de Methusael. Fitando-o, desolado, disse-lhe: — A vossa fama de homem justo e piedoso chegou até à planície. Vim à vossa casa em busca de conselho que não poderia pedir ao meu povo. Desde ontem cedo ando desorientado... Sofro muito, Methusael. A incerteza devora-me como o abutre à carniça. Por que Dinah não foi ao meu encontro? Esperei-a por toda a tarde, em vão... Sei que me não pode pertencer, sei que está presa a outro, mas o amor, Methusael, é como as aves em seus voos: desconhece limites... Sei apenas que a amo e mais nada. Já amastes algum dia?

— Sim, — respondeu o ancião, fitando-o com piedade.

— Então não ignorais as torturas que sofro. Por esse sentimento que vos dominou certa vez, dizei-me: por que Dinah não me veio ao encontro?

— Como poderei sabê-lo, se há dois ciclos lunares não a vejo?... Sei que Tidal chegou ontem, acompanhado de Mehujael. Lembro que Rehú projetava as bodas de sua filha para quando o guerreiro voltasse de suas excursões. Talvez... quem sabe...

— Compreendo... Sonhei o impossível. O vosso hóspede parte. Leva a morte n'alma, porque parte sem rever a virgem a quem ofertou o coração... Ah! por que a conheci, se já pertencia a outro?

— Quem sabe porque essas coisas acontecem? — respondeu o ancião com tristeza. Mais infeliz que tu vai ser Mehujael que unido a Dinah que não o ama, seguirá junto dela como certos rios paralelos que, embora correndo lado a lado, jamais se encontram...

— Conheceis a Mehujael?

— Sim; é meu filho.

— Vosso filho?! — exclamou Javan aturdido.

— Já o afirmei, — respondeu o ancião com voz sentida, mas calma. Mehujael é o meu único filho... o fruto do amor que revelei inda há pouco. Mas não te perturbes; para mim és sagrado por dois motivos: primeiro, és meu hóspede; segundo, confiaste a tua vinda aos meus velhos ouvidos. Mesmo o meu coração de pai não trairá o teu segredo... Queres um conselho?

Javan, aniquilado, fez que sim com a cabeça; já não raciocinava...

— Não partas agora. Vou sair, aguarda o meu regresso.

Diante da indecisão que leu no olhar do filho de Milcah, disse-lhe, adivinhando-lhe o pensamento: — Somente amanhã Mehujael virá a esta casa. Desde ontem se acha ele conferenciando com os chefes guerreiros... Espera-me aqui, não tardarei...

Como se um tropel de búfalos bravios tivesse passado sobre a sua cabeça, Javan, mal Methusael saiu, deixou-se cair sobre um banco, escondendo o rosto entre as mãos. Sentia-se delirar. Castigo! Maldição! ouvia estrugir em seus ouvidos perturbados: Assassina quem te rouba a felicidade! Matar é direito que assiste ao mais forte... mata! Dinah ama-te... O amor tudo justifica... mata! Tens medo? Deus? Céu... Inferno... que são estas coisas diante do amor? Vê: é uma alcova e, deitados, Mehujael e Dinah... Mata! A posse de Dinah é céu... Mata! Dinah, de olhos cor de mel, iluminados e distantes como estrelas...

De um pulo ergueu-se Javan, transtornado pelo ciúme. Sua mão contraía-se sobre o cabo da faca que sempre trazia à cinta. Uma contração de ódio deformou o seu belo rosto, dando-lhe um aspecto terrível... Cambaleando, chegou à porta da casa.

Fora, no pátio, o sol a pino beijava as flores rubras do “flamboyant”, com calor de amante feliz. A natureza toda banhava-se em claridade! Da cidade chegavam distantes sons de corneta em mistura com pregões e rinchos de animais. Eram as vozes da cidade, plenas de vida, mistério e sedução.

Ofuscado pela luz do meio dia, Javan fechou os olhos. Quando descerrou as pálpebras, de leve, fixou as tamareiras, lembrando a sua planície... As verdes pastagens coalhadas de rebanhos ressurgiram de inopino em sua mente. Tão nítida era a visão, que ele ouvia a música das avenas pastoris, em mistura com o balir dos cordeiros. Enoch esfumaçava-se, toldada por suas lembranças.

As paisagens nativas e as imagens dos entes queridos envolveram-no, chamando a sua Alma à razão.

— Fugi das terras de Nob, são terras de maldição, dizia Milcah...

— Javan, Javan, és o orgulho dos valentes da tribo, falava Methusala...

O olhar de Lamech o fitava confiante e seus lábios lhe afirmavam: —  
Aguardo-te... Vem, irmão, espero por ti...

Sorria-lhe Sara, a companheira de infância... Débora lhe estendia as mãos, suplicando algo impreciso e o seu negro olhar espelhava a paz das planícies... Toda a sua tribo desfilava diante dele, acenando-lhe, saudosa.

Às doces lembranças, o rosto de Javan foi-se normalizando, o espírito conturbado pela paixão foi acalmando-se. Respirando com força, olhou a cidade que, indiferente, seguia seu ritmo diário.

Uma criança passou correndo pela rua empoeirada, perseguindo um cabritinho branco.

No quintal de uma casa modesta, erguida pouco além do lar de Methusael, robusta cainita de saias arregaçadas colhia laranjas, cantarolando uma canção de amor. Era a vida seguindo o seu curso, indiferente à paixão dos homens...

Distendendo os músculos, Javan reentrou na sala e sereno esperou Methusael.

## 34

O patriarca de Enoch dirigiu-se diretamente à casa de Rehú. Este encontrava-se reunido aos chefes guerreiros falando sobre novas campanhas.

Despedindo os servos que o receberam, Methusael dirigiu-se aos aposentos privados de Dinah, onde tinham acesso somente os íntimos da casa.

Coube a Myra anunciá-lo à sua senhora que veio logo recebê-lo, com o belo semblante abatido, revelando sinais de lágrimas. A um gesto de Dinah, a escrava os deixou a sós.

Pelo olhar do ancião, a jovem compreendeu que algo de muito sério o conduzira até a ela. Pressentindo o que fosse, ruborizada, convidou-o a sentar-se ao seu lado.

Methusael, paternal, tomou-lhe as mãos, inquirindo docemente: — Estás triste? Por que não sorri a mais bela virgem de Enoch?

Dinah respondeu com outra pergunta, desviando o olhar: — Já sabeis da chegada de Mehujael e Tidal?

— Sim, um emissário de meu filho foi ter comigo. Os seus sagrados deveres de guerreiro ainda não permitiram que ele fosse saudar o velho pai.

— E tu, já viste a Mehujael?

— Sim, por toda a tarde de ontem estive aqui em meus aposentos com meu pai e meu irmão... Queriam ouvir-me cantar, diziam, para esquecer o cansaço das jornadas. Cantei enquanto discutiam novas invasões às tribos das planícies... Cantei até que a noite desceu sobre tudo, quando afinal me deixaram... E a voz de Dinah terminou em um soluço.

— Por isso não compareceste ao encontro com o valente Javan?

Fitando-o com o pranto a banhar-lhe as faces mimosas, Dinah não respondeu logo.

Após pequeno silêncio, disse ela com tristeza: — Já sabeis de tudo, não é? Senti-o quando aqui penetrastes... Quem vô-lo disse?

— Javan foi ter comigo. Ouvei de seus próprios lábios a confissão de seu amor por ti. Ignorava-o que eu fosse o pai de Mehujael.

A jovem apertou-lhe as mãos, dizendo-lhe com carinhosa preocupação: — Estais sofrendo, meu pai... — era assim que o tratava Dinah, quase sempre, pois tinha pelo patriarca de Enoch veneração de filha — perdoai-me... Jamais escondi ao senhor os meus sentimentos.

— Sim, filha, sei... jamais amaste a Mehujael e nunca o reprovei. Quando foste prometida a meu filho, jubilei supondo que o amor viria depois. Enganei-me...

— E o amor veio, pai, mas tarde demais... Não me guardeis rancor... sofro demasiado... E é a vós, ao pai do meu noivo, a quem confesso o meu amor por outro... Maldosa ironia do Destino ...— e ela escondeu o rosto entre as mãos, soluçando incontrolável.

O ancião acariciou-lhe os cabelos, penalizado, consolando-a: — Não chores... Um dia, filha, todos os sonhos se realizam. Quando? Não o sabemos... A Vida é uma continuidade permanente ... Todos os elos afetivos ligam-se na Eternidade. Entrega-te ao Senhor que sabe o que nos convém.. Não desesperes assim.

— Não posso evitar o pranto, perdoai-me. Consola-me o chorar... Se pudesse ver Javan pelo menos uma vez, não sofreria tanto...

— Seria imprudência, filha... Se Tidal ou Mehujael descobre este amor que sentes por Javan, ele morrerá. Não queres que isto aconteça, não é, Dinah?

— Oh! não! Eu morreria de dor... Aconselhai-o que parta de Enoch o

mais breve possível... Não temais, meu pai, serei esposa fiel ao vosso filho... Volvei a Javan... Dizei-lhe que parta...

O ancião, erguendo-se, comunicou-lhe, antes de sair: — Vou ter com meu filho e os teus. Voltarei ainda aqui, aguarda-me.

## 35

Na parte oriental da casa de Rehú, em espaçosa sala guarnecida de troféus de caça e peles de animais, encontravam-se reunidos os chefes guerreiros de Enoch. Eram mais de trinta homens, todos de aspecto marcial, altos e musculosos, queimados pelo sol de inúmeros combates.

Entre eles distinguia-se Tidal a quem prestavam deferência de chefe. Era o mais alto e forte de todos. E tinha nos gestos e no olhar essa arrogância dos que se sabem temidos. Os cabelos aparados em forma de pajem medieval, negros e revoltos, asselvajavam o seu rosto de linhas duras e angulosas. O olhar, profundamente oblíquo, refletia a sensualidade e a frieza d'alma. Era feroz e vingativo. A sua proverbial maldade desconhecia limites, zombava dos deuses e dos homens. Apenas a Rehú obedecia, não por ser ele justo e nobre, mas — dizia — por ser o pai de Tidal.

Ao seu lado, Mehujael, tão forte quanto ele, apenas menos alto e arrogante, apesar do aspecto tão selvagem quanto o de Tidal, ouvia os planos de futuras conquistas, a beber, em grandes goles, o vinho servido com prodigalidade pelos escravos. Amava ele o vinho, assim como todos os prazeres da Carne. Quanto mais encharcado de álcool, mais ferozmente combatia, diziam os seus companheiros d'armas.

Porém permiti, Leitor, mais uma interrupção a esta história...

## 36

Rememorando esses dias fabulosos, quando os tempos se calculavam por “gerações”<sup>{17}</sup>, sentimos que as raças dominantes de então distinguiam-se, não por suas características físicas, mas pelas tendências e sentimentos manifestos.

Os sethitas, mais pacíficos e espiritualizados, por isso menos ambiciosos, diferenciavam-se dos cainitas, espíritos egoísticos, rebeldes e insubmissos à vontade do Senhor. Entretanto, estavam as duas raças ligadas entre si pela mesma origem, língua comum e pela queda e expulsão do Paraíso Edênico<sup>{18}</sup>

Dispersos pela face da Terra, em contato com os seus aborígenes, os cainitas, mais pervertidos que a pequena minoria que situamos com os filhos de Seth, em vez de elevarem o padrão moral dos terrícolas, abraçaram os seus vícios naturais, aumentando assim a extensão das penas sofridas, em uma sequência quase que infinda de causas e efeitos, que perduraram até os dias contemporâneos.

Esparsos por toda a Terra habitável, os cainitas, inteligentes e ativos, porém ambiciosos de poder e fortuna, dedicaram-se ao cultivo do solo, erguendo cidades, dando assim à vida um sentido estável e sedentário.

Foi no coração desse povo que brotou, em primeiro, o sentimento de pátria, que teve a sua origem na agricultura, deturpado entretanto desde então pelo mais fero egoísmo. Fugindo eles à vida nômade, construíram os lares junto aos campos cultivados, surgindo d'aí os alicerces do edifício de Associação metropolitana.

As primeiras leis foram criadas nesses lares. E essas leis domésticas deram margens a todas as outras, elaboradas pela força das circunstâncias e necessidades.

No começo, o pai era o legislador natural de sua descendência sempre numerosa. Mas surgem gerações sobrepujando as demais, inferiorizados pelo menor número de varões fortes e robustos. Daí a supremacia desta ou daquela família e os seus consecutivos abusos.

E nenhuma dúvida temos, e a bem da verdade histórica afirmamos, que foram os cainitas que implantaram a ideia de um poder absoluto e hereditário sobre os bens e a vida, fugindo (revoltosos que sempre foram) à hegemonia patriarcal. Inteligentes, compreenderam as vantagens de um poder centralizado nas mãos de um só: o mais capaz, forte, mais probo, justo e mais sábio.

Em princípio, a autoridade constituída, o chefe, não podia transmitir os seus direitos aos filhos; só mais tarde, com os albores da tirania, graças à força e à prepotência dos primitivos conquistadores, o direito de mando passou a ser hereditário, conhecendo a espécie humana, então, os primeiros senhores...

Senhores que à revelia escravizavam os vencidos, em suas conquistas territoriais.

Com a primeira invasão à terra alheia, surgiu a escravatura. Já nesses tempos fabulosos que situamos, o Homem conhecia o estigma dos grilhões, e estávamos na sétima geração de Seth, tendo a Humanidade despertado, há muito, para o aurorecer da Espiritualidade.

Precursos das Artes e das Indústrias, tanto quanto da Agricultura, os cainitas, se na verdade possuíam uma civilização mais adiantada, sobrepujando em progresso material os altruísticos filhos de Seth, estavam distanciados destes, psiquicamente, séculos de evolução.

Por isso, apesar dos conhecimentos das ciências exatas e experimentais, decaíram na animalidade, na maior depravação moral e intelectual daqueles tempos; enquanto os sethitas, conservando a tradição dos costumes patriarcais, formavam o patrimônio moral da Humanidade pré-diluviana. Suas leis não eram baseadas na força nem no poder temporal, e sim no Culto de Deus, de quem recebiam, por intermédio de Seus Prepostos, a inspiração, transmitida através dos profetas, homens santos, senhores de uma Filosofia Superior e de uma ainda maior Virtude, iniciados nas Ciências Heterotéticas<sup>{19}</sup>.

Esses profetas passaram, na noite dos tempos, como estrelas iluminando os tortuosos caminhos humanos que conduzem, Ontem e Hoje, ao ápice da montanha evolutiva.

Quando uma das personagens deste livro, ou mesmo nós, nos referimos a Abel, Caim, Adão, ou a Seth, longe estamos de afirmar que eles existiram como pessoas. Mas usamos a linguagem comum daqueles tempos, quando a tradição dizia que Adão fora o primeiro homem, assim como Caim, Abel e Seth tinham sido seus descendentes diretos.

Há muito a Revelação esotérica e espírita esclareceu o simbolismo desses nomes. Não cabe a nós nestas páginas repetir uma Teoria há muito explanada por tantos Emissários esclarecidos de Deus.

Apenas pedimos aos que ainda duvidam dessa Teoria, que a estudem, desapaixonados e cheios de vontade de aprender, e a aceitarão como lógica e verdadeira, porque ela está baseada na Razão.

O livro de Gênesis foi escrito para a mentalidade da época, mas, mesmo assim, mostra-nos que o Legislador hebreu sabia muito mais do que revelou.

Adão foi, realmente, a origem dessa Humanidade, fruto de um

caldeamento étnico. Assim como Abel simboliza aquela minoria que soube regenerar-se rapidamente através de bons frutos e logo retornou ao Éden, sacrificada na crosta da Terra por Caim, símbolo do caráter pervertido, rebelde, sanguinário, da maioria dos Espíritos exilados de Capela.<sup>{20}</sup>

A herança ética dessa raça adâmica transmitiu-se aos seus descendentes até os dias contemporâneos, quando a índole, a tendência e o caráter dos povos, mostram-se ainda tão heterogêneos.

Neste livro, observe o Leitor que se digna ler a nossa história, que no seio de cada grei havia tamanha disparidade de sentimentos, que sem grande esforço perceberá o adiantamento evolutivo de uns e o atraso de outros, quer entre os sethitas ou cainitas, porque a Verdade não é apanágio deste ou daquele povo, mas de todo homem que a busque.

E assim tem sido por todo o sempre. Continuemos o nosso relato.

### 37

Quando Methusael penetrou na grande sala onde se encontravam reunidos os principais chefes guerreiros de Enoch, foi saudado por todos, com visíveis sinais de respeito e afeto.

O próprio Tidal veio conduzi-lo até onde se encontrava Rehú, dizendo a Mehujael que viera abraçar o pai: — És o mais feliz dos filhos, pois tens um santo como pai.

— Nesse particular, se meu filho é feliz, que direi de Tidal, primogênito de Rebú, o mais nobre dos homens?

— Que somos, eu e Mehujael, privilegiados dos deuses...

— Ouviste, Rehú? — perguntou o patriarca, tomando assento junto ao ancião.

— Sim, — respondeu sorrindo o pai de Tidal.

Emoldurados pelos jovens guerreiros, os dois anciões formavam um quadro de austera beleza. Tinham o aspecto dos patriarcas daqueles tempos. Olhos vivos e penetrantes, espelhavam elevação d'alma e sublime amor às coisas de Deus, pareciam desvendar o íntimo das criaturas, quando as fitavam, atemorizando por isso aqueles que se sabiam pecaminosos e desleais. Barbas e cabelos brancos e longos, falavam da experiência dos muitos anos vividos na

Terra, em constante prática de serviço a Deus é aos homens.

Vestiam longas túnicas brancas, presas à cinta por cordões, e calçavam sandálias feitas de couro curtido.

As suas vestes contrastavam com as dos guerreiros, que usavam uma espécie de vestimenta semelhante às dos antigos guerreiros egípcios, das primeiras dinastias, que lhes deixava quase nus os musculosos membros. Finíssima armadura protegia-lhes os largos peitos. Sobre os tornozelos e envolvendo os punhos e braços, largas pulseiras de prata e ouro cobriam-lhes os artelhos e os pulsos.

Pequenos punhais cruzavam-se sobre os cintos. Os sapatos eram fortes e pesados. Quando em combate, traziam à cabeça grandes capacetes que tinham a forma de cabeças de animais e de aves, que os tornavam pavorosos e grotescos.

Os guerreiros eram a classe dominante em Enoch, a classe que suplantara, com o correr do tempo, a casta dos bonzos.

Um conselho formado tão somente de soldados graduados ditava a lei em Enoch, substituindo o antigo, dos anciãos, do qual Methusael fora o chefe. Os sacerdotes, agora, estavam relegados a plano inferior, não podiam interferir em nenhum negócio que não dissesse respeito às suas missões...

Reinava franca hostilidade entre as duas classes. Sacerdotes e soldados lutavam pelo poder temporal. Nesses dias que situamos, venciam os soldados, mas por trás das portas dos templos de Moloch e Baal, a conspiração não cessava.

Methusael que não prestava culto nem a Baal nem a Moloch, adorando tão somente Jeovah, conservava-se fora das intrigas, respeitado por ambos os grupos litigiosos.

A sua entrada no recinto da reunião dos guerreiros não perturbava o assunto tratado. Ouvia os planos de combate sem externar os pensamentos que o preocupavam.

Rehú, a seu lado, parecia discordar de tudo quanto ouvia.

Os guerreiros desejavam dar combate aos povos da planície que se negavam a pagar tributo aos chefes de Enoch.

Rehú não aprovava essas arbitrariedades, dizendo-lhes: — Somos senhores de toda a terra de Nod, contentemo-nos com ela.

Deixemos em paz o povo das planícies.

Tidal, com azedume, retorquiu ao pai: Desejamos há muito dominar esses

pastores sem pátria. E o senhor sempre vem opondo-se. Por que, pai? — perguntou com intenção.

A voz do filho soara-lhe manhosa e falsa. Ele e Zila jamais se esqueceram do seu amor pela sethita Míriam. Rehú, sabia onde residia a causa daquele ódio de Tidal aos filhos de Seth: fora Zila que o alimentara no coração do filho, como vingança ao seu desamor por ela. Fazendo-se despercebido, respondeu: — Porque são povos livres e as suas terras não nos pertencem.

— Havemos de conquistá-los, pai. Necessitamos de mais terras para os nossos cultivos. As margens do Eufrates jazem abandonadas e prestar-se-iam para ótimas sementeiras...

— Sabes que são sagradas essas terras: temos um pacto com Methusala e não devemos rompê-lo se não quisermos ser castigados pela ira divina.

— O Deus dos deuses manda-nos cultivar a terra, meu pai. E não foi com Tidal que Methusala fez pacto.

— Mas o fez com o pai de Tidal. Não cabe ao filho desonrar as cãs do ancião que lhe deu o ser! — exclamou Rehú erguendo-se. Tidal não desviou o olhar do de seu pai, quando retorquiu: — Sou seu filho, mas além de tudo sou chefe dos guerreiros de Enoch. Como tal só aos deuses prestaria obediência... se acreditasse em deuses.

— Felizes os tempos em que os homens só tinham uma lei, a de seu pai. Hoje os moços não ouvem o conselho dos velhos.

Acabrunhado, Rehú sentou-se.

Tidal, aproximando-se, colocou a mão forte sobre o ombro do ancião: — Pai, — disse ele, — respeitarei o pacto que fizeste.

— Peço-te, apenas, filho, enquanto eu viver, respeita as terras de Methusala.

— Assim seja. Partiremos amanhã para castigar certa tribo próxima às terras de Surripah, que se negou a nos pagar tributo. Havemos de destruí-la.

— E o meu casamento com a tua nobre irmã, Tidal?

— Aguarda a Primavera.

— Se o venerável Rehú não se opõe...

— Certamente que não, Mehujael. A longa espera aumenta o amor.

Que diz sobre isso, Methusael?

— Que Jeovah abençoe aos nossos filhos.

E erguendo-se, o ancião estendeu a mão ao filho, dizendo: — O Senhor te guarde nos campos de batalha.

Viva meu pai e não tema! Mehujael voltará na Primavera...

— Já vais partir? — perguntou Rehú ao patriarca.

— Sim, amigo. Há muito depus as armas de guerreiro. Em nada poderia ser útil a estes valentes. Que o Senhor dos Exércitos os leve a vitória... Já reví o meu filho e os filhos dos amigos. A velhice convoca ao repouso...

Depois de abençoar a todos, afastou-se indo ao encontro de Dinah que o aguardava ansiosa: — Viste-os? — perguntou ela.

— Sim; partem amanhã.

— Amanhã?! E o meu casamento?

— Fica para a próxima Primavera. Os filhos de Enoch só sabem guerrear... Mal chegam, partem para novas matanças. Uma sede de destruição domina-os ainda mais que a dos vícios. É uma época de transição, sentimos. Diante dos nossos guerreiros, pensei no valente Javan: que diferença dele para os nossos jovens. A sua voz, o seu olhar, os seus gestos refletem nobreza, coragem e respeito a Deus. Os nossos valentes estão, envelhecidos, gastos pelos excessos da Carne. Causa pena esta nossa mocidade. Aonde iremos ter, filha, levados por essa degenerescência de costumes?

— Não sei, pai... Sinto-me feliz em saber que admirais a Javan. Ele realmente se distingue do comum dos homens... perdoai-me dizê-lo.

— Perdoar-te, por que? Sinto não poder contribuir para a tua felicidade. Apesar de ser pai de Mehujael, confesso que és muito delicada em teus sentimentos, e não podes amar a meu filho acostumado à aspereza da vida de guerreiro. Nascestes para ouvir hinos e cantos, não brados e blasfêmias de soldado.

— Como sois bom, pai Methusael! Na solidão em que vivo, só tenho um amigo: vós... Não me abandoneis. Serei boa esposa para Mehujael, mas protegi a Javan. Fazei-o voltar à sua planície.

— Pobre filha!... sossega. O tempo opera milagres. O teu casamento não é para já. Às vezes, no verão, Dinah, quando as pombas voltam, a palmeira que as abrigara antes não mais existe... O tempo tudo muda, tudo destrói. Espera...

E o ancião deixou-a e retornou ao lar. Javan o esperava, calmo e senhor dos seus impulsos., — Então? — perguntou ele.

— Dinah ama-te, porém pede que partas de Enoch. Aconselho-te também que o faças. Ela é noiva de meu filho, e embora não o amando, somente se casará com ele. Para o bem de todos, debes partir...

Partirei. O senhor não me guarda rancor?

— Não! sei que não tens culpa. A idade ensinou-me a ser justo com os meus semelhantes... Não julgar as suas fraquezas... Valorizar as suas virtudes.

— Sois o mais nobre dos homens! Não vos dê cuidados... partirei sem demora. Sinto não me despedir de Dinah... porém, prometei-me velar por ela.

— Sim, meu filho. Na Primavera, volta aqui. Talvez, quem sabe?

— Oh! Não me deis esperança, por piedade, se tudo estiver perdido para mim...

— Quem sabe, filho, quem sabe? Javan partiu.

## 38

E agora ali, sentado à margem do Eufrates, a relembrar, sentia Javan que morreria se não visse mais a Dinah. E era a Primavera esperada.

Erguendo-se, viu-me ao seu lado. Ao luar, meu aspecto devia ser terrível! Javan estremeceu ao ver-me.

— Já vais? — perguntei.

— Sim; tenho que viajar cedo.

— E a nossa mãe já sabe dessa viagem? — inquiri manhosamente.

— Logo mais saberá. Tenho que lhe dizer.

— Sim; dize-lhe. Também ela quer falar-te...

E afastei-me sem deixar tempo a Javan para responder-me.

## 39

Ao leitor de espírito analítico, senhor de conhecimentos históricos científicos, parecerá anacronismo o falarmos de primavera e amores em dias pré-diluvianos...

Quando as estações nasceram, dizem ainda muitos, com a modificação sofrida pelo eixo da Terra após o dilúvio, e o sentimento afetivo no Homem era só instinto e não coração. Não amando e sim apossando-se, por necessidade fisiológica, ele não via na mulher senão a fêmea; e esta, no companheiro, o seu dono.

Sim, falaremos em primavera e em amores e não estamos sendo incoerentes e nem tão somente romanceando.

Não concordamos que, até o dilúvio, o eixo da Terra fosse perpendicular ao Zodíaco e ela, por isso, usufruísse por toda a parte um equinócio perfeito. Laplace demonstrou a impossibilidade dessa teoria, e nós estamos com o astrônomo e físico francês.

As estações não surgiram após o dilúvio; existiam antes, sujeitas, como tudo, às eternas leis da Evolução, sofrendo as mutações naturais das causas, dos efeitos.

O dilúvio foi o resultado natural de uma série de causas criadas pela evolução cósmica. Naquela época, como ainda hoje, a Terra sofria sublevações e variações climatéricas, sendo que naquele tempo eram muito mais bruscas e sensíveis.

## **40**

Neste livro, como nos que se seguem, procuramos metodicamente não fugir dos preceitos científicos que estão acordes em que Deus foi a Força, a Energia criadora que arrancou do nada todas as coisas. Não defendemos, como afirmamos no princípio, nenhuma teoria, porque sabemos por experiência própria, que nada há mais mutável que as teorias humanas.

Quanto à interpretação esotérica em relação à Gênesis, nada temos que acrescentar, porque tudo quanto foi permitido revelar já foi dito por Espíritos dignos de toda a fé e respeito.

## **41**

Falamos de amores puros e sublimados, porque, não o esqueçais, Leitor, iniciamos a nossa narrativa partindo da sétima geração de Seth, quando o Homem, havia muito, já despertara para os albores da Espiritualidade, tendo introduzido nos seus cultos formas solenes, em que o holocausto era uma de suas modalidades de adoração; quando, desperto estava para a Arte, dedicando-se a tocar harpa e órgão (quanto tempo gastou ele até inventar esses

instrumentos?); quando o ferro e o bronze eram aplicados a utilidades várias; possuindo cidades e, por conseguinte, leis para administrá-las; logicamente, já senhor de sentimento e sensibilidade capazes de cultuar o divino — o Deus dos deuses, que sempre foi evocado mesmo em pleno politeísmo, ou ainda antes: em pleno fetichismo o mais bárbaro e primitivo de todos os tempos.

Se — lembramos — o Homem já despertara para os sentimentos religiosos e artísticos, amando o divino, o belo e harmonioso, por que limitaria os anseios afetivos à simples satisfação dos sentidos e instintos sexuais? Certamente a sua Alma também se sentia mais atraída por aquela que lhe soubesse corresponder aos impulsos do coração, não apenas aos desejos da matéria.

Quando descrevemos o amor puro de Javan por Dinah, não afirmamos que nessa época imperasse a monogamia e sim que o homem, embora em diminuta minoria, sabia amar com idealismo até à renúncia e ao sacrifício, não como um animal apenas.

O amor é aquisição do Espírito e não da civilização.

Javan, neste livro, é o símbolo daquela pequena Humanidade que se elevou rapidamente, não obstante a corrupção da quase totalidade.

## 42

No amor, nesse particular, no transcurso destes 7.000 ou 8.000<sup>{21}</sup> anos, nós não evoluímos ao ponto de sermos integralmente monogâmicos. A poligamia domina ainda, não apenas em certos povos tidos como bárbaros, mas em muitos corações supercivilizados; assim como há também Almas fieis a um único e puro sentimento, mesmo onde a poligamia ainda é aceita por lei.

## 43

A época que situamos aqui teve como precedentes outras, nas quais floresceram civilizações relativamente adiantadas, como, por exemplo, a da Atlântida.

Por que não nos transportamos até a ela, revelando aos homens seus costumes e História? Porque não poderíamos basear-nos em nenhum fato histórico e sim tão somente na tradição fabulosa. Dessa civilização que sobrou à Terra? Apenas um nome na memória dos tempos.

Por obediência aos nossos Maiores, temos que evitar tudo que pareça absurdo e fantástico, e limitar-nos às Eras documentadas pela História. Por isso nos transportamos, em princípio, à única fonte existente nos anais humanos, que nos desvenda à razão a estranha paisagem desses tempos fabulosos: à Gênese mosaica, aceita até aos nossos dias pela Ciência não agnóstica e pelas várias correntes espiritualistas.

Estamos sempre com a Ciência quando ela não se divorcia de Deus.

Moisés, na ordem da Criação, confirmada hoje pela Geologia e pela Astronomia, prova-nos que no seu tempo ele já sabia o que os sábios descobriram após estudos e observações, três mil anos mais tarde.

A Geologia, usando a linguagem dos fósseis, confirmou a Revelação mosaica: mostrando-nos, através das camadas que envolvem a Terra, as alterações sofridas por esta no passar dos milênios. Conta-nos como o mar invadiu muitas vezes os lugares povoados pelos animais, destruindo as espécies então existentes; e que o último cataclismo dessa natureza coincide exatamente com a época do dilúvio bíblico, descrito pelo primeiro historiador e legislador hebreu.

Nas camadas subterrâneas do globo terráqueo, estão esquematizados os dias da Criação. Por esse quadro sinóptico que o Geômetra divino traçou nas entranhas da Terra, podemos precisar, por meio de cálculos aproximados, a genética de nosso planeta.

Que os seis dias da Criação não devem compreender-se dias, como os nossos, é opinião que concorda tanto com a razão, como com a Teologia e as Revelações interpretativas da Bíblia.

Neste mundo onde tudo é tão heterogêneo e desigual, onde nunca a luz alterna com a sombra, como calcular-se o nosso dia? Como dizer aos homens dos polos que existem diferenças entre a manhã e à tarde?

Esses dias são pois seis épocas de que não é permitido ao Homem medir o tempo e a extensão, porém que deixaram vestígios concretos em nosso orbe.

Descendo às camadas geológicas, “a essas cascas desta cebola que é a Terra”, no dizer dos egípcios, podemos acompanhar o seu aurorecer no primórdio dos milênios.

Veremos, então, despontar o “primeiro dia” em uma incandescência que tudo abrasa. E a toda essa matéria candente, obedecendo às leis da atração mútua e às forças centrífuga e centrípeta, dispendo-se num imenso esferoide, onde se uniam o quartzo, o feldspato, o schorl<sup>{22}</sup> preto, o talco e a mica, elementos formadores das rochas de granito e de protógeno, suceder, envolto em exalações e vapores densos, inacessíveis à luz, o “segundo dia”; e neste, após o ciclo gestatório no útero dos tempos, nascerem das águas as ilhas e os continentes, revestidos de musgos e líquens, de algas e de fetos, enquanto nas águas proliferavam os animais invertebrados, pólipos, madréporas, moluscos e toda a grande família dos trilóbitos.

A terra, fertilizada pelas águas, adorna-se com uma luxuriante vegetação de alturas imensas, de fetos arborescentes e calamitas gigantescas, como vemos ainda hoje nos trópicos, para homenagear o “terceiro dia”, quando surgem os vertebrados, em princípio os sauroídeos, os lepidoiídeos e depois os esqualos.

Eis que monstros singulares, enormes répteis com membros extraordinariamente reunidos, no “quarto dia”, rastejam nessa flora grandiosa em que tudo era imenso e disforme, como atestam os fósseis extraídos do terreno secundário, em meio da formação da greda e dos grês rubros.

Os mamíferos, no “quinto dia” vêm juntar-se aos peixes no mar e imperam na terra até que as águas oceânicas se levantam em fúria e invadem as partes que estavam em seco, depositando nelas os imensos pedaços de mármore tosco que constituem, para os sábios, um problema sem solução, sepultando as outras raças viventes; depois, afastam-se com reverência, cedendo lugar ao Homem, no “sexto dia” da Criação.

Mas desde primeira época, vinha ele, em seus princípios espirituais, evoluindo até à Racionalidade, através do percurso pelos múltiplos setores dos quatro reinos da Natureza.

O processo dessa promoção evolutiva de animal a homem, que a Ciência busca na Terra, efetua-se — após etapas nos demais reinos pelos séculos afora — no Espaço. Como? Não podemos explicar, dada a falta de elementos sobre os quais nos pudéssemos basear matematicamente, tão complexo é esse processo em suas condições e aspectos. Adiantamos, por hora, que ele se opera fora da Terra.

E a quem o achar absurdo, lembraremos que absurdo também é que o espermatozoide se transmude em embrião e de embrião em feto e de feto em

Homem, entretanto assim acontece.

Perdoai-nos, paciente Leitor, estes desvios em nossa história: são eles parênteses necessários que auxiliarão a distinguir, nestas páginas, o real do romance, a fonte histórica do fabuloso, a luz da Verdade das trevas de nossa pobreza de narrador.

Continuemos.

A luz da manhã envolvia a tenda quando acordei ouvindo vozes. Javan e minha mãe falavam na sala vizinha ao meu quarto. Erguendo-me, afastei levemente a lona que servia de porta e, observando-os, fiquei a ouvir o que diziam.

Javan, de pé ao lado de minha mãe, estava envolto em sua capa de viagem. O seu belo rosto achava-se sombreado pela tristeza, a mesma tristeza da noite anterior, quando, isolando-se de todos, fitava meditativo as águas do Eufrates. A mesma amargura de então enrugava-lhe os cantos da boca.

Minha mãe, severa, lhe dizia: — Filho, quero que desposes Débora...

— Suplico, mãe, que não me obrigues a isso. Débora é como se fosse carne de minha carne. Não a desejo para mulher. E mesmo...

Javan, indeciso, interrompeu a frase, mas Milcah insistiu: — Continua, filho: E mesmo...

— Amo outra. E só a essa desejo por esposa... Compreendes, mãe...

Amo...

— Casarás com Débora, disse Milcah inflexível.

— Casar-me-ei só por obediência a ti, mas em minha tenda haverá outra esposa, a que eu amo. Nenhuma lei me proíbe que tenha as mulheres que deseje.

Era verdade. Javan falara decidido, mas sem exaltação. Havia apenas tristeza em sua voz. Minha mãe sentiu que ele sofria. Aproximando-se, pousou a mão no ombro dele e perguntou-lhe, já então menos severa: — Prometes tomar Débora como esposa?

— Sim, mas não agora, mãe... respondeu ele hesitante.

— Quando?

— Na volta.

— Por que partes? — inquiriu Milcah contrariada, afastando a mão do ombro de meu irmão.

— Necessito partir... Não te oponhas, suplico-te... Na volta, farei a tua vontade: e casar-me-ei com Débora, embora isso me repugne... Dá-me a tua benção...

Solene, Milcah o abençoou: — Que o Deus de nossos antepassados, o Deus de teu pai e nosso Deus, zele por ti. Parte, mas lembra-te, Javan: maldito seja o varão que não cumpre a sua palavra. Tens sido até hoje um valente, o valente dos valentes de nossa tribo. Serás réprobo se não desposares Débora. Parte, mas não esqueças as palavras de tua mãe.

— Não as esquecerei. Só a morte evitará que falte ao prometido. Agora preciso seguir caminho. Até à volta, mãe...

E o meu irmão, deixando a tenda, partiu a cavalo. Milcah, à porta de nosso lar, acompanhou com os olhos o seu vulto até vê-lo desaparecer no horizonte. Ela amava com ternura aquele filho, mas acima de tudo amava a Lei e a tradição de seu povo.

Ao ver partir Javan, a sua alma se encheu de temores. Estranha angústia assaltou-a. Aonde iria ele? — pergunta, inquieta, a si mesma. Quem seria a mulher que o enfeitiçara?

Porém, nessa inquietude, nem por um instante julgou Milcah — tamanha era a confiança que depositava em Javan — que a mulher que ele amava fosse cainita.

Fingindo acordar naquele instante, aproximei-me de minha mãe que se conservava ainda à porta da tenda. Ao ver-me, volveu à sala e sentando-se diante da roca, começou a fiar.

Com estudada indiferença, perguntei-lhe: — Onde está Javan?

— Teu irmão partiu para longa viagem, partiu inda há pouco. Tomei de uma porção de pão e carne e comecei a mastigar os alimentos com voracidade. Era possuidor de um apetite tigrino. Minha mãe, indicando-me uma vasilha com leite de cabra, disseme, parando de fiar: — Esqueci de perguntar a Javan qual o destino dele. Sabes tu, por acaso, para onde ele foi?

— Ignoro. Que pode haver de comum entre mim e Javan? — perguntei com a boca cheia.

— O mesmo sangue... — respondeu-me ela com um olhar de censura, voltando a fiar.

Dei de ombros. Diante de meu gesto de desprezo, tornou ela com tristeza na voz: — Por que não amas a Javan? Sinto em ti um rancor profundo contra teu irmão. Não te deixes vencer, Josepho, pelos gênios do mal, — e suas mãos ágeis desembaraçavam o fio, — Javan ama-te...

— Deixe-me em paz, mãe...

Milcah pareceu não notar os meus maus modos. Estava preocupada com a partida de Javan, receosa mesmo. Como explicar a Leah aquela súbita viagem? — pensava ela.

Creio que ela nem ouviu a minha resposta brusca às suas palavras, como não percebeu que eu — após ingerir todo o leite cru que a vasilha continha — deixei-a só na tenda, tão absorta estava ela em seus pensamentos, que eu bem imaginava quais fossem.

## 46

Fora, o Sol punha reflexo de ouro no toldo das tendas, aclarando tudo. Além, a planície, muito verde, confundia-se no horizonte com o azul do espaço.

Algumas mulheres, carregando bilhas, seguiam em direção ao Eufrates.

Outras, cantavam na azáfama da labuta doméstica.

Crianças brincavam, correndo.

Ao longe, baliavam cordeiros. Era a vida da tribo seguindo o curso de todo o dia.

Eu, indiferente a tudo que me cercava, caminhava a longas passadas. Tinha pressa de ir falar com Leah. Queria participar-lhe a partida de Javan.

Essa partida alegrava-me por dois motivos: primeiro, afastava Javan de Débora; segundo, indispunha-o com Leah. E, quem sabe, se também com Débora e toda a tribo? — pensava eu caminhando. Era tão incerta a paz de que gozávamos... A qualquer hora poderia ser interrompida, quebrada... E Javan, o chefe dos arqueiros, não estando presente a essa hora, despertaria indignações.

Em minha ignomínia sabia que a tranquilidade externa que usufruía o

povo de Methusala, dependia tão somente da morte do patriarca Rejú. Porque, eu, à custa de prata e ouro, fornecia a Tidal preciosas informações sobre o movimento e resoluções da tribo, e não ignorava os planos de conquista do guerreiro de Enoch.

Porém, era-me indiferente o destino do meu povo. Ansiava por libertar-me da planície e das tradições a que vivíamos sujeitos. A vida de cidades como a de Enoch fascinava-me... Naquele tempo, guiava-me tão somente pelos instintos e nunca pelo coração.

Estava tão perto ainda da animalidade, que até mesmo o meu sentimento por Débora não se diferenciava muito da atração que as feras sentem pelas fêmeas. Abrasava-me o desejo de possuí-la, nada mais. Porém esse desejo era tão intenso que me adoecia; embora ele não obstasse que eu procurasse o prazer em outras mulheres, e em outras partes, tão grande era a minha iniquidade.

Minha carne era só pecado. Por isso sentia-me à vontade em meio dos cainitas. A liberdade absoluta que usufruíam atraía-me para eles, com quem me irmanava pela corrupção dos costumes.. Só um elo me prendia ainda à tribo: Débora.

## 47

Enquanto caminhava em direção à grande tenda de nosso patriarca, notei, com estranheza, um movimento desusado em meio dos homens da tribo. Mas, ansioso como estava, por falar a Leah, não parei para indagar a causa de toda aquela agitação.

De passagem, vi quando o chefe do Conselho dos Anciãos, Natan, irmão de Methusala, se dirigia apressado para a Tenda da Congregação, diante da qual se erguia o altar dos holocaustos. De normal calmo, parecia, então agitado.

Senti que alguma anomalia acontecera à tribo e já ia retroceder para investigar o que fora, quando avistei Leah que parecia , vir de banhar-se no Eufrates. Duas servas, de saias arregaçadas, acompanhavam-na carregando, sobre os ombros rijos, bilhas d'água.

Aproximei-me com o ar mais despreocupado que me foi possível fingir, e

disselhe da partida de Javan.

Fitando-me um olhar surpreso, perguntou-me por minha mãe. Disselhe que a deixara em nossa tenda, fiando. Ela, despachando as servas, dirigiu-se para lá. E eu fiquei, com os braços cruzados sobre o peito, onde estava, sorrindo intimamente.

Leah, sem saber, estava servindo de joguete em minhas mãos, auxiliando-me na armadilha que eu preparava para Javan.

## 48

Toda vez que nos deixamos vencer por sentimentos egoísticos, somos presas fáceis do mal.

Leah era orgulhosa de suas prerrogativas de mãe do primogênito de Methusala, do futuro senhor da tribo. Não admitia que os seus desejos fossem contrariados por ninguém. Era voluntariosa como só o sabem ser certas mulheres. E Javan fora contra sua vontade, contra os seus propósitos.

A princípio, nascera em sua alma apenas mágoa em ver incompreendida a sua filha, em seus sentimentos por Javan. Mas agora já não era só mágoa, era rancor, quase ódio. E esse rancor crescia à proporção que percebia a indulgência de Methusala por Javan.

E jurava que Javan se casaria com Débora ou seria renegado por toda a tribo.

## 49

As leis que regiam o povo das planícies, os Filhos de Deus, eram inflexíveis em sua justiça. O ladrão, o que fornecasse com animais, o adultério, o desrespeito aos velhos e aos pais, tudo era punível com a morte pelo apedrejamento. Os pais tinham direito de vida e morte sobre os filhos. Quem abusasse de uma virgem, merecia a pior das mortes. Mas somente aquele que fosse surpreendido em flagrante na hora do delito, ou havendo testemunhas contra ele, sofria as penas impostas pela Lei.

E como o maldoso nato é sempre precavido, o crime quase sempre ficava

impune... Se assim não fosse, há muito eu teria sido expurgado da vida.

Entretanto, eu sabia que Almas como a de Javan, fácil era surpreendê-las, se por acaso errassem. Porque essas Almas francas e leais não sabem mentir, e quando caem em falta, traem-se facilmente.

Eu sentia que não estava longe a hora de surpreender Javan em pecado contra a nossa Lei. Nesse dia eu estaria presente para testemunhar contra ele.

## 50

Quando Leah penetrou em nossa tenda, Milcah ainda fiava. Ao fitarem-se, compreendeu minha mãe que a irmã já estava a par da partida de Javan. Mas, cautelosa, não quis abordar o assunto, e, para ganhar tempo, perguntou: — Estás pálida... que tens?

Leah, sem usar de preâmbulos, feriu logo o tema: — Para onde foi Javan?

A sua maneira brusca de falar, desgostou minha mãe que lhe respondeu com laconismo: — Não me disse.

— Quando volta?

— Também não sei.

— Não sabes de nada, minha irmã; é estranho isso quando se trata de teu filho — comentou com impaciência Leah — acrescentando: — falaste-lhe de Débora?

— Sim... e minha mãe abaixou a cabeça.

— Que respondeu Javan?

— Que se casará com ela, quando voltar...

— Com que voz estranha me dizes isso... o que me escondes, Milcah? — perguntou Leah com desconfiança.

Minha mãe ergueu a veneranda cabeça com altivez: — Nada! — respondeu. Estranho a tua maneira de interrogar-me. Que queres mais? Prometi que o meu filho se casaria com Débora e ele o fará. Quanto ao mais ele é livre, como todo nômade, de ir para onde entender... Não lhe posso limitar os passos: já é varão e não criança. Compreendes, minha irmã.

— Compreendo... Mas foi muito surpreendente essa viagem de meu sobrinho... Não se prende ela a algum interesse do coração?... Por que baixas a cabeça?... Responde, irmã...

— E se assim fosse? É proibido ter ele mais de uma esposa?

— Então, foi casar-se?! — exclamou Leah com indignação.

— Confessou-me apenas que amava uma virgem tanto quanto a tua Débora a ele.

— Queres dizer que se casará com a minha filha só por piedade, ou obediência a ti?... perguntou Leah por entre os dentes.

— Acalma-te, irmã. O meu filho sofre tanto quanto a tua filha...

— Não creio nisso... Mas — disse ela contendo a raiva em respeito à minha mãe — estejas certa que Débora não se contentará em ser aceita por piedade. Ela quer ser a senhora da tenda e do coração do esposo.

Milcah nada respondeu.

Leah, volvendo ao lar, procurou o esposo, mas este estava conferenciando com Lamech.

Era muito sério o assunto de que tratavam. Tidal havia destruído as pastagens e pilhara os rebanhos, aprisionando crianças e mulheres de algumas tribos vizinhas e estas, dispersas pela planície, fugindo à destruição integral, tinham enviado mensageiros a Methusala, suplicando-lhe auxílio.

Após conferenciar longamente com o filho, o nosso patriarca mandou que este convocasse o Conselho dos Anciãos. Ele nada podia resolver sem ouvir a palavra dos mais velhos da tribo.

Quando Lamech saiu, a sua mãe foi ter com Methusala e lhe disse; — Javan partiu.

— Voltará... Disse ele, distraído com os assuntos que o preocupavam.

— Desta vez, creio que não: foi unir-se à virgem que ama...

Sobressaltado, o patriarca perguntou: — Sabes quem seja ela?

— Não; mas tudo faz crer que seja uma cainita.

Methusala não respondeu à mulher. Com um vinco de apreensão em meio da fronte, ficou pensativo. A mulher afastou-se.

## 51

Enquanto isso, Lamech reunia o Conselho. Ao passar por mim, perguntou por Javan. Respondi-lhe que partira naquela manhã. Franziu o cenho, contrariado, mas não fez nenhum comentário.

Eu já sabia porque a tribo estava alvoroçada: Tidal atacara. Fiquei alerta, à espera de maiores informes.

Aproximei-me da tenda de Methusala. As vozes de Leah e Débora chegavam-me aos ouvidos, meio abafadas.

Minha tia, inquirindo, dizia: — Na próxima primavera, queres, filha, unir-te a um esposo? Se esse esposo for alguém que o meu coração ame e respeite...

— Hás de amar o teu esposo e seres também amada.

Ficaram ambas em silêncio. Eu me esforçava por não perder nenhuma palavra do que diziam.

Passado um instante, Débora perguntou: — Por que está reunindo-se o Conselho dos Anciãos? Mal findamos os festejos da primavera e eles se reúnem... Por que?

— Más notícias... Houve pilhagens e mortes nas pastagens vizinhas. Tidal atacou novamente. Temo que os nossos valentes tenham que batalhar...

— E eles não se furtarão ao dever. Javan há de levá-los à vitória.

— Javan partiu, minha filha...

— Partiu? para onde? — e sentia-se a aflição na voz de Débora.

— Ignoro...

Novo silêncio. E depois a voz de Débora, quase num murmúrio, fez-se ouvir: — Mãe, perdoa-me se te deixo só, mas tenho um encontro com Sara.

Consente que me afaste...

Ligeiro, abandonei o meu posto de escuta e afastei-me rápido.

Já distanciado pude ver a filha de Methusala dirigindo-se para a tenda de Natan.

Algumas crianças, próximas ao local em que eu me situava, fugiram assustadas com o meu aspecto. Devia estar tenebroso, porque a presença de Débora punha fagulhas de canino desejo em meu olhar, avermelhando-o, tornando-me ainda mais horrendo.

Diante da tenda da Congregação, porém um pouco distanciado do Altar dos Holocaustos, como mandava o respeito aos lugares sagrados, estavam aglomerando-se os homens da tribo, ansiosos por informes mais detalhados.

Confundido na multidão, vi quando Sara e Débora dirigiram-se para o caminho que ia ter a certo trecho do rio, onde costumavam banhar-se as mulheres da tribo.

Ali o Eufrates era pouco profundo e formava uma como pequenina enseada, minúscula praia de areal vermelho, usada como local de banho das mulheres e, por isso, vedado aos olhos dos varões.

Em ambas as margens do rio, o sésamo e o painço formavam um abrigo natural, porque atingiam ali a uma altura considerável e incrível, como já descrevemos. As palmeiras sombreavam por inteiro aquele trecho do Eufrates, e as águas, assim, eram frescas e agradáveis.

Das acácias pendiam os cachos cor de sol, contrastando com o verde oliva das tamareiras. Era aquele um recanto paradisíaco!

Sob as árvores, as jovens sentaram-se. Débora, distraidamente, brincava com alguns seixos, jogando-os à água que se agitava em circunferências. Sara seguia-lhe os movimentos, paciente, aguardando o instante em que ela quisesse falar. Sentia que a filha de Leah tinha algo a dizer-lhe.

Débora, pousando nos de Sara os seus olhos da cor dessas noites sem luz de estrelas nem luar, olhos profundamente negros, falou-lhe quase em surdina: — Tu que és filha do chefe dos anciãos, que ouves muitas coisas e murmurações, dize-me: sabes por que Javan partiu?

— Ignorava que ele tivesse partido! — exclamou Sara surpresa.

— Partiu esta manhã...

— Estranho... Partir logo agora quando o Conselho vai resolver sérios problemas... Quando a tribo está em dificuldade... Estranho!

— Sim, também eu acho... E pergunto-me por que teria ele partido?

— Javan, de uns tempos para cá, anda diferente, — comentou Sara — não sei precisar em que sentido, mas já não é o mesmo jovem despreocupado de antigamente...

— Eu o sinto, também. E temo, Sara, temo por mim e por ele... — e a sua voz baixou a um murmúrio, quando acrescentou: Reparaste no anel estranho que lhe orna a mão?

— Sim...

— Ouvei Lamech falar à esposa que ele encerra um sortilégio. Creio, Sara, que aquele anel tem algo que ver com essa viagem de Javan.

— Por que? Que mistério prende-o ao anel?

— Não sei precisar... Há tantos mistérios além destas planícies! ... E eu temo por Javan... Algo me diz que não o verei mais...

— Não te deixes dominar por pensamentos tristes. Javan é forte corno, o tigre, bravo como o leão, mas a sua Alma é leal e fiel, e, como a gazela,

desconhece maldades. Ele é o bravo de nossos bravos, lembra-te, Débora.

— Lembrar-me? A mim que o amo acima da própria vida? Da própria felicidade? Se temo é que pressagio algum perigo oculto rondando a existência de Javan... Esta noite, Sara, sonhei com o pai dele. O espírito de Japhet estava aflito. Quis falar-me, mas não lhe entendi as palavras. Ao tentar aproximar-me dele, desapareceu... Acordei inquieta e não pude mais dormir. Fatos graves estão para acontecer, Sara, sinto-o, e Javan ver-se-á envolvido por eles como a mosca pela teia. Quisera poder ajudá-lo... Mas como? De que modo? — e a jovem contorcia as mãos em desespero.

— Não comungo com os teus presságios, — disse Sara com serenidade. Exageras... Estás desorientada com a ausência de Javan. Mas, raciocina com lógica<sup>{23}</sup>, irmã. Quantas vezes não se tem ele ausentado? Quando menos esperamos, retorna trazendo-nos belos presentes. Anima-te... Vamos! Sorri... — convidou Sara.

— Tu mesma disseste, inda há pouco, que ele estava diferente...

— Sim, mas talvez por motivos que possa justificar. Creio que Javan está preocupado com o proceder de Josepho e com alguns dos nossos jovens que vivem em promiscuidade com os vícios e pecados dos Filhos dos Homens. A degenerescência de costumes ronda a nossa tribo... Os mais velhos andam alarmados com essa onda de perversão que tem arrastado muitos dos nossos às degradações dos cainitas. E Josepho tem sido o fermento de todos esses deploráveis acontecimentos... Ele é o fruto estagnado contaminando a quantos incautos. A venerável Milcah e Javan não ignoram a ignomínia do filho e do irmão. E sofrem...

— Talvez tenhas razão, Sara. As tuas palavras sossegaram-me. .. Obrigada, irmã. Vamos banhar-nos? Ao contato da água, esquecerei os mais presságios...

Abandonando as vestes, as duas jovens imergiram na água.

Em meio dos painços, dois olhos cúpidos maculavam a beleza de seus corpos virgens.

Elas pareciam dois nenúfares róseos brincando na água. Sentiam-se ali guardadas pelo respeito dos homens àquele local. Porque quem ousasse vir devassá-lo, seria condenado ao apedrejamento.

Abandonando-se à água como em macio leito, Sara cantava — . Débora, com flores de acácia tecia uma coroa, ouvindo, embevecida, a linda voz da

companheira, que dizia: Palmeira da planície, Abriga o meu amor...

Que está longe de mim, Sozinho no deserto...

Dize-lhe que a minh'alma Acompanha-o aonde for...

Palmeira do deserto, Fala assim a meu amor...

Palmeira, és tão feliz, Porque dele vives perto...

A voz da cantora parou, súbito, ao ouvir um rumor suspeito entre o painçal.

Mergulhando, rápida, Sara apanhou um seixo e o atirou naquela direção, enquanto Débora gritava, temerosa: — Que foi?!

— Não ouviste? Alguém está nos espreitando d'ali. Olha... tenta fugir! Quem será?

— Não podemos segui-lo como estamos. Tomemos nossas vestes, depressa! talvez possamos alcançá-lo...

— Não! vou envolver-me neste manto e daquela elevação verei quem é o corruto...

— Anda! Quem é? Vês?... Fala, Sara...

— *É o* maldito, a Alma pestilenta que tu bem conheces; — disse ela, voltando.

— Josepho? — perguntou Débora, já quase vestida de todo.

— Sim, — respondeu indignada a filha de Natan, cobrindo-se com as suas vestes. Que Jeovah o castigue! Temos que denunciá-lo ao Conselho; ele não deve ficar impune. Maculou-nos o corpo com seu nojento olhar. Que seja castigado, Débora. Apressa-te... Vamos queixar-nos.

— Um instante; — pediu a filha de Methusala, já vestida. — Isto mataria Milcah e seria a desonra de Javan... Peço-te, Sara, guardemos silêncio, por esta vez... A mãe daquele desalmado não suportaria tamanha mágoa... Silenciemos, sim, irmã?

— Como desejês. Mas creio que não estamos agindo bem escondendo o pecado de Josepho, — respondeu Sara, contrariada.

— Peço-te por Milcah e por mim... também por Javan. Por favor, Sara...

— Nada temas. Meus olhos nada viram... Voltemos, Débora.

— Obrigada, Sara, que Jeovah te cubra de graças.

— És minha irmã. Não posso magoar-te... Voltemos, Débora.

O Conselho de Anciãos estava reunido.

Achavam-se presentes os dois emissários das tribos devastadas por Tidal. Ambos estavam impassíveis, atentos à resolução dos mais velhos da tribo.

Methusala presidia a reunião. Natan, seu irmão, é a segunda voz ouvida no Conselho.

São doze os anciãos. A tenda onde se encontram é a sagrada Tenda da Congregação.

Sobre peles de gazela estão sentados todos. Os anciãos, em círculo; Methusala e os dois emissários, a um lado, de costas voltadas para a porta.

Concentrados, parecem orar.

Methusala, em meio do silêncio, ergue a voz que soou grave e austera: — Sábios anciãos! O assunto que vamos deliberar é de máxima importância. Maldito seja aquele que, neste instante, traia o Altíssimo com falsos conselhos. Bendito seja todo este que fale em nome do Senhor dos Céus e da Terra, o Deus dos deuses. Nas suas mãos o Possuidor de todas as coisas entregará o inimigo para que haja justiça. O Escudo do Senhor guardará sua vida.

Natan foi o segundo a falar: — Vivemos pacificamente, mas nos chega aos ouvidos o gemer dos irmãos que sofrem o jugo dos Filhos dos Homens. As sábias leis de Seth mandam-nos dar água a quem tem sede, pão a quem tem fome e socorrer os oprimidos e respeitar o hóspede. Porém proíbe-nos derramar o sangue do semelhante. Que o Senhor nos inspire.

Melquizedec, o mais velho ancião, retorquiu: — Pergunto: agimos com mais nobreza e valentia quando matamos, o tigre que nos ataca, ou quando, deixando o abrigo da tenda, vamos em socorro do semelhante atacado por aquele? Que o Deus de Seth inspire o Conselho.

Haran, outro ancião, falou sereno: — Bendito o que deixa o abrigo da tenda e mata o tigre que ataca o nosso semelhante.

— Bendito seja o bravo! — exclamaram todos como a uma só voz.

Estava deliberado.

Methusala, erguendo-se, dirigiu-se à porta da Tenda. Estava mais solene que nunca.

Fora, banhados pela luz daquele fim de tarde, os homens aguardavam a decisão dos mais velhos.

O silêncio era tão profundo que se ouvia o perpassar da brisa nas copas das palmeiras. Ao verem surgir Methusala, fitaram-no respeitosos. Este dirigiu-lhes a palavra: — Jeovah falou pela voz dos anciãos. Defenderemos as

pastagens vizinhas, com as nossas vidas.

Um brado de aprovação se fez ouvir de todo o povo.

Methusala, pedindo silêncio, continuou: — Que os chefes guerreiros tracem os seus planos. Antes sacrifiquemos ao Deus de Seth, para que Ele nos leve à vitória.

Batalharemos pela paz dos lares vizinhos, para que a nossa paz não nos saiba amarga.

## 54

Como era diferente aquele holocausto do que a tribo ofertara na véspera! As mulheres agora não cantavam, oravam súplices. Não se ouvia a avelã dos pastores. Silenciosos estavam as harpas e os órgãos.

Diante do altar, o cordeiro foi degolado e o seu sangue esparso por sobre toda a madeira do sacrifício. Depois, o seu corpo foi queimado. A fumaça subia ao alto em espirais, sinal de que a oferta fora aceita por Deus.

Methusala, tomando das cinzas, espalhou-as ao vento. Findara o sacrifício.

## 55

Eu não assistira ao holocausto. Estava indignado com a resolução do Conselho. Era-me indiferente que Tidal pilhasse ou não os campos vizinhos. Mas temia que os cainitas me tomassem como traidor, pois não previra aquela resolução da minha tribo, sempre amante da paz. Até agora tínhamos apenas defendido das hordas de Tidal as nossas planícies, mas jamais atacáramos.

Javan, à frente de nossos arqueiros, dava-lhes combate quando por acaso os encontrava destroçando as tribos irmãs, mas em defesa, nunca em guerra declarada. Havia um acordo entre Methusala e Rehú... Como ousara Methusala quebrá-lo? — pensava eu, indignado, esquecido que esse acordo fora vilipendiado vezes sem conta pelos cainitas.

Esgueirando-me da multidão, afastei-me, presa de raiva impotente.

Naquele fim de tarde fui ao encontro do cainita a quem eu vendia as

informações. Pu-lo a par de tudo. Ao contrário do que eu receava, ele me pediu que continuasse trazendo-lhe informes que seriam pagos regiamente.

Ao voltar, já noite, vi que havia luz na tenda de Methusala.

Aproximando-me, ouvi vozes que diziam: — Ele não deve estar longe... Que emissários o busquem.

Javan deve ser encontrado. Somente ele saberá levar nosso povo à vitória. Sabes onde encontrá-lo?

— Desconfio, mas não tenho certeza... Porém creio que Javan voltará quando ouvir rumores de que estamos em luta.

— Filho, precisamos dele agora, com urgência. Envia-lhe mensageiros. Que venha ao nosso encontro.

— Assim farei, pai.

Escondi-me por trás da tenda no instante exato em que Lamech saía. A Lua, como pérola imensa vagando na concha do espaço, iluminava-lhe o rosto severo.

Vi quando penetrou na tenda de um de nossos arqueiros, que parecia esperá-lo, pois tinha também a luz acesa àquela hora da noite. Demorou-se um instante. Logo após surgiu acompanhado de Jared, um dos nossos valentes, que tomando de um cavalo, montou e, sem dizer uma palavra, afastou-se a galope do acampamento.

Lamech recolheu-se à sua tenda.

Eu tomara uma resolução. Apanhei um de nossos cavalos e, quando bem distanciado da tribo, montei-o e afastei-me num galope desenfreado.

Vira quando Jared tomara a direção do oriente, pela estrada que conduzia a Enoch. Tomei por um atalho que ia ter na Garganta do Tigre, única passagem para Enoch. Lá chegando, não me foi difícil com alguns galhos de espinheiro obstruir o caminho.

Deixei o cavalo a poucos passos de distância e aguardei a chegada do valente. Tudo ocorreu como eu previra: Jared apeou para abrir a passagem, mas não pode sequer executar o seu intento ... Saltei-lhe sobre as costas curvadas e cravei-lhe a minha faca. Quando o feriu, soltou um gemido rouco, porém não teve tempo nem de reconhecer-me: matei-o rápido, prostrando-o com vários golpes certos.

O cavalo de Jared, relinchando assustado, ganhou a planície.

Limpei a faca nas roupas do cadáver e ia afastar-me em direção ao meu cavalo, quando ouvi, estremecendo, um rugir semelhante a um gargalhar

insano, no qual reconheci o grito da hiena em procura de alimento.

Refeito do susto, fitei a minha vítima e sorri, pensando: A hiena encontrará em breve o seu repasto. Dei um pontapé no pobre corpo de Jared, descobrindo-lhe o rosto que parecia de cera. O meu riso não se diferenciava muito do rugir da fera.

Cavalgando, voltei pelo mesmo atalho.

Sobre a planície, a aurora pintalgava, bruxuleando, leves tons de violeta. Pássaros, adiantando-se à luz matinal, orquestravam estranhas sinfonias. O luar misturava-se às tintas da madrugada, desaparecendo...

A terra se aprestava para a claridade de mais um dia.

Teria que me apressar se quisesse atingir o acampamento muito antes do despertar da tribo. Fustiguei sem piedade o cavalo... E ele corria, corria como se compreendesse que devia apostar corrida com a manhã que se aproximava rápida.

Os primeiros raios do Sol não fulgiam ainda no orvalho, quando cheguei à tenda.

A tribo não despertara ainda.

Todos dormiam profundamente, cansados das emoções da véspera.

Cauteloso, penetrei no meu quarto. Não queria que minha mãe me pressentisse, embora ela, como toda a tribo, já estivesse acostumada com as minhas noitadas. Deitei-me, pensando: Se Jared tomara a direção do oriente, então, Javan devia encontrar-se em Enoch... Amaria ele a uma cainita?... Precisava ir em busca de Javan... Tinha que partir, mas sem despertar suspeitas... Sim, iria a Enoch, também... Resolvi, já quase adormecendo.

## 56

A viagem de Javan, através das terras de Nod, correu sem incidentes.

Seguia o filho de Milcah pelas trilhas menos conhecidas, evitando encontros desagradáveis. Preferia descansar algumas horas durante o dia, abrigando-se em meio das folhagens e grutas, e viajar à noite.

Quando ao longe descortinava algum viajante, evitava-o, escondendo-se. Tomara Javan a precaução de vestir-se como um cainita.

Mais de uma vez avistara grupos de guerreiros, pertencentes aos Filhos

dos Homens, dirigindo-se para o ocidente. Ao vê-los, pensava meu irmão que eles iam dar caça aos povos de além-Eufrates. Perguntava-se Javan, meditando pelos caminhos: — Como de um povo tão cruel desabrochou flor tão pura e linda como Dinah?... E bons varões como Methusael e Rehu?...

À sua mente ressurgiam as pastagens queimadas, os redis pilhados e as aldeias destruídas, com seus homens mortos e as mulheres e crianças aprisionadas como escravos. Indagava-se: — Por que não podiam viver em paz os Filhos dos Homens e os Filhos de Deus? Que força maligna impelia os cainitas a destruir, naquela ânsia de conquistar terras para cultivá-las, as pastagens, espalhando morte e horrores? Quantas tribos dizimadas por eles! Por que lutavam em campos opostos os criadores e os agricultores? Por que lutavam os homens? Por que? Javan não compreendia...

## 57

Que podia saber o Homem de então, sobre esses complexos problemas? Se a luta era o seu “klima”, não compreendia ele que nessa luta em que estava situado, evidenciava-se o movimento sempre progressivo da Humanidade, no seu mais alto sentido de aperfeiçoamento.

Considerando-a como um ser único, em que se englobavam todas as ânsias e sonhos, crenças e dúvidas, certezas e frustrações, lutas e vitórias, todas as raças — opressoras e oprimidas — vemos que a Humanidade caminha, não obstante dissensões e cataclismos, melhorando em Saber e Moralidade, desde as cavernas do Aurorecer aos castelos medievais, e destes aos arranha-céus deste século vinte.

A luta é a mola real do Progresso.

As conquistas que advêm desse lutar não pertencem a este ou àquele povo: pertencem à Humanidade.

Na aparência superficial do medíocre entender, bate-se um povo movido apenas pela ambição e pelo egoísmo; mas os olhos de um estudioso e observador dos destinos humanos através do Tempo, verão que por trás dessa ambição e desse egoísmo esconde-se uma Força maior dirigindo os contendores, fazendo surgir nesses campos de combate — onde se digladiam grupos e interesses — horizontes novos, mais claros e amplos à Humanidade.

Transportando-nos ao berço da Sociologia — avançando audaciosamente até aos primitivos agrupamentos humanos, pedra fundamental da Sociologia como Ciência que estuda o Homem no Tempo e no Espaço — vemos através da nebulosidade das Eras fabulosas, caçadores envoltos em peles, disputando, em meio das florestas e planícies, os recantos onde as caças proliferavam.

Dessas lutas milenárias passaram eles de caçadores a criadores, domesticando os animais que lhes serviam como nutrição; e, nesse movimento contínuo de Aperfeiçoamento e Progresso, vemos o Pastorício surgir, e, em função deste, a Agricultura, a Indústria e várias atividades humanas, numa sequência de aquisições lógicas e naturais, mas sempre após lutas e dissensões inúmeras.

A luta sempre foi o fogo deste imenso altar que é a Terra, onde o homem tem que ser imolado em expiação ao mal que fez ao próprio homem, até que, de todo purificado, ressurja qual Fênix para uma Época Melhor, quando irá usufruir as menses de uma Felicidade construída e embelezada pelas suas próprias aquisições através do Tempo; quando de todo estiver ele reabilitado ante a Justiça Divina, graças ao cadinho do Trabalho e do Sofrimento.

Tudo neste mundo parte do relativo para o absoluto. Todas as coisas; um dia, confundir-se-ão numa Unidade única; Homem e Sociedade. Povos e governos. Ideais e Religiões.

Tudo tende, após conquistas de Fraternidade e Amor, à unidade de sentimento, quer religioso, doutrinário, científico e de atividade.

Todas as religiões, povos e governos lutam e trabalham, mesmo em polos opostos, para um fim único: a Felicidade.

Lutam e trabalham sob a inspiração dessa Providência que traçou aos planetas órbitas de que não se podem afastar, equilibrando-os e protegendo-os na Amplidão. O gênero humano, em todo tempo e época, sempre está sob essa Proteção do Alto — como todo o criado — que não poderia abandoná-lo em seu percurso evolutivo, a um arbítrio cego; orienta-o para o Perfeito Bem, através do fio misterioso ao qual estão ajustadas Liberdade e Presciência.

Das lutas e experiências humanas, nada se perde, tudo se integra, unindo-se para o Melhor.

A Era que passa é na verdade a base de outra que surge. O Ontem perpetua-se no Amanhã. O Passado reflete-se no Presente. Porque a Vida se iniciou na Unidade — Um — e este Um tende ao Infinito — Deus — Princípio e Fim.

Atingida a coesão de Sentimentos, o Homem ingressará na verdadeira Era Cristã, da qual esta presente, não passa de precursora, e então viverá amando o próximo como a si mesmo. Cumprir-se-á então a Promessa Evangélica; “Fiet unum ovile et unus pasto ”<sup>{24}</sup>

## 58

Javan, após dias de estafante viagem, chegou a Enoch e quase não reconheceu a cidade ao revê-la, porque as suas ruas estavam silenciosas como se alguma tristeza ferisse os seus habitantes, sempre alegres e barulhentos.

Não querendo chamar atenção sobre si, evitou fazer perguntas. Sentia-se estranhamente cansado, com o corpo todo dolorido. Consequências da viagem, pensou, cavalgando pelas ruas pouco movimentadas naquele dia.

O Sol refulgia na pedra das casas, magoando-lhe os olhos vermelhos da poeira dos caminhos.

Em toda a viagem, rememorava as palavras de Milcah e a promessa que lhe fizera. Essa promessa angustiava-lhe o espírito. Sensação de culpa cruciava-o. Por que abandonara o seu povo, se Dinah pertencia a outro? Que esperava daquela viagem? Dinah, apenas? Não... Compreendia que força maior que a sua conduzira-o a Enoch. E essa força dominava-o por inteiro... Mas sofria sob o seu jugo, embora não quisesse libertar-se dela.

Essa força vinha da sua carne que gritava por Dinah, abafando a voz da Alma que exortava: Não debes... volta... retorna às margens do Eufrates, onde te aguarda o dever.

Mas surdo a tudo que não fosse Dinah, não retrocedera, e, inquieto, mas firme em seu propósito de lutar por possuí-la como esposa, encaminhava-se para a residência de Methusael, quase esquecido que este era o pai daquele a quem pretendia roubar a noiva.

Os raios do Sol pareciam espinhos de fogo, magoando-lhe o corpo dolorido. Estava sedento e oprimido. Estranho mal-estar apossara-se dele como se fora picado por víbora ou se tivesse bebido água maligna. Singular tremor dominava-lhe os membros lassos.

Ao aproximar-se do templo de Baal, já perto da casa de Methusael, viu que um ajuntamento de homens e mulheres prostrava-se diante do grande altar

dos sacrifícios que ali se erguia. Um sacerdote, de braços para o alto, parecia ofertar algo ao seu deus.

Javan, obrigado pela multidão a parar, não pode evitar de assistir ao ato que à sua alma repugnava. Sacrificava-se a Baal um ser humano. Horrorizado, viu Javan o sacerdote erguer o punhal e embebê-lo no coração da vítima! Depois, o sangue que jorrava foi apanhado numa espécie de ânfora e bebido, primeiro pelo sacerdote e, depois dele, por toda a multidão, em pequenos goles.

Sentindo-se maculado até à alma, Javan, com repulsa, apontando a vítima, perguntou a um dos presentes que aguardava a sua vez de beber: — Quem é ele?

— Um nojento sethita, respondeu o homem, cuspiendo de lado, com desprezo.

Meu irmão, segurando a cabeça que lhe parecia embebida em fogo, soltou um grito rouco e caiu sobre o cavalo, desmaiando. Ao vê-lo assim, o cainita exclamou: — O poder de Baal caiu sobre este... Sacrifiquemo-lo!

— A Baal! — rugiu a multidão ávida de sangue qual hiena enfurecida.

E braços estenderam-se arrancando de cima do cavalo o corpo inerte de Javan que, alheio a tudo, parecia morto.

— A Baal! A Baal! — gritavam todos a uma só voz.

Diante do altar, de pé, esperava o sacerdote, de faca em punho.

A ânfora, ainda contendo restos do sangue do sethita, foi por um acólito retomada, e posta a um lado, à espera de novo sangue.

Afastaram um pouco o corpo da primeira vítima para dar lugar ao de Javan.

Quando já iam depositá-lo ao pé do altar, ouviu-se uma voz que bradava, indignada: — Alto, raça de vampiros! Bebedores de sangue, alto!

Àquela voz, todos se voltaram. O próprio sacerdote deixou cair o punhal. Afastando a multidão com um gesto autoritário, um velho de barbas e longos cabelos brancos, dirigia-se ao altar, em meio do silêncio que se fizera. Tomando Javan dos braços que o sustinham, depositou-o no chão, auscultando-lhe o peito. Sentiu que a vida não abandonara o jovem. Erguendo-se, fitou o sacerdote com firmeza. Sob o incisivo olhar do ancião, o bonzo recuou.

— Não temas a mim, — disselhe o recém-chegado, — temas Àquele a quem irás responder por todo o sangue destas vítimas que brada aos Céus.

E voltando-se para a multidão, apostrofou: — Bebedores de sangue humano, tendes o deus que mereceis. Um dia esse mesmo deus a quem sacrificais os vossos irmãos, há de exigir o vosso sangue, também!... Baal! Baal! deus da maldição!.....

E o velho, tomando Javan nos braços, afastou-se, solene.

Meu irmão, voltando a si nesse momento, abriu os olhos e fitou-os, espantado e aturdido, no rosto daquele que o conduzia, reconhecendo-o antes de perder os sentidos novamente: era Methusael, o patriarca de Enoch.

## 59

Com força que ninguém lhe poderia imaginar possuísse, Methusael conduziu Javan até o seu lar. Ajudado pelos servos que acorreram a seu chamado, recolheu o jovem ao leito daquele mesmo quarto que o hospedara antes.

Meu irmão delirava, confundindo nomes. Agitava-se presa de terrível febre. Chamava por Dinah insistentemente. Outras vezes exclamava: — Juro! Casar-me-ei com Débora... prometo... Amo a Dinah... mãe... Dinah...

Em certo momento, quis erguer-se do leito, gritando: — Malditos! malditos! é um sethita! sethita...

Methusael necessitou de toda a sua energia para arrancá-lo daquela agitação.

A febre apossara-se de Javan. Methusael, mantendo-se ao seu lado, tratava dele cuidadosamente. Mas a moléstia não cedia... Assim passaram-se duas luas.

Javan, imerso em sonolência, já agora nem delirava mais. Prostrado no leito, arquejava apenas. Parecia o fim...

Apreensivo, recomendando o enfermo aos cuidados de uma serva de sua confiança, o patriarca foi ter com Dinah.

## 60

Mas retrocedamos alguns dias em nosso relato. Penetremos na residência

de Rehú.

A noite envolvera em silêncio toda a casa.

Só, em seu jardim, o pai de Dinah sentara-se próximo ao lago e quedava pensativo. Havia luar.

A aragem levemente lhe agitava os cabelos e as barbas que pareciam fios de neve.

Tristeza estranha oprimia-lhe a alma desde aquela manhã... Isolara-se de todos, buscando a solidão da noite. Queria meditar...

Suspirando, embebeu o cansado olhar pelo infinito. Estrelas esparsas fulgiam na amplidão, embelezando mais ainda o plenilúnio.

No pequeno lago, as águas cobertas de luar pareciam prata derretida.

Aquela noite era uma dessas noites de mágico encantamento, em que a Alma se sente presa de esquisitas lembranças, de estranhas saudades...

Rehú sentiu que recuava no tempo, mergulhando no mar das reminiscências, onde tudo era distante, vago, nebuloso. O passado, como uma ilha, emergia das vagas desse oceano de lembranças e flutuava-lhe na mente, delineando a linda figura de Miriam, a esposa sethita.

Miriam, o amor proibido por quem esquecera as leis e tradições de seu povo... Miriam que fora o último raio de sol de seus dias outonais... A única estrela iluminando-lhe a noite fria e nublada pela hibernação da vida... Parecia vê-la ao seu lado, alegrando-lhe o coração...

Estranha inquietude apossou-se de Rehú. Quis fugir àquelas lembranças, porém mais presentes se faziam elas...

Olhou o céu e pensou ver Miriam na luz do luar e na fulguração das estrelas... Olhou as flores, o lago, e sentiu em tudo Miriam... Era como se a sombra da esposa morta envolvesse a sua alma, refletindo-se nas coisas que o cercavam.

Estranho calafrio percorreu-lhe o velho corpo. Olhou em torno, amedrontado. Pressentia o ancião que não estava só. Temeroso, quis fugir daquela presença que, embora oculta aos seus olhos físicos, sentia junto de si. De inopino, no silêncio noturno, ouviu o seu nome num sussurro, como se alguém o chamasse baixinho, porém com insistência... Percebeu que lhe falavam à alma, na quietude do jardim. Era como um arpejo, algo inumano, impreciso, estranho à Terra.

Angustiado, ergueu-se e, ao fazê-lo, sentiu no rosto como roçar da brisa; mas brisa tão leve que não agitara sequer as folhas dos arvoredos mais

próximos... Não — pensou Rehá — aquilo não fora a brisa, fora a sombra de Miriam que me afagara...

Lentamente deixou ele o jardim, andando com dificuldade, como alguém muito cansado.

O luar parecia um albornoz branco cobrindo a frente da noite.

Rehá sentia que a sombra da morta o acompanhava. Por duas vezes parara, segurando-se nos arbustos e arquejava como se carregasse pesada carga. Tinha vergados os ombros que foram sempre eretos e firmes.

Ao penetrar no lar, cambaleou, levando as mãos ao peito como que asfixiado. Reagindo comoção súbita, deu alguns passos em direção aos aposentos de Dinah, como se força oculta o impelisse para lá...

Mas, soltando um grito abafado, caiu desmaiado no solo.

Ao seu grito acorreram alguns servos que o conduziram inconsciente ao leito.

Quando Rehá voltou a si, respirando com dificuldade, viu todos os filhos à sua volta. Tidal que chegara na véspera, de uma de suas excursões, compreendeu que assistia aos últimos instantes, do pai. Compungido, fitava-o.

Os olhos ansiosos de Rehá pousaram em Dinah que, ao lado de Zila, chorava em silêncio. O enfermo fez-lhe um sinal para que se aproximasse.

Ela ajoelhou-se ao lado da cama, contendo as lágrimas.

— Pai, — murmurou —, aqui me tens...

Rehá fitou-a longamente como se lhe perscrutasse a alma, ou se quisesse gravar na retina já quase moribunda a linda imagem da filha.

Surpreendendo a todos e a Dinah, pela estranheza da pergunta, Rehá inquiriu com a voz enfraquecida: — Filha, és... feliz?

— Feliz? eu?! Sim... Sossega, pai... Não penses em mim. Não deves falar.. e a jovem afagou-lhe a frente embebida em suor pegajoso.

— Sim, pai, — disse Tidal, aproximando-se, — Dinah tem razão: deves repousar.

Apontando o Alto, o ancião respondeu: — Não tardarei a fazê-lo... Porém antes quero abençoar-te, filho.

Chega-te para mais perto, Tidal... Desejo falar-te...

— Eis-me aqui... fala.

Dinah continuava de joelhos, junto ao leito.

— Meu filho, — disse Rehá com a voz pausada, mas solene, — sinto que me vou reunir aos nossos antepassados... Até hoje fui o chefe de Enoch...

embora há muito tenha depositado em tuas mãos fortes a direção de nossa cidade. No princípio quis ver como a governarias sem mim... Depois, fui vencido pela mão do tempo e, quando pensei afastar-te, já não tive forças...

Tidal, imperceptivelmente, ergueu a cabeça com mal disfarçado orgulho. Seus pequeninos olhos pareciam mais oblíquos ainda.

Rehú falava:

— Não te deixes dominar por essa sede de conquistas... Respeita o pedaço de terra de teu irmão. O ambicioso cai sempre vítima da própria cupidez. Modera a tua ambição e serás feliz. A grandeza de um chefe não está no número de homens que abate nos campos de luta, mas no número dos vivos que soube fazer felizes. Sê bom, Tidal... Há uma força maior além da tua... e esta força não se encontra em Baal, em Moloch, em nenhum dos nossos deuses. Ela está no Deus Oculto que tudo criou.

Depois de uma pausa, continuou ele: — Cuidado com os sacerdotes... Não consintas que interfiram nos negócios de Estado. Que continuem nos templos com os seus cruéis deuses de pedra...

— Cruéis?! Chamas os nossos deuses de cruéis? — perguntou Zila, assustada.

— Sim, mulher. E neste instante sinto esta crueldade mais terrível que nunca! E pergunto diante da morte: Que deuses são estes que exigem sangue, sempre mais sangue?... Serão os sacerdotes ou os deuses que exigem sacrifícios?

— Os deuses! — respondeu Zila cada vez mais assustada.

— Que sabes tu, mulher?... Houve um tempo em que as ofertas feitas à Divindade eram frutos de nossos campos... Então, vivíamos felizes. Para oferecê-los não necessitávamos da interferência de bonzos... Os deuses ficaram cruéis após começarem a falar através dos sacerdotes... Cuidado, filho, com eles...

— Desprezo a eles e aos seus deuses! — respondeu Tidal com arrogância.

— Cerca-te de varões justos, que administrem os negócios com autoridade, mas sem abusos...

— Sim, mas não te canses. Sou Tidal! Sei dirigir-me e dirigir.

Tenho Enoch em minhas mãos. Nasci guerreiro e chefe! Como pai de Tidal, ouço-te os conselhos... Mas depois de ti, não reconhecerei nenhuma autoridade além da minha... Serei sempre o conselheiro dos meus conselheiros.

— Filho, — interrompeu o ancião, com voz cada vez mais fraca, — não abuses da força, porque se há algo mais terrível que a crueldade dos sacerdotes de Baal e Moloch, é a prepotência de um chefe. A opressão gera revolta; a vingança semeia vinganças; o ódio impulsiona ódios, e o sangue, meu filho, transforma-se em dilúvio que tudo afoga...

— Pai, sou guerreiro! E a alegria do guerreiro é ver o campo do inimigo rubro de sangue! — respondeu Tidal, impaciente.

Dinah conservava-se em silêncio, como lhe impunha a sua condição de mulher. Zila orava aos deuses, temerosa que as palavras que ouvira contra eles, despertassem castigos.

Cada vez mais fraco, Rehú olhava já com certa fixidez aqueles que o cercavam. O coração pulsava-lhe lentamente, causando dolorosa dispneia. Naquele instante as preocupações dos últimos anos cresciam em sua Alma.

Antevia o seu povo, como massa informe, rolando para um abismo que sabia terrível... Abismo de cujo antro vinham gritos, estertores, lágrimas, sangue, protestos em turbilhões! Clarivisionava o extermínio daquela geração corruta. Pressentia a Terra no final de um ciclo e nos umbrais de outro... como a sua vida. E das ruínas desse ciclo renasceria um mundo novo, com Humanidade mais forte e experiente. Compreendia Rehú que de toda geração que passava, despontavam novas fontes... Fontes para lavar o sangue derramado, para fecundar a Terra danificada... Fontes para afogar iniquidades e erros.

Fitou o seu primogênito com o olhar lutando contra as névoas que o turvavam. Tidal era o símbolo daquela geração arrogante, impiedosa, impura, que passava calcando aos pés todo sentir estranho ao seu próprio sentir... Contaminado por todos os vícios do tempo, ele jamais quis ouvir os conselhos que lhe dava e aos quais respondia sempre com irônica insolência: — Pai, toda época tem a sua geração e em toda geração são outros os problemas. Os velhos devem esperar a morte sob a proteção dos filhos, deixando que os novos vivam sua vida.

Assim, também, pensavam todos os varões novos de Enoch, todos os Filhos dos Homens...

E ele e os demais anciãos não puderam domá-los, porque eram carne de sua carne. Como potros bravios passavam por cima de todas as tradições e de toda lei que lhes restringisse ou limitasse os impulsos ávidos de liberdade. E desta liberdade — miragem de todos os tempos — abusando das prerrogativas

e direitos conquistados, caíram na mais torpe licenciosidade.

Rehú, sentindo-se no momento extremo, amargurado, disse: — Methusael e eu somos os últimos patriarcas de Enoch. Conosco findam-se os restos de uma geração já desaparecida no tempo... Os últimos patriarcas dos Filhos dos Homens...

Seus olhos moribundos pousaram novamente em Dinah, que chorava lágrimas silenciosas.

— És... feliz? — repetiu ele.

Dinah não respondeu. Temerosa fitava-o.

— Sinto que não és feliz... como Miriam também não o foi...

Não percebeu Rehú que a esposa, ao ouvir o nome da rival odiada, trocara um olhar de rancor com Tidal. Porém Dinah o notara.

— Não queres falar, filha? Vejo-te sempre entristecida... Por quê?

— Deixa Dinah, pai. Que sabem as mulheres sobre o que lhes convém ou não? Nós, os homens, decidimos por elas! — atalhou Tidal, impaciente.

— Os pais, filho, não os homens, — corrigiu Rehú.

E dirigindo-se a Dinah, continuou: — Abre estes lábios e... dize-me o que te infelicita. Há pouco, no jardim, lembrei-me... de tua mãe. Terrível angústia assaltou-me... Não quero... que sofras... como sofreu ela. Fala... Dinah.

Porém a jovem, ante o olhar de Tidal e Zila, sentia a voz presa na garganta.

— Fala... — pedia Rehú, arquejando.

— Pai, — ciciou ela, mas calou-se apavorada. Precisava falar, pensava em angústias. Surgira a oportunidade jamais imaginada... O impossível acontecia... Deuses! — precisava falar...

O moribundo continuava fitando-a. Dinah pensava em Javan... O amor e o temor lutavam em sua Alma. Mas a imagem do amado, cada vez mais nítida, surgia-lhe na mente... E Dinah venceu o temor de muitos séculos que jungia a mulher ao homem.

— Pai, — disse ela de um ímpeto: não me cases com Mehujael...

Desobriga-me! Salva-me, pai!...

— Cala-te! — ordenou Tidal, tentando afastá-la do leito.

— Não a ouças! — gritou Zila.

Rehú parecia mesmo nada ouvir. Os seus olhos nevodados estavam fixos num ponto do quarto, como se visse algo que o maravilhasse. Os seus lábios murmuravam, muito baixo: — Miriam... vens... buscar-me?

— A sethita?! Por Baal! Onde? — exclamou Tidal, assustado.

— Minha mãe... — murmurou Dinah.

Zila ergueu-se de um ímpeto, recuando. Parecia ver um espectro.

— A sua sombra! A sua sombra! — gritou ela, escondendo o rosto nas mãos.

— Não demorarei, Miriam... — dizia Rehú, como falando com alguém.

Depois, pousando a mão sobre a cabeça de Dinah, disselhe com força estranha: — Em nome de todos os deuses, és livre de casar-te com quem queiras.

E voltando o olhar para Tidal abençoou-o: — Vive por... muitos... anos. Que tua... descendência... se multipli...

que...

Sua bela cabeça pendeu para um lado e ele ficou imóvel. Estava morto. Cobrindo-o com seu próprio manto, Tidal se afastou do quarto, deixando as mulheres e os servos em prantos lamentosos.

Era agora o senhor absoluto de Enoch.

## 61

Depois das cerimônias do sepultamento do pai, Tidal chamou a irmã e disselhe ríspido: — Após o luto, casarás com Mehujael.

— Não! — exclamou Dinah. Não ouviste as últimas palavras de nosso pai?

— Ouvi. Mas casarás, porque assim o quero, maldita filha de sethita!

Afasta-te, agora!

Dinah voltou ao seu quarto, aniquilada. Estava, indefesa, nas mãos de Tidal que jamais a perdoara por ser filha de Míriam. Sentindo desmoronarem-se todos os seus sonhos, chorava desesperada.

Myra, a sua fiel serva, tentou acalmá-la: — Senhora, não chores assim.. Se Zila te ouve, virá aumentar-te a dor...

— Não poderá fazê-lo, Myra, tão grande já é a minha dor! Caiu a desgraça sobre mim... Perdi o meu pai e toda a esperança de vir a ser feliz, longe destes que me odeiam...

A serva não respondeu. Intimamente julgava que tudo que acontecia à

sua senhora, provinha daquele anel mágico que ela teimava em usar...

## 62

A morte de Rehú enchera a cidade de tristeza e apreensões. Ele fora sempre a mão que sustava a impetuosidade de Tidal, que, oprimindo o povo com impostos e mais impostos, arrecadava todos os lucros da classe operosa, sacrificada ao seu egoísmo desmedido e famélica ambição — atributos inerentes aos déspotas de todos os tempos.

Suas excursões bélicas custavam o suor e o sangue do povo de Enoch, que trabalhava para alimentar o exército de Tidal, e este demonstrava dia a dia um apetite canino, insaciável. Graças a essa arbitrária espoliação, os roubos cresciam a par de outros crimes, como o meretrício e a mendicância.

Uniram-se em Enoch a miséria e a devassidão, infalíveis sintomas da enfermidade moral de um povo, desenganado pelos Médicos dos Sanatórios divinos.

## 63

Na residência de Tidal, os dias passavam tristes e longos para Dinah. Não podia ausentar-se de casa, não só pelo luto, como por ordem explícita do irmão a quem via raramente. Quatro luas após a morte de Rehú, Tidal e Mehujael partiram de Enoch para suas conquistas além das terras de Not. A ausência deles sossegava um pouco a Dinah, embora a sua Alma continuasse triste como a própria orfandade.

Fugindo às angústias que a oprimiam, ia ter ao jardim, ao seu jardim particular, local vedado a olhos estranhos. Lá ficava ouvindo as servas tocarem, a olhar distraída o anel que comprara ao ruta, recordando a última vez que vira Javan. Vez ou outra, quando sozinha, ia também até à gruta e, aí, orava ao Deus de sua mãe e de Javan.

Intimamente, Dinah julgava o Deus de Seth um deus estranho, não muito poderoso... Porque, pensava ela, ele não evitara que Miriam sofresse...

Baal e Moloch eram deuses terríveis! Castigavam com a morte àqueles

que desrespeitassem as suas leis ou os seus templos. Esses deuses pareciam a Dinah mais poderosos que o Deus de Seth... Assim, as preces da filha de Rehú à Divindade sethita, terminavam sempre em promessas de oblatas a Baal e a Moloch.

## 64

Inda hoje, milhares de séculos depois, quantas almas continuam duvidosas de Deus, servindo a Mamom!<sup>{25}</sup>

## 65

Sozinha, sem ter ninguém que a amasse, experimentava a formosa cainita os dias mais tristes de sua vida até então.

Zila, a viúva de Rehú, vivia em seus aposentos ou nos templos, entregue às suas devoções. Evitava a Dinah, passando dias e dias sem vê-la. Desde que vira a sombra de Miriam, enchera-se de temor e ansiava por ter Dinah afastada de sua casa, certa que a presença desta atraía desgraças a ela e ao filho. Porém, temendo no aparição do espírito de Miriam, deixava Dinah em paz. Exigia apenas que ela se casasse o mais breve possível com Mehujael.

Em sua solidão, apenas Methusael que, a par do que acontecera no leito de morte de Rehú, desaprovava a atitude de Tidal que obrigava a irmã a casar-se com Mehujael, embora este fosse seu filho, vez ou outra visitava a infeliz filha de Miriam, consolando-a com palavras sábias e ponderadas, que balsamizavam a dor do coração de Dinah, mas não a curavam...

Foram esses, Leitor, os acontecimentos que antecederam a vinda de Javan a Enoch.

## 66

Continuemos...

Methusael caminhava apressado pelas ruas de Enoch, ansioso por ir ter com Dinah. Queria participar-lhe o estado de Javan e, se possível, levá-la à sua casa. Desde que salvara o jovem sethita de ser imolado a Baal, que não via a filha de Miriam, preso que estivera, todo esse tempo, junto do leito do enfermo. Sentia que só a presença de Dinah talvez fizesse o milagre de salvar o nobre filho das planícies. Javan lhe inspirava respeito e singular afeto. Era como se o conhecesse há anos, como se eles consanguíneos os unissem. Irresistível atração impelia-o a proteger aquele que conquistara o coração da noiva do filho, do seu único filho. Estranho... Por que? Que eles eram esses que o forçavam a agir assim? Tudo em Javan agradava-lhe à alma... O contrário do que acontecia com Mehujael... E este era o seu filho... único filho...

Methusael não conseguia desvendar aquele mistério que lhe perturbava a mente.

\*\*\*

Em pleno entardecer deste século XX, quantas almas não sofrem ainda esses mesmos conflitos? Ignoram elas, como ignorava Methusael, que uma vida é, tão somente, uma página da imensa enciclopédia de todo o existir de um Espírito.

A Terra é um ponto de reencontros d'almas. Por ela transitam afetos e desafetos, vítimas e algozes. Situados no mesmo lar, abrigam-se quantas vezes os mais ferrenhos inimigos do pretérito, impelidos pelas Forças harmoniosas que anseiam por Paz e União nos corações.

Quando deparamos com estranhas antipatias que a vida atual não explica, lembremos que esses seres que nos repugnam são Almas que vêm a nós através dos tempos, conduzidas pela Mão da Misericórdia divina, proporcionando-nos a oportunidade de reconciliarmo-nos com aqueles por quem sentimos ingênita aversão.

Provemos o progresso e evolução dos sentimentos, amando até mesmo as pedras que encontramos nos caminhos da Vida.

\*\*\*

À passagem de Methusael, as crianças acorriam, respeitosas, para oscular-lhe as veneráveis mãos. No entanto, tão apressado ia ele que não se detinha sequer para afagá-las como era seu costume.

Os homens e as mulheres curvavam-se ante a sua figura patriarcal.

Methusael era a única personalidade em Enoch venerada pelo povo e por seus dirigentes. Até mesmo a classe sacerdotal não ousava ir de encontro à sua vontade.

Fora mestre de Tidal, e embora o discípulo não soubesse corresponder a sabedoria do mestre, respeitava-o e ai de quem ousasse menosprezar a Methusael! Tidal o castigaria impiedosamente. Entretanto, o patriarca era venerado por todos, não por temerem ao filho de Rehú, mas por sua santidade. As virtudes de sua Alma escudavam-no de todo o mal.

Graças ao poder que uma existência de pureza e retidão lhe outorgava, afrontava ele a ira dos sacerdotes de Moloch e Baal, subtraindo-lhes muitas vítimas humanas, em seus sacrifícios de sangue.

E como os deuses não o castigavam (os padres não o ousariam jamais...) como soíam fazer com todo o profanador dos seus templos, acreditavam os bonzos “prudentemente que o patriarca, por ser homem santo, assim agia como instrumento da vontade divina. E propalavam que a vítima salva por Methusael, era indigna de ser sacrificada aos deuses, por isso o patriarca a arrancara ao altar...

No entanto, a bem da verdade acrescentamos, o ancião cainita não era contra holocaustos. Achava mesmo que nenhuma imolação devia ser poupada ao Altíssimo, ao Senhor de todos os deuses, único Deus adorado por ele. E se necessária uma oblata de sangue como sinal de amor ou gratidão ao Senhor, esta deveria ser feita.

Porém, o que revoltava a Alma de Methusael, espírito já relativamente evolvido para o seu tempo, era o abuso e a inversão do holocausto. “O sangue, quando necessário, devia ser ofertado à Divindade e não bebido pelos homens... Este costume — dizia ele — era abominável ao Senhor.”

Entretanto, “este costume abominável” permaneceria pelos séculos porvindouros em demoníacos rituais. Assim como o próprio sacrifício humano, como o encarava Methusael, seria praticado algumas vezes por certos patriarcas de após Dilúvio, que o fariam barbaramente em nome desse Deus que, no Sinai, diria nas Taboas da Lei, em Sua primeira Revelação à Humanidade: “Não matarás!”

\*

Nesses dias pré-diluvianos que memoriamos, o gênero humano, quase todo, era excesso carnal.

Excedia-se na gula, na embriaguez e na sensualidade. Toda a Terra estava corrompida. A mocidade distinguia-se pela rebelião aos pais, avidez de diversões e gozos sensuais; os progenitores, pela soberba, avareza, maledicência, pela hipocrisia e traição, por toda espécie de crime.

Esses excessos, rebeldias, sensualismo e crimes, sempre foram os sintomas da degradação de um povo, ou de uma época, Ontem e Hoje.

Ontem, vozes isoladas clamavam contra tão dolorosa situação, ela porém, continuaria por muito tempo, até que a Terra despertasse desse sono letárgico — sono da embriaguez de todos os vícios — para o expurgo coletivo a que seria convocada. Hoje, Jesus, através da exemplificação evangélica, a convoca para a Glória do seu Reino.

## 67

Chegando à casa de Tidal, Methusael fez anunciar-se a Dinah.

A filha de Rehú recebeu o ancião em seus aposentos. Mal os seus formosos olhos pousaram no rosto preocupado do patriarca, percebeu que algo de grave o conduzira até a ela.

— Filha, — disse Methusael, — trago-te tristes notícias...

— Já não me surpreendem, pai... Falai sem temor: quais são elas?

— Javan encontra-se em Enoch...

— Em Enoch!? — interrompeu ela, aturdida, sem crer nos próprios ouvidos.

— Sim... sob o meu teto, Dinah...

— Deuses! E se Mehujael retorna?... que há de ser de Javan e de mim?

— Sossega, filha. Meu filho ausentou-se por , muito tempo. Não sabes que Tidal iniciou a conquista das planícies? Acalma-te, pois...

— Sim... sei. E não compreendo, estando o seu povo correndo perigo, possa encontrar-se Javan aqui, ele que é arqueiro-chefe de sua tribo.

— Javan, Dinah, ignora que Rehú já não existe, — disse o ancião, cauteloso.

— Ignora?... Compreendo ainda menos! Quem em Enoch ignora a morte de meu pai? Ninguém. Forçosamente, Javan, estando aqui, deve sabê-lo...

— Minha filha, deixa-me dizer-te como encontrei Javan. Ouve.

E Methusael relatou a Dinah o que nós já sabemos. A jovem não continha o pranto à proporção que ele falava.

— E agora, — concluía o ancião, — ele está quase agonizante. Tudo já fiz para salvá-lo. Temo que Javan venha a morrer...

— Morrer? Ele? Oh! não... Os deuses não consentirão! — exclamou Dinah, quase num grito. Abundantes lágrimas banhavam-lhe o lindo rosto.

Juntando as mãos, suplicou ela: — Preciso vê-lo, Methusael. Levai-me a ele...

— Vim mesmo buscar-te, Dinah. Mas tens que ir à minha casa, escondida de todos, por causa do luto. Talvez possas fazê-lo...

Methusael não queria revelar à jovem que conhecia, por Javan, o segredo do túnel. Mas o seu olhar era muito eloquente, e Dinah o compreendeu bem.

— Ide esperar-me, pai, na Pedra de Enoch, junto à Oliveira Sagrada. Irei ter lá disfarçada em serva.

— Sê cautelosa. Corres perigo, se fores reconhecida. Envolve bem o teu rosto num véu espesso... Mas não tardes, filha.

— Ó, não tardarei a ir encontrar-vos... Se pudesse, voaria...

— Que o Senhor te proteja!

Quando o ancião se retirou, Dinah chamou Myra. Para espanto da fiel serva que acorrera a atendê-la, ordenou: — Troquemos de roupa... Não fales... Não posso perder tempo com explicações. Apressa-te! Assim... Ficarás aqui em meu quarto. Preciso ir ter ao jardim. Mas quero ir só, compreendes? Devo demorar-me... Não saias daqui até a minha volta.

— E se Zila procurar-te, senhora? — perguntou a serva temerosa.

— Dize-lhe que estou orando. Ela não ousa aproximar-se quando estou em prece... Teme a sombra de minha mãe. Mas não te afastes deste quarto, — disse Dinah, já pronta. Aguarda-me aqui, Myra.

Dinah dirigiu-se ao jardim.

— Sombra de minha mãe, — murmurou ela, — protege-me.

O jardim estava deserto àquela hora. Com o coração em sobressaltos, penetrou na gruta. Intimamente orou ao Deus de Seth. Sentia-se atemorizada... Jamais passara pela saída oculta. Com mão trêmula, afastou a pedra que escondia a entrada do túnel e, dominando o medo, dirigiu-se através da escura passagem ao encontro de Methusael.

Javan arfava na opressão da febre intensa. Vez ou outra seus lábios murmuravam imperceptivelmente o nome de Dinah.

A serva, ao lado dele, temia que o patriarca não retomasse em tempo de assistir à morte do hóspede. Penalizada, orava aos deuses de sua devoção, suplicando-lhes que salvassem o pobre moço. Parecia-lhe que o tempo não passava, tão assustada estava. Só sossegou quando Methusala penetrou no quarto, acompanhado de uma mulher. A um gesto do ancião, a boa serva afastou-se para o cômodo vizinho.

Quando a sós, sem conter a ansiedade, descobrindo o rosto, Dinah aproximou-se do leito do enfermo... Ah! como estava mudado o seu querido amor!... Angustiada, segurou-lhe a mão que abrasava. Àquele contato tão terno, Javan abriu os olhos com esforço e os fixou no belo rosto que se curvava sobre ele, numa aflição imensa. Os olhos dele pareciam parados, sem vida... Porém, como se a reconhecesse, os lábios dele, movendo-se lentamente, murmuraram: — Dinah...

— Javan, estou aqui... Não me reconheces?

O meu irmão, alheado, cerrou os olhos e imergiu no estado de letargia em que se achava horas antes, indiferente à voz da amada.

Dinah, sem dominar o desespero, caiu em pranto convulsivo. Ao seu lado, Methusael preparava uma poção com sucos de ervas, animando-a: — Não chores... ele pode ouvir-te e piorar. Não desesperes... Javan é forte... Qualquer outro há muito teria sucumbido... Nem tudo está perdido. Noto-lhe uma pequena melhora. Pede ao Senhor, filha. Ora, Ele sempre ouve os aflitos...

— Nenhum deus me ouvirá... Pequei... Não soube ser fiel ao vosso filho, Methusael, e os deuses me castigam... Por vós, pai, devia renunciar a Javan e não o fiz... Ofendi aos deuses... Maldita sou...

— Não fales assim diante de um enfermo, repreendeu o ancião. Ora ao Senhor, filha...

Dinah deixou-se cair de joelhos, junto ao leito. As suas lágrimas umedeciam a fronte abrasada de Javan, refrescando-a. Curvada sobre ele, a jovem falava como se delirasse, também: — Não morras... espera por mim...

Não me amas, Javan? Como queres deixar-me, então? Sou eu quem te fala, a tua estrela... lembras-te? Sou eu... Dinah... Oh! deuses... ele não me ouviu!...

E Dinah deitou a cabeça sobre o peito do enfermo, num desfalecimento.

Methusael ia adiantando-se para afastá-la, quando percebeu que Javan abria os olhos novamente e os fitava no rosto inânime de Dinah... Uma luz de compreensão fulgia neles... Intrigados, surpresos, interrogadores, os olhos do enfermo buscaram os de Methusael. O ancião, em suspenso, murmurou-lhe, ansioso: — Não te assustes. Estás doente. E ela, Dinah, veio ver-te...

A sombra de um sorriso tremeu nos lábios de Javan. Com esforço, ergueu a mão e pousou-a sobre a cabeça de Dinah, como se quisesse reanimá-la. A jovem sentiu-lhe o gesto, voltando a si. De lábios entreabertos, parecia não acreditar nos próprios olhos... Não estaria delirando? Javan retornava realmente à vida? O olhar do enfermo dizia-lhe que sim... Tomou-lhe as mãos... Já não abrasavam tanto.

— Methusael, não estou sonhando? — perguntou ela incrédula.

— Não, minha filha... as tuas lágrimas salvaram-no. Javan voltou à vida, graças ao Altíssimo.

— Dinah... — murmurou o enfermo.

— Não fales, — pediu o ancião. Toma este medicamento e tenta dormir...

— Sim, Javan, não fales... Dorme... — Suavemente, Dinah lhe acariciava a fronte. Enfraquecido, meu irmão fechou os olhos e adormeceu, sereno. Já não arfava. A sua respiração se normalizara. Passara o perigo. Quanto podem lágrimas de amor!...

Em silêncio, Dinah afastou-se do leito. Necessitava partir. Sentia-se como um cego que recupera a visão: plena de luz!

— Methusael, — disse ela radiando felicidade, — devo-vos a vida... tudo! Que criatura santa que sois. Perdoai-me esta alegria... Perdoai-me não amar vosso filho, — suplicou ela osculando-lhe a mão.

O patriarca replicou-lhe com mansuetude: — Não fales nisso... O amor não se impõe, Dinah, nasce nas Almas. És também como filha minha. Tua pobre mãe confiou-te a mim em seus últimos instantes. Tua felicidade importa-me muito. Mas não falemos nisso agora. Tens que partir... Conduzir-te-ei até à Pedra de Enoch. Javan vai dormir um sono longo... Ao acordar, explicarei a tua ausência, ele a compreenderá. Vamos, filha...

Dinah cobriu o rosto novamente. Chamando a serva e recomendando-lhe

o enfermo, Methusael conduziu Dinah pelo mesmo caminho que levava à Oliveira Sagrada que se erguia em um ponto recuado da cidade, próximo à residência de Rehú, a alguns metros além das fortificações que a protegiam, como já descrevemos.

Ao chegar à Pedra, onde, dizia a tradição, Enoch vira a “shekinah”, a glória visível de Deus, Dinah beijou mais uma vez as mãos de Methusael; beijou-as com essa humildade que a satisfação íntima dá às Almas quando felizes. Agora Dinah já não temia passar pelo escuro e apertado túnel, cuja entrada a Pedra Sagrada ocultava. Nenhum temor a inquietava. Vira Javan e Javan era a sua coragem, a sua vida, a plenitude de todos os seus sonhos, a felicidade.

## 69

A saúde, quando retorna aos corpos jovens, é como folhagem após o inverno: vem rapidamente. Javan recuperava-se dia a dia, graças aos cuidados de Methusael e à sua resistência física.

À proporção que ele se fortalecia, o ancião, aos poucos, ia pondo-o a par de tudo que lhe sucedera. Assim, soube como quase fora sacrificado a Baal. Por sua vez, Javan falou ao patriarca da razão de seu retorno a Enoch: — O amor que sinto por Dinah é maior que a minha coragem. Não pude resistir a ele por mais tempo e vim tentar o impossível. Devias deixar que me sacrificassem... Sou indigno da tua amizade, venerável Methusael.

— Não posso julgar-te assim. Rehú desobrigou Dinah do compromisso que a prendia a meu filho.

— Como? Por que?! Oh! não me tortures, Methusael...

— Não te estou, torturando. Dinah é livre, apesar de Tidal não a considerar assim ...

— Dinah... livre? É verdade? Não estou sendo desleal a ti, a ninguém, amando-a?

— Não... Mas sossega, não te agites, peço-te por Dinah e por ti... ainda estás muito fraco... Tem paciência, filho. Amanhã conversaremos melhor...

Aguardando o completo restabelecimento do hóspede, Methusael adiava falar-lhe da morte de Rehú, certo que Javan, mesmo em perigo de vida, iria em

socorro dos seus, sabendo-os ameaçados por Tidal.

A convivência com o filho de Milcah, aumentara-lhe a estima por ele. A alma franca de Javan que se refletia no negro olhar, conquistara por inteiro o coração de Methusael.

Pensando em Javan, monologava ele: — Ai, quem dera que todos os jovens de Enoch fossem como o sethita, tão sóbrio e verdadeiro... Corajoso, dessa coragem de ações nobres e altruísticas, sinto nele o varão temente a Deus, capaz das mais belas atitudes... Como se diferencia de Tidal e de meu filho, tão arrogantes e prepotentes...

\*

Assim passaram os dias. E naquela manhã, mal o Sol deixara o leito da Noite, o meu irmão, sentindo-se disposto e cheio de vida, após tomar o primeiro repasto, composto de pão, leite de cabra, algumas frutas da região e um pedaço de carne esfumaçada, que lhe preparara a boa mulher que o assistira como enfermeira, dirigira-se ao pátio da casa que o hospedava e, aí, passeando sob as árvores, respirava, deliciado, o ar ainda úmido de orvalho.

O “flamboyant”, em florações rubras, coloria a paisagem alegrando a manhã.

Das casas vizinhas chegavam leves rumores de lida doméstica.

Havia no ar — onde aves gorjeando vojavam em sarabandas irrequietas — cheiro de limoeiros em flor. Mulheres passavam sobraçando bilhas em demanda dos rios e fontes. Algumas caminhavam cantando.

Mais além, o templo de Baal, talhado em pedra, abrigava em seu cimo quadrangular alguns corvos, atraídos certamente pelo cheiro acre de sangue que o impregnava... Vez ou outra alçavam voo e ficavam a voitar pelo espaço em grandes círculos; depois, como cansados, retornavam a pousar sobre o templo. Negros como eram, pareciam a sombra da morte, — pensou o jovem, afastando o olhar, repugnado.

Aquele espetáculo entristeceu a Javan, esfriando-lhe um pouco a boa disposição...

Como acontecera ali quando fora ter em sua primeira estadia em casa de Methusael, sentiu saudades de sua planície e de seu povo. Súbita angústia substituiu-lhe a alegria matinal. A paisagem agora parecia-lhe triste... Foram os corvos, — pensou, voltando à casa. A lembrança do sethita imolado a Baal, surgiu-lhe nítida e brusca. Entristeceu ainda mais. Pensou em Dinah e em Methusael. A amada e o ancião pareciam-lhe dois lírios nascidos em pestilento

pântano...

Eram estranhos os filhos dos homens, os cainitas... Sabiam com os seus engenhos trabalhar a pedra, erguer cidades com belos jardins e praças. Tinham leis e governo mais adiantados que os povos da planície, que viviam sob regime patriarcal. Cultivavam a terra e irrigavam-na com os seus engenhos. Cozinham o barro transformando-o em ânforas e outras utilidades. Eram industriosos e inteligentes, porém quão bárbaros em sentimentos e costumes pervertidos! — pensava Javan. E saber que o seu povo, os filhos de Deus, estava corrompendo-se em contato com eles. Os vícios dos cainitas já impregnavam as planícies, como o sangue, o templo de Baal...

— Aonde vais? — a voz de Methusael veio despertá-lo de seus pensamentos. Javan parou, estremeando, como quem recebe um jato d'água fria.

— Buscava-te. Preciso falar-te, Methusael...

— Eu também a ti, Javan. Vamos à sala onde costumo repousar.

No espaçoso aposento, quando confortavelmente sentados, Javan, sem usar de preâmbulos, disse: — Venerável Methusael, sinto-me forte, graças aos teus cuidados e “medicina”. Por ti, se pedires, renunciarei a tudo, até mesmo a Dinah, e far-me-ei teu escravo. Orienta-me, pois, no que te convém e não a mim... Juro obedecer-te.

— És meu hóspede e não meu escravo. Fala, confiante, sou amigo teu e de Dinah...

— Sou teu escravo — repetiu o moço. Depois de pequena pausa, continuou: Já sabes a que propósito vim a Enoch. Ignorava que Dinah fosse livre. Vim resolvido a suplicar a Rehú que me tomasse como servo, contanto que me concedesse a filha como esposa... Sonho impossível, sabia, mas que o meu coração enamorado não cansava de acalentar, em loucas esperanças. Há dias ouvi de ti que Dinah está livre... Desde então, sinto-me transportado às planícies divinas... É verdade que posso tentar o impossível? Não ouvi mal?

— Sim e não, meu filho...

— Como? Rehú não me atenderá aos anseios? Sei, Methusael, que ele também amou alguém que não pertencia à sua raça... Há de compreender, ser indulgente, lembrando-se da sethita Míriam, a quem tanto quis...

— Rehú já não poderá ouvir-te os anseios...

— Por que? — perguntou meu irmão, atônito.

— Porque Rehú não existe mais, morreu...

— Morreu?! — exclamou Javan num ímpeto, levantando-se. Era todo ele perplexidade e horror. Sentia-se como alguém golpeado de inopino. Pensamentos contraditórios lutavam em sua mente. Via a sua planície, indefesa, devastada por feras famélicas... A sua tribo, como ovelha mansa, devorada por uma hiena — Tidal... Àquele nome, surgia-lhe à lembrança a figura de Dinah, linda e amorável... Os lábios da virgem murmuravam-lhe tentadores: — Não partas, peço-te... Esquece o teu povo... Fica comigo...

A sua planície... E a voz de Dinah: Fica, Javan, fica... O seu povo... Sua mãe... Débora... Sara... E as crianças? Que seriam das crianças de Seth sob o tacão daqueles bárbaros? Precisava partir... Ir ao encontro de Methusala.

Com voz enrouquecida, perguntou, aturdido pela avalanche de pensamentos que lhe martelava o cérebro: — Quando morreu Rehú?

— Há quatro plenilúnios, antes de chegares a Enoch...

— Tanto tempo assim? E eu longe de minha tribo... Maldito seja!

— Acalma-te, filho. Senta-te. A exaltação não é boa conselheira...

Javan deixou-se cair sobre uma tripeça, escondendo o rosto entre as mãos. Sentia-se desesperado. Rehú vivo, garantia a paz à tribo de Methusala; morto, era a guerra com todos os seus horrores e misérias... E saber isso somente agora, quando talvez o seu povo já estivesse destruído... Precisava partir para morrer com os seus, ou para vingá-los...

Ergueu a cabeça, resoluto. Os olhos de Javan brilhavam, refletindo força e coragem. Era todo ele decisão. A imagem de Dinah esvaíra-se ante a responsabilidade e o dever.

Novamente de pé, inquiriu com estranheza, mas livre de desconfiança. Era o chefe dos arqueiros de Methusala quem falava agora: — Por que somente hoje me revelaste a morte de Rehú? Não sabias que essa morte poria fim à trégua que reinava entre o meu povo e o teu? Por que me ocultaste?

Sentindo-lhe a reprovação, respondeu o patriarca sem desfitar-lhe os olhos: Você — Estavas doente. Enfermo, nada poderias fazer por teu povo. Perdoa-me se errei... —E levantando-se, também, continuou em tom solene: Não quis prejudicar a tua tribo. Não abrigo em meu velho coração sentimentos fratricidas. Toda gente é minha gente, todo homem, meu irmão. Assim ensinou-me a ciência de Enoch que me foi transmitida de geração em geração. Abomino a guerra tanto quanto o patriarca Methusala. Há muito tempo, ele, Rehú e eu nos encontramos em certo ponto, próximo ao lugar onde se realiza a grande feira anual. Firmamos então ali a paz entre o teu povo

e o nosso. Entretanto, nós, os de Enoch, não soubemos cumprir a palavra dada. Tidal, aos poucos, invadiu as planícies.

Muita tribo tem ele dizimado. Só não ousava atacar a tua gente, em respeito a Rehú... Sei que o tens repellido muitas vezes, indo em defesa de teus irmãos de raça. Teu nome, como guerreiro, é temido pelas hostes dos filhos dos homens. Julgava-te igual a Tidal e a meu filho... Enganei-me. Tu não matas por prazer, mas em defesa dos teus e daqueles mais fracos. És varão nobre e valente... Admiro-te, Javan, filho de Japhet. O teu braço forte arma-se contra a prepotência e em nome da Justiça. És um soldado de Deus. O Senhor dos Exércitos escuda a tua existência. Foi Ele quem te salvou de Baal, compreendo agora. Infeliz do meu povo se combater contra ti... Porque és um justiceiro, não um exterminador.

Javan ouvia-lhe as palavras que ecoavam proféticas.

Comovido e respeitoso, quando o ancião concluiu, disselhe ele: — Feliz do homem que te teve como pai! Feliz do povo que pode ouvir-te os sábios conselhos. Vou partir, venerável Methusael, mas parto quase feliz, porque tive a ventura de conhecer-te.

— Partes sem rever Dinah? Sem lhe dizer adeus? — estranhou o ancião.

— Sim. Dize-lhe que a amo, mas que o dever me impele para longe dos olhos dela. Se sobreviver, voltarei... A despedida ser-me-ia dolorosa... roubar-me-ia as forças. Preciso partir sem vê-la, sem lhe dizer adeus.

— Compreendo, filho, Dinah há de compreender, também. Ela aguardará o teu retomo, amando-te sempre; conheço-a bem... Mas se não voltares, como saberemos?

— Vês este anel? Já o conheces... Àquele que dele for portador, deves dar ouvido ao que vier dizer-te. Será o mensageiro da minha vida, ou da minha morte. Agora, preciso partir... longa é a jornada a vencer.

— Não te retenho mais. Parte! No pátio encontrarás cavalos à tua disposição. Escolhe os que necessitares...

— Bastam-me dois...

Após preparar-se, rapidamente, para seguir caminho, Javan, conduzido por Methusael, foi ter ao pátio, onde encontrou dois cavalos equipados com o necessário para a viagem.

Antes de montar, o meu irmão saudou o patriarca, despedindo-se: — És o melhor dos homens. Hei de lembrar-te até o meu último instante. Sagrados ser-me-eis tu e os de tua descendência. *Vive no Senhor por muito tempo! Adeus...*

*E montando, Javan partiu. Methusael acompanhou-lhe o vulto até vê-lo desaparecer ao longe. O ancião, emocionado, tinha os olhos cheios de pranto.*

— Adonay o proteja... — murmurou intimamente.

Depois, foi ter com Dinah, a quem transmitiu as palavras de Javan.

Imersa em dor, a filha de Rehú sentiu que caía em um vácuo de desesperanças... Julgou-se abandonada novamente pelos deuses. Fora-se a sua coragem, toda a alegria. A felicidade parecia-lhe distante e inacessível... Chorava presa de incerteza e de saudade.

— Não chores, — pediu Methusael, — Javan voltará...

— Ornando? — inquiriu ela tristemente, — quando?

\*

Pelo caminho, distanciando-se de Enoch, Javan perguntava, também: — Quando te verei, Dinah, quando?

Enquanto o meu irmão se encontrava em Ehoch, as pacíficas tribos de Seth sofriam os horrores de dias tenebrosos.

As hordas de Tidal, chefiadas por desumanos guerrilheiros, impregnava as planícies do odor da morte.

Dos escombros das aldeias queimadas subiam fumaças em mistura com o fétido das carniças dos corpos de homens e animais mortos.

A terra, onde antes se aspirava o hálito das verdes pastagens, tresandava a sangue e putrefação.

Pelas “restingas”<sup>{26}</sup> fugiam, amedrontados, crianças, mulheres e velhos, carregando nos braços esqueléticos, o sobejo das ruínas de seus lares.

Sobre as pedras e dólmens<sup>{27}</sup>, das folhagens das palmeiras, abutres e corvos alongavam os pescoços, regalados e fartos, enquanto nos destroços dos redis, chacais uivavam saciados.

Os guerreiros de Tidal, convergindo todos para as cobiçadas terras às margens do Eufrates, transformavam a opulência das planícies em desolado e árido deserto; planícies antes tão plenas de alegria, vivendo a sua pacata gente existência tranquila e serena como canção de ninar.

Em nossa tribo, a desolação fizera morada...

Os ventos maus da guerra que, Ontem e Hoje, originam-se das almas jungidas à ambição e egoísmo desmedidos, varreram o sorriso dos lábios sethitas, agora sempre silenciosos, contraídos pelo desânimo e temor.

Do interior das tendas não vinha mais o terno musical das cantilenas das mulheres; fora substituído por choros e lamentos de órfãos e viúvas.

Methusala, após consultar os sábios anciãos, confiara o comando dos guerreiros de nossa tribo a Togarmah, varão forte e valente, filho de Haran, um dos doze anciãos do Conselho.

Togarmah, se não era tão destro e destemido como Javan, era, depois deste, tido como o mais hábil de nossos guerreiros.

Unidos aos valentes de outras tribos descendentes de Seth, os comandados de Togarmah, armados de fundas, lanças, arcos e setas, davam combate às indomáveis milícias de Tidal, que manejavam, além das armas

citadas, machados e gládios, fundidos nas inúmeras forjas de Enoch. Esses terríveis machados e gládios desfalcavam, dia a dia, as nossas hostes, inexoravelmente. Eram eles usados por mãos experientes, habituadas à rudeza das lutas, desde infantes ainda... O contrário de nossa gente, os Filhos de Deus, pacíficos por índole e costumes, afeitos à paz das planícies e respeito às terras alheias.

Os nossos inimigos pareciam numerosos como formigas em correições.

Estavam em toda a parte, dissociando as reservas defensivas dos sethitas, levando a eles morte e desespero, desorientando assim os homens que tinham os múnus de chefia. Sentiam estes a superioridade numérica e técnica dos cainitas.

Dos nossos varões, bem poucos mereciam o título de valente; não eram orientados para guerras e conquistas. E não esqueçamos de salientar que, por esse tempo, já se fazia sentir perceptivelmente, nos chamados Filhos de Deus, os efeitos naturais à degradação ética, degradação esta que os desvirilizava pouco a pouco, provinda — diz Gênesis — do contato com os filhos dos homens, mas — a bem da verdade — pelo abuso do livre arbítrio em sermos bons ou maus.

Porque ninguém erra por culpa deste ou daquele. Apenas uns erram por inexperiência e fraqueza anímicas — os erros destes são quase inofensivos à coletividade, que sofre as consequências advindas desses deslizes, minimamente, tão só prejudicando eles aos próprios faltosos, por lhes atrasar o evoluir; outros, orgulhosos, cruéis e rebeldes, erram por vontade, cômnicos do Mal — são estes os criminosos Espíritos que se obstinam em ser pedras nos caminhos evolutivos da Humanidade terrestre, apesar da Voz divina que os vem esclarecendo e convidando para os Banquetes do Senhor, desde que o primeiro homem falou em nome de Deus, baseando as inspiradas palavras com sólidos exemplos, desinteressados, de amor simples e puro.

\*

De índole pacífica por natureza, e já alguns precocemente envelhecidos e gastos pelos vícios, lutávamos em acentuada desvantagem com os Filhos dos Homens que, não obstante a corrupção nata, eram entretanto de temperamento belicoso, plasmados desde o berço para os combates e conquistas. A degradação própria não lhes amolentava o caráter, como a lama dos pântanos não rouba a ferocidade dos répteis hidrosáurios podendo contudo intoxicar, com sua pestilência, àqueles que dela se aproximarem.

Assim, quase sempre éramos vencidos em todos os combates travados.

A carnificina em nossas hostes e nas das tribos unidas a nós, estava sendo sistemática e terrível! Aflitos, os anciãos sethitas ofereciam holocaustos ao Senhor dos Exércitos, implorando-Lhe misericórdia.

Porém, parecia que o Deus de Seth nos abandonara à ferocidade destruidora de Tidal... Cada dia as nossas perdas eram maiores.

Methusala sofria mais que todos as desgraças que infortunavam a nossa tribo. Os seus ombros, antes eretos, estavam curvados ao peso das angustias e responsabilidades. Quase não se alimentava, apesar da insistência da esposa e dos filhos. Vivia ele em constantes vigílias, pouco dormindo. Não revelava a ninguém, mas a ausência de Javan aumentava-lhe os sofrimentos.

Lamech, por ordem do pai, enviara novos mensageiros em busca do amigo. Estes mensageiros, também, não chegaram a Javan... Denunciados por mim, foram mortos como Jared, pelos batedores de Tidal, com quem eu estava em contato, indo ter com eles às ocultas, na calada da noite, como animal rapace.

Meu alforje já não continha mais, em seus bolsos, o bom ouro de Havila e preciosas pedras, frutos de minha traição. Guardava-os avaramente, para com eles dotar Débora, quando minha. Sim, porque apossar-me dela era o meu constante desejo. Por essa posse vendera-me ao inimigo, traíra o meu povo e, quando possível, mataria Javan.

Há muito traçara um plano e haveria de executá-lo friamente. Entrosado a este plano, estava o propósito firme de apoderar-me do misterioso anel que meu irmão portava sempre no dedo anular.

Em meu vezo de ouvir às ocultas, surpreendera Lamech falando certa noite à esposa, sobre as estranhas propriedades do anel que Javan comprara ao mercador ruta, na última feira anual.

Fui todo ouvidos quando ele dizia a Ruth, que o escutava em silêncio como convinha à sua dignidade de mulher de um futuro chefe de tribo, do primogênito de Methusala: — Desconfio, Ruth, que o outro anel se encontra no dedo daquela que Javan tanto ama...

Assim, forçando o acaso, o segredo de meu irmão, aos poucos, ia sendo assenhorado por mim. Planejei apossar-me dos dois anéis, porque um sem o outro não tinha poder nenhum. Sonhava vê-los fulgindo na minha e na linda mão de Débora. Então, presa da magia que envolvia a joia, Débora haveria de amar-me... Eu seria seu senhor e dono.

Naquele tempo, se em alguma coisa acreditasse, seria no poder das magias e sortilégios. De posse dos anéis, tinha como certo o coração de Débora.

\*

Cria tanto em bruxedos que, certa vez, fui consultar, para fins escusos, um feiticeiro macróbio que vivia em uma gruta, próxima às terras de Kush, onde habitavam os homens negros, em suas grandes florestas.

Esse servo de Marduk, como o povo o apelidava, pressagiava os destinos olhando as entranhas inda quentes de vida de um sapo, morto diante do consulente.

O aspecto do bruxo apavoraria a qualquer um, menos a mim, já acostumado com a asquerosidade e grosseria de meu próprio ser.

Quando penetrei em seu antro cheio de teias de aranha e de grandes morcegos que pendiam do teto carcomido da gruta, fixou-me com os pequeninos olhos que apareciam, remelentos, sob espessas sobrelanceiras de cabelos grossos, como o resto dos pelos que lhe cobriam quase por inteiro o rosto enrugado e escuro, contrastando com a cabeça completamente desnuda, sem um fio sequer. O nariz, curvado e longo, pendia sobre a boca de lábios fendidos, onde, perfurando-os, via-se apenas um dente grande e negro. A carne dos membros ossudos, magra e flácida, estava presa da esclerodermia<sup>{28}</sup> própria da idade. Abrigava o miserável corpo em mal curtida pele de carneiro, de onde se exalava um fétido que impregnava toda a gruta, nauseando-me o estômago.

Depois de examinar demoradamente a minha pessoa, estendeu a descarnada mão em que as veias pareciam grossos cipós, exigindo-me, adiantada, a paga dos augúrios.

Meu aspecto certamente não lhe inspirava confiança, ou, quem sabe, se ele não sabia ver, através da carne, as negruras que o meu coração obumbravam... Paguei a consulta com duas pequenas pepitas de ouro, como era estipulado.

Ao sacrificar o sapo, diante dos meus olhos, após perscrutar atentamente as entranhas do animal, disse-me de maneira soturna, devolvendo-me as pepitas, e apontando-me, com um gesto de horror, a saída: — A maldição de Caím pesa sobre a tua cabeça! Afasta-te! ...

Não ousei desobedecer-lhe e deixei a gruta, respeitando mais ainda os

feiticeiros, julgando-os pactuados com toda espécie de demônios, em satânicos “sabats”.<sup>{29}</sup>

\*

Quando a notícia da morte de Rehú se propalou por toda a planície, de oriente a ocidente, os nossos anciãos ficaram ainda mais preocupados com o destino futuro de nossa tribo.

Methusala compreendeu, então, porque Tidal ousara invadir-lhe as pastagens, rompendo a trégua de tantos anos que reinava entre o seu e o povo dele. Morrera Rehú, o poder que o detivera até então, obstando os seus tão conhecidos propósitos de conquistar as terras fertilizadas pelo Eufrates.

O nosso patriarca, todavia, não desanimava e confiante no Deus de seus antepassados, não duvidava da vitória.

Leah, sua esposa, continuava na deliberação de unir Javan à filha, ou de desgraçá-lo, caso não o conseguisse. Ia sempre ter com Milcah, nossa mãe, esperançosa que esta lhe dissesse onde se encontrava o filho.

Alquebrada pelas preocupações que a guerra trouxera a toda a tribo e, ainda mais, sobrecarregada com o peso das próprias angústias que a ausência de Javan lhe causava, minha mãe emagrecera e definhava como se grave doença a houvera acometido. As constantes visitas da irmã enervavam-na, porque não conseguia Milcah convencê-la que tanto ou mais que Leah, desejava ela saber o destino do filho.

Débora, também, parecia ave que perdera o ninho... Desde que Javan partira, fenecera a flor do sorriso em seus polpudos lábios. Entristecida, ajudava as demais mulheres nos trabalhos de tecelagem em que se diligenciavam noite e dia, para que não faltasse roupa aos nossos homens em luta, ao desabrigo pelas planícies.

Não retinha Débora o pranto da saudade mesmo diante das companheiras, que o tomavam como sendo derramado pelos mortos na guerra. Assim, choravam também, e lágrimas umedeciam os fios têxteis e como que estes se amaciavam mais ainda em suas mãos... Fazendo-nos pensar que até as coisas inanimadas sensibilizam-se ante lágrimas de corações femininos puros.

Entretanto, o pranto de Débora tornava-me irado, e aumentava-me o ódio contra Javan.

Estava sempre em contato com a tribo, porque o meu posto, na luta, era

de ligação entre os anciãos e Togarmah, transmitindo a estas orientações, e trazendo ao Conselho as notícias, sempre tristes, dos campos de batalha.

## 71

A guerra é o maior mal causado pelo homem ao próprio homem. Depois dela vêm sempre a peste, a fome, loucuras, e inúmeros outros flagelos terríveis que assolam a Terra, como a prostituição, a cocainomania, a embriaguez, o roubo, a mendicância... Misérias e misérias que destroem ou aviltam os humanos enfarados da guerra.

E sabemos que — quando a Ciência marcha em demanda sempre de maiores conquistas nos campos das pesquisas, mostrando-nos que o Progresso do Homem não estaciona, é contínuo; quando os sábios, descobrindo as leis da Natureza, se deparam com a Grandiosidade divina, sentindo eles nessas leis a Mente do Magistrado Universal; quando, estudando a constituição íntima do átomo, chegam até à sua desintegração; quando se manifesta ao mundo a revelação científica mais extraordinária de todos os tempos: o emprego da energia atômica; quando sábios espíritos como Ernesto Rutherford, após persistentes pesquisas, desintegram o átomo de nitrogênio; Otto Hahn demonstra a divisão do átomo de urânio, daí resultando bário, e Lisa Meitner interpreta a realização de Hahn como a fissuração do núcleo de urânio em um núcleo de criptônio e outro de bário; quando Pierre e Marie Curie ensinam o homem a dar o primeiro passo para aproveitamento benéfico da força atômica, descobrindo o rádio que seria aplicado na cura do câncer; e Juliot e a esposa Irene Curie artificialmente radioativam o alumínio, o boro e o magnésio; quando Cockcroft e Walter dividem o átomo de lítio em dois átomos de hélio, e James Chadwick revela a existência do nêutron; e Lawrence — o inventor do ciclotron — executa o trabalho experimental do método eletromagnético, para acelerar artificialmente partículas empregadas em reações nucleares; e quando, também, Alberto Einstein assombra a Terra com a teoria da Relatividade, afirmando que a massa pode converter-se em energia, resumindo a sua ideia nesta equação:  $E=mc^2$ , que lemos: a energia é igual à massa multiplicada pela constante da velocidade da luz (cerca de 300.000 quilômetros por segundo), elevada ao quadrado; e, finalmente, quando o mais

Sábio dos sábios, Jesus, ensinou há quase dois mil anos, na cátedra do Sermão da Montanha e em todas as Suas palavras e atos, onde estava a Felicidade, mostrando-a, não em complicadas equações, mas em uma simples frase em que aconselhou “amarmo-nos uns aos outros como a nós próprios” — ainda hoje, neste maravilhoso século XX, em que o Homem domina o ar, a terra e o mar, atingindo velocidades supersônicas jamais concebidas e que tendem sempre a maiores avanços; quando a mecânica inventiva supera todos os engenhos imaginados nos tempos pretéritos, e o Radar<sup>{30}</sup>, penetrando a ionosfera, conduz à Terra o eco radial dos corpos do espaço; e o desenvolvimento contínuo das ciências biológicas traz sempre novos benefícios à saúde; e os métodos antissépticos e as vacinas; e os complexos vitamínicos, e substâncias como a sulfa, a penicilina; e os “milagres” da Cirurgia; e quando todas as invenções e descobertas humanas demonstram os anseios de bem-estar e prolongamento da vida, dizer-se — repetimos — que ainda hoje, neste século ímpar, os homens se destroem nos campos de combate, com a mesma ou maior ferocidade que a demonstrada pelo homem pré-diluviano...<sup>{31}</sup>

## 72

Continuemos.

Como dizíamos, ocupava eu o posto de ligação com a tribo e os campos de luta.

Tinha eu um prazer satânico em transmitir as tristes novas aos que, ansiosos, vinham ter comigo, mal descarregava o meu alforje, quando volvia da campanha. Vingava-me assim, mesquinamente, daqueles que me desprezavam, preterindo-me a Javan.

Com frases cruéis, frias, sorrindo ironicamente, ia atirando os dardos da minha maldade: — Jacob, — dizia, — vi morrer sob os golpes de um machado cainita o teu primogênito. Labão está morto, escolhe outro noivo, Rebeca. E o teu irmão, Raquel, deixei-o sangrando como cordeiro no matadouro... Tamar, estás viúva: vi, misturados com o pó, os restos de Ruben... Nochar, Basemath, Carah, ide dizer às vossas mães, crianças, que os vossos pais morreram...

Brados de lamentos faziam coro às minhas palavras. Eu era desumano, cruel!

Milcah repreendia-me, entristecida: — Josepho, sê piedoso, filho... Só trazes mensagens ltuosas à tribo... Abranda as tuas palavras. Pareces jubilar com as notícias que trazes... Já temo ver-te chegar, filho...

— Sim, bem sei... Não te alegras em ver-me... No entanto, regozijarias se em vez de mim fosse Javan a chegar...

— Teu irmão, Josepho, jamais fez chorar a alguém propositadamente.

— Não sou culpado da morte dos sethitas, e o meu irmão é um covarde!  
— respondi com ódio, acrescentando: onde está o teu bravo e bom filho, enquanto lutamos? Nos braços de alguma cainita, desconfio... O castrado!

— Cala-te! Bem sabes que tudo quanto dizes não é verdade! Javan ignora a luta... voltará, sei, e nos há de conduzir à vitória. É o mais valente dos nossos varões, bem o sabes, sabem-no todos...

Milcah falava como querendo convencer-se a si própria, como se respondesse aos seus íntimos pensamentos. Compreendendo isso, sorri irônico, dando de ombros, e me afastei.

Porém continuei a dardejar a minha maldade no coração da tribo. Recrudescia o pranto sempre quando me aproximava e isso me exultava...

E os dias passavam soturnos e longos como noites polares, parecendo-nos sem fim.

Os cainhas, quais mensageiros da morte, ceifavam-nos as vidas. Surgiam pela planície a todo o instante, surpreendendo-nos sempre. Costumavam atacar em grandes grupos, em vários setores ao mesmo tempo, em perigosas emboscadas.

Tidal jamais era visto à frente desses grupos; parecia estar com o grosso da sua tropa, aguardando o momento em que viria dar-nos o golpe de misericórdia.

Togarmah e os demais chefes viviam desorientados, confundidos, com o sistema de guerrilhas adotado pelo matreiro inimigo, que se lhes parecia numeroso como gafanhoto em praga...

Certa madrugada, vencido pelo cansaço das constantes vigílias, adormeceu Methusala em sua tenda. Recolhera-se o patriarca quando a luz do alvorecer já acordava os rebanhos, dispersando-os pelos campos próximos, agora sempre vigiados por causa do inimigo.

A Lua, afugentada pelo Sol, desvanecia-se na claridade, lívida, parecendo

um grande olho de peixe morto, boiando no prato do espaço.

Adormecido, Methusala sonhava... Um guerreiro, envolto em luz, lhe dizia: — Se a serpente for esmagada na cabeça, o teu povo vencerá.

Despertando, o patriarca compreendeu que o sonho fora um aviso misterioso do Alto. Tentou interpretá-lo, mas o sentido da visão lhe escapava. Confuso, consultou a Lamech, porém este, também, não atinava com a verdade.

Methusala consultou os mais velhos da tribo, porém nenhum deles soube esclarecer as palavras do áureo guerreiro.

Intrigado, o patriarca não afastava da mente as palavras que ouvira em sonho... Como esmagar a serpente na cabeça? — cismava ele. Terei que ir a Enoch?... Lá vive a serpente do pecado... Mas não é isso... Não compreendo o que quis dizer o guerreiro... Oh! se Javan estivesse aqui, talvez pudesse esclarecer-me. Ele é puro, bom e bravo. Sinto que depende dele a solução desse mistério... Senhor! Conduze-nos Javan.

E Methusala embebia-se em cismas.

Um dia disselhe Débora:

— Pai, Javan não tarda. Sinto que se aproxima de nós... Eu o vi, em sonho esta noite, atravessando a planície. Porém um perigo terrível o ameaça, porque vi também Japhet... É a segunda vez que vejo a este. E estava ainda mais aflito neste sonho que no outro que tive. Apontava Josepho e chorava... não compreendi, pai... Por que Josepho e não Javan, se é este que sinto ameaçado por um perigo oculto?...

— Os sonhos são, às vezes, filha, manifestações do Alto... Sempre têm um sentido que se nos escapa quando despertamos. — Methusala falava, pensando no sonho que ele próprio tivera. Dizia ele: Parece que estão relacionados à vida eterna dos espíritos. São como portas que nos conduzem ao outro lado da existência, que a carne oculta. Dormindo sentimos que imergimos em outras vidas, onde tudo se nos apresenta claro e familiar. A mente, em certos sonhos, como que se ilumina e tudo compreende. Quando acordamos, confunde-se-nos o espírito e tudo se torna vago e impreciso... Por que, não sei.

— É o que acontece comigo, pai... Quisera entender os sonhos...

— Às vezes é fácil interpretá-los. Este teu, por exemplo, é claro. Japhet sente que Josepho se obstina no mal, e chora por ele. Este filho preocupa-me também... Tão diferente do irmão!...

Desconfio que o perigo que pressentes envolvendo Javan, vem de Josepho; este o inveja tanto!...

— Ai dele sé fizer mal a Javan! — e os olhos de Débora fulgiram ameaçadores.

Methusala repreendeu-a, docemente: — Não fales assim. A vingança é como a hera daninha: a Alma que a abriga, perde as seivas. Amas muito a Javan, filha?

— Sim, pai. Dele é a minha vida...

— Pobre de quem deposita a vida na fragilidade de um amor terreno, Débora... Não esqueças, filha, que somente ao Senhor dos Céus e da Terra pertencemos. Se queres um dia ser feliz, busca esse estado através da virtude e hás de encontrá-lo na Eternidade. A tua existência atual é um nada diante do Todo Sempre. Foge do pecado, e ama a todos piedosamente. Amores como o que sentes por Javan conduzem a muitas angústias... O retomo do filho de Milcah, talvez te traga desgostos, filha...

— Nenhum desgosto pode trazer-me Javan... Amo-o tanto que me contento em sabê-lo perto. Vê-lo é a minha alegria.

Methusala encostou a cabeça da filha ao peito, e murmurou como quem reza: — Que os teus pensamentos tragam Javan de volta... Só ele poderá matar a serpente.

A visão do sonho revelara-se de inopino à mente do patriarca.

— Que serpente, pai? — perguntou a virgem, que olvidara o sonho de Methusala.

— A serpente cainita de que Tidal é a cabeça. Só um guerreiro pode abatê-la...

— Javan?

— Sim, Javan. Que a força dos teus pensamentos o conduza a nós.

## 73

Nesse instante, além, na planície que separava as terras orientais de Nod, das habitadas pelo povo de Seth, Javan, vencendo obstáculos e perigos vários, cavalgava, incansável, a caminho de retorno à sua tribo.

Pouco além da metade da jornada, fora obrigado a abandonar um dos

cavalos cedidos por Methusael, porque ele lhe estorvava a retirada quando, à pressa, necessitava ocultar-se ao pressentir algum perigo; o outro, um leão esfomeado o matara, enquanto Javan, sedento, bebia água em uma fonte próxima em certo trecho onde essas feras abundavam.'

Sem desanimar, o meu irmão continuou a jornada a pé, esperançoso de conseguir outro cavalo em alguma aldeia conhecida, e assim aconteceu, mas de maneira diversa da imaginada por ele, como relataremos adiante.

Ocultava-se Javan, prudentemente, durante a luz do Sol e marchava à noite, como fizera em sua malograda ida a Enoch. Por duas vezes, quase fora surpreendido por grupos inimigos, somente escapando graças ao seu apurado sentido auditivo, extraordinária agilidade e sangue frio.

Javan, mesmo à distância singular, percebia qualquer ruído suspeito, estranho à planície que conhecia, como qualquer nômade, em todas as suas mínimas particularidades, sendo-lhe familiares, desde criança, os seus sons, ruídos, árvores e feras.

Os sinais das pilhagens cainitas enchiam-lhe a alma de revolta e apreensões. Uma noite avistou ao longe, quando para lá se destinava certo de encontrar qualquer montaria, o incêndio de uma aldeia que antes conhecera florescente e feliz... Na madrugada seguinte, deparou-se com um bando de chacais devorando corpos em putrefação.

Raro era o dia em que não encontrava as marcas fatídicas da passagem de algum grupo cainita; com pegadas de horror, eles marcavam o chão com pilhagens, incêndios e mortes...

Mais de uma vez, Javan defrontara pobres velhos e mulheres desgrenhadas, conduzindo crianças nos braços, a fugir, enlouquecidos de medo, para longe da devastação de seus campos incendiados. Foi um desses grupos miseráveis que lhe cedeu um cavalo, quando Javan explicou, aos seus componentes desconfiados, sem de todo identificar-se, que era um arqueiro de Methusala, em observação através da planície. Relatou como perdera o cavalo, morto pelo leão.

Porém, mais que as suas palavras, convencera aos fugitivos o seu ar nobre e franco que, apesar das fadigas e maltratos dos caminhos, das suas vestes imundas e rotas, inspirava respeito a todos que lhe fitassem o olhar.

Pelas palavras que ouvira desses infelizes, compreendeu Javan, comovido, que eles depositavam em Methusala as suas últimas esperanças.

Aqueles quadros desoladores fustigavam-lhe as energias, impelindo-o a

cavalgar quase sem repouso, e o pouco descanso que se permitia era mais pelo animal que por si próprio.

E a planície parecia-lhe, então, sem fim, um nunca terminar de distâncias separando-o de sua tribo. Sentia ânsias de ter asas, voar ao encontro dos seus, talvez fugitivos, também, como os restos humanos que ia deixando para trás...

## 74

Methusala, após compreender o simbolismo do sonho que tivera, sentia-se mais confiante no futuro, embora as notícias enviadas por Togarmah não fossem promissoras.

Os ataques cainitas continuavam traiçoeiros e mortíferos. Agravando ainda mais a situação que lhes era já tão precária nos campos de luta, os chefes guerreiros de Seth, além dos revezes sofridos, tinham que debelar o desalento e a descrença que dia a dia mais se infiltravam nos corações das suas tropas, causando, esse estado de desânimo, sérios prejuízos e indisciplina que só beneficiavam os Filhos dos Homens.

Revoltados com as inúmeras perdas e a vitória sistemática do inimigo, os sethitas vociferavam imprecizações contra o Senhor, chamando-O de deus fraco e sem poder.

Muitos deles, acovardados, abandonavam os postos, na luta, e fugiam para as longínquas terras de Kush, preferindo enfrentar a travessia do grande deserto e, além, os perigos das terríveis florestas, a continuarem combatendo um inimigo que lhes parecia imortal. E os outros que não fugiam, em grande número, entregavam-se às práticas fetichistas as mais rudimentares, sacrificando a ídolos vários e até a Baal e a Moloch, deuses inimigos, ofereciam sacrifícios na intenção de lhes apaziguar as fúrias.

Sob o guante dos sofrimentos, os seus vacilantes Espíritos esqueciam as adventícias aquisições nos campos da Religiosidade, e retornavam à barbárie dos primitivos tempos, quando viviam em luta com o Instinto pelas conquistas da Racionalidade.

\*\*\*

Nessa época, na sétima geração de Seth, os terrícolas em contatos

anímicos com os exilados capelinos, penetravam, em promissora percentagem, já cômicos de sua origem divina, nas áureas planícies da Espiritualidade. Evoluíam relativamente em conhecimentos religiosos, certos de que o Senhor era Uno e Eterno.<sup>{32}</sup>

Entretanto, os instintos naturais da carne predominavam, fazendo-os quase sempre resvalar para a idolatria, esquecidos das manifestações divinas já antevistas por suas Almas; assim, como acontece às crianças que não estando ainda firmes no caminhar, resvalam, tropeçam e caem ao menor obstáculo surgido, ferindo-se muitas vezes gravemente.

\*\*\*

Os instintos carnis dominam até hoje, obstruindo os caminhos evolutivos de tantos seres que sucumbem sempre na luta travada entre o Espírito, ávido de Elevação, e a Carne, famélica de sensações materiais e grosseiras.

Muitos são ricos em pérolas de Intelectualidade, possuindo valores nos domínios da Inteligência, mas continuam, graças ao Império da Carne, em carências de Virtude e Moral, pobres de Bens da Alma.

O Espírito, geralmente, para firmar-se no Caminho do Senhor, necessita não apenas de um século, mas de milênios, vividos em aperfeiçoamentos, através de lutas, dores e trabalhos.

\*\*\*

Mas, retornemos à nossa história...

Em certo entardecer, quando o Sol, indiferente às dissensões e contendas humanas travadas na face da Terra, dirigia-se para o poente, cumprindo seu dever imposto pelo Verbo, de dar a ela calor e luz, vitalizando sem distinção seres e coisas, Methusala, afastando o olhar dos “feéricos” coloridos que envolviam o ocaso naquela tarde, dirigindo-se a Lamech que, sentado junto ao pai, à porta da tenda patriarcal, ouvia-lhe as palavras sábias e orientadoras, perguntou: .

— Não achas, filho, singular esta demora de Javan? Mal partiu, enviamos-lhe mensageiros, e nem estes nem ele, retornaram a nós. Estranho...

— Sim... E já estive pensando que talvez os nossos homens não tenham chegado a Javan...

— Supões que morreram?

— Suponho. Devem ter caído nas mãos do inimigo...

— Temo que tenhas razão... E Javan teria sofrido o mesmo destino? — e os olhos do ancião pousaram receosos no rosto do filho, como temendo ler neste a confirmação do pensamento que lhe surgira súbito.

— Ó não! Jeovah não permitiria que Javan tivesse um fim tão vulgar...

— A maneira de morrer não importa, o essencial é a maneira de viver. Pereça como perecer Javan, o Senhor há de acolher-lhe o Espírito reto. Porém, Javan não morreu — continuou ele — porque sinto o pensamento dele envolvendo-me o ser... Temo, apenas, que retorne tarde demais... A presença de Javan encorajaria os nossos varões, já desanimados com as inúmeras perdas. O filho de Japhet é um predestinado a grandes feitos. Cedo iniciei-o, como a ti, nos sagrados conhecimentos que me foram confiados por meu pai. Mas a Alma de Javan já parecia conhecê-los, pois melhor do que eu os interpretava.

— Assim era. Ele é vivaz na mente e fácil no entender. Muito diferente de nós... Não sei onde apurou ele a sua inteligência.

— No Coração do Senhor, de Quem vive sempre próximo, graças às virtudes de sua Alma. Todo homem pode beber nessa Fonte, se for puro e bom.

E após pequeno silêncio, perguntou o ancião, intrigado: — Por que se teria ausentado Javan?

— Diz minha mãe que ele caiu vítima de magia cainita... Mas não creio, apesar de trazer ele no dedo aquele estranho anel, embora eu saiba, como tu, que magia existe. De onde vem o poder maléfico dos feitiços, pai?

— Das Almas de quem os faz. Porém nenhum poder têm os feitiços sobre aqueles que trilham os caminhos do Senhor. Somente os maus, os que vegetam em pecado, devem temê-los. As almas são como flores: há inofensivas e venenosas... As más exalam emanções deletérias; porém estas emanções unicamente atingem os incautos que não usam contra elas o antídoto das virtudes. O mal da magia atua naquele que, por qualquer carência espiritual, está sujeito aos contágio delas. Os bons e sãos não correm perigo. O feitiço está impregnado das vibrações venenosas que se desprendem dos pensamentos perversos e do coração daqueles que o concebem ... Só afetam a espíritos que se afinem com essas vibrações e sentimentos. Creio que Javan, filho, nada tem a temer das magias.

— E das mulheres cainitas, pai? Lembro-me das tuas palavras em relação

a elas, após as grandes tosquias.

— Repito-te: são áspides! A beleza delas tem sido causa da degradação que envenena o Homem. Através de seus corpos a corrupção se espalha sobre a Terra... Mas por que, filho, falas sobre elas?

— Temo que Javan ame a uma cainita, — disse Lamech em voz baixa.

— Tens certeza?

— Quase...

Após refletir um pouco, fitando distraído o Sol que morosamente desaparecia no horizonte, Methusala tornou a falar, porém em surdina, como temendo que alguém mais ouvisse o que murmurava ao filho: — Se a mulher que Javan ama for cainita, deverá sê-lo somente na origem, não nos sentimentos... Sei, porque a experiência dos anos me ensinou que mesmo no pântano podem despontar lírios... Como em meio às mais belas flores ocultam-se, muitas vezes, perigosas víboras... Apesar de tudo, se Javan se unir a uma cainita, serei forçado a aplicar-lhe as penas de nossa Lei...

— Sim... Javan será renegado.

— Por todos nós, Lamech.

— Inflexível é a nossa Lei, pai...

— Bem o sei, mas não podemos julgá-la, para não sermos julgados por ela.

Um silêncio todo cheio de reflexões desceu sobre os dois. Ambos tinham os espíritos conturbados pelos próprios pensamentos. Absortos fitavam o chão, como temerosos de olhar o céu que as sombras da noite escureciam pouco a pouco. Baixo, Lámech perguntou: — Jeovah, então, não perdoa o pecado, pai?

— Não é Jeovah quem não perdoa, é o homem que não desculpa a si próprio por ter pecado... E enquanto este não desfizer todo o mal que espalhou na face da Terra, não alcançará a paz sonhada.

— Compreendo... A inflexibilidade de nossa Lei originou-se do pecaminoso proceder nosso...

— Sim. Todo povo tem a lei que merece. Haverá um tempo em que ela não será inflexível e sim toda amor, porque já o homem também será todo bondade. Enquanto ele for pesado de maldades e erros, sofrerá os golpes das Leis de Justiça em relação ao próprio procedimento. Somente sofrendo na carne e no Espírito todo o mal que plantou, sentirá a extensão da falta cometida, ansiando, depois de senti-lo, por bem agir. A nossa Lei, filho, está

para o homem como o martelo para a pedra: apenas sob os golpes seus despertará ele para o benefício e a utilidade, deixando de ser obstáculo à evolução geral.

Pai e filho silenciaram novamente. Ambos pensavam em Javan.

As primeiras estrelas já aclaravam as sombras noturnas.

A voz grave de Lamech se fêz ouvir: — Pai, todos os cainitas são pervertidos?

— Não, filho... Mas é a maioria quem fala por um povo.

E a maioria cainita é toda perversão, pecado e vício... O Senhor, certo, fará justiça àquele que entre eles for verdadeiro, porque, diante de Deus, o inocente não sofrerá pelo culpado.

— E nós não podemos agir como o Senhor e usar de fraternidade com o virtuoso cainita?

— Sim; mas não ultrapassar as fronteiras da fraternidade, unindo-nos a ele pelo sangue. Porque não sabemos ler nos corações como o Senhor. Contentemo-nos em seguir a Lei que Ele nos deu.

— Não compreendi, pai...

O cainita, Lamech, pode ser bom, mas unindo-nos a ele pelos laços matrimoniais, temos que estar em contato, não com o bom apenas, mas com todos os seus... E esse contato com todos os Filhos dos Homens, bem sabemos, acarretaria grandes perigos à nossa gente simples, amante da tradição e costumes patriarcais, e do culto ao Senhor, coisas tidas, pelos revoltosos cainitas, como desprezíveis e opostas ao progresso dos tempos. Somente o Senhor poderia saber se de uma união entre nós e eles não adviria nenhum mal, amanhã...

— E já houve alguma dessas uniões, pai?

— Sim, muitas... E todas foram infelizes. Eu mesmo tive uma sobrinha que se casou com um cainita, faz muito tempo...

— Ignorava esse fato... Quem foi ela? — perguntou, curioso, Lamech.

— Não poderias sabê-lo, pois esse fato ocorreu longe de nossa tribo... Só eu tomei conhecimento dele.

— Tão longe assim?

— Muito longe... Minha irmã Judith casou-se cedo e foi habitar a tenda do esposo que era chefe de uma tribo sethita que vivia a muitos sois distantes da nossa. Entre os filhos dessa minha irmã, havia uma jovem muito linda... Um poderoso chefe cainita viu-a e apaixonou-se por ela, no que foi

correspondido. Não tendo outro jeito de tê-la como esposa, raptou-a. Os pais dela e todos os parentes seus renegaram-na... eu também.

— E ainda vive ela?

— Não...

— E o cainita, soubeste o nome dele?

— Jurei não repeti-lo a ninguém, nem mesmo a ti poderei fazê-lo. Um dia encontrei-me com ele, porém forçado pelo dever para com o meu povo. Consolou-me o saber que ele era um desses raros cainitas virtuosos.

— E o raptor conhecia-te como parente da esposa sethita?

— Não. Ignorava-o e creio que morreu sem sabê-lo. O renegado, quando respeita a tribo a que pertenceu, jamais fala sobre a família que ultrajou. E Miriam amava a sua tribo, apesar de tudo.

— Chamava-se ela Miriam, então?

— Sim... Esquece este nome e não reveles a ninguém essa triste história.

— Prometo, pai.

Silenciaram ambos, fitando entristecidos os caminhos distantes que se perdiam além na noite, que já distendera sobre a paisagem o seu negro manto.

Methusala, levantando-se, penetrou na tenda. Lamech dirigiu-se, lentamente, para o caminho que levava ao Eufrates. Queria rever o lugar em que falara pela última vez com o amigo ausente.

Caminhando, murmurava ele como se seu irmão pudesse ouvi-lo: — Javan, em meu coração, jamais serás renegado...

E o vulto de Lamech, afastando-se, confundiu-se, nas trevas da noite.

## 75

Àquela hora, na planície, fitando as estrelas fulgindo na noite azul, Javan, a cavalgar, lembrava-se de Dinah...

— Por que — monologava — é tão difícil possuímos aquilo com que sonhamos?... A felicidade nesta Terra, sinto-o, é como aquela estrela que vejo além, no céu... Parecendo estar perto, por mais que caminhemos, sempre está distante de nós...

Dominando o pensamento que teimava em levá-lo a Dinah, Javan fustigou o cavalo, na ansiedade de ir ter com os seus.

Na manhã seguinte àquela noite, a tribo alvoroçou-se com a chegada de um pastor que, aparentando cansaço de quem muito jornadaara, insistira por falar pessoalmente com Methusala, apesar de Lamech dizer-lhe que o pai estava em meditações. Não foi o seu aspecto de zagal tão comum àquelas paragens a causa do alvoroço, mas sim as notícias que ele transmitira ao nosso patriarca.

Contara o pegureiro que vira a Tidal acampado com muitos homens, próximo às terras de Surripat<sup>{33}</sup>. Sem ser percebido pelo inimigo, enfrentando feras e, ainda pior, fome e sede, conseguira chegar até à nossa tribo. Dava-lhe força, dizia ele, o desejo de vingar os seus, todos mortos pelos cainitas... O pobre homem parecia exausto e faminto. Fora encontrado, quase desfalecido, por um dos nossos. E era de dar pena a sofreguidão com que bebeu um pouco de leite que uma das mulheres lhe trouxera.

Depois de ouvi-lo, perscrutando-lhe o olhar onde falavam angústias e dores, mas não falsidade e mentira, Methusala, sentindo-lhe a verdade nas palavras, perguntou com uma luz de esperança fulgindo nos olhos marcados por inúmeras vigílias: — A que distância viste Tidal?

— A oito sois, antes de chegarmos à grande planície.

Mandando que proporcionassem alimento e descanso ao pobre homem, Methusala reuniu o Conselho, e expôs a este um plano que lhe surgira à mente ao ouvir as palavras do pegureiro, acrescentando: — Sábios anciãos, se o Senhor nos ajudar, venceremos desta vez o inimigo.

— Sim, disseram todos.

Após ouvir a palavra dos mais velhos, Methusala preparou-se para ir ao encontro de Togarmah, para executar o plano que explanara e fora aprovado pelos anciãos.

Esperava o patriarca surpreender o inimigo e desfechar-lhe ataques por todos os lados, sem dar tempo a Tidal de defender-se.

Seria a primeira vez que os sethitas iam lutar na ofensiva, porque até ali não tinham feito mais que defender-se, cabendo aos cainitas as iniciativas em todos os encontros. Tinham estado sempre na defensiva, agora iriam atacar...

Methusala parecia rejuvenescer com as novas perspectivas da luta. Até mesmo os sinais das noites insones tinham desaparecido de seu rosto, afugentados pela esperança que lhe animava a Alma.

Confiara a direção da tribo a Melquizedec, o mais velho ancião do Conselho, e seguira, após dirigir palavras de ânimo aos que ficavam, com Natan, Lamech e Haran, pai de Togarmah, para os campos de luta. Até ali deixara nas mãos jovens dos chefes guerreiros o comando dos exércitos sethitas; mas agora queria ele mesmo dirigir a execução de seu plano. Temia que alguma eventualidade pudesse abortá-lo... Ah! se Javan retornasse a tempo de ajudá-lo! mais que certa seria a vitória, — pensava Methusala.

Na tribo ficaram, apenas, velhos, mulheres e crianças, ofertando holocaustos e preces constantes ao Senhor, pela vitória dos seus.

E nenhuma prece era mais fervorosa do que a de minha mãe e Débora, agora sempre unidas. Procurava Milcah reanimar a jovem e esta sentia-se menos só junto à mãe daquele a quem tanto amava. Sara, às vezes, vinha também unir as suas preces às de Milcah e Débora. A filha de Natan sofria a ausência do noivo — o valente Togarmah — a quem amava profundamente.

Mas quem, então, em nossa pobre tribo, não chorava por algum ente querido? Fora-se a Paz levando sorrisos e alegrias... Viera a guerra, e a guerra é um navio macabro a vogar em um oceano de sangue e lágrimas, que esconde no bojo todas as tristezas, deixando em qualquer porto onde ancora, mortes e desgraças ...

Eu, o único que sorria, bestializado, em meio da dor de todos, pretextando ir ter com Togarmah para preveni-lo da vinda de Methusala, desviando-me do caminho, fui ao encontro do espião de Tidal que vivia oculto em nossas pastagens, disfarçado em pegureiro sethita, e avisei-o dos planos de nosso patriarca...

Depois de executar sem a mais leve hesitação a minha insídia mais abjeta, fui realmente ter com Togarmah que, sabedor da vinda de Methusala, ordenara o toque de reunir.

Daí a poucos instantes ouvia-se o som das buzinas de cornos de boi, convocando todos os chefes. Os sons iam sendo repetidos de comando em comando, por todos os setores sethitas que se localizavam em distâncias pré-estabelecidas.

Antes mesmo da chegada de Methusala e seus companheiros, já os chefes guerreiros de Seth estavam reunidos na grande tenda de campanha de

Togarmah, que era pequena para abrigar todos eles.

O Sol rumava para o ocidente, quando os três anciãos e Lamech chegaram ao acampamento. Togarmah abraçou Haran, comovendo-se este com a magreza e o aspecto cansado do filho. Aliás era este o aspecto dos demais guerreiros ali reunidos. A magreza e o abatimento físico eram comuns a todos eles... Pareciam envelhecidos, bem diferentes dos jovens que partiam de suas tendas.

— Sara está bem, meu pai? — perguntou Togarmah, saudoso da noiva.

— Sim, esperando-te sempre.

— Alguma notícia de Javan? — inquiriu ele ainda, desta vez a Methusala.

— Nenhuma, filho, mas ele retornará breve, sinto-o...

Também Methusala sofria vendo os seus valentes sem a aparência saudável de outros tempos. Porém, não querendo dar a perceber a eles a tristeza que sentira ao vê-los debilitados, temendo arrefecer-lhes o entusiasmo, saudou a todos com frases encorajadoras, elogiando-lhes o garbo e predizendo próximas vitórias. Os dois anciãos e Lamech compreenderam-lhe a intenção e, seguindo-lhe o exemplo, animavam, também, os combatentes.

Intimamente eles estavam agora menos confiantes no êxito do plano de Methusala, pois sentiam a precariedade física dos guerreiros sethitas, desgastados pela guerra. O patriarca, entretanto, confiava, não no vigor dos homens, mas no Senhor, tendo como certa a vitória. Sem perder tempo, reunidos todos, traçara ele os planos de assalto contra o inimigo, planos que pareceram infalíveis aos chefes sethitas.

A ideia de surpreender Tidal, sempre arredo e oculto, mais a presença de Methusala no comando geral, fizeram renascer as esperanças naquelas Almas enfraquecidas, depauperadas por constantes fracassos e privações de quantas necessidades naturais a todo organismo jovem.

Até mesmo os muitos sethitas que resvalaram para a idolatria, sentiam-se animosos e, arrependidos de suas imprecações contra o Senhor, ofereciam-Lhe sacrifício, agora em desagravo às próprias ofensas feitas ao Deus de Seth. Jeovah não os abandonara — diziam — e o pegureiro fora certamente guiado por Ele até Tidal. Sim, fora o Deus de Seth Quem localizara o terrível inimigo... Jeovah era todo Força e Poder! Só Ele venceria Baal e Moloch, porque era o Deus dos deuses, o Senhor dos Céus e da Terra...

Assim era a maioria dos homens de então: pronta no errar e pronta no arrepende-se, e ainda mais pronta a retornar aos mesmos erros... Era toda ela

composta de criaturas apaixonadas, dúbias, incertas do caminho a seguir, sempre desejosas e a desejar sem saber o quê. Viveriam muitas dessas Almas assim, desencontradas de si próprias, por muito tempo ainda, até que o Cristo de Deus viesse reajustá-las às suas funções evolutivas.

## 77

Toda a noite e a manhã seguinte — após a chegada de Methusala — os guerreiros sethitas prepararam as armas sob a vigilância dos seus chefes, que não se descuidavam de nenhum pormenor.

As cordas dos arcos foram substituídas por outras e estas cuidadosamente retesadas. Todos os carcasses foram repletos de setas e, ainda, sobre as bestas de carga, prenderam, enfeixadas, grande número delas, como reserva. Os alforjes pareciam conter todos os seixos do Eufrates, que deveriam ser utilizados pelos certos atiradores de funda, a terrível arma pastoril, tão simples e perigosa.

Grande entusiasmo e movimento dominavam os sethitas, esparsos, em grupos, próximos ao acampamento de Togarmah, para onde, sabemos, vinham convergindo todos os demais chefes de Seth.

Methusala, sentado à porta da tenda de Togarmah, acompanhava, meditativo, o afã dos combatentes. Lembrava o patriarca o sonho que tivera com o Ser iluminado... Sentia que chegara o instante de abater a serpente cainita. Seria agora, ou nunca... — meditava ele, acompanhando com o olhar a animação no acampamento.

O seu querido povo não era uma nação guerreira... Sabia, contristado, que os vícios e pecados já haviam vitimado muitos dos seus valentes. Porém, Methusala confiava no Deus de Seth... Jeovah era o Senhor da Guerra e da Paz. D'Ele dependia a vitória... Por que lutava ele, Methusala? Seria apenas por lutar? Não... Combatia por preservar a Virtude, a tradição dos bons costumes, por livrar a sua gente da violência e degradação dos Filhos dos Homens. Queria dar aos sethitas felicidade... E a felicidade estava, simplesmente, na vida natural e no culto ao Senhor.

Os cainitas afastaram-se da natureza e, desprezando a singeleza da existência campesina, caíram por isso na degenerescência de todo aquele que

se revolta contra as leis do Criador. Em suas cidades, antros de pecado, prestavam culto a vários deuses concebidos por tolas vaidades, preferindo eles idolatrar seres inanimados ao Senhor de todas as coisas. Desprezavam o regime patriarcal em que viviam os filhos de Deus, considerando a estes como criaturas elementares, atrasadas, ociosas... Açambarcavam terras e obrigavam seus donos, escravizados por eles, a cultivá-las... mas na época das colheitas, só os cainitas saboreavam os pomos...

Methusala considerava livre todo homem e a escravatura não existia, por esse tempo, em sua tribo, apesar de já infiltrada em outras comunidades sethitas. Podia ter-se servos, não escravos. O servo e o amo tinham obrigações recíprocas: aquele trabalhava, este remunerava. Porém todos eram iguais perante Deus, servos e amos. Como irmãos deviam amar-se. A diferença de bens não devia separá-los... Porque tão somente o Criador é o dono de todos bens e riquezas. O produto da Terra não pertencia a ninguém em particular, e sim a todos.

Sentia Methusala que em qualquer nação onde os poderosos e ricos não sofressem limitações, sobejavam espoliações e pobreza... O rico podia ser rico, contanto que não tornasse o pobre mais pobre. Todo amo devia ceder uma parte dos lucros seus ao servo, assim determinava a lei de Seth. E o cainita, só ele era senhor, só ele lucrava, sacrificando e oprimindo os povos fracos, amantes da paz...

Não! O Senhor dos Exércitos não consentiria que a prepotência dominasse, que o povo de Seth perecesse e com ele o Culto ao Único Deus justo e verdadeiro. Assim refletia o patriarca...

Pela Terra — ensinava-lhe a tradição — muitos povos<sup>{34}</sup> já haviam passado... Nasceram e cresceram, mas quando se julgavam superiores, deuses, esses povos foram exterminados, desapareceram na voragem dos tempos, sem sequer deixar sinais de sua grandiosidade nos cenários da Terra... Eram povos que viviam dominados pelos sentidos corporais, criaturas cruéis e vingativas, egoístas, que cultivavam os prazeres da Carne com idolatria. Surdos à Vcys do Senhor, pereciam vítimas de seus próprios excessos...

E a esses povos sucediam-se outros e mais outros. Porém quando se deixavam dominar pelo Mal, eram expurgados em reparação aos crimes e pecados que bradavam aos Céus. E vinham cataclismos que mudavam a face da Terra e eles eram tragados e até os ossos deles se desfaziam na lama, no

caos... Sempre fora assim...

Toda a soberba e orgulho humano tinham como epílogo a lama... A Terra já testemunhara o império de muitas raças<sup>{35}</sup>, que se notabilizaram, em sua época, pelo desenvolvimento de altas faculdades mentais e grande progresso no campo das aquisições humanas.

Raças que atingiram tamanho adiantamento no Tempo, que pareciam indestrutíveis, tal a ideia que davam de estabilidade e poderio.

Mas nada lhes valiam os bens temporais, a inteligência, o dinamismo, as virtudes telepáticas e mentais; porque, pigmeus de Espírito, não puderam dominar os gigantes do orgulho, da ambição, dos desmandos e abusos, da anarquia governamental, da desarmonia e de quantas malícias e pecados humanos... E assim tiveram essas raças o fim comum àqueles que fazem do despotismo lei e religião: — o nada...

Sim, os cainitas marchavam, também, para a destruição e, com eles, todos os que lhes copiassem os costumes e usos degenerados. O Senhor só preservaria o virtuoso e bom... meditava Methusala.

\*

Eu, Josepho, me recostava ao tronco eriçado de uma tamareira e meditava, também, como sempre longe de todos, a brincar, distraído, com alguns seixos que tirara do alforge. No chão, a meu lado, depositara a aljava repleta de setas e o meu arco.

O Sol, quase a pino, brincava de esconder com as nuvens, ora surgindo em toda a luz, ora desaparecendo por trás delas.

Sobre o acampamento, uma ave de rapina, vagarosa, voava como em busca de alguma presa descuidada...

Veza ou outra ouvia-se o relinchar dos cavalos, alvoroçados com a aproximação de alguma fêmea.

Dois guerreiros tratavam lutas corporais sob os gritos de excitação dos companheiros que os apupavam ou aplaudiam. Outros exercitavam-se flechando o alvo preso ao tronco de uma palmeira. Alguns, indiferentes ao calor, dormitavam no chão, envolvidos em suas mantas de cor de carneiro.

Os enfermos, abrigados em um toldo, gemiam afastando as moscas dos seus ferimentos expostos, refrescando as chagas com sucos verdes de tancbagem ou plantago.

Do lado de onde se fazia a assadura dos animais abatidos para alimentar

os guerreiros, vinha, trazido pela aragem, o cheiro de gordura e carne chamuscada, aguçando-me o apetite.

Na tenda de Togarmah entravam e saíam, em movimento quase contínuo, sisudos chefes sethitas.

Próximos a mim, mas distanciados de todos, amarrados ao tronco de uma palmeira, presos por excesso de mosto, dois guerreiros descompunham todos os deuses inimigos, em termos tais que fariam enrubescer o maior devasso das tavernas de Enoch. Com as línguas embaraçadas, cantavam e choravam vociferando as próprias misérias, calando apenas quando forçados pelos enjoos provocados pelo álcool.

A intervalos, ouvia-se o toque das buzinas, transmitindo ordens; e, à distância, sentinelas velavam, atentas ao menor ruído suspeito.

Eu, recostado à tamareira, pensava como me safaria dos campos de luta quando Tidal atacasse... Não me convinha combater, porque sabia que eram mortíferos os machados e gládios cainitas...

Fitava o meu povo como o carrasco fita a vítima no cadafalso... certo que chegara o fim dos sethitas. Parecia-me, então, a minha gente ali reunida, pobre gazela sonhando vencer o leão das planícies... Presunçoso Methusala... Aquela luta seria o fim de seu longo patriarcado...

Confiava tanto na vitória cainita que traçava planos situando-me em Enoch, já me vendo unido a Débora, e agraciado com os favores de Tidal... Sim... Ele haveria, de compensar-me pelas informações prestadas. Antevia-me cercado de glória e poder, desfrutando as delícias e gozos de Enoch, o mundo dos meus sonhos... Enoch! Este nome lembrava-me Javan. Onde andaria ele?

Ainda não compreendera porque Jared, o mensageiro que eu matara, seguira rumo do oriente. Estaria o meu irmão próximo às terras de Nod? Ou talvez mais além, na própria Enoch?...

Que não daria eu para descobrir-lhe o paradeiro! E se ele já estivesse morto, surpreendido pelo inimigo ou por alguma fera?... Não! Marduk e todos os demônios que chafurdavam no interior da Terra não o permitiriam... Javan morto, seria jamais possuir o anel enfeitado que me proporcionaria o coração de Débora.

Desejava a morte de meu irmão, quando tivesse em meu poder as joias mágicas. Tinha que captar-lhe a confiança antes e, através dela, chegaria à mulher por ela amada que, eu pressentia, estaria de posse do outro anel.

Com as duas joias em meu poder, a vida de Javan valeria para mim tanto

quanto a daquela pomba que a ave de rapina acabara de aprisionar em suas terríveis garras... Um dia cairia de surpresa sobre ele sem lhe dar tempo de defender-se, sequer... Fitei as minhas grosseiras mãos de dedos nodosos e elas me pareceram garras rapaces.

Olhava as mãos, contraindo-as com força, quando uma voz conhecida soou próxima a mim: — Que tens nessas mãos? Pareces querer estrangular alguém com elas...

Ergui a cabeça e fitei o rosto de Lamech, pois era ele, que me pareceu preocupado.

Respondi-lhe sorrindo sinistro: — Adivinhaste, Lamech. As minhas mãos anseiam por matar...

— Triste anseio... O sangue que derramamos, jamais seca em nossa Alma. Desejas matar “apenas” os cainitas, Josepho? — perguntou ele fitando-me com um misto de desprezo e pena.

Continuei sorrindo sinistramente.

— Talvez... Quem sabe? — e mudando de assunto, inquiri malévolo: — Quando partiremos em busca da “caça”, “feliz” herdeiro de Methusala?

Fechando o cenho, Lamech perguntou: — “Feliz”?... Pronuncias esta palavra de modo estranho... Que queres dizer?

Eu continuava sorrindo.

— Então, não és por acaso o “felizardo” que sempre marcha a retaguarda nos momentos de perigo?... Não és o “tesouro” guardado por todos?

Fitando-me com mais desprezo ainda, Lamech respondeu: — Compreendi agora a tua maldade, Josepho... Como sempre, não mereces resposta. Por que te comprazes em ferir e envenenar como um escorpião? Sorris... Pobre Josepho! Parece que não tens nas veias o sangue de Japhet e de Milcah.

Gargalhei, ferino, e, levantando-me e abrindo os braços para melhor ser visto por ele, respondi com raiva: — O sangue de Japhet e de Milcah fez-me tal qual me vês... Um macaco pensante, como diz a tua linda irmã Débora.

Desviando o olhar do meu, Lamech falou: — Antes fosses apenas macaco. O pensar em ti prejudica-te mais que esse aspecto que a natureza te deu. O feio pode parecer belo, Josepho, porque a beleza vem de dentro da Alma, lembra-te.

Cuspi para o lado, com desprezo, na — Alma? Crês nisso? Pobre Lamech, tão ingênuo! Alma... Bah!

O filho de Methusala não me respondeu. O seu pensamento parecia estar longe de mim.

Recostando-me ao caule da tamareira, eu fitava-o com despeito. Que belo era Lamech!... Por que não nascera eu assim formoso? E ainda dizer-se que Jeovah era justo. Mentira! Justo o Criador que fizera a mim e a Lamech? Um, tão pleno de dons físicos, o outro, tão pobre deles!...

Impossível! Impossível... E se existia não era bom nem justo. Eu n'Ele não cria.

Lamech, volvendo o olhar para mim, inquiriu, compreendendo eu porque ele viera ter comigo: — Sabes, Josepho, para onde foi Javan?

Não.

Vagarosamente, perguntou-me: — Não gostas de Javan, não é, Josepho?

— Que te importam os meus sentimentos? — redargui bruscamente.

— Se pudesses, farias Javan desaparecer do número dos vivos; não, meu primo?

— Que queres dizer com isso? — perguntei desconfiado.

Lamech falava como quem esconde suas verdadeiras intenções.

Parecia sondar-me, querendo certificar-se sobre algo de que apenas desconfiava. Fiquei de sobreaviso.

— Não me respondeste, Josepho; por que?

— Perguntas tolices, insânias...

— Achas? Ainda bem. Porque, Josepho, se algum mal fizeste a Javan, assim como o Senhor descobriu a Caim, há de descobrir-te, também... Não poderás esconder o teu crime por muito tempo...

Quedei, temeroso, vendo que ele me descobrira as intenções até certo ponto... Saberá ele a verdade de todos os meus planos, ou apenas desconfiava? Disselhe, fingindo indiferença: — Estás cheio de mosto, se pensas isso. Não matei a Javan. Sabes melhor do que eu para onde ele foi. Não és o grande amigo de meu irmão? Pois eu não estive com Javan na última feira anual, porém sei que lá ele viu alguém por quem se apaixonou perdidamente... Ignoras isso? Por que não buscas Javan nas terras malditas de Nod, ou mesmo em Enoch, na cama de alguma cainita?

— Agora quem diz insanidades és tu. Sabes que o teu irmão não é um devasso. Ausentou-se por motivo maior, a nós desconhecido. Mas se estiver "vivo" — e Lamech acentuou a palavra, perscrutando-me o olhar — ele voltará.

Com desprezo, sorri, respondendo: — Não podes imaginar o quanto desejo a volta de Javan, o quanto espero por ela.

— Sim?... E Lamech continuava fitando-me com desconfiança.

— Disso tenhas certeza. Desejo o retorno de Javan, muito mais intensamente que ninguém.

— Por que? Certo não é por saudade ou amor...

— Que importam os meus sentimentos? — repeti.

— Importam-me até ao ponto em que eles não prejudiquem a Javan; não te olvides disto Josepho...

E Lamech afastou-se sem me dar tempo de responder.

Dissera a verdade a ele, quando afirmara que desejava a volta de Javan. Agora eu não evitaria que o trouxessem até a nós... Estando ele longe, ignorando-lhe eu o paradeiro, como poderia executar o meu plano? Como poderia matá-lo? Débora e os meus interesses de bem servir a Tidal, me impossibilitaram de ir atrás de Javan, como projetara. Não confiava na promessa que os cainitas, com quem me comunicava, fizeram... Garantiam eles entregar-me o estranho anel que eu descrevera, caso matassem a Javan. Somente confiava em mim mesmo, em mais ninguém. E até me pareceu ver um certo brilho de cobiça no olhar dos cainitas, quando lhes falei sobre o anel... Não!... Unicamente eu devia matá-lo, unicamente eu, — pensava.

Mal a noite chegara, marchamos rumo ao sul, em direção às terras de Surripat, sob o comando de nosso patriarca que, antes de iniciar a partida, oferecera um grande holocausto ao Deus dos Exércitos.

Junto a ele iam Natan, Lamech e Haran, montados todos, assim como Methusala, em belos cavalos seguindo imponentes, na linha de frente.

O grosso das tropas marchava a pé. Eu caminhava em meio destas, inquieto, fitando temeroso todos os lados, receando a qualquer momento ver surgir, como hienas ferozes, Tidal e os seus terríveis guerrilheiros.

Em certo trecho, fingi cair e só me levantei quando pude colocar-me à retaguarda, quase junto às bestas que conduziam os suprimentos de armas e demais utensílios necessários às tropas. Aí fiquei, simulando estar claudicando, à espreita, pronto a fugir ao menor sinal da presença temida.

A noite parecia uma viúva, despida dos adornos do luar e das estrelas, envolta no véu negro das nuvens.

Guiando-nos ia o pastor que descobrira o lugar onde Tidal acampava.

Estaria ele ainda lá? — perguntavam todos.

Se o homem soubesse desvendar os mistérios do Dia de Amanhã, talvez outros fossem os seus destinos... Pensava eu, penetrando com os demais no noturno silêncio da planície.

## 78

Ao entardecer daquele mesmo dia, Tidal e Mehujael, à frente de seus guerreiros, montados eles e o grosso de suas tropas em fogosos corcéis, pararam em uma pequena elevação do terreno, de onde se avistava muito além, marginando o horizonte, a grande planície banhada pela tênue luz do ocaso.

Os dois temíveis cainitas, silenciosos, fitavam com os olhos oblíquos as terras que pareciam azuladas àquela distância. Eram as cobiçadas terras de Seth, que tinham a cor do Sol, diziam eles.

Atrás dos dois comandantes, os troncados guerrilheiros, em linha de cinco homens, pareciam o corpo sinuoso duma serpente, cuja cauda estivesse presa em algum tronco escondido ao sul, além das terras de Surripat, e cuja cabeça era Tidal.

Traziam à cinta os gládios e pequenos machados de cabos longos, além de facas. Usavam todos uns capacetes que tinham o formato de cabeças de animais, tornando-os ainda mais terríveis em seus aspectos.

Nas mãos fortes seguravam aguçadas lanças, cujas pontas de ferro polido refletiam os últimos raios do Sol. Dos ombros rijos e largos, pendiam os arcos, e, às costas, traziam os carcasses repletos de setas.

Assim armados, pareciam os próprios gênios da Guerra, belígeros e terríveis.

Parados, Tidal e Mehujael esperavam algo... Perscrutavam com os apertados olhos, atentamente, todo o espaço, como quem aguardasse alguém ou algum sinal convencional.

Impaciente, Tidal, fitando o Sol já envolto em penumbra, falou a Mahujael: — Adiantamo-nos um pouco ao aviso, mas ele não deve tardar...

E como se tal aviso estivesse à espera daquelas palavras, uma seta, cortando rápida o espaço, veio fincar-se a pequena distância dos dois chefes cainitas.

— Vamos.. ia ordenando Tidal, quando outra seta veio quase unir-se à

primeira. Fazendo um gesto de espera aos comandados, ele, intrigado, ia comentando a Mehujael: — Então... — mas interrompeu a frase, ficando meditativo a olhar as duas setas.

— Sim, — concluiu Mehujael por ele. Fomos descobertos. Alguém preveniu os nojentos pastores de nossa presença.

— Sim, — confirmou Tidal. Esta segunda seta nos diz isso. Temos de atacá-los agora, em vez de esperar a madrugada, como planejáramos. Eles vêm ao nosso encontro, diz-nos a linguagem das setas... Pois bem, vamos recebê-los a meio do caminho... Marchemos!

E a imensa serpente humana, banhada pela meia luz crepuscular, movimentou-se em direção ao norte. Em certo ponto, já na planície, as suas fauces como que se abriram dividindo-a em duas partes, e estas duas bipartiram-se, seguindo, cada uma, direção oposta, porém convergindo ambas para um só ponto: as terras de Seth.

\*

Permiti, paciente leitor, entrosarmos em nossa história esta pequena digressão, sem a mínima pretensão a fato histórico: Romanceando, situamos os domínios de Seth em meio à margem ocidental do Tigre e do Eufrates, abrangendo eles as futuras terras da Armênia — ao norte, da Mesopotâmia — ao centro, e da Caldeia — ao sul.

Methusala estendia todo o seu patriarcado desde Mitâni até grande trecho ao oeste da Caldeia, onde, mais tarde, já em tempos históricos, se ergueria Babilônia — que quer dizer “Cidade de Deus” — o império de Nemrod.

Os cainitas viviam ao oriente, para lá do Tigre, naquelas terras em que, após o dilúvio bíblico, levantar-se-iam a Assíria<sup>{36}</sup>, a Média, a Susiana, a Pérsia, a Caramânia, *etc.*

Situamos Enoch além de Ecbatana, entre Pátria e Ariana.

Atravessando toda a Susiana, Tidal descera ao sul da Caldeia e, passando às futuras terras de Elam, chegara a Surripat (Sumer). Daí, fora ter às terras de Ur, já próximas de Uruk, e destas seguira ele ao encontro de Methusala que marchava rumo ao sul, palmilhando terras de Nipur, bem ao centro da grande planície da Caldeia, limitada pelos dois grandes rios — Tigre e Eufrates — que, nascendo juntos nas doces terras da Armênia — ao norte, vinham morrer no Golfo Pérsico, ao sul.

Esta digressão tem por finalidade facilitar a tarefa do leitor que deseje

acompanhar mentalmente o roteiro seguido pelos exércitos de Methusala e Tidal.

\*

Entretanto, enquanto sucediam estes fatos que narramos, Javan — fazendo um longo rodeio com o fito de evitar de ser surpreendido pelo inimigo, que parecia estar em toda a parte na planície, desviando-se dela, chegara ao amanhecer em sua tribo.

Pesava sobre esta estranho silêncio... Parecia que todos ainda estavam adormecidos, apesar de o Sol já dourar os campos e aclarar o toldo das tendas, tão grande era a mudez envolvendo tudo. Não se via ninguém... apenas algumas ovelhas pastavam próximas ao redil sagrado, onde ficavam os belos cordeiros que eram reservados para os holocaustos ao Senhor.

Sobre o altar, erguido à frente da Tenda da Congregação, leve fio de fumaça desprendia-se das cinzas ainda quentes do último sacrifício...

Aquela calma, tão diferente da natural azáfama que sempre alegrava as manhãs no acampamento, assustara a Javan, fazendo-o, mal saltara do estafado corcel, correr até à tenda de Methusala, antes mesmo de ir ter com Milcah.

O silêncio que cercava tudo agoirava-lhe desgraças...

Não podia saber Javan que todos — mulheres, velhos e até crianças, os únicos que não tinham partido para os campos de luta — por ordem de Melquizedec, recolhidos aos lares, esquecidos até do alimento, oravam ao Senhor dos Exércitos, suplicando-Lhe a vitória sethita.

Afastando a lona que servia de porta à tenda patriarcal, Javan penetrou na espaçosa sala onde, pelo chão, se alinhavam belas peles de animais e, enfeitando-a, penas das mais variadas cores.

Ansioso, o jovem bateu palmas. Porém o silêncio continuava angustiando-lhe a alma. Nem os servos lhe respondiam... Onde andariam todos? — perguntava ele a si próprio, intrigado. Erguendo a voz, chamou com aflição: — Methusala! Leah! Débora!... Por Adonay!<sup>{37}</sup> respondei!... A sua voz soara enrouquecida pela ansiedade.

Já, sem poder dominar a angústia, ia dirigir-se, impaciente, aos outros compartimentos da grande tenda, quando, correndo uma cortina, apareceu Leah.

Ao fitar a Javan, os olhos dela tinham um brilho de indignação e revolta.

Ao vê-la, estendendo-lhe as mãos que Leah fingiu não notar, meu irmão,

sentido e surpreso pela má acolhida que recebia, deixando cair os braços ao longo do corpo, inquiriu com tristeza: — Que tens, minha tia? Por que me olhas assim?

— Tu! — exclamou ela como se não lhe ouvisse as perguntas.

— Sim, Leah, eu. Mas por que este espanto? Por que este terrível silêncio envolvente tudo? Onde estão os homens da tribo?

— Lutando... — e como se o ódio, que começava a fortalecer-se em sua alma, a dominasse por inteiro, repetiu ela com o rosto congestionado pela raiva: “Lutando! Lutando, enquanto chafurdavas na lama dos prazeres! Tu, o valente dos valentes... o chefe de nossos arqueiros, tu foste o culpado de todas as desgraças que caíram sobre nós! A nossa tribo está deserta de varões... A planície guarda os seus corpos, mortos quando ias em busca daquela por quem esqueceste a honra e as leis de Seth... Maldito sejas! Maldito sejas!...”

— Não continues, Leah; para! A insânia tomou conta da tua pobre cabeça; — disse ele, penalizado. Não te culpo das palavras injustas que pronuncias. Vejo que sofres muito... Conheço-te, minha tia. Sempre foste orgulhosa, mas não má... Estás magoada, compreendo, Leah. Porém domina este rancor que leio nos teus veneráveis olhos, e escuta-me com calma. Voltei assim que soube da morte de Rehú... Atrasei-me, forçado pelas vicissitudes que me perseguiram em toda a minha malfadada viagem... Mas, esqueçamos tudo isto... O tempo urge... Dize-me: onde está Methusala? Quero ir com ele.

Leah continuava silenciosa, fitando-o com um misto de raiva e desconfiança.

Entristecido, Javan prosseguiu: — Não falas?... Por que? Perdeste o juízo?

— Voltaste só, Javan? — perguntou ela, como se da resposta dele dependesse a sua.

— Sim, voltei... não vês? Mas não percamos tempo. Onde está Methusala?

— Vai ter com Melquizedec; ele te porá a par de tudo...

— Como queiras, minha tia...

Javan ia retirando-se, quando Débora apareceu, fazendo-o parar. A filha de Leah, toda ela era felicidade... Seus olhos, iluminados pela alegria, fitavam, ávidos, o rosto sujo de pó e lama de Javan.

— Voltaste! — exclamou ela como em êxtase. Sabia que havias de vir... Jeovah ouviu as minhas preces.

— Débora... — falou comovido o meu irmão, estendendo-lhe as mãos

que ela tomou nas suas. Débora, — repetiu ele, — teria eu de voltar, mesmo que o dever não me forçasse a isto. Voltaria por ti, Débora... Dei a palavra a minha mãe que assim o faria...

Parecendo falar à virgem, Javan, intencionalmente, fitava Leah, que o encarava meio indecisa, agora, quase envergonhada.

— Voltaste só? — perguntou também Débora.

— Sim, o dever assim me obrigou. Desta vez não trouxe nenhum presente; respondeu ele, parecendo distraído. É que, por um instante, a linda figura de Dinah, surgira-lhe à mente, fazendo-o esquecer tudo mais que o cercava.

Sentindo-lhe o súbito alheamento, a filha de Leah o chamou de manso: KJavan...

Suspirando, ele lhe sorriu, triste.

— Vou ter com minha mãe... Queres vir, também, Débora? — perguntou.

— Sim. Tenho comungado com as tristezas de Milcah; quero agora, também, sentir a alegria dela ao reverter... Javan! Javan! que falta nos fizeste! — confessou ela envolvendo-o num olhar apaixonado.

O jovem, acariciando-lhe os cabelos negros, respondeu enternecido: — Bem sei, Débora... Também a lembrança de ambas me acompanhou sempre.

E voltando-se para Leah, disse, antes de abandonar a tenda: — Vou ter com Melquizedec. Até logo, minha tia... Desejo que me abençoes antes de eu ir para os campos de luta...

Javan era todo compreensão e amor.

Sua alma desconhecia o rancor, o ódio, a malícia. Toda a falta e fraqueza alheias, mereciam-lhe piedade.

Em nossa família, ele era como as rosas de Jericó, só perfume e beleza; eu, o espinho, sempre a ferir quem de mim se aproximasse. Ele era o “eu” superior, pássaro liberto da gaiola dos sentimentos negativos, estendendo as asas para o Infinito, numa ânsia de amplitude maior que a da Terra; eu, o “eu” inferior, sempre preso à Terra, surdo e cego às palavras e exemplo de Beleza extraterrena, fortalecendo-me na maldade e no egoísmo, temeroso de ser destruído pela Força potencial do Bem.

Javan, em tudo, via o reflexo do Amor Universal, impelindo a evolução das Coisas e dos Seres.

— Tudo que existe alimenta-se desse Amor que é a própria Vida, —

dizia-me ele. Tudo, desde a hera às estrelas, vive desse Amor Universal... Amemos, pois, a todas as coisas, por insignificantes que sejam, porque elas vêm de Deus, Josepho.

Eu lhe respondia, sorrindo com desprezo: — Tudo é lama, só a Terra fica, rindo do Tempo e das gerações que passam... A Terra é o Ontem e o Hoje, o Passado e o Futuro. Vivamos o momento presente, porque o mais pouco importa...

Javan não me respondia; fitava-me pesaroso.

\*\*\*

Depois que os dois jovens saíram, Leah ficou pensativa, sentindo que a calma lhe voltava ao ser. A presença e as palavras de Javan tinham-na sossegado. Malgrado o despeito e rancor que ainda persistiam em sua alma, reconhecia que Javan continuava bom e nobre.

\*\*\*

Milcah, ao ver o filho tão ansiosamente esperado, abraçou-o nesse silêncio que é mais expressivo que quaisquer palavras... A sua alegria era tão grande que não necessitava de ser exteriorizada para ser vista e sentida...

Javan leu em seu olhar a satisfação que a dominava.

— Mãe... murmurou ele, vencido pela comoção.

— Vai lavar-te... Respondeu ela. E com carinho estendia-lhe as vestes de chefe dos arqueiros.

O filho não dominava as lágrimas ao vê-la tão abatida.

— Mãe... — repetiu ele, fitando-a com unção. Perdoa-me...

Beijando-o como só as mães sabem beijar, respondeu ela: — Vai lavar-te... Tens que mostrar aos cainitas que, além de bravo, és belo e limpo... Chamam-nos de sujos, os malditos...

Javan riu. Sabia quanto Milcah era zelosa do asseio e da limpeza. Fingindo uma alegria que estava bem longe de sentir, respondeu risonho, tentando acalmar-lhe as mágoas: — Não te entristeças por isso. Hei de mostrar a eles que sou filho da mais cuidadosa das mãezinhas.

E ainda abraçado a ela, voltou-se para Débora, que os olhava sorridente, e pediu-lhe: — Enquanto me lavo, queres prevenir a Melquizedec de minha chegada? Só me resta tempo de vestir-me e partir...

— Sim... — respondeu ela e, já da porta de saída recomendou: “Alimenta-o bem, Milcah... Deve estar faminto.”

A notícia do retorno de Javan foi como a chegada da primavera: reanimaram-se as energias de todos, combatidas pelas angústias dos últimos dias.

Acorreram pressurosos para saudá-lo. E ninguém por um instante sequer, lembrou-se de censurar-lhe a ausência, de exprobar-lhe a demora. Sorriam todos, satisfeitos por vê-lo, já menos desesperançados da vitória sethita.

Minha mãe, também, não lhe perguntara pela virgem que ele amava, respeitando-lhe o silêncio, feliz com a presença dele que lhe era tudo.

Depois de banhado e alimentado, já quase de todo refeito da longa viagem, Javan falara com Melquizedec que lhe traçara o caminho que o levaria a Methusala.

— Ele deposita em ti as suas últimas esperanças, Javan... E nós, também, — disse o ancião, abençoando-o.

Aparentando um ar despreocupado e risonho, para assim confortar os que ficavam, belo como um deus pagão, Javan, enquanto aprontavam-lhe o cavalo, ia dirigindo palavras de ânimo e esperança àqueles que o cercavam: — Sara, estou orgulhoso dos feitos de Togarmah! Guarda-te sempre formosa assim, para recompensá-lo na volta... Feliz Togarmah! tem a mais bela noiva da planície... Judith, para onde fugiu a alegria desses teus lindos olhos? Sorri... O teu bravo esposo, no Céu, sente-se feliz em ver que és corajosa... assim! Que lindo é o teu sorriso, Judith! mais claro que a alvorada... E tu, meu venerável Jacob, perdeste um filho, porém Jeovah ganhou mais um anjo em suas hostes celestes. Jair, os valentes não choram... vou trazer-te dos campos de luta um machado cainita para brincares de guerreiro. Corah, cresce mais um pouco e, na primavera, casar-me-ei contigo...

Ao ouvi-lo, as mulheres sorriam, as crianças enxugavam as lágrimas da orfandade e no coração dos velhos renascia a esperança.

Assim era Javan: todo amor e piedade.

Já a cavalo, apontando o Alto como a dizer: “Tenham fé!”, partiu em direção ao sul.

Leah, arrependida, abençoava-o, vendo-o desaparecer ao longe.

Débora, abraçada a Milcah, murmurou a fitar os Céus: — Ele voltará, novamente...

— Sim, se Adonay o permitir; — respondeu Milcah, pressentindo que

não mais o veria. E duas lágrimas, tristes e longas, correram-lhe pelo pobre rosto envelhecido. Todos se retiraram, até mesmo Débora, porém Milcah, sozinha, ficou a olhar o ponto em que o filho desaparecera.

Abençoado, ó coração das mães! Só vós sabeis amar até ao sacrifício, até à renúncia...

Coração das mães, simbolizais o próprio Coração de Deus, espargido em vós.

Abençoada Milcah! Perdoaste a Josepho antes mesmo que ele buscasse o perdão de Deus, através do sincero arrependimento... Doce Alma de minha mãe, tão bela e pura como o lótus azul, ao levante... Abençoada Milcah!

## 79

A planície, a essa hora, era palco de terrível combate.

De longe, abrigando-me por trás dos primeiros cadáveres, eu assistia ao encontro dos dois exércitos.

Surpreendendo-nos em meio, do caminho, cercando-nos por todos os lados, os cainitas caíram sobre nós como lobos vorazes. Pareciam um oceano em furiosa ressaca, e nós, frágil embarcação prestes a ir a pique...

Aquilo não era uma luta: era um massacre.

Como águas revoltas, fustigavam-nos implacáveis, destruindo-nos toda a resistência e defesa... Se recuavam, por acaso, era para retornarem, como ondas em refluxo, mais terríveis e violentos!

O pavor criava raízes nos corações sethitas... E já alguns dos nossos fugiam, espavoridos, pela planície...

Lamech e Togarmah, batiam-se como dois leões em fúria...

Mas eram muitos, também, os leões cainitas, e estes devoravam-nos como ovelhas indefesas.

Methusala, de braços erguidos para o céu, orava coadjuvado por Natan e Haran.

— Senhor, — suplicavam eles, — não permitais que o Vosso povo seja destruído... Piedade, Senhor, piedade!...

Mas os gládios e machados cainitas continuavam ceifando-nos as vidas.

A planície parecia um imenso necrotério<sup>{38}</sup>, coberta de cadáveres... O ar

trescalava a sangue e morte.

Aos gritos de guerra sethita sucediam-se agora gemidos e estertores.

Sorvendo até às lias o desespero e o sofrimento, Methusala assistia o seu exército ser destruído pelos bárbaros cainitas que, além de mais numerosos, tinham a supremacia das armas, da força física e destreza nos combates.

Somente o Todo Poderoso poderia evitar a destruição total... — pensava o patriarca de Seth, no auge da aflição.

Nós quase não combatíamos; batidos por todos os lados, apenas resistíamos na ânsia de sobreviver.

E quando, já destroçados, tentávamos a fuga, rompendo o cerco que havia horas nos comprimia num círculo de morte, ouviu-se um grito de guerra que nos deixou a todos suspensos, pois o conhecêramos: — Por Jeovah e Seth! A mim, cainitas! — foi o brado que ecoou por toda a planície.

E a esse brado, outro maior, porque irrompera de centenas de bocas, estremeceu o ar, a mim e até ao fero inimigo...

— Javan! Javan! — gritavam os filhos de Deus, reanimados, como se meu irmão fosse o próprio mensageiro da vitória.

Sim, era Javan que penetrara nas fileiras de Tidal, indiferente ao inimigo, como uma bólide, a fazer, com um gládio cainita, círculos em torno de si, prostrando com golpes amestrados a quem dele se acercava... por um momento, o inimigo ficou estático, vencido pelo imprevisto.

Javan, aproveitando essa ligeira trégua, o súbito arrefecimento que esfriara por segundos o calor da luta, aproximou-se rápido, de Tidal e, freando o cavalo diante do aturdido guerreiro, exclamou alto: — Desafio-te para um combate corpo a corpo! Se venceres, tornar-nos-emos teus escravos; se vencer eu, abandonarás a planície para sempre!

A estas palavras, seguiu-se grande silêncio de expectativa. Todos os combatentes, de ambos os lados, descansando as armas, fitaram o chefe cainita.

Um desafio assim era comum então e, se não. aceito, o desafiado passaria por covarde, merecendo o desprezo de todos os valentes.

Tidal sabia disto, como conhecia, também, a fama de coragem, força e destreza de Javan.

Com os apertados olhos, que pareciam dois traços horizontais, fixou, sem esconder sua admiração, o magnífico porte do valoroso adversário. Depois, lentamente, volveu o olhar para Mehujael, que encarava meu irmão com um

ódio assassino e, só então, respondeu ao repto: — Aceito, com uma condição: lutarás primeiro com Mehujael, a quem ofendeste mortalmente...

— Como? — exclamou Javan empalidecendo.

— Myra, a serva de Dinah, revelou-nos os teus amores com minha irmã, a noiva de Mehujael... Aceitas a condição? — inquiriu Tidal em voz bastante alta para que fosse ouvido por todos.

O que ele propunha era justo, porque nenhum guerreiro podia “roubar” a vingança a outro, se amigo. Um sussurro de espanto e indignação fez-se ouvir em meio aos cainitas; enquanto um “ó” de angustiada surpresa fugiu do mais íntimo do ser do coração dos Filhos de Deus.

As palavras de Tidal chegaram até aos ouvidos de Methusala e Lamech que, empalidecendo também ambos, trocaram um olhar de súbita compreensão.

Javan parecia hesitar... À sua mente falavam estranhos sentimentos. Ao ver o aspecto grosseiro daquele que se dizia noivo da virgem que ele amava, incontida revolta estremeceu-lhe toda a alma... Porém, sobrepujando a repulsa sentida, surgia-lhe ao pensamento a venerável figura de Methusael...

— Sagrados ser-me-eis tu e os teus...— ouvia sua própria voz dizer...

Não! não podia arriscar-se a matar o filho do patriarca de Enoch... Que fazer, Senhor, que fazer?

Volveu ele o olhar além, onde os seus fitavam-no, esperançosos...

— Então?! Não respondes? — soou a voz maldosa de Tidal. Tens medo, sethita?

— Aceito! — respondeu Javan, como quem súbito toma uma resolução. E a arma?...

— Escolheremos nós; como desafiados, cabe-nos este direito. Eu escolho o gládio, e tu, Mehujael?

— A faca com que matamos os animais, — respondeu com desprezo o interrogado, saltando do cavalo. Javan apeara-se também. ..

Nesse meio tempo, aproximaram-se dos dois contendores, vencendo em impetuoso galope a distância que os separava do inimigo, Lamech e Togarmah, que se vieram postar ao lado de Javan, como era costume em duelos semelhantes. Vinham para testemunhar a lhanza do combate, ou defender o irmão, caso houvesse perfídia da parte contrária.

Javan saudou a ambos com um sorriso tranquilo. Depois, fitando um olhar livre de altivez ou orgulho, mas pleno de serenidade em Mehujael que,

desfazendo-se das demais armas, com as pernas musculosas abertas e o dorso meio curvado, segurava a faca fitando-o com ódio, Javan, confiando suas armas a Lamech, aproximou-se do adversário trazendo a faca à cinta. Porém, a alguns passos daquele, tomando da faca, jogou-a à distância, arrancando de todos os presentes uma exclamação de surpresa e de perplexidade por parte dos sethitas que ficaram desorientados com aquele estranho gesto, sem poder compreendê-lo...

Mehujael não se desfez de sua faca antes segurou-a com mais força ainda. E, com um pulo felídeo, atacou a Javan. Este defendeu-se, ágil. Assim se iniciou a luta mortal... Javan mais desenvolto, Mehujael lerdo, porém mais possante.

Era um combate terrível, porque ambos os contendores desconheciam o temor. E Javan desarmado aumentava o interesse da luta, aguçando o entusiasmo dos presentes que, acima de tudo, admiravam a coragem e a valentia, não obstante raça, credo ou situação. O valente, naquele tempo, viesse de onde viesse, era um ser merecedor de toda a glória e honra, conquistando ele todo o respeito e simpatia, quer fosse cainita ou filho de Seth. Pouco importava a origem: o valente era sempre um herói, um semideus, quando não um deus.

Ali, não eram dois povos que se batiam, duas raças que pugnavam pela prepotência dos seus; eram, para a compreensão geral, dois bravos que mediam forças, e, do mais forte e corajoso seriam os aplausos e os louvores da vitória.

O combate prosseguia incerto, cheio de lances de destreza por parte de Javan, e de furor por parte de Mehujael. Aquele rebatia todos os golpes com maestria e sangue-frio; este, desesperado por não ter podido ainda atingir o adversário, desorientado pelo ódio que o dominava, golpeava às cegas.

Javan não atacava, apenas se defendia, sentindo todos que ele visava desarmar o enfurecido inimigo.

Súbito, com um golpe titânico, o cainita atira o contendor ao chão... Este cai, aturdido. Julgando-o vencido, o filho dos Homens lança-se sobre ele para o golpe final... Porém, reagindo numa agilidade de pantera, Javan, erguendo-se, pula de lado, fazendo o inimigo perder o equilíbrio e cair por sua vez; mas tão desastrosamente que, tombando por cima da própria mão que segurava a faca, esta se embebeu até ao cabo em seu próprio peito, varando-lhe o coração.

Mehujael estava morto e não fora Javan quem o matara...

Um brado de triunfo ecoou pela planície! Vinha ele dos Filhos de Deus, regozijando-se com o inesperado desfecho da luta.

Mas o silêncio logo se fez. Tidal saíra a campo e defrontava Javan que, neste instante recebia o gládio das mãos de Lamech.

Além, Methusala, Natan e Haran agradeciam ao Senhor Misericordioso e Justo.

Diante dos espectadores, em suspenso, defrontaram-se os dois chefes guerreiros; Javan, ofegante da luta que travara; Tidal, certo da vitória, tão grande era a desvantagem momentânea do rival...

O cainita teve a primazia no ataque; Javan, fugindo com o corpo, evitou a primeira investida do inimigo.

Com uma precisão meticulosa, o meu irmão procurava cansar o adversário, aparando-lhe todos os golpes... E quando Tidal já arfava, Javan atacou! O cainita defendeu-se, surpreso...

Ambos eram fortes e ágeis, ambos invencíveis em qualquer combate.

Javan era um dos poucos sethitas que lutavam com o gládio, usando-o como um autêntico guerrilheiro cainita. Ele era adestrado e perito no manejo de qualquer arma conhecida de então. E Tidal não lhe ficava atrás.

Depois de uma luta em que os contendores, por mais de vinte vezes, equivaleram-se em coragem, astúcia, força e inteligência; quando a vitória, indecisa, não sabia a quem escolher, Javan, com um golpe ímpar, derrubou o inimigo, prostrando-o morto a seus pés.

Vencera o Exército dos Filhos de Deus. A paz vovera à planície.

\*\*\*

Ergui-me, lesto, em meio aos mortos. O exército cainita, vencido, retirava-se da planície, levando às costas os cadáveres de Mehujael e Tidal...

**80**

Ao recordar agora esse fabuloso acontecimento, sinto o Espírito mergulhar em um oceano de meditações... As lembranças pretéritas, como ondas revoltas, fustigam-me a mente, forçando-me a complexas e estranhas reflexões que, naquela época, eu seria incapaz de conceber.

Hoje apreendo o simbolismo daquele instante: todo o povo que tem por lei o egoísmo, após as lutas, resta-lhe apenas, como troféu, o cadáver de seus loucos ideais... Assim findam, em sobejos pútridos, todos os sonhos e anseios de opressão, tirania e crueldade. Sim... Porque se o Livre-arbítrio não nos limita o campo dos nossos atos, a Justiça Superior força-nos a sofrer as consequências e limitações de todas as nossas ações.

Apreendi com a Vida que quase toda ação em si é nada; mas, o que vem a seguir-se-lhe, isto sim, é tudo. A pedra que atiramos inadvertidamente, pode provocar uma avalanche de efeitos lamentáveis...

Também compreendi que há, em certas ações, um encadeamento de fatos anteriores que nos levam algumas vezes a sermos, tão somente, o fecho de um drama alheio à nossa vontade. Servimos, então, como “instrumentos” da Justiça Divina.

Por isso temos, se quisermos analisar com equidade qualquer feito que se prenda aos destinos da Humanidade terrestre, de dissecá-lo no Tempo e no Espaço, para podermos senti-lo em essência, estrutura, verdade e simbolismo.

Em tudo existe sempre um pouco de mistério, de esotérico.

Para chegarmos à Verdade pura, precisamos transpor o “oculto” dos fatos.

Porém, sem ferir a Consciência dos sábios e justos, e sem escandalizar nem confundir àqueles que ainda não sabem “ver” nem “ouvir” e, muito menos, “compreender”.

Em toda Época e a seu tempo, desvenda a Humanidade, em geral, um pouco do Conhecimento de que o Cosmo é guardião. À Verdade tem que ser dosada racionalmente, para que a ignorância e a inexperiência não a transformem em erro.

A Evolução caminha, não dá saltos no Tempo, nem estaciona no Espaço; segue sem arrebatamentos a sua marcha ascensional nesta Terra e em todo o Universo, rumo ao Infinito, em busca da Perfeição que repousa em Deus.

A prudência inspire-nos sempre: quando possível, escrevamos os fatos em espírito e clareza; quando não, resignemo-nos em narrá-los na letra, unicamente... Quem souber lê-los, que os leia. Os demais contentem-se em repeti-los na forma.

Saibamos “ler”, também, as verdades que se ocultam no esoterismo da Vida. E não apenas usufruí-la animaismente, sem lhe descobrir a significação e a utilidade. Em toda lágrima e em todo sorriso escondem-se

misteriosas razões... Assim como no ódio e no amor, nos afetos e antipatias. Há olhar que nos fala de um sonhado mundo de edênica ventura; outro, de desesperos e infernos... Ambos nos convidam a erguer o véu do pretérito, onde encontraremos o “porque” do céu e do horror que fixamos um dia, nessas retinas espirituais.

Na Ciência, na Religião, como na Vida, há sempre uma Pedra de Rosetta à espera de um Champollion para lhe revelar seus segredos...

Se desejamos conhecer a evolução de um povo, temos que estudá-la analisando-a com clareza e justiça, sem estacionarmos diante das decantadas maravilhas que se erguem nos campos do Progresso, como majestosos carvalhos, fazendo-nos desprezar os pequenos fatos que, semelhantes à grama que pisamos, mostram-nos melhor que aqueles a virtude da terra.

Para aquilatarmos a felicidade de um povo, devemos penetrar nos campos, fábricas e oficinas e não em seus palácios. Porque comungando com a plebe e não com os Cresos, os Sócrates e os Temístocles, avaliamos o bem-estar e o adiantamento de qualquer nação. E não há de ser por suas sábias leis que asseguramos a paz e a ventura de uma comunidade, mas pela maneira como aquelas são aplicadas em benefício de todos.

Às vezes coroamos de louros alguém por acidentais feitos; outras, condenamos, por toda a vida, inocentes vítimas de nossos erros. Quantas vezes cavamos, sem o saber, a sepultura onde serão enterradas as nossas mais queridas ilusões!...

Busquemos o testemunho da História: Quem ignora que a ânfora dos acontecimentos que precederam às Cruzadas estava repleta de inúmeras causas e que a voz do Eremita foi apenas a gota que devia transbordá-la? As razões da Reforma seriam só as querelas entre frades agostinhos e franciscanos? Teria Napoleão assinado a paz em Tilsit se soubesse que estava assinando, também, a sua própria destruição?

Acima de todas as Leis impera a da Justiça Divina!

Livres dirigimos os nossos destinos, mas como condutores de máquinas... Porque Deus é Quem os constrói e os confia às nossas mãos para provarmos a capacidade de ação. Temos que saber dirigi-los com prudência se não quisermos cair em abismos... Se não quisermos carregar, amanhã, os cadáveres de nossos erros.

Mas que sabia eu, então, de Deus e de Sua Justiça? Que era a Vida para mim, como para tantos ainda boje, se não uma razão de gozo?

Estranhos caminhos percorri até sentir Deus em tudo, até vê-Lo fulgindo em cada estrela, nas vagas do mar, nas cordilheiras imensas e nas partículas do pó que amaciam as estradas... Como tive que caminhar para atingi-Lo! E Ele estava sempre tão perto! ... Dentro de mim. Mas a minha maldade impossibilitava-me de senti-Lo...

Apesar de ouvir falar em Elohim — o Deus único — n'Ele não cria: tinha o sentimento espiritual tão embrutecido que, semelhante a um granito, não me apercebia das Manifestações divinas.

Antes inclinava-me para o culto terrível de Moloch e Baal, à adoração de ídolos de pedra, porque podia “tocá-los” e “vê-los”. Vivía pelos sentidos da Matéria, não pelos do Espírito.

Meus olhos mergulhados no culto da Carne, não viam a Deus, não atingiam a Verdade e passavam, indiferentes, pelos vales da pura Beleza e da celeste Bondade, que são conquistas da Alma através do Amor e do Sofrimento.

Só muito mais tarde, em meio ao sinuoso curso das múltiplas encarnações, a Ideia fecunda de Deus dominou-me.

Antes adorei-O em Ormuzd, na Pérsia; em Amon, no Egito; como Júpiter em Roma e Zeus na Grécia. Com Krishna, na Índia, revelou-se-me a Ideia de Deus como Força redentora, toda Amor e Perfeição; e, séculos depois, na Judeia, com Cristo, aprendi a exemplificação desse Amor e dessa Perfeição. Mas até lá, quanto erro, quanta maldade, quanta dor e arrependimento!... E quanta luta e trabalho em desfazer, na Terra, todo o Mal plantado!...

Longa foi a minha estrada percorrida em busca de Deus.

Porém, retornemos à planície, aos fatos que memoriamos.

## 82

Methusala, acompanhado pelos outros anciãos, foi ao encontro de Javan que estava sendo abraçado por Togarmah e Lamech, sob os aplausos de todos os guerreiros.

Eu, deixando o abrigo dos cadáveres, acompanhei-os de perto.

Meu irmão tinha a bela fronte levemente ferida e os cabelos revoltos. Entretanto, sorria...

O nosso patriarca, radiante, beijou-lhe as faces como a um filho muito, amado. Seguiram-lhe o exemplo Natan e Haran.

Além, os cainitas, derrotados, afastavam-se rumando para leste. Já não lembravam uma serpente, mas formigueiro em dispersão, com as formigas assustadas, fugindo à pressa. Atrás de si deixavam destruição e mortos...

No horizonte, o Sol muito rubro parecia uma chaga no corpo do céu.

Methusala, ante o silêncio respeitoso de todos os combatentes, estendendo as mãos sobre a cabeça de Javan, abençoou-o, dizendo: — Glória a Sebaoth — o Senhor dos Exércitos — que armou o braço de Javan com Seu Gládio vingador! Cantem as gerações vindouras a Tua glória, oh! Elohim, Único e Poderoso Deus! Honra a Javan que esmagou a Serpente do Mal! Os moços repitam amanhã aos filhos o que testemunharam hoje. Abençoado sejas tu, Javan, valente dos valentes! Sagrado estás guerreiro de Jeovah! Que a tua brava descendência beba de ti a força e a coragem! Só há um Deus — Elohim! E Seu guerreiro és tu, Javan! Abençoado sejas! És o mais forte e o mais bravo filho de Seth! Vem... Festejemos a vitória com um grande sacrifício a Sebaoth — o Deus dos Exércitos! Vem...

— Perdoa-me, Methusala, mas devo partir. Se algum merecimento tem o guerreiro que cumpriu o dever, consente que ele parta... Surpreendeu-se o patriarca: Que dizes?! Queres partir?! Já?!

— Sim... A mesma força que me trouxe a ti, impele-me para longe — respondeu o jovem serenamente.

— Que força é esta? — inquiriu o ancião com a voz alterada pela emoção.

Impassível, Javan respondeu: — A do dever.

Eu me aproximei sentindo a gravidade da situação. Em volta dos dois o silêncio era completo. Ouvia-se apenas, de instante a instante, o gemer dos feridos mais próximos.

— Sobre o campo, onde os mortos de olhos vítreos pareciam imersos na imensidão do espaço, corvos vojavam atraídos pelo sangue e pelo cheiro da morte.

Methusala, sombrio, perscrutava o olhar límpido de Javan. Friamente indagou: — E para onde essa força te impele agora?

Sem hesitar, o moço respondeu: — Para Enoch.

O patriarca de Seth empalideceu. Seus olhos, ansiosos, buscaram os do filho. Lamech também estava branco como um corpo sem vida... Ele amava a Javan como irmão.

Os guerreiros, suspensos e ansiosos, acompanhavam o estranho diálogo.

A tensão era enervante... Até mesmo os feridos continham os gemidos para poderem ouvir melhor. Eu não perdia uma só palavra do que diziam. Quem sabe se aquele instante não seria o da perdição de Javan?

Um sussurro ameaçador de desaprovação já se fazia ouvir. Eu sentia que a vida do meu irmão perigava. Mais algumas palavras semelhantes às últimas, e esquecidos seriam os seus feitos gloriosos... As mãos que o aplaudiam antes, o apedrejariam friamente se ele se confessasse transgressor das leis de Seth...

Meus olhos fitavam, rapacemente, o cobiçado anel que via brilhar na forte mão de Javan. Quem possuiria o outro, quem?

Volvendo o olhar para o meu irmão, Methusala perguntou com incontida severidade; todo ele era desaprovação e desgosto: — Que vais buscar na cidade maldita?

— Aquela a quem amo e desejo como esposa.

A calma de Javan era admirável! Parecia não sentir o perigo que o cercava... Porque estaria ele tão seguro de si? — perguntava-me eu, intrigado.

— A irmã de Tidal? — indagou com mais severidade ainda o ancião.

— Sim... Dinah, irmã de Tidal, filha de Rehú e da sethita Miriam...

— Justo e misericordioso Jeovah! — exclamou Methusala com unção. E, atraindo o jovem a seus braços, continuou: — Nenhum mal há em teu amor, Javan. Podes partir, filho. Eu te abençoo e à filha de Miriam.

As lágrimas banhavam o venerável rosto do patriarca. Lamech também estava comovido, assim como todos os presentes. Meu irmão sorria, feliz.

Eu compreendera, enfim, a estranha calma de Javan: o seu amor era sethita, nele não havia nenhum pecado. Maldito fosse ele! Como eu o odiava! Poder algum tem o ódio sobre as Almas justas, porque do contrário o meu olhar iracundo teria morto o meu irmão naquele instante.

Methusala dizia:

— Estás ferido e cansado, Javan... Por que não repousas alguns dias na tribo, sob os cuidados de Milcah? Partirias quando já curado e de todo refeito da peleja...

— Sinto não poder satisfazer-te o desejo, venerável Methusala. Só por

alguns instantes demorar-me-ei ainda Longe, espera-me Dinah. Corre em suas veias o nosso sangue e por isso é ela odiada pelos cainitas...

— Tenho que ir ao seu encontro. Se os sacerdotes descobrem o sentimento que nos une, ela será sepultada viva, em honra a Baal... Não poderei repousar sabendo-a em perigo. Myra, a serva de Dinah, traiu-nos. Ouviste Tidal afirmá-lo. Ela deve estar nas mãos de Zila, a perversa esposa de Rehú, que a odeia tanto quanto odiava à mãe dela. Preciso partir quanto antes, Methusala.

— Tens razão... Não te detenho mais. Leva contigo uma escolta de valentes guerreiros.

— Não seria aconselhável. Sozinho, passarei melhor despercebido pelas terras inimigas. Uma escolta chamaria atenção...

— Eu te acompanharei, — disse Lamech, adiantando-se.

— Seria uma ventura ter-te junto de mim. Porém não aceito o teu generoso oferecimento. Tens, como filho de nosso patriarca, de assistir ao sacrifício da Vitória... Não podes afastar-te da tribo agora, Lamech...

— Sim, meu filho. Javan tem razão. Como meu primogênito tens que ficar ao meu lado. Mas, quem irá com Javan?

— Eu! — exclamei, aproximando-me.

Todos me olharam com certo mal-estar. Javan, com surpresa.

— Tu, Josepho? — inquiriu o patriarca, fitando-me com estranheza.

— Sim, eu. Acompanharei o meu irmão, se ele me aceitar.

— Não acho a tua companhia muito aconselhável... — ia dizendo Lamech, quando Javan atalhou-o: — Aceito o teu oferecimento, irmão. Apronta-nos bons caalos, Josepho... O caminho é longo.

Lamech, voltando-se para Methusala, pediu: — Desejo falar a sós com Javan; consentes, meu pai?

— Sim, filho...

Os dois afastaram-se ombro a ombro. O que conversaram, só vim a saber tempos depois. Mas já agora posso transcrevê-lo.

Mal se distanciaram de nós, Lamech externou o que o preocupava: — Não deves ir com Josepho. Não ignoras que ele te inveja... Teu irmão está apaixonado por Débora e culpa-te pelo desprezo que ela lhe manifesta...

— Quem te disse isso, ele? — perguntou meu irmão visivelmente contrafeito.

— Não... Bem sabes que tenho ouvidos em todas as tendas. O procedimento de Josepho tem sido muito estranho nestes dias dolorosos por

que passamos. Ele como que se regozijava por nossos revezes nos campos de luta... Não te sei dizer ao certo... Mas Josepho tem parecido, infelizmente, mais um inimigo do que um irmão nosso. Surpreendi-o muitas vezes só, escondido na noite, espionando-nos as conversas... Enviamos mensageiros a ti, e nenhum regressou. Um deles foi o bravo Jared... Quando este partiu, Josepho ausentou-se por toda a noite e só voltou com o Sol... porém Jared não retornou nunca mais...

Javan franziu os cenhos, contrariado.

— Que insinuas, Lamech? perguntou aflito. Crês que meu irmão tenha descido tanto, ao ponto de trair-nos? assassinar?

— Não insinuo, desconfio... Repito-te que tem sido muito estranho o procedimento de Josepho... Mas prova de sua iniquidade não temos nenhuma. Em respeito a Milcah e a ti, não o inquirimos, apenas tem sido vigiado. Porém, ele é cauteloso como a raposa... Não o surpreendemos ainda.

Javan estava sério. Passava as mãos pelos cabelos revoltos, num gesto muito dele quando preocupado. Vagarosamente dirigiu os olhos para o campo de luta... Passava o olhar de um morto para outro, fitando-os com as feições contraídas... Depois, olhou os feridos, com angústia. Como em sonho, os quadros de devastação que vira em caminho quando de retorno à tribo, perpassavam em sua mente, nítidos e terríveis... Lembrou-se, também da dor que lera no negro olhar de Judith, chorando a morte do esposo, e no do velho Jacob, saudoso do filho... Os rostinhos tristes dos órfãos da tribo surgiam-lhe desolados, úmidos de lágrimas. Parecia ouvir a voz infantil de Corah, dizendo-lhe: — Nochor, Basemath e eu perdemos papai...

E a mãezinha deles, Raquel, fitava-o, murmurando triste: — Rehuel morreu...

— Também o nosso pai morreu..., — dizia-lhe Jair, fazendo “beicinho” de choro.

Não! Josepho não contribuiria para tão grandes desgraças... Impossível! Era tudo, apenas, conjecturas de Lamech. Pobre irmão... Não inspirava amor nem simpatia, mas não era mau de todo. Seria aconselhável mesmo levá-lo... Porque, talvez, só, ele poderia, inconscientemente, cometer algum erro ou leviandade que lhe viriam a ser fatais... E Milcah, a sua santa mãe, morreria...

Ao seu lado, em silêncio constrangido, Lamech aguardava-lhe a palavra. Sentia que magoara a Javan com a sua franqueza e lealdade. Não se arrependia. Era uma pena que o amigo não lhe ouvisse o conselho... Pelo menos, ficaria

prevenido contra a peçonha de Josepho... — meditava o primogênito de Methusala.

Eu, afastado, escolhia dois cavalos entre os mais ágeis e fortes. De viés, volvia o olhar irônico para o lado onde estavam Javan e meu primo.

Desconfiava de Lamech. Sabia que ele há muito me descobrira as intenções... Um dia vingar-me-ia dele... pensava eu, depositando sobre os corcéis os alforjes que devíamos levar.

Eli, um dos guerreiros, por ordem de Methusala, preparava-nos uma besta, carregando-a com fartos mantimentos.

Enquanto isso, alguns dos nossos musculosos homens cavavam fossos onde deviam ser enterrados os mortos; outros aprontavam macas rudimentares, feitas com folhas de palmeira, em que iriam ser transportados os feridos que não pudessem viajar no dorso das montarias. Aprestavam-se os sethitas, assim, para o retorno vitorioso à tribo.

\*

Fitando o amigo, Javan falou: — Lamech, perdoa-me, mas levarei Josepho comigo. Junto ao nosso povo, segundo afirmas, ele poderia prejudicar a muitos; ao meu lado só a mim poderá fazê-lo... Não duvido de ti, Lamech, embora seja duro aceitar-te as suposições. Josepho é meu único irmão... Sei que não é um virtuoso, mas não quero crê-lo um criminoso frio e calculista... Jeovah permita que estejas, enganado, embora eu tema que não...

Lamech estendeu-lhe a mão, que o amigo tomou nas suas.

— Compreendo-te, Javan. Também eu gostaria de estar enganado... Mas, não confies muito em Josepho, é só o que te peço. Traze-o sempre sob os teus olhos... prometes?

Javan aquieceu, triste:

— Sim... Que pesar para minha Alma saber meu irmão tão infeliz... E quanto minha mãe deve sofrer!

— Tuas virtudes recompensam-na, em parte, dos erros de meu primo. Sê cauteloso, pois, por Milcah.

— Sossega. Sei que és amigo. Amo-te muito, Lamech. Perdoa-me se guardei silêncio sobre meu amor por Dinah. Temia desgostar-te, pensando em Débora...

— Compreendo... Nada tenho a perdoar-te. O amor, bem sei, é como as estrelas: teme a luz indiscreta do Sol... Necessita ocultar-se no soturno dos corações, para melhor fulgir... Todo coração enamorado é como a noite: vive

de mistérios... Não me disseste, um dia, à margem do Eufrates, que amavas uma estrela, Javan?

— Sim... O olhar de Dinah brilha mais que a estrela da tarde. Porém temo, Lamech, não usufruir por muito tempo da luz que dele cintila... Pressinto um perigo oculto, aguardando-me em Enoch. Aquela cidade é o antro da morte... Esta parece espreitar-nos por toda a parte. Tidal vivo, o perigo era menor, porque ninguém sem o consentimento dele, ousaria tocar em Dinah... Falo em Dinah, porque ela é a minha vida. A existência perderia todo o encanto sem ela... Os sacerdotes, que são lá os mensageiros da morte, temiam a Tidal. Agora estão livres e, certamente, retomarão o poder que lhes suprimiram Rehú e o filho. Não podes saber o que sejam aqueles sacerdotes... Fazem da crueldade culto. Não fosse o patriarca Methusael, teriam me sacrificado a Baal, o monstruoso ídolo que tem nos braços um dragão como símbolo de sua ferocidade.

— Conta-me como foi isso... pediu Lamech, mais que preocupado.

Javan, resumindo, relatou ao primo as suas aventuras na cidade cainítica.

Concluindo, disse ele:

— Sabes agora o perigo que corre Dinah naquele antro. Se eu não voltar de lá, peço-te, zela por minha mãe, Lamech...

Meu primo sacudiu a cabeça, como querendo afugentar temores. Fingiu despreocupação quando falou, embora a sua voz estivesse ligeiramente trêmula: — Hás de voltar. Que augúrios são estes, Javan? Estou desconhecendo-te... Se temes algo, porque não levas uma escolta? Pelo menos mais alguém que possa defender-te...

— Não, basta-me Josepho. Como em Enoch com Methusael... Não creio que ele me condene porque causei a morte de seu filho... Viste bem... eu não queria matar a Mehujael, apenas dominá-lo, pô-lo fora de combate... Porém a própria fúria dele o matou... não fui culpado.

— Nós e o inimigo testemunhamos: não foste tu que o mataste. Se Methusael for justo como dizes, há de compreender.

— Ele é justo. Tão virtuoso quanto o nosso patriarca.

— Ainda bem. Sossega, pois... Mas, voltando à tua viagem a Enoch: eu preferia que invés de Josepho, levasses um dos nossos valentes. Qualquer um deles daria a vida por ti...

— Não falemos mais neste assunto, suplico-te... Porque sobre isto não me preocupo. Temos, bem o sabes, um destino traçado... justa e

laboriosamente delineado. Se tiver de perecer nas mãos de Josepho algum mal já lhe devo ter feito para que assim aconteça. Diz a Ciência de Seth, que ninguém é inocente neste mundo... Adianta-nos ela, ainda, que a vida material não passa de uma expressão inferior, instável, efêmera. Que é ela senão a dinâmica do Espírito no tempo e no espaço? O Espírito é a única realidade pura. A gnose ensinou-me que Deus está em mim, como em ti e em tudo... Mas, Josepho desconhece essa mística racional — gnose — que é o dom de encontrar Deus em nós, através das faculdades ocultas da consciência. Ele ignora que a Alma humana é imortal. Guia-se apenas pelos instintos da carne. O desenvolvimento dele opera-se ainda nos planos terrestres. Josepho não se apercebe que todos nós estamos sujeitos a um progresso anímico alternado, ora descendente, ora ascendente, em existências corporais e espirituais. Ele está preso à obscuridade do Inconsciente. Julga céu o que é inferno. Quando atingir o estado Consciente, compreenderá o desolado horizonte material em que se estreita a sua Alma. A consciência de humanidade conduz-me acima da lei da luta pela vida... Tenho que tentar salvar a Josepho das fortes malhas do mal tecidas por ele próprio, mesmo sacrificando a minha vida. Que é ela comparada à salvação de qualquer Alma? Que buscamos nós que conhecemos a Ciência latente de Seth? A Perfeição, não é, meu amigo? Sonhamos atingi-la, para um dia livrarmo-nos dos jugos da Reencarnação, quando, perfeitos, regressaremos a Deus, já na plenitude de nossas consciências, atingindo assim a ciência da divindade. Porém que busca o meu pobre Josepho? Apenas estar na Terra, único estado que compreende... Amo-o porque é frágil, apesar de julgar-se forte e terrível. Levo-o comigo a Enoch... Quem sabe se, na volta, não ansiará por mais amplos horizontes?

Javan falava com os olhos fitos nos de Lamech, mas parecia não os ver, embevecido que estava na contemplação de seu mundo interior.

— Não quero discordar de ti; — respondeu Lamech olhando-o com admiração. Sempre foste melhor do que eu e mais sábio... Não! não protestes... É a verdade. Segue em paz a tua viagem. Zelarei, em tua ausência, por Milcah. Aliás, Débora o fará melhor do que eu... Ama-te tanto e à tua mãe!...

— E nós a ela, também... Embora o meu seja um amor diferente deste que me impele para Dinah. Prometi desposá-la, ao volver de Enoch. Cumprirei a promessa, se não morrer... Contudo preferia vê-la na tenda de alguém que a amasse tanto quanto eu a Dinah... Não me queres mal em dizer-te isto, Lamech?

— Não... Mas Débora somente será feliz contigo... Podes ter duas esposas e hás de fazê-las venturosas.

Javan não respondeu... Depois de breve silêncio, disse ele, olhando o Sol: — Devo partir agora, meu irmão Lamech... Não há mais segredos entre nós.

Em passos vagarosos, aproximavam-se dos demais...

Parando por um instante e tomando a mão de Javan onde fulgia o estranho anel do ruta, Lamech perguntou, curioso: — E o outro anel gêmeo deste, onde se encontra?

— Na linda mão de Dinah, — respondeu ele sonhadamente.

Ao erguerem os olhos, deram com os meus, sorrindo demoníacos ... Eu ouvira as últimas palavras de Javan.

\*

Momentos depois, partíamos com destino à cidade dos chamados Filhos dos Homens.

## 83

Depois destes últimos acontecimentos, relembremos o que se passava em Enoch, então, após a chegada das primeiras tropas que precederam o grosso do exército vencido.

\*\*\*

O povo cainita recebeu a notícia das mortes de Tidal e Mehujael, com mais espanto que pesar. Os dois chefes não eram amados, porém temidos pelos Filhos dos Homens.

A tensão de medo sob que viviam os habitantes da poderosa cidade, sofreu um como relaxamento, distendeu-se... Respiraram, sentindo as vidas mais leves, isentas de temores. E, regozijados, imergiram ainda mais no atascal das concupiscências, dos vícios pecaminosos e lascivos...

Os corpos dos dois chefes tinham sido sepultados assim que os guerreiros vencidos passaram os domínios de Seth. Dólmens assinalavam-lhes os lugares onde repousavam os seus restos.

Entretanto, os bonzos fizeram erguer dois gigantescos túmulos de pedra e colocaram dentro deles os pertences de Mehujael e Tidal, em um simulacro

de sepultamento, e disseram ao indiferente povo, que “para ali viria o sopro vital dos dois guerreiros”... À noite, conduziram para os seus templos as riquezas acumuladas no pretense túmulo...

Os sacerdotes de Enoch, por meio de sacrifícios e exorcismos em prol dos dois guerreiros mortos, escondiam o contentamento que lhes ia n’alma com o desaparecimento destes. E preparavam-se para reassumir o poder temporal da cidade.

\*\*\*

Ao receber a fúnebre notícia, Methusael recolhera-se à casa, em luto pelo filho. Não tivera uma palavra de censura contra Javan. Compreendera que o sethita fora, apenas, instrumento da Justiça divina.

Graças às faculdades latentes de sua alma, já bastante desenvolvidas nessa época de obscuridade e corrupção, ele previra aquele “desfecho” ao louco sonho de domínio e conquistas que acalentara Tidal na vida. Sentira que as desmedidas ambições do déspota filho de Rehú teriam como epílogo o aniquilamento e a morte...

No silêncio de seu triste lar, despojado dos bens de Mehujael que tinham sido conduzidos para o suposto túmulo, o patriarca de Enoch, indiferente às cerimônias públicas levadas a efeito pelos sacerdotes em intenção dos dois guerreiros, sem mesmo opor-se ao vandalismo operado em sua casa, orava ele ofertando as suas lágrimas de pai, em oblata à salvação de seu filho e de Tidal.

Na casa deste último, as lágrimas eram diferentes: tinham a cor do desespero e da revolta, sombreadas pelo ódio...

Zila adoecera de dor. Presa ao leito de enferma, meio louca, culpava Dinah por todas as suas desgraças. Seus brados insanos estremeciam as pedras da casa, aturdindo os ouvidos dos servos que a julgavam vítima de gênios maus. Quando a viram assim possessa, correram aos templos e pediram aos sacerdotes que viessem esconjurá-la... Porém estes, que antes eram tão subservientes diante da esposa de Rehú, repreenderam os servos, expulsando-os dos templos...

Furiosos, estes vingaram-se em Dinah, impondo à pobre filha de Miriam privações e maltratos.

Ela não saía de seus aposentos, vigiada dia e noite pelos servos e eunucos. Só não a matavam, em temor ao Deus sethita, que julgavam poderoso e

terrível.

Tolhido pelo luto em seu lar, Methusael ignorava as torturas porque passava Dinah, julgando-a, pelo contrário, agora liberta do jugo de Tidal.

Myra, a serva, prisioneira também da ira dos fâmulos, tentava consolar Dinah, arrependida da traição que lhe fizera.

Agira a ignorante mulher, julgando que assim beneficiava a sua ama, a quem considerava magiada por artes de Javan. Confessara a sua falta a Dinah que, compassiva, a perdoara. Confusamente sentia Myra que não havia “medicina” que combatesse a “magia” do sethita...

E, diante dos sofrimentos que infligiam à sua querida senhora, compreendera que apenas lhe aumentara os sofrimentos, descobrindo-lhe os segredos da alma.

\*

Como dissemos, antes, os sacerdotes de Enoch, desterrados nos templos por Tidal e Rehú durante toda uma geração, voltaram a dominar. Sagraram chefe da cidade um homem fraco, de nome Ezequiel, jungido a eles e aos seus ídolos de pedra.

A pretexto de expurgar os “gênios” sethitas, sacrificavam vítimas humanas, escolhidas quase sempre entre aqueles mais fiéis à memória de Tidal... Assim, envolvendo os antigos chefes em um clima de terror e ameaça constante, conseguiram em pouco tempo o domínio quase total de Enoch...

Quase total, afirmamos, porque malgrado eles, Methusael exercia poderosa influência no ânimo do povo, embora se mantivesse afastado, recluso em seu lar.

O silêncio em que se conservava diante dos desmandos e abusos do povo e dos padres, era cheio de eloquência... Parecia dizer em seu mutismo: “Povo, tens a vida que mereces. E os sacerdotes não lhe perdoavam aquele silêncio que soava aos seus ouvidos como um grito de desaprovação, mais alto e claro que qualquer advertência expressa a viva voz.

Sacrificados em verdadeiras hecatombes, tombavam sob o cutelo dos sanguinários bonzos de Baal e Moloch, todos aqueles que podiam indispor os cainitas contra eles.

Methusael, ao ter notícia dessas matanças e das orgias cada vez mais insanas a que se entregava o povo, pensava, fitando ao longe as pilastras dos

templos, onde os abutres alongavam as asquerosas cabeças: — Que poderei fazer contra tanta iniquidade? Se estendesse a minha mão tentando sustar essa enchente de crimes e vícios, seria o mesmo que sonhar escurecer o Sol, secar o oceano, conter o raio... Infeliz geração! Hás de desaparecer da face da Terra de tal maneira que, amanhã, não restará de ti o mínimo vestígio! Confundida serás em pó e lama, e ninguém ousará dizer à posteridade: “Era grande e poderosa”... Porque, onde estarão a tua força e a tua ciência, para darem testemunhos de ti? No nada, geração infeliz!...

\*

Sedentos de poder, os sacerdotes faziam correr o sangue das suas vítimas sobre os altares, ao som dos sinistros cantos e dos brados ferozes dos adoradores de Baal e Moloch...

Nas sentinas e lupanares, a luxúria sacrificava as Almas no altar dos prazeres sensuais...

Enoch exalava a sangue e lascívia.

Uma teocracia quase absoluta imperava pelo terror esmagando um povo embriagado de vícios e sexo, que se deixava levar como um ébrio, impotente e bestial.

\*

O terror sempre foi a arma predileta dos homens quando se deixam dominar fatalmente por superstições e interesses egoísticos, sacrificando ao “eu” pérfido e cruel as vítimas de suas paixões. Agem sempre criminosamente se presas da perversão e dos instintos maus da natureza humana, se não os inspira um Ideal puro e justo e não os domina e orienta uma Consciência Superior.

Esses homens, quer nos campos da política ou da religião, ou quando alçados a qualquer posto de mando ou direção, invés de conquistar através do Bem, fazem do terror instrumento de domínio...

São eles os eternos verdugos de todos os tempos.

Quando a Flor da Verdade que Jesus, o Jardineiro divino, plantou no mundo, brotará na terra bravia dessas Almas, perfumando-as? Quando o Amor Fraternal, como uma rosa branca, desabrochará as suas pétalas de luz nesses corações de “steppe”?

Quando poderão elas ingressar no “Reino de Deus” anunciado pelo Cristo?<sup>{39}</sup> Quando renascerão pelo Espírito, atingindo completa vitória sobre a matéria? Quando as suas Almas batizadas pela água da Verdade e renascidas pelo Espírito, senhoras dessa Verdade que é a vida, o princípio e o fim da existência, ingressarão nesse estado celeste e divino que o Cristo chamou de “Reino de Deus”?

Ingressarão nesse estado perfeito, quando unidos em um todo os potenciais da Inteligência; Razão e Vontade; Alma e Matéria renascidas pela Verdade; quando o Homem domine o Corpo, pela Alma; a Alma, pelo Espírito; o Espírito, por Deus.

## 84

Seguindo os caminhos menos conhecidos que conduziam a Enoch, Javan me dizia, quebrando o silêncio em que eu me conservava quase sempre, arquitetando meus sinistros planos: — Josepho, não sentes que há uma Alma eterna habitando em todas as coisas? Nas flores silvestres... no canto das aves... no ar que respiramos? Percebes um sopro divino animando os seres?

— Não, nada percebo... — respondi secamente. Apenas intriga-me algo: Como podes partilhar entre duas mulheres o teu amor? E desposá-las, tendo o teu “nobre” coração de se dividir entre elas? Queres explicar-me, “virtuoso” irmão? — inquiri ironicamente, conservando o cavalo lado a lado com o dele. Javan fitou-me com o seu olhar profundo: — Só a Dinah desejo como esposa... — respondeu ele sério. Quisera que “alguém digno” — e ele acentuou as duas últimas palavras — soubesse conquistar Débora ao ponto de ela não mais pensar em mim... Conheces “alguém” capaz disto, Josepho? — perguntou ele entre sério e brincalhão.

Desviando o olhar do seu, respondi com aspereza: — Bem sabes que unicamente a ti Débora ama.

— Julga amar-me, isto sim; — continuou ele. E tu, Josepho, gostarás de substituir-me no coração de Débora?

— Eu? — perguntei, tomado pela surpresa.

— Sim, tu, irmão. Por que não tentas fazer-te amado por ela?

— Irritas-me com estas palavras absurdas! — exclamei roucamente.

Quem me amaria com semelhante aspecto? Sei que sou horripilante... Apenas sob a ação da magia, alguma virgem poderia amar-me... — conclui eu com os olhos fitos no anel do ruta.

Javan segurou as rédeas do seu cavalo, fazendo-o parar. Parei também o meu.

Pousando a mão em meu ombro, disseme ele: — Ninguém é propriamente feio, Josepho, a não ser quando assim quer... A beleza vem da Alma e o corpo tão somente recebe o seu reflexo... Não há olhar mais formoso que aquele prenhe de virtudes! Querendo, irmão, poderás ser muito belo, irradiar simpatia, atrair, conquistar corações, sem necessitates de magiar a ninguém... Por que não tentas, Josepho?

— Tolices! — exclamei impulsionando a montaria. — Eu não poderia apaixonar-me por nenhuma jovem que tivesse um aspecto semelhante ao meu... A fealdade é repulsiva! Não amaria mulher alguma que fosse feia, nem mesmo...

Interrompi-me... Não queria trair os meus sentimentos.

— Nem mesmo Débora? Não era isto que querias dizer? — falou Javan completando-me a frase.

. — Não! E não é de tua conta... Estou aqui para “auxiliar-te” ... disse eu com ironia. E não para ouvir-te insânias.

Javan, imperturbável, sorria... o que me irritava ainda mais. O miserável zomba de mim; — pensei. Ria dos meus sentimentos. Como o odiei, então! E ao fitar-lhe o belo aspecto, esse ódio cresceu, quase transbordou em meu ser dominado pela inveja e pelo ciúme.

Até que ponto conhecia-me ele os sentimentos? — inquiria-me, fitando-o com desconfiança.

E fazendo o cavalo aumentar o passo, mergulhei em meus negros projetos...

A este sucederam-se outros dias.

Certa tarde, descansávamos abrigados sob um grande cedro, a olhar distraídos um bando de gazelas a brincar em ágeis pulos um pouco distanciadas de nós.

A brisa, de leve, fazia farfalhar as folhas das árvores, espalhando pelo ar o perfume dos sândalos silvestres.

Estava-se no princípio da estação dos grandes calores, quando fortes chuvas umedeciam a terra, cobrindo-a de vegetação rasteira. Nessa época, em

que as cegonhas voejando, pareciam querer construir os ninhos sobre as nuvens, e os “kokilas” chilreavam com mais suavidade ainda; e róseas eram sempre as madrugadas, mornos os dias, suave e moroso o entardecer... Quando, dentro da noite cálida, as estrelas lembravam pirilampos piscando no campo do céu.

A sombra benfazeja do cedro refrescava-nos as frentes ensolaradas. Os nossos corcéis pastavam fartando-se de grama verde.

A paisagem era (...) <sup>{40}</sup> sombra e luz.

Javan, fitando-me os olhos, falou: — Repara, Josepho, como a sombra segue os nossos corpos... Assim deve acompanhar as nossas Almas o mal que fazemos. O homem bom deve ser semelhante a este cedro que nos abriga: refresca e beneficia a todos que lhe busquem as virtudes. Não necessitamos de ciência para compreendermos Deus. Ele está visível em toda a Natureza, Josepho. Temos que nos fazer apenas amados por Ele. Mas vê: quanta humildade em tudo que nos cerca! E a humildade é sempre agradável aos olhos de Deus. Na humildade de espírito e de coração, reside a sabedoria necessária àquele que deseje conhecê-Lo. Ninguém precisa de altos estudos para compreendê-Lo, e sim de Amor para senti-Lo. Porque “só Deus pode compreender a Deus”. Que apreendem o “limitado” e o “finito” do “Infinito” e do “Espaço” infindo? Só o “Infinito” e o “Espaço” podem compreender o “Infinito”. Temos que esquecer a nossa mágoa pela dor dos outros. As ações que beneficiam o semelhante são as únicas pesadas na balança do Céu. Não aquele céu azul que vê ali, onde esvoaçam cegonhas. Aquilo não é céu nem azul, não passa de uma ilusão de nossos olhos, que sempre julgam pela aparência que tanto engana... Falo-te, porém, do Céu “estado” para o qual vivem as Almas justas, os bons profetas. Céu em que respiram os Gênios de Deus... — concluiu Javan, com os olhos iluminados por estranha luz que fulgia como pequeno sol.

— Como julgas Deus? — perguntei sonhando confundi-lo.

— Quem pode julgá-Lo, Josepho? Todas as estrelas e sois juntos, fulgindo, não dariam uma ideia da Luz do Criador que tudo ilumina, constelações e nebulosas... Terra e Céu!

— Não entendo este teu Deus... resmunguei, coçando a cabeça. Será Ele semelhante a Moloch ou a Baal?

— Não necessitas entender, Josepho... Ele é Infinito em Suas Formas;

Seu Corpo é sem limites! Vê tudo e está em tudo: nos deuses e nos homens. Vês aquelas aves, Josepho? elas também são parcelas de Deus. Ele vive naquela plantinha acolá, como neste cedro que nos sombreia. Em mim, como em ti, Josepho...

Espreguicei-me, entediado.

— Enfastia-me esta conversa. Não te cansas de explicar-me estas coisas. Só creio nesta terra, — disse eu tomando um pouco de areia nas mãos. Fazendo-a cair por entre os dedos, continuei: ela, sim, *é* poderosa! Alimenta-nos em vida e, após a nossa morte, devora-nos os corpos. Tudo passa, somente ela fica rindo do Tempo e das gerações. A Terra *é* mais poderosa do que Jeovah, e mais terrível que Baal e todos os deuses e elementos...

— Não, Josepho... Só há um Deus, Jeovah. E Ele é eterno e está em nós! E se tudo contém Deus, se Ele está em tudo, não existe morte. Nada se destrói, Josepho, nem mesmo a matéria... Esta transforma-se e renasce em nova manifestação da Vida Eterna. Quisera fazer-te compreender, irmão...

— Não te dês a este inútil trabalho! — E remedando-o em voz de falsete, continuei: Só há um Deus... Tudo é Deus... Não existe morte... Por Marduk e todos os demônios! Fazes-me rir...

E realmente ri às gargalhadas, espantando as gazelas que fugiram espavoridas...

— Não existe morte!... Ah! ah! — gargalhava, e de um salto tomei nas mãos um filhote de ave que vira, súbito, pipilando em um ninho suspenso em um dos galhos do cedro. E em menos de um segundo, estrangulei-o com os dedos, sem dar tempo a Javan de evitar-me o gesto.

— Para! — gritou-me ele adivinhando-me a intenção.

— Ah! ah!... Vês? Isto é ou não é morte? — perguntei, mostrando o filhotinho morto.

Javan fitava-me com tristeza imensa. Angustiado, perguntou-me: — És humano, Josepho? Não pareces...

E afastou-se lentamente, dirigindo-se aos nossos cavalos. Eu, atirando para longe a avezita morta, segui-lhe o exemplo e, em silêncio, continuamos a jornada.

Quatro sois após, cavalgávamos terras cainhas. Até ali a viagem transcorrera sem grandes acidentes. Apenas vestígios encontrávamos das tropas dos Filhos dos Homens. Marcas de acampamentos, fogos extintos, restos de alimentos. E muitos dólmenes assinalando túmulos. Nem todos os

feridos puderam chegar até Enoch, víamos.

Javan seguia a meu lado, agora sempre silencioso e triste.

Por duas vezes salvara-me de cair em armadilhas para feras, erguidas por caçadores. Outra vez, arrancara-me das garras de um tigre, matando o perigoso animal. Quando nos faltou água, cedeu a sua quota para mim, que aceitei sem hesitações. Eu nem sequer lhe agradecia os favores e o altruísmo.

Javan, também, parecia indiferente à minha ingratidão ou reconhecimento... Ele agia sempre premido tão só pelo alto sentido de humanidade que lhe norteava todos os atos. Fazer o bem era-lhe coisa comum, tão natural, que o praticava sem nenhum pensamento preconcebido. Auxiliara-me como o faria a qualquer outra criatura em dificuldades. Era bom por natureza, não por querer aparentá-lo.

Em Javan, todo sentimento se manifestava com simplicidade e tal pureza, que as suas ações tinham sabor de fruto maduro. A ele poderiam ser aplicadas aquelas palavras de Tennyson sobre Sir Galahad: era “sem mácula e sem reproche”.

\*

Perguntarão os leitores: Como existir naquela época pré-diluviana Espírito tão puro e nobre? — Responderemos: Não é a época que cria tais homens, mas estes que se distinguem no tempo, diferenciando-se dos demais por suas elevadas Virtudes.

Por acaso, Espíritos como o de Rama, aquele primeiro legislador ariano de “olhos de lótus azul”, o conquistador da terra que possuía o “Himavat”, aquele que fez do “cordeiro” o símbolo de seu Ideal, não estaria séculos e séculos além daquela Humanidade que transformara as perfumadas florestas da antiga Scythia, em terríveis antros de magias e bruxedos a exalarem sangue e morte? E Krishna? Pitágoras? Hermes e Moisés, Sócrates, Platão<sup>{41}</sup> e tantos outros Espíritos evoldidos, não se distinguiram todos eles em seu tempo como exceções em meio a geral barbárie, vulgaridade, ignorância e atraso espiritual das suas épocas?

Poderíamos nivelar aos seus contemporâneos os angélicos Espíritos de Francisco de Assis<sup>{42}</sup> e Antônio de Pádua? Certo que não. Seria o mesmo que querer igualar o canto da cotovia ao crocitar dos corvos...

Espíritos puros, raros embora, sempre existiram como Mensageiros do Verbo que, desde o princípio, vela pela Terra.

Em nenhum tempo, por mais distanciado e obscuro, faltou aos Seres a Assistência orientadora do Cristo. Esta presidiu à gênese do Orbe, e se fez sentir sempre ao Homem, mesmo quando este — fugitivo do Nada — em embriogenia no ventre da Criação, transitava pelos Reinos mineral, vegetal e animal, antes de surgir à Luz como ser pensante, senhor do Raciocínio e da Consciência, ingresso no Reino da Racionalidade ou Humano.

Graças à Revelação, esses Espíritos de escol sabiam que o Verbo lhes acenava das Alturas, com a Certeza da Integração em Deus. E por submissão a esse Ser Divino que os inspirava e orientava no silêncio dos templos iniciáticos, criando-se assim a sagrada Ciência Esotérica, esses bons Espíritos sacrificavam-se, quase sempre, em holocausto à Evolução humana, para cujo fim desciam à Terra... A esta Terra que o Verbo dirigia desde o Princípio, plasmando-a para a Vida, quando, ainda massa ignescente, ela fora jogada pelo Sol no Espaço a uma distância aproximada de 149.000.000 de quilômetros.

Massa que Ele — o Cristo — transformaria em Berço e Escola de Espíritos e Reformatório de Almas, após submetê-la aos golpes das forças telúricas e eletro-químico-físicas, e às Leis da Rotação e Translação, da Processão dos equinócios, da Mutação e da Variação da obliquidade de Eclíptica e à lei da Gravidade, às leis combinadas da atração e da força centrípeta, e de quantas outras que impulsionam contínua e harmoniosamente toda a Mecânica do Universo Infinito.

\*

Perdoe, Leitor, estes muitos parênteses que abrimos em nossa narrativa. Usamo-los como fazem certos rios que, sonhando construir os seus vales risonhos, descrevem antes sinuosidades nas gargantas profundas das montanhas...

Eu, Josepho, sou como o Sena e o Mosa: venho através dos meandros da memória, construindo os delineamentos de uma Obra que sonha projetar-se nas Almas, não como algo de novo, mas como estímulo àqueles que, desesperados ou quase submersos pela erosão da Vida, descreem da Misericórdia divina... Que ela auxilie os meus irmãos na Carne a construírem, na Terra erutiva, os risonhos Vales da Bem-Aventura eterna...

\*

Sim... O meu irmão já era, naquele tempo, semelhante a Sir Galahad<sup>{43}</sup>.

Ele, como este, deve ter tido a “Visão Esplêndida do Ideal divino de Jesus. Javan O deve ter visto, porque soube encaminhar a sua vida sem mácula a um nobre fim. Mas, continuemos...

## 85

Em nossa viagem, os dias sucediam-se cansativos e longos. Meu irmão, sempre silencioso agora, conservava-se atento, perscrutando os caminhos, como se pressentisse algum perigo próximo.

Certa madrugada, quando a Lua, que surgira juntamente com o Sol<sup>{44}</sup>, parecia esconder-se no lençol das nuvens como que envergonhada do olhar de fogo do astro rei, fui despertado por Javan que, cautelosamente, indicou-me umas touceiras de líquens gigantes que se plantavam além. A princípio nada vi de suspeito, porém, apurando o olhar, percebi que alguns vultos, à distância, rastejavam em nossa direção, protegendo-se por trás dos líquens.

Na véspera, ao cair da noite, tínhamos acampado, já próximos de Enoch, à sombra de uma espécie de bananeira<sup>{45}</sup> que nos refrescava com as suas folhas espalmadas, tangidas pela aragem que o calor amornava. Eu adormecera logo... Mas não me era surpresa a presença dos cainitas. Desde o início da viagem eu a esperava, desejando-a ardentemente. Enquanto Javan era todo cautela, eu, em meio à viagem, disfarçadamente procurava deixar nos caminhos, sinais de nossa passagem.

Grande era a minha iniquidade!...

Fingi tamanho horror ao ver os cainitas se precipitarem sobre nós que Javan, sossegando-me, disse, já cercado e seguro por mais de trinta homens: — Não temas, Josepho! é a mim quem eles buscam.

Realmente, os cainitas reconheceram em Javan o matador de Tidal. Aqueles que nos surpreenderam eram parte do exército que fora vencido na planície. Dominados então pelo impacto do inesperado epílogo da luta, eles, naquela ocasião, morto o grande chefe que os impelia aos combates, sentiram-se aniquilados; mas, passado o instante da surpresa, criaram ânimo e subjugados pelo primitivismo de seus instintos, arquitetavam planos de vingança.

Ao depararem agora com aquele que fora o causador de sua desgraça e

vergonha, compreenderam, jubilosos, que Moloch e Baal não os tinham desamparado, como temiam. Estavam exultantes e terríveis...

Os chefes, separados em um grupo, confabulavam entre si sobre o destino que dariam a meu irmão.

Javan, sempre jugulado pelos cainitas, fitava os exaltados inimigos, com aparente calma, sem temor. Eu não podia deixar de admirá-lo! Como sempre invejava-lhe a coragem e a bravura. Naquele instante que talvez fosse o prelúdio de seu martírio, ele não se deixava abater. Tranquilo e seguro, fitava o inimigo, sem manifestar revolta, nem rancor. Vivendo só pata o Bem e por ele, sabia que a morte de quem sempre viveu em Verdade, é ação suprema que conduz à Vida Eterna. A sua coragem residia em desdenhar as aparências, temeroso apenas dos princípios imutáveis e divinos. Temia faltar a esses princípios que eram a síntese das Verdades esotéricas conhecidas então, dos santos Mistérios ensinados por Seth, de que ele era conhecedor.

Após prolongada discussão, destacou-se do grupo dos chefes cainitas um que parecia mais graduado e, aproximando-se de Javan com solenidade, fitando-o, disselhe: — Não te mataremos. Conduzido serás com toda honra e respeito devidos a um valente, até Enoch, onde te sacrificaremos aos nossos deuses.

— Assim agindo, respondeu Javan, escarneces da palavra de teu bravo chefe, o valente Tidal. Lutei e venci lealmente e, lealmente, tu e os teus deveis respeitar o pacto que fizemos na planície. Se me aprisionas, mostras que a honra dos cainitas pereceu com Tidal.

Ante aquelas corajosas palavras, o cainita sorriu felinamente, levando a mão ao cabo da faca. Por um instante julguei que fosse matar o meu irmão, tal o ódio selvagem que vi fulgir em seus pequenos olhos oblíquos. Entretanto, Javan não o desfitava.

Relaxando os músculos, tensos pelo súbito furor, o cainita, alargando ainda mais o sorriso, replicou: — A tua coragem é bem digna de nossos deuses...

E, sem aguardar resposta, afastou-se indo ao encontro dos companheiros.

O meu irmão foi alçado ao dorso de um animal é, devidamente escoltado, seguiria assim até Enoch.

Antes, dirigiu-me um prolongado olhar onde li angústia e súplica... Desviei o meu, temendo trair os íntimos sentimentos.

Fui também conduzido à presença dos chefes. Fácil foi fazer-me

reconhecido como espião cainita, graças a uma senha comum. Não revelei que o prisioneiro era meu irmão. Expliquei que o acompanhava na esperança de entregá-lo aos vingadores de Tidal. Se acreditaram em minhas palavras, não sei. O certo é que não me molestaram, consentindo que os acompanhasse até Enoch. Javan ignorava-me o destino, porque era terminantemente proibido aproximarmo-nos do prisioneiro, e eu não tinha o menor empenho em fazê-lo...

Distanciado de Javan, conservei-me pelo resto da viagem.

\*

Com satânica alegria vi as portas da poderosa cidade abrirem-se para receber-nos.

Javan foi conduzido a prisão do templo de Baal; enquanto eu, acatado por todos — dizia-me cainita — passeava a minha indignidade pelos lupanares da cidade, embriagando-me de mosto e mulheres, tentando ganhar tempo para executar meus sórdidos propósitos.

Aproximei-me, fazendo-me amigo, de alguns guardas e acólitos dos templos. íamos às tavernas juntos, onde custeava eu todas as despesas, alimentando-lhes os vícios e a sordidez. Escravisava-os assim a mim, satisfazendo-lhes os insaciáveis desejos, para que, amanhã, eles não me pudessem dizer “não” a nenhum pedido ou exigência que lhes impusesse.

É dessa triste maneira que nos tornamos, perante a Justiça Divina, em assassinos de Almas, quando proporcionamos deliberadamente às criaturas o veneno dos pecados. Toda vez que usamos em proveito nosso das fraquezas e vícios alheios, estamos, quando não matando, tornando-nos cúmplices do suicídio dessas consciências. E é crime tão nefando quanto assassinar-lhes os corpos<sup>{46}</sup> Prossigamos...

\*

O aprisionamento de Javan conservava-se em sigilo, por ordem severa dos chefes, aconselhados pelo Sumo-Sacerdote dos templos de Enoch, temeroso — dizia — que os inimigos de Tidal não concordassem com ela. Eu, de minha parte, tinha também todo o interesse em não quebrar esse sigilo...

Respirava-se em Enoch um ar terrível de desconfiança e morte. Os sacerdotes, dia a dia, voltavam a dominar cruelmente. Os sacrifícios humanos, como já dissemos, sucediam-se em todos os templos. Os padres plantavam o

terror, e uma teocracia quase absoluta não tardara a asfixiar os habitantes da pecaminosa cidade.

\*\*\*

Certa tarde, dois guardas do templo de Baal, meus desconhecidos, segurando-me pelos braços, ordenaram-me que os acompanhasse. Sentime desfalecer... Pusilânime, ante a perspectiva de perigo, tremia como se as febres do pântano queimassem o meu sangue.

Fitando os guardas com pavor, indaguei com voz trêmula: — Por que me prendem?

— Saberás logo... disse um deles, laconicamente, fazendo crescer ainda mais o sentimento de medo que se apossara de mim.

Que mal fizera? — indagava-me eu. Teria dito Javan que eu era seu cúmplice? Mas cúmplice de que? Não... Javan era incapaz de trair alguém. Oh! Jeovah! Baal! Moloch! Oh! deuses do céu e da terra, vinde em meu socorro!... Salvai-me, todos vós, poderosos deuses! Não me deixeis morrer!... — suplicava intimamente.

Caminhava, ou melhor, era arrastado pelos guardas, porque as minhas pernas se negavam a mover-se... Olhava, esgazeado, sem ver a paisagem loura de sol.

Os transeuntes paravam, rindo alguns, enjojados outros, julgando-me embriagado. O meu rosto devia estar horroroso, porque ouvi vozes infantis, gritando, atemorizadas, à minha passagem. Pessoas, talvez as mães, diziam tentando sossegá-las: — Não tenham medo! é simplesmente um homem...

Um homem... Eu não me sentia mais um homem, porém uma sombra, espectro de homem. Tudo me parecia longínquo, distante. Um pensamento aniquilara-me o passado e o presente: eu ia morrer!... Oh! Moloch!... Moloch! piedade!...

O medo enlouquecia-me, confundindo-me o raciocínio e a razão. Oprimia-me angústia mortal.

\*

Assaltara-me o temor daqueles que não souberam viver, que desprezaram sempre as manifestações da Beleza, do Amor e da Verdade espirituais. Desses que passaram as encarnações caindo sempre mais baixo, mais fundo, presas voluntárias da bestialidade da Matéria.

Esse medo alucinante do Espírito prestes a dar contas à Justiça de Deus, de como fez uso de sua liberdade...

O medo da consciência que desperta, recordando-se... que não soube encontrar a luz no mundo das trevas, a verdade em meio da mentira, o amor no oceano de ódios, a paz nas lutas da Terra.

Medo que tudo deforma e confunde, que faz julgar a morte um sorvedouro de bens, um aniquilamento de tudo, invés de ressurreição eterna. De quem fez dos gozos e prazeres da Carne o objetivo único da existência.

Medo esse desconhecido das Almas que já desobstruíram das pedras do Mal o caminho evolutivo. Almas que sabem que o Além é plenitude da Vida. Que a Terra é quase sempre pesadelo... Almas que não temem a morte, porque creem, em verdade, que após ela virá impregná-las um desvanecimento delicioso, repousando-as, fazendo-as esquecer as imagens e recordações grosseiras do mundo físico, onde estiveram exiladas; que têm certeza de que serão envolvidas, no espaço, pela paz como por suave carícia; que ao despirem o casulo da Carne criarão asas, dominarão o Infinito; ao retornarem ao Lar espiritual, encontrarão, aguardando-as, seres humanos, homens e mulheres, que as conduzirão à glória de uma nova Vida... Vida onde os pensamentos são claros como a própria Luz, e o Amor e a Ternura fulguram através dos corpos translúcidos em uma escala maravilhosa de cores esplêndidas!

Ali, amarão em comunhão espiritual, perfeita e pura, desconhecida à Terra. Comunhão que é um cântico vivo, de que cada Alma será uma estrofe, vivendo cada uma em razão da vida de todas. Ali apreendem a verdadeira Sabedoria, encontrarão a Felicidade estranha e deslumbrante, na união com todas as criaturas, ligadas por afinidades profundas, confundidas as suas luzes na Luz cósmica, que é a Alma do Universo; Luz que obscurece os sois como se fossem eles pirilampos sem lume, faróis extintos...

Só não temem a morte essas Almas que sabem aprender, através dela, o Poema do Verbo, sentir a Harmonia da Teoria sinfônica do Universo e gravar nas inteligências o Prelúdio e o Epílogo dos Ensinamentos do Amor divino.

\*

Parei, subitamente... No horizonte, dominando as demais casas, plantava-se a silhueta do templo de Baal. Do grande altar de pedra, erguido à entrada, o ar trazia cheiro de sangue em mistura com carne queimada e detritos.

Sobre o templo, os corvos e abutres distendiam as asas, como negras cruces.

Aparvalhado fitava eu o colosso de pedra... Nessa contemplação devo ter ficado segundos; mas pareciam-me horas... Um dos guardas empurrou-me, exclamando impaciente: — Que tens? estás ébrio? Pareces um morto-vivo...

— Morto? eu? — Ó bons homens, não me matem... Tomem-me como escravo, mas me deixem viver... Por Baal! Por Moloch! deixem-me viver... — suplicava, choramingando.

— Para com isso! Dizes insânias! Vamos... — gritou o mesmo guarda que falara antes.

Como em pesadelo macabro, fui empurrado para dentro do templo. Passamos por corredores que me pareciam dédalos sem fim. Já prestes a desfalecer de medo, vi que me conduziam a uma sala ampla, onde estava assentado, em uma espécie de trono trabalhado em pedra, idoso homem de pele escura, de olhar duro e frio como o do tigre. Trazia longo vestido de listas negras e brancas, presa por um cinto cravejado de pedras; e, sobre a cabeça raspada, um tricórnio em que fulgia imensa pedra cor de sangue. Dos ombros fortes pendia um manto de púrpura. Segurava um bastão em que estava entrelaçada a figura de um dragão, símbolo de Baal.

Recuei, no auge do pavor...

Tinha, diante dos meus olhos arregalados, o sumo sacerdote de Enoch.

A entrada da porta, os dois guardas estavam curvados, em atitude de respeito.

As minhas pernas relaxaram-se e eu caí genuflexo, encolhido como pobre rato diante de um leão.

— Aproxima-te! — ordenou o pontífice tocando-me com a ponta do bastão.

Arrastei-me até a ele, de joelhos, sem coragem para fitá-lo.

— Ouve-me, e não me faças perguntas inúteis. Sei tudo, ouço tudo. O ouvido e o olhar de Baal estão em toda a parte. Ele é o senhor da vida e da morte das criaturas.

Fez uma pausa e continuou com lentidão: — És Josepho, filho de Japhet, da tribo de Methusala, da descendência de Enoch.

Sentime desmoronar, cair em um abismo... Obscureceu-me a visão... A língua, dormente, estava inerte, sufocando-me a voz. Fugiu-me a consciência das coisas... Ele era um dragão, não era homem, não. E o dragão falava, e a sua

voz era um chicote mágico, feria sem bater, e vinha de longe, de noite imensa: — És o irmão de Javan, o valente matador de Tidal.

O dragão ia devorar-me... Sentia, próxima de minhas carnes, a sua boca pastosa e negra...

— Javan, a quem odeias, como a todos de tua tribo...

O dragão recuava... Emergi lentamente do abismo, como um “carroussel” que vem pouco a pouco parando, cansado de girar.

— Foste o mais eficiente de nossos espiões. Quero que continues, não em tua tribo, mas aqui, fazendo nossos os teus olhos e ouvidos.. .

Como quem desperta de um pesadelo medonho, ergui a cabeça e fitei, bestializado, o sumo sacerdote. Respirei fundo, e o sangue circulou-me pelo corpo que parecia mumificado.

— Que respondes?

— A minha vida pertence a vós, poderoso filho de Baal! — afirmei exclamativo, curvando a cabeça, sentindo-me reviver.

Estendendo-me um anel que tirara de um dos dedos, o pontífice continuou: — Segura-o. Basta mostrares este anel que tem, bem vês, o símbolo de Baal, e todas as portas hão de abrir-se a ti. Se necessitares, podes entrar, apresentando este anel, em qualquer casa, templo e prisão, conquanto ouças tudo, vejas tudo... Mas, não o esqueças: os teus ouvidos e olhos nos pertencem... e a tua vida.

Compreendes? — *a ameaça que lhe velava as palavras*, causou-me calafrios.

— Ouviste? — perguntou ele, ante o meu silêncio.

— Sim, poderoso deus vivo...

— Podes ir... Levai-o! — ordenou aos guardas.

Afastei-me liberto de todo o temor. Os guardas deixaram-me à porta do templo.

Fora, olhei a paisagem como se a visse pela primeira vez... Alegria satânica invadiu-me o ser! Estava vivo e possuía uma senha que me abria todas as portas!... Sim! iria ter com Javan. Precisava apossar-me do anel ruta. Marduk e todos os gênios do Mal deviam estar protegendo-me...

Fitei o Sol que afogueava o ocaso... Como os seus raios deviam abrasar os beijos de Débora!

Ergui a cabeça em desafio, mergulhando o olhar na amplidão e, como se falasse a alguém, exclamei, arrogante: — Não morri! a vida é tudo! a vida e a Terra! esta terra! — quase gritei, tomando um pouco de areia e jogando-a para

o alto.

Os abutres e os corvos, assustados, esvoaçaram pousando além nas frondes de um palmeiral.

Inflando o peito, dilatando as narinas, caminhei. Ansiava por vinho e mulheres.

— Fugi das mulheres cainitas... Sede puros e bons, meus filhos...

Tola Milcah!... Porque as suas palavras me vinham agora à mente? Porque? Tolices!

Apressei os passos. Todas as lembranças desapareceram. Só eu existia.

Eu, dentro da vida.

Dirigi-me às tavernas de Enoch, onde o prazer me aguardava.

A Terra, aquela parte, recolhera-se em silêncio, esperando que as estrelas surgissem.

Anoitecia.

## 86

Fui realmente o ouvido e o olhar de Baal. Contribui assim, — delatando palavras e gestos suspeitos dos cainitas, — para que se conservassem rubros e úmidos os altares dos templos da terrível cidade. Quantas vítimas inocentes dos crimes acusados, conduzi eu ao sacrifício!

Entretanto, não me esquecia dos meus propósitos. Através dos acólitos e guardas com quem bebia, punha-me a par de tudo quanto se relacionava com Javan. Soube, desse modo, que se aguardavam as grandes festas dedicadas a Baal, quando os sacerdotes as encerrariam sacrificando meu irmão, como digna e maior oblata feita ao ídolo. O final dos festejos tinha que coincidir com o plenilúnio.

Conseguia esta e outras revelações dos meus infelizes companheiros de vícios, à custa de muito mosto. Embriagava-os para que as suas línguas contassem tudo quanto eles ouviam no sigilo dos templos.

De suas informações deduzia os motivos porque os padres adiavam a morte de Javan. Em primeiro lugar, queriam ganhar tempo: ainda não estavam certos do poder usurpado. Segundo: temiam “alguém” que mesmo o sumo sacerdote não ousava contrariar: Methusael.

O segredo mantido no aprisionamento de meu irmão era mais por temor ao patriarca de Enoch que mesmo pelos inimigos de Tidal, que nenhum interesse teriam em evitar a morte de Javan. Tudo o mais era pretexto... Se os bonzos odiavam a Tidal como iriam vingá-lo? A verdade era que desejavam sacrificá-lo por medo, convencidos de que Javan viera a Enoch unir-se ao patriarca. Certa vez, este o arrancara do altar do holocausto; pretextariam agora, notoriamente, que a morte do sethita seria desagravo ao deus profanado por Methusael.

Os sacerdotes viam em Javan um inimigo perigoso, a quem teriam eliminado há muito tempo se não fosse o vaidoso desejo de fazê-lo de público, como atestado de força e, principalmente, de vitória sobre o patriarca de Enoch. Que todos testemunhassem como Baal era terrível! O chefe sethita fora roubado, certa vez, do altar do sacrifício; mas o “braço” de Baal o buscara longe... Ninguém, vissem todos, podia fugir a Baal! Esses eram, realmente, os planos dos ardilosos bonzos de Enoch.

\*

Ezequiel, o chefe sagrado pelo sumo-sacerdote como substituto de Tidal, era um títere nas mãos dos padres. Só para satisfazer a estes, ele, fraco e pusilânime, embora ambicioso, dava caça como a feras bravias, a todos que se rebelassem contra a perigosa teocracia que se implantava.

Apenas uma voz erguia-se contra aquela onda de crimes e abusos — a de Methusael. Entretanto, era como se o patriarca de Enoch pregasse em meio às fúrias de um vendaval: sua poderosa voz não se ouvia, abafada pelo rugir da borrasca que, funesta, se abatera sobre o povo cainita.

Se não fossem uns restos de temor que os bonzos sentiam pela plebe, há muito o teriam silenciado para sempre.

\*

Todo esse sangue e horror envolvendo homens embriagados de prazeres, preludiavam o ocaso de uma época.

Época que conhecera a grandeza e o esplendor da Inteligência, porém empregada o fruto da “imaginação dos pensamentos”<sup>{47}</sup> unicamente para o Mal. Esses homens de então chegaram a ser gigantes<sup>{48}</sup> em suas criações ciclópicas, mas os anões dos vícios e pecados os dominaram, surpreendendo-

os adormecidos no macio leito das concupiscências.

Enfraquecidos, subjugados pela corrente fundida pelas mãos do mais feroz e desumano egoísmo, aqueles gigantes pareciam, agora, autômatos movidos por energia maléfica. E, mecanizados pelo Mal, destruíram de geração em geração, suas próprias obras, indiferentes ao que faziam como corpos sem Alma.

\*

Também, há milênios, no amplo continente da Lemúria — “habitat” da raça Ruta — o ocaso de um fim de ciclo descera sobre um povo grosseiro, egoísta e vingativo, fazendo-o desaparecer dos cenários terrestres.

Depois — em um espaço de milênios — a mesma penumbra que envolvera a pedregosa Lemúria, obscureceria as terras ensolaradas da Atlântida, o imenso continente que teve o oceano como túmulo... Em uma sepultura líquida submergiu a Humanidade que o habitava, composta de homens cor de brasa, fortes e poderosos, psiquicamente desenvolvidos, senhores de maravilhoso progresso material, conhecedores das leis cósmicas e dominadores dos elementos telúricos — terra, água e ar — donos de um poder inventivo tão grande que, se o cataclismo que os abismou não houvesse destruído todo o documentário guardado em seus templos de ouro, os inventores dos séculos históricos não patenteariam esse número imenso de invenções, muitas das quais pertencentes ao engenho atlante e de uso comum naquela época. Os ícaros modernos tiveram seus precursores naqueles atlantes que dominavam o ar em suas máquinas muito semelhantes às concebidas pelos irmãos Montgolfier e Santos Dumont, milênios e milênios mais tarde.

Também, como os cientistas do século XX, os sábios daquela época fabulosa desvendaram o segredo da desintegração atômica, confiando-o às mãos dos poderes constituídos em suas nações.

Porém, invés de empregá-lo para as necessidades da Paz — industriando a força atômica — inverteram-no em armas terríveis, causadoras do cataclismo que lhes faria Submergir toda a portentosa civilização.

Como hoje, aquela Humanidade ignorava que a descoberta que fizera era a mais perigosa de todas; que poderia levá-la à ruína, à destruição integral, se não fosse conscienciosamente usada.

Tanto nos tempos pré-históricos como nos históricos, o homem tem

sempre preferido, quando em jogo o domínio do mundo, os meios destrutivos invés dos pacíficos. Por isso a Guerra sobrevive como um mal crônico, incurável, enfermado permanentemente o organismo da Humanidade. Graças a ela — baseando-nos nos tempos históricos — quantas civilizações se extinguíram sem legarem ao Porvir o fruto de seus múltiplos conhecimentos! {49}

Os atlantes, desvendando o segredo dos átomos, fizeram a mais fatídica das conquistas, conquista que iria levá-los à ruína de tal modo que o Futuro perguntaria, incrédulo: — Existiram? Ou esses atlantes não passaram de criações de cérebros visionários? Se existiram, porque não deixaram vestígios no tempo e no espaço?

Existiram, mas esses cérebros privilegiados não legaram mensagem ao Futuro, porque inverteram para o Mal as conquistas da Inteligência. E o mal é como a ferrugem: destrói qualquer obra por mais grandiosa, quando exposta ao egoísmo — óxido corrosivo de civilizações.

O progresso material e intelectual de um povo fixa-se no Tempo se agravado por força altruística; do contrário, não resiste ele à ação dos milênios.

Progresso, compreende-se: é marcha em demanda da Perfeição.

## 87

Engalanavam-se as ruas de Enoch para as festividades a Baal, quando fui ter com Javan, na prisão do templo.

Passavam, precisamente, dois ciclos da lua e dois sois<sup>{50}</sup> depois daquela madrugada em que fôramos surpreendidos pelos soldados cainitas.

Na véspera, a noite fora de novilúnio...

Chegara o momento de apossar-me do anel ruta. Este devia estar ainda com Javan, porque as vítimas consagradas a Baal não eram espoliadas de seus haveres senão no dia do sacrifício, quando vestiam a túnica para a imolação ao deus. Nessa ocasião, tudo quanto carregavam no corpo seria sorteado pelos acólitos entre si, como ordenava a lei de Baal.

O meu plano consistia em ir ter com Javan e forçá-lo, pela astúcia, a dar-me o anel. De posse deste, procuraria a irmã de Tidal e a obrigaria a ceder-me o outro. Tudo fácil e muito simples, — pensava eu.

Na prisão do templo, o carcereiro, diante do anel que me confiara o sumo-sacerdote, não opôs resistência ao meu desejo de visitar o prisioneiro. Não lhe dei nenhuma desculpa, porque seria ferir a dignidade que me conferia a senha pontifical. Esta, como costumava fazer, guardei-a cuidadosamente na algibeira.

Tomando uma tocha, o troncado guardião guiou-me através de corredores separados por portas disfarçadas nas paredes de pedra.

Apesar de plena manhã lá fora, reinava ali completa escuridão; e o pouco ar que se respirava naqueles corredores, estava impregnado de um cheiro desagradável de mofo e umidade: Após longo percurso, o carcereiro, abrindo uma porta, fez-me entrar em apertada cela onde, no chão, estava sentado um homem em quem reconheci Javan. Este parecia adormecido.

Antes de abrir a porta, dissera o guardião: — Esperar-vos-ei aqui fora, portador do sinete de Baal.

Depositando a tocha em um suporte, o carcereiro nos deixou a sós. •

O meu irmão, com a fronte erguida, repousava a cabeça na parede, mergulhado realmente em pesado sono. Vi, com satânica alegria, o anel rutilando em seu dedo. Aproximei-me de Javan e, acorrendo-me diante dele, segurei-lhe com cuidado a mão que continha o objeto da minha cobiça... Mas, ao meu contato, ele despertou, retirando a mão, rápido, das minhas; e, piscando, ofuscado pela luz, fixou-me com espanto.

— Tu! — exclamou surpreso, endireitando-se. Que fazes aqui? Como penetraste nesta cela? Estás prisioneiro?

— Não! escuta-me... disselhe eu falando baixo. Sabes que querem sacrificar-te a Baal quando a lua iluminar por inteiro o altar diante do templo?

— Sim, sei. Mas que significa a tua presença? Por que vieste? — perguntava-me aflito, baixando a voz, também. Estava pálido e emagrecido.

— Vim, porque desejo salvar-te; — menti. Graças ao ouro dos nossos alforjes comprei teu carcereiro, por isso pude vir verte... Porém ele não ousa facilitar-te a evasão, temendo ser morto. Vim aconselhar-me contigo. Que deverei fazer para salvar-te? Fala depressa, porque o nosso tempo é escasso...

Javan franziu a testa, intrigado.

— Não compreendo... — murmurou. Compraste o carcereiro, dizes?

Ele sabe que és meu irmão? Não te trairá?

— Por Marduk! quantas perguntas inúteis! — exclamei impaciente.

— Responde, — insistia Javan. Ele sabe que és meu irmão?

— Não! Contei-lhe uma história qualquer que não vem ao caso...

— Que história? — e diante de meu gesto de irritação, continuou: Não vês que preciso saber? Não quero unir o teu ao meu destino, Josepho. Por Milcah, nossa veneranda mãe, deves viver. Não consentirei que te sacrifiques por mim. Dize-me, pois, toda à verdade, peço-te...

— Que verdade, se foi só mentira o que contei ao homem? Disselhe que sou teu servo... que se te salvasse, recompensar-me-ias regiamente, e eu a ele. Prometi-lhe que tu não saberias de sua cumplicidade... Que te diria que vim a mando do sumo pontífice. Não lhe fales, pois, sobre isso... Más, não percamos tempo... Que deverei fazer para salvar-te? Sem ti, sinto-me perdido, não sei pensar... Quando foste preso, fingi-me de cainita, julgando ser-te útil. Enganei assim àqueles que te aprisionavam e eles me deixaram em paz. Indica-me, Javan, a maneira de salvar-te... — representava eu a aflição mais sentida, tristeza imensa.

O meu irmão, fitando-me, parecia perscrutar-me a alma... Depois de pequena hesitação, disse-me: — Quero crer em ti, Josepho... Por isso vou indicar-te o único meio de salvar-me. Conheces o patriarca de Enoch?

— Sim... — respondi cauteloso.

— Ele já sabe da minha prisão?

— Não; porque toda a cidade ignora que foste encarcerado. Os sacerdotes ordenaram sigilo, e ninguém ousa ir de encontro a eles. E eu... — gaguejei confuso. Eu...

— Sei... nada podias fazer, irmão. Conheço os cainitas... Queres ir ter com Methusael? — perguntou-me.

— Sim... mas não sei como fará para auxiliar-te. É odiado pelos sacerdotes; não sabes?

— Sei, porém é também temido por eles.

— Já não é assim. Os sacerdotes não mais o temem... O próprio povo, por medo aos bonzos, não o ouve como dantes... — falei apressado.

Methusael não entrava em meus planos...

Entretanto, Javan insistia: — Somente o patriarca, Josepho, poderá arrancar-me daqui. Vai ter com ele.

— Sim... — respondi, indeciso, procurando ganhar tempo.

— Conta-lhe tudo. Dize-lhe que não lhe matei o filho e que necessito dele. Farás isso por mim, Josepho?

— Farei... mas não tenho muita esperança que ele creia em minhas

palavras...

— Acreditará, Josepho.

E Javan, para alegria e surpresa minha, arrancou do dedo o anel ruta, entregando-me.

— Mostra ao patriarca este anel: ele acreditará em ti.

Quase dei um grito de vitória! O anel! O anel ruta em meu poder! O talismã que me traria o amor de Débora... Era meu, finalmente meu!

Esqueci tudo, até mesmo onde estava: só via o anel... Súbito percebi, voltando a mim, fitando-me os olhos inquietos de Javan... Teria a alegria traído o que a mente ocultava? Iria Javan tomar-me o anel? Eu o mataria se tal quisesse...

— Que sentes? — perguntou-me ele angustiado. Estás estranho... Pareces que tens fogo no olhar.

— Não é nada... Sinto deixar-te neste antro infecto. Preciso partir... — menti.

— Sossega... Não me tratam mal. O ídolo é cioso de suas vítimas: não permite que as maltratem...

Javan falava, fingindo indiferença para animar-me.

Erguera-se, e eu lhe segui o exemplo. Segurando-me a destra, disseme como despedida: — Se eu morrer, Josepho, suplicarei a Jeovah que te embeleze a existência. Não te esquecerei, irmão.

Sem responder-lhe, deixei a cela.

Na saída, falei ao carcereiro: — Se prezas a tua miserável vida, não digas a ninguém que estive com o teu prisioneiro.

— Sou mudo, surdo e cego, ó portador do sinete de Baal...

— Continua assim, se não queres ser cadáver... aconselhei, afastando-me.

\*

Fora, causticando a terra, o sol estava abrasador. Andorinhas esvoaçavam barulhentas, brincando sobre as águas de um poço. O vento sacudia a poeira dos caminhos, espalhando-a pelas casas a dentro e deslustrando as folhas das acácias e dos sicômoros que embelezavam o bairro pobre da cidade, que se estendia um pouco além do templo.

Diante deste, comprimia-se pequena multidão assistindo aos ofícios da manhã que os sacerdotes ofereciam a Baal, sacrificando aves e animais. A

carne dos holocaustos, com pão e vinho, eles a distribuíam ao povo, invocando o deus em altas vozes, prometendo vida e prosperidade aos que crescem nele.

Os pobres, sentados alguns, estirados outros sobre a grama, disputavam entre si os restos dos sacrifícios que os acólitos jogavam como sobejos imprestáveis.

Eu parara por um instante para observar os holocaustos, à espera que me coubesse, também, um pouco de carne, pois sentia fome.

De alguma parte do interior do templo, vinham gritos terríveis, angustiosos... Inquieto, perguntei a um dos homens do ajuntamento, a razão daqueles brados tão tremendos que pareciam fugir das próprias pedras.

Indiferente, a esperar a sua porção de carne, respondeu-me ele: — É o “Olho de Baal” que por traição ao deus está sendo enterrado vivo...

— Que queres dizer com isto de “Olho de Baal”? — inquiri intrigado.

— É aquele que pôs o olhar a serviço do deus. Esse que ouves, ao invés de trabalhar para Baal, cuidou apenas dos próprios interesses... O deus castigou-o.

Os gritos, abafados agora, se enfraqueciam pouco a pouco...

Afastei-me apressado, já sem fome, com um súbito tremor por todo o corpo. Apesar do calor ambiente, sentia frio... A garganta, ressequida, queimava. Precisava beber. Aqueles terríveis gritos ressuscitaram o medo em minha Alma; tinha que afogá-lo em vinho.

Sentindo-me incapaz de coordenar os pensamentos, dirigi os passos para uma taverna que se situava não muito longe dali.

Pusilânime, acovardava-me o mais leve sinal de perigo.

A taverna dominava o empobrecido bairro, com suas grossas paredes construídas com tijolos cozidos ao sol. Em seu interior, o calor não se irradiava tanto quanto nas construções de pedra.

Quando nela penetrei, os fregueses, desconfiados talvez com o meu feio aspecto, olhando-me de través, baixaram o tom de suas conversas.

Deixei-me cair sobre um assento amaciado com peles felpudas.

Uma jovem seminua, tipo comum das tavernas daqueles tempos, aproximou-se servindo-me vinho. Nem olhei para ela. De um trago bebi todo o conteúdo que me oferecera.

— Estás sedento, hem? — brincou a mulher enchendo-me novamente a taça.

— Larga a botija de teu péssimo vinho sobre o chão e deixa-me só...

Ela, cuspidando com desprezo, afastou-se rebolando os quadris atraindo, com os gestos impudicos, os olhares e os sentidos dos demais fregueses.

Engolfei-me em pensamentos. Temor e paixão, como dois abutres, lutavam em meu íntimo. As faces do sumo sacerdote e de Débora surgiam-me na lembrança, confusamente.

O anel ruta, fulgindo em minha mão, desviou-me o pensamento para o outro... Como fazer para apossar-me dele? Iria ter com Dinah? Estava amedrontado... E se descobrissem que usara a senha pontifical em meu benefício?... Seria enterrado vivo, certamente. Mas, sem o outro anel, Débora não me ofertaria o seu coração... Precisava adquiri-lo e afastar-me o mais rápido possível de Enoch! Fugir para bem longe, onde o braço de Baal não me alcançasse... Porém, antes teria que ir ter com a irmã de Tidal... E se fosse descoberto? Tidal ainda possuía muitos amigos que lhe eram fieis à memória. Devassar a casa dele não seria o mesmo que penetrar na caverna de um urso? E ainda, se me descobrissem usando a senha indevidamente? Os gritos do enterrado vivo repercutiam em meus ouvidos como o eco entre montanhas...

Bebi mais uma taça de vinho. O álcool ia aos poucos me reanimando a coragem. As ideias se me aclaravam. E a lembrança de Débora crescia, dominando-me por inteiro. Parecia vê-la, como um cisne branco, levada pelas águas do Eufrates, nua e linda...

Iria ter com a amada de Javan. Depois partiria junto com Débora, talvez para a escaldante terra de Kush, onde são outros os deuses e os homens.

Erguendo-me, dei um pontapé na botija vazia. A rapariga que me servira, saltando do colo de um dos fregueses, gritou, agitando os braços adornados com braceletes os mais estranhos e exóticos: — Pagas ou não pagas o vinho, ó gorila?

Vociferando uma praga, joguei-lhe aos pés um pouco da prata que trazia, e saí cambaleando em direção ao lar de Tidal.

\*

Não é necessário descrever com minúcias a minha visita à casa da amada de Javan.

Não encontrei Dinah. Soube, pelos servos, que ela há muito fora levada pelo patriarca de Enoch, para o lar dele.

Impaciente com o fracasso do meu plano e com os gritos dementados de

Zila, viúva de Rehú, afastei-me da casa, indeciso do rumo a seguir. As cartas do meu jogo embaralharam-se como agitadas por mão invisível.

Os efeitos do vinho já se tinham evaporado da minha cabeça, deixando desagradável sensação de mal estar.

Caminhava irresoluto, incapaz de fixar o pensamento. Para onde? não sabia...

O dia, em meio do entardecer, preludiava a noite.

Cheiro de peixe frito lembrou-me que nada comera ainda. Erguendo a vista, dei com uma gorda cainita assando umas postas em um fogão diante da porta de sua choupana. Propus comprar-lhe um pouco, e ela aceitou. Saciada a fome, continuei a vagar sem rumo...

Caminhei até que o fino arco do luar crescente, como loura sobancelha embelezando a frente do céu, surgiu na amplidão.

Ao vê-lo, um pensamento avolumou-se-me na mente, fazendo-me estacar diante do crepúsculo.

— Quando o plenilúnio chegasse, Javan morreria...

Sim... Porque já não pensara nisso? Não necessitaria de usar a senha pontifical... não correria nenhum risco... E tudo tão fácil... claro... Sim, mais que fácil... E novo plano delineou-se, e deste fazia parte, como personagem principal, Methusael, através de quem chegaria a Dinah, a dona do outro anel.

Tinha que fazer como dissera Javan. Sim... Era um jogo, mas que era a vida senão um perigoso jogo? Vencia quem melhor soubesse usar os trunfos. E nesse, os trunfos estavam em meu poder. Seguiria as indicações de meu irmão, depois... entraria com o último lance.

\*

Era noite alta quando cheguei à residência do patriarca.

O servo que me atendeu, relutou em receber-me. Com evidente temor no olhar, fitava-me duvidoso. A candeia que ele segurava, tremia-lhe nas mãos... Insisti, porém, em falar com Methusael; e, para melhor convencer o servo, estendi-lhe o anel ruta, dizendo: — Dize a teu amo que venho da parte do senhor deste anel.

O servo, levando o talismã, afastou-se fechando a porta. Suspeitava de mim, certamente. Medo e desconfiança inspirava eu sempre às criaturas, então.

Não esperei, entretanto, muito tempo. O mesmo servo abriu-me a porta e, desta vez, convidou-me a entrar. Fui conduzido por ele a uma sala onde, de pé, me aguardava o patriarca de Enoch. Seguro em seus dedos vi o anel ruta.

Sem cumprimentar-me, perguntou ansioso: — Que tens a dizer sobre o dono deste anel?

Como se assemelhava a Methusala... — pensei, enquanto lhe respondia: — Está preso no templo de Baal há mais de dois ciclos lunares.

— Que dizes! — exclamou ele. Fala depressa! Quem te afirmou isso?

Sou irmão de Javan...

Detalhadamente contei-lhe tudo que se relacionava com a prisão daquele. Desta vez não precisava mentir. Só omiti a parte sobre o próximo sacrifício de meu irmão, omissão esta que dizia respeito ao meu plano.

O patriarca, sem me interromper, ouviu tudo até o final. Só então falou: — Sei que o valente Javan não foi culpado na morte de Mehujael... — e após pequena pausa, sempre com os olhos fitos nos meus, causando-me estranha sensação, continuou: “És também filho de Japhet?... Não compreendo como penetraste na prisão do templo...” — e seus olhos profundos, fixos em mim, desnudavam-me a Alma... Algo apossou-se de minha mente. Sentia-me diante dele como um rato nas garras de um felino... Dominado pela força magnética que radiava de seus olhos, falei-lhe da senha pontifical. Estranho poder jugulou-me. Não devia mentir... Como um sonâmbulo contei tudo, tudo.

— Entregue-me a senha pontifical! — ordenou-me Methusael. Ele falava com brandura, porém havia tamanha autoridade e poder em sua voz que, como autômato, obedeci-lhe.

Quando voltei a mim, liberto da esquisita magia que se apossara do meu cérebro, estava sozinho na sala. Corri à porta... trancada. Gritei até enrouquecer. Ninguém respondia. Bati na porta com os punhos fechados... silêncio, silêncio só. Preso! estava preso... Deixei-me cair no chão, impotente, rugindo qual fera enjaulada. Maldito patriarca! Maldito bruxo! Maldito!

Estendido no solo, acesso de epiléptica fúria dominou-me, agitando-me o corpo convulsões terríveis! Assim fiquei ali, inconsciente, debatendo-me, a espumar como anfíbio na lama.

\*

— Crede em mim, poderoso filho de Baal... o patriarca de Enoch enfeitiçou-me... e de posse do anel que me destes, foi à prisão do templo e libertou a Javan!... Enquanto isso, me deixou preso naquela sala por dois dias; — explicava eu ao sumo sacerdote, arrastando-me a seus pés.

O pontífice estava furioso! Até os guardas presentes tremiam diante de sua ira. Caminhava ele de um lado para outro da sala, parecendo um tigre que eu vira certa vez numa jaula, caçado por um dos nossos valentes. Minha vida, naquele instante, valia tanto quanto a do cordeirinho que jogaram naquela jaula, para alimentar a fera esfaimada.

Tremendo, desculpava-me:

— Descobri que Methusael conspirava contra vós, ó deus vivo... — mentia. Soube também que Javan estava acumpliciado com ele... Estive na prisão do templo e, ludibriando o meu irmão, consegui informações preciosas. — Eu mentia tanto que não distinguia mais o que fosse verdade. Continuava: “Fui, então, a casa de Methusael, lá apresentando-me como irmão de Javan. Fingi-me conspirador para melhor ficar a par de tudo que tramavam contra a vossa divina pessoa... Oh! mas fui aprisionado e magiado... então, tomaram o vosso anel... Dai-me crédito, ó poderoso filho de Baal! Posso testemunhar contra o patriarca, se quiserdes, ó vós que tudo vedes e tudo sabeis...”

Parando por um instante, a fitar-me com desprezo, ele rugiu por entre os dentes cerrados, regelando-me: — Mereces a pior das mortes, cão sethita... — e virando-se para um dos guardas, ordenou ríspido: — Que Ezequiel venha à minha presença, com urgência. Ide busca-lo.

O guarda afastou-se.

— O filho de Baal, — gemi, — bem vedes que vim a vós, preferindo sofrer vossa ira a deixar-vos na ignorância de fatos tão importantes... Matai-me, se quiserdes, mas acreditai em mim. Odeio a Javan. Não o libertaria por nada deste mundo! Dai-me nova oportunidade de servir a Baal, enviando-me com um grupo de guerreiros, a procurá-lo. Não deve ir longe... Acompanha-o a filha de Rehú...

— Maldição! — gritou o sumo sacerdote. A irmã de Tidal! Como o soubeste, cão maldito?

— Por Methusael; — e acrescentei: Javan deve ter ido ao encontro dos arqueiros sethitas. Voltará com eles para guerrear-vos, unindo-se a vossos inimigos, ó deus vivo!

O sumo sacerdote empalideceu... Eu acertara no alvo. Sem lhe dar tempo a falar, continuei destilando o meu veneno: — Javan tem que ser preso antes que chegue à nossa tribo. Ordenai-me e eu irei em perseguição dele. Conheço a planície e os esconderijos todos... Ah! se soubésseis como anseio pela morte de Javan!

— Sei.. És um miserável! Odeias a Javan, porque o invejas, sempre o invejaste. Só por este ódio, creio em ti. Cala-te agora! Necessito pensar...

Respirei meio aliviado. Não me mandaria matar... só se eu não encontrasse a Javan. Mas eu o encontraria! — pensei com ódio.

Realmente, os fatos que sucederam à minha ida à casa do patriarca, foram justamente como relatei ao pontífice.

Pela manhã, após aquela noite em que me aprisionara, Methusael veio à sala onde me deixara, acompanhado por três homens novos e fortes. Um deles trazia, num cesto, vários alimentos e uma botija com água. Em silêncio, depositou tudo a meu lado.

O patriarca, com um ar cansado e triste, entregou-me o anel de Baal, dizendo-me: — Toma... Perdoa ter-te aprisionado, assim era necessário. Não confio em quem serve a Baal... Ficarás por mais um dia nesta sala, para maior segurança dos fugitivos. Javan e Dinah terão assim bastante tempo de se distanciarem desta cidade amaldiçoada. Depois, podes ir ao sumo sacerdote denunciar-me. Deves fazê-lo, se presas a vida. Do contrário serás tido como cúmplice meu. O carcereiro não dará alarme, porque o prendi em lugar do teu valente irmão. Somente amanhã notarão a troca, na hora de renovarem o alimento. Há mal que vem para bem... por exemplo: o costume de alimentar os presos de dois em dois dias, beneficiou-nos agora... Ah! ia me esquecendo de dar-te um recado de Javan: Prefere faltar com a palavra de guerreiro a casar-se com Débora... mandou dizer-te.

— E o anel ruta? — indaguei aniquilado.

— Devolvi-o a Javan.

Maldito patriarca... maldito! Por sua causa o meu plano fora desfeito. Jamais pensara que ousasse libertar Javan da prisão do templo. Julguei que aguardasse o momento do sacrifício, quando seria tarde demais, porque eu preveniria o pontífice. Antes, esperava já estar de posse do outro anel, ludibriando Dinah. E esta, nem a vira sequer.. . Maldito patriarca! Subestimara o seu valor e poder! Eu desconhecía a sua ciência e sabedoria... Maldito!...

A chegada de Ezequiel interrompeu-me os pensamentos.

— O matador de Tidal fugiu! — exclamou o sumo sacerdote. Este péssimo servidor foi o culpado de tudo. Deixou-se magiar pelo patriarca de Enoch!...

— Sempre o patriarca!... — murmurou Ezequiel, falando baixo. Que devemos fazer agora?

Era ele um homem gordo, de carnes flácidas, moroso de gestos, como se vivesse permanentemente cansado.

— Que devemos fazer? — repetiu o pontífice. Persegui-lo! A irmã de Tidal fugiu com o assassino do irmão. Merece morrer por isso. Deves mandar os teus melhores arqueiros, os mais fieis, em busca dos dois. Este homem — indicou-me — conhece Javan e toda a planície, e servirá de guia aos nossos valentes. Se ele não encontrar os fugitivos, deve ser esquartejado vivo, este é o desejo de Baal... Quanto ao patriarca, depois falaremos...

— E os fugitivos? devem ser aprisionados ou mortos? — inquiriu Ezequiel.

Fechando os olhos tigrinos, o pontífice respondeu: — A águia morta não pode mais atacar...

Curvando-se, Ezequiel retirou-se.

Dirigindo-se a dois guardas, ordenou o sumo sacerdote, apontando-me: — Respondereis com as vidas se deixardes este homem fugir! Os dois, a partir deste momento, serão teus guardiões.

Tremendo, perguntei:

— E se encontrar Javan, magnânimo representante de Baal, dar-me-eis a liberdade?

— Sim... És um verme pusilânime... podes, cumprida a tua missão, volver à lama de onde vieste. Conduzi-o, guardas, à casa dos arqueiros.

Afastei-me, acompanhado dos dois homens. Conhecia a ambos. Eram companheiros de vícios. Fora do templo, indaguei de um deles, cujo nome era Esaú: — Ouviste as palavras do sumo sacerdote: deverei ser posto em liberdade se encontrar Javan...

— Sim. Somos teus amigos. Dá-nos o ouro que trazes e prometemos auxiliar-te...

Tive que obedecer-lhes. Eram semelhantes a mim. Despejei-lhes nas mãos todo o conteúdo das algibeiras. Rindo, com cinismo, embolsaram o meu ouro.

— Vamos! — disseram eles. Fui...

Debruço-me sobre o passado...

A vida humana é como um relógio de água: gota a gota este fraciona o tempo; a vida, através das ações da criatura, determina o futuro...

É uma verdade profunda que apenas podemos constatar quando vemos todos os nossos mais caros sonhos se esvaindo em nada, qual miragem... Quando vergamos ao peso da cruz, em uma existência plena de exemplificação evangélica, de virtudes e fraternidade... Por que — perguntamos — tanto sofrimento e ingratidões, respondendo-nos aos gestos de amor e piedade? Por que não vemos desabrochar as rosas de nosso Ideal? — inquirimos, fitando tristemente os nossos roseirais mortos antes mesmo da floração.

Transposta a Eternidade, então, compreendemos... Na sucessão das vidas choramos as lágrimas que ficaram à nossa espera sobre os caminhos da Terra, quando ali as fizemos cair dos olhos de nossos irmãos em Humanidade.

O passado é o relógio que determina, com precisão, os acontecimentos futuros. Tudo o mais é engano e ilusão. Tudo o mais é tão irreal como o luar nas águas de um lago, e o azul do céu, que não é céu nem é azul.

\*

Sinto fugir-me a inspiração... a memória embaralha-se... toldam-se-me as lembranças, ao transcrever o que se segue. É o temor do assassino, a “fuga” de todo Caim, após banhar a terra com sangue. Falta-me o ânimo.

— Coragem, Josepho! grita-me a consciência. — Tens que penitenciar-te dos inúmeros crimes, desnudando o teu negro passado, símbolo de uma época fratricida. Continua, pois.

\*

Através da planície, acompanhamos as pegadas de Javan e Dináh, passo a passo. Certamente os dois cavalgavam ligeiros corsees, porque até então tinha sido improdutiva a nossa procura. Os dias sucediam-se às noites e nada de encontrarmos os fugitivos. E as nossas montarias eram as melhores de Enoch.

Desanimados, os guerreiros ameaçavam executar-me, culpando-me de todas as dificuldades surgidas no transcorrer da viagem. Sentia a morte rondando-me... Quase não dormia, assombrado pelo medo. Os meus momentos comparavam-se a infernos! E se não encontrasse Javan? A este pensamento quase constante, um tremor apossava-se de todo o meu ser, e eu

me via esartejado, com as carnes espedaçadas, os ossos quebrados!... Precisava encontrá-lo! precisava!

E incentivava a procura numa ânsia desesperada. Parecia um cão farejando a terra.

Os dois guardas, constantemente a meu lado, dir-se-iam sombras macabras. Tinham-me espoliado de todos os haveres, sempre rindo alvarmente.

Certa noite, após longa cavalgada, exaustos adormecemos todos, abrigados no alto das palmeiras, em meio às folhagens, temendo ataques das feras. Antes, prendêramos os nossos cavalos, já estafados, nos lenhos das palmáceas, que se viam abundantes naquele trecho. Madrugada alta, acordamos com os relinchos assustados dos pobres animais em mistura com rugidos medonhos!. Apavorados, vimos que as nossas montarias estavam sendo atacadas por um bando de leões esfaimados. As feras devoraram-nos todos os cavalos... Nada pudemos fazer. A pé, continuamos a busca.

E como se um gênio do mal trabalhasse em nosso favor, apesar das dificuldades sofridas, na tarde daquele mesmo dia encontramos dois cavalos mortos e, junto aos corpos, reconhecemos as pegadas de Javan em paralelo com outras, menores, que seriam certamente de Dinah.

Este encontro nos deu novo ânimo, depois do desalento da perda de nossos animais. Estimulados, caminhamos quase sem repouso, usufruindo-o só o suficiente para refazermos as energias gastas.

Aqueles que nos viam passar julgavam-nos caçadores em excursão pela planície. Havia mais de oito sóis que palmilhávamos terras sethitas. Cautelosos, rastejávamos esquadrinhando o horizonte. Nada dos fugitivos!...

Eu sentia os olhares furiosos de meus companheiros, fixos em mim, já novamente desanimados da procura. Os dois guardas não me deixavam... Como escapar? Era o fim, a morte a qualquer instante!... Maldito patriarca!

Estava eu meio louco de estafa e medo. Tinha visões terríveis! Temia descansar... Queria apenas seguir, caminhando sempre...

Quando toda a esperança já me fugira de encontrar a Javan, certo amanhecer, próximos às pastagens de Methusala, avistamos os dois fugitivos caminhando ao longe... Escapou-se-me do peito um grito de vitória que mais parecera o rugir da hiena.

Corremos ao encontro dos dois, cercando-os.

Javan, surpreendido, compreendeu o perigo e, protegendo com o corpo a

amada que o abraçava, arrancou do arco, tomando posição de combate. Uma saraijada de flechas caiu-lhe em volta, atingindo uma, de raspão, o seu rosto, fazendo-o sangrar. Em resposta, distendeu ele a corda do arco e as suas setas, mortíferas, ceifaram as vidas de muitos cainitas, fazendo-os recuar diante de sua certa pontaria. Não perdia Javan um só de seus lances. Era terrível!

Porém, ele estava cercado, quase por todos os lados. Uma flecha o atingiu no ombro de onde pendia o carcás, outra cravou-se em sua perna.

Entretanto lutava sempre, parecendo invencível!

Dinah era a imagem do desespero: chorando, dizia ela abraçada a ele: — Estamos perdidos, meu Javan!... Os deuses nos abandonaram!

Fomos vencidos!...

— Ainda não! sossega, meu amor... protege-te... juntos viveremos... juntos morreremos, se Jeovah quiser. Não temas; estou ao teu lado...

Era sobre-humana a sua coragem! Com o rosto coberto de sangue, todo o corpo ferido, resistia aos golpes, lutando sem recuar. Flechava com a rapidez do raio, fulminando-nos um a um...

— Não parece um homem! — gritou um cainita assombrado, próximo a mim. Ele é um deus! fujamos!...

— Covarde! é um homem! não vês? Está nas últimas... Ataca! — ordenei.

Javan, naquele instante, vendo-me, gritou: — Deita-te, Josepho! não quero ferir-te. Poupa-me a dor de matar-te!...

Sentime fraquejar... Sim... ele era um deus... Que fizera eu? Não! não! era um homem; devia morrer para que eu vivesse, fosse feliz...

— Ataquem! — bradei com mais força ainda. É um homem! ... um homem... é meu irmão... — caí no solo, escondendo o rosto nas mãos crispadas. Soluçava.

As flechas sibilavam sobre mim. O combate, desigual, continuava sem ter fim... Os brados de dor sucediam-se. Ergui a cabeça. Javan parecia vestido de sangue... Já não atirava com a mesma segurança. Sacudia a fronte, como querendo afastar o sangue que o cegava... Mas lutava ainda...

A meu lado, jaziam mortos os meus dois guardiães.

As setas silvavam sobre Javan como víboras. Súbito, curvando-se ele para apanhar uma seta, a última em seu carcás, descobriu por um instante Dinah, o suficiente para uma flecha atingi-la, varando-lhe o coração.

Ao ouvir o grito da amada, voltou-se Javan angustiado e, atirando para longe o arco, amparou-a nos braços feridos, indiferente ao inimigo.

— Oh! Dinah! Dinah! — bradou ele com a Alma dilacerada. Dinah, minha doce estrela... Morres, quando julgávamos a felicidade tão perto!... Oh! minha amada, minha vida... meu tu... do...

Não pode continuar: mais de trinta flechas silenciaram a sua voz.

Tombou abraçado ao corpo da amada, como se ainda quisesse protegê-la. Uma das flechas que lhe traspassaram o corpo, atingiu o dela, unindo-os na morte.

\*

Consumada a vingança, os cainitas afastaram-se, temerosos: estavam próximos às pastagens de Methusala; não seria prudente continuarem ali.

Eu, como um abutre, acerquei-me dos corpos, apossando-me dos anéis rutas. Porém, para arrancá-los daquelas mãos mortas, tive que decepar os dedos que eles ornavam. Depois afastei-me seguindo os cainitas.

## 89

Dois pastores encontraram os corpos e reconheceram o de Javan. Correu um deles à tribo para dar alarme, ficando o outro junto aos despojos, afastando os abutres que esvoaçavam sobre eles.

Tristes, desolados, conduziram os sethitas os dois cadáveres à presença de Methusala. Todos notaram a mutilação sofrida por eles, nas mãos. E aqueles que conheciam o mistério dos anéis, concluíram que o assassino fora o autor do furto. Este devia estar de posse dos talismãs rutas.

O patriarca, erguendo os braços ao céu, em desespero e dor, amaldiçoou o culpado de tão grande crime. Sua voz ecoava terrível por toda a planície!

Diante do corpo do filho querido, Milcah morreu, abraçada a ele. Seus lábios, antes de fecharem-se para sempre, murmuraram — fitando ela, tristemente, o rosto de Javan — estas estranhas palavras: — Jeovah! perdoa o infeliz... ele não sabe o que fez...

Débora, cobrindo-a com o seu manto, era a própria imagem da dor silenciosa.

Os três corpos foram sepultados juntos em um mesmo túmulo. Grandes pedras sobrepostas em forma de dólmen, assinalavam-lhes a tumba. Nessas pedras, as virgens depositaram oferendas de flores e os valentes da tribo os

seus arcos. Methusala fez arder sobre o túmulo folhas de sândalo, como era costume em nosso povo, que assim procedia, lembrando aos vivos que a Alma era como a fumaça: após a morte eleva-se para os Céus qual essência divina e eterna, deixando na terra, apenas, cinza e mais nada.

Lamech, tomando o pai pelo braço, conduziu-o à sua tenda. Pelo caminho, disselhe: — Um novo Caim embebeu a terra em sangue...

Methusala olhou-o e nada respondeu. Vergado sob a dor imensa, penetrou no lar.

Lamech ficou só, fitando, um pouco além, a tenda que abrigara Milcah e Javan... Depois, os seus olhos sombrios cravaram-se no oriente.

De leve, alguém pousou a mão em seu ombro. Era Débora. Os olhos dos dois irmãos encontraram-se compreensivos. E como se respondesse ao pensamento de Lamech, a virgem murmurou soturnamente: — O sangue de Javan brada por vingança... Eu e tu...

Porém, tomada pelo imprevisto, ela não pode continuar. Ficou extática, olhando o irmão. Este estava parado, com os olhos vítreos fitos nela. Súbito começou a falar de maneira estranha... A voz não era a de Lamech, antes pareceria a de Javan. Dizia: — Só o Criador é Juiz. Somente Ele pode julgar e condenar. O perdão é o perfume da Alma... Perdoa, Débora, e viverás por toda a Eternidade. Não te deixes vencer pelo ódio... Não permitas que o teu Espírito construa uma corrente de vinganças que se há de estender por teu futuro, em elos de sangue... Perdoa... e hás de encontrar-me ressuscitado em Elohim! A morte não existe, Débora... O pecado é que mata, porque sepulta a Alma no túmulo das paixões, prendendo-a à Terra milenarmente, até que ressurja através do Amor e do Perdão. Porém, até lá, Débora, a Alma sofrerá em comunhão dos monstros que ela despertou com a putrefação dos erros e pecados. Cuidado, Débora... O ódio e a vingança são polvos terríveis, cujos tentáculos penetram nos corações destruindo preciosas virtudes... Perdoa... perdoa... perdoa...

Estremecendo, como quem desperta de um sonho, Lamech volveu a si. Fitou a irmã, surpreso...

— Que se passou? perguntou ele. Pareceu-me sofrer um desmaio...

Fui tomado por uma sensação<sup>{i}</sup> estranha, jamais sentida. Não compreendo. Que se passou comigo, Débora?

Após pequeno silêncio, a irmã respondeu: — Nada... Apenas sofreste

uma vertigem. Vai repousar... Eu também vou. E nada, ouve, Lamech, me impossibilitará de vingar a Javan... O dia da vingança há de surgir, espero... E ai, então, do maldito que o matou! Lamech estremeceu. A voz da irmã, sempre tão suave e meiga, soara agora rouquenha e brusca, como se saísse da garganta de um animal em fúria... Parecia o rugir de uma fera! Fitou-a e quase desconheceu aquele rosto que era o de Débora.

— Que tens? — perguntou ele, assustado.

— Nada! — respondeu ela, penetrando na tenda.

\*

Já a primavera florescera por toda uma estação, quando a notícia das mortes de Dinah e Javan foi espalhada por toda a Enoch, a mando dos sacerdotes de Baal e Moloch.

Não tardou que a nova chegasse aos ouvidos de Methusael. E Dinah e Javan, no velho coração do patriarca, foram pranteados tão sentidamente quanto o próprio Mehujael...

Recolheu-se ele em casa, alheio a tudo que se passava em Enoch. Recusava quase sempre o alimento que os servos lhe preparavam, imerso em dor silenciosa. Dir-se-ia que olvidara a própria existência.

Fui por vingança ter com ele. Queria jubilar-me com as suas lágrimas e lamentos... Conte-lhe as mortes de Dinah e Javan. Ouviu tudo em silêncio até o fim, olhando-me triste.

— Josepho — falou ele, — ouvindo-te, mas me convenci que os homens não se diferenciam pelas raças, e sim pelas Almas. És cainita, apesar de teres nascido à margem do Eufrates... Não podias compreender a Javan... Que pode entender o corvo do canto da cotovia? Entretanto, ambos são aves... Julgas que vou exprobra-te o crime? Não... não me compreenderias, também. Não sou cotovia, mas gosto de cantar à Alvorada... Não me faço explicar a ti... Em vão falei a esta geração corruta. Restame perdoar... Perdoote por Dinah e Javan e por mim...

— Não vim pedir-te perdão, — repliquei. Guarda-o, pois, para quem o solicitar.

— Solicitado não tem ele o mesmo valor de quando o ofertamos espontaneamente. Queiras ou não, levarás em tua Alma o nosso perdão, Josepho...

— Não te agradeço...

— Agradecer? Tu? A mim? Oh! não! Eu é que devo fazê-lo por esta

alegria que me proporcionas de já poder perdoar. Toda vez que ofertamos algo, devemos agradecer a quem recebe, a ventura que nos concedeu em dar.

Não o entendia, mesmo. Julguei que a dor o tivesse dementado. Afastei-me de sua presença sem o prazer de suas lágrimas e lamentos. Mais uma vez, vencera-me...

\*

Certa tarde, deixou Methusael a casa e dirigiu-se à Pedra de Enoch. Desejava orar sob a Oliveira Sagrada. Apoiava-se em um bordão, tão fraco se sentia. O caminho parecia sem fim às suas forças perdidas.

Com esforço, atingiu a Pedra.

A brisa levemente farfalhava as folhas miúdas da Oliveira. O Sol, no ocaso, lembrava um olhar imenso e rubro, mirando a terra por trás dos cílios de fogo.

Methusael, diante da Pedra, com as costas para o poente, ergueu os braços e orou ao Altíssimo: — Senhor de todos os povos! Senhor da Terra e dos Céus, afastai de Vossa Face tanto crime e maldade! Expurgai-nos o pecado conduzindo-nos ao altar do holocausto! Senhor! Senhor! As gerações se sucedem, mas o amor ao erro perdura. Toda a Terra está corrompida... A maldade multiplica-se enxovalhando as Almas. Não permitais que as trevas ofusquem a Vossa Luz... Piedade, Senhor! Piedade...

Uma seta cortou-lhe a voz, varando-lhe o coração. Sem um gemido, o patriarca de Enoch caiu sobre a Pedra, ainda de braços abertos em cruz. Estava morto.

À distância, um padre conduzindo um arco, afastou-se... Era ele o sumo-sacerdote de Baal, silenciando a única voz que poderia suplantar a sua.

\*

Estonteado e enfraquecido, qual crisálida liberta do casulo que a aprisionava, o Espírito de Methusael viu, aproximando-se, Javan lhe estendendo as mãos.

— Vem! — dizia-lhe este.

Dinah, ao lado, lhe sorria feliz.

— Meus filhos... — murmurou ele muito baixo. Era doce realidade ou sonhava? Methusael temia acordar... Súbito, tudo pareceu-lhe claro e real.

— Meus filhos! — exclamou exultante, recuperando a memória do Espírito que, quando na Terra, sofre natural amnésia.

— Sim, meu amado pai! Os filhos de tua Alma, Javan e Dinah...

Vem!

Entrelaçados, alçaram voo para as Alturas siderais, infinitas.

O ancião apoiava-se nos formosos Espíritos de Dinah e Javan. Pareciam três andorinhas de luz em busca de paragens mais amplas e vicejantes.

\*

Na Terra, sobre a Pedra de Enoch, um corpo e mais nada...

O Sol, fechando o olhar de fogo, imergira aquela parte em trevas. A noite reinava.

## 90

Eu, senhor dos anéis rutas, os talismãs que me dariam o amor de Débora, voltei à tribo. Fulgia em meus olhos a luz do triunfo. O sangue queimava em minhas artérias, acelerando-me as pulsações. Um desejo implacável dominava-me. Fascinado pela volúpia embriagante, sentia os flexíveis braços de Débora envolvendo-me ... Aflorava os seus cabelos que o sândalo perfumava... e me via tocando os seus lábios, que me murmuravam, cariciantes: amo-te, Josepho...

Envolvido em volúpias e desejos, cheguei à tribo, quando os “kokilas”, amorosos, construía os ninhos... Quando o Eufrates cobria-se de lótus e de nenúfares cor de ouro, contrastando com as ninfeias azuis e, sobre as suas margens, as cegonhas fitavam as águas. Pelos campos, gazelas pastavam... Nos apriscos, cordeiros baliavam...

Cheguei num dia semelhante em tudo àquele em que Javan, em meio a nossa viagem, falara-me da Vida e da Eternidade.

Dirigi-me, sem procurar sequer minha mãe que eu julgava vivesse ainda, em busca de Débora, na tenda de Methusala.

Era a hora da sesta, quando repousavam todos, fugindo ao calor. Escolhera eu de propósito esse instante, certo de não encontrar pessoa alguma fora das tendas, a não serem os servos. E assim acontecera...

Ao aproximar-me do lar de nosso patriarca, pedi a uma das mulheres em serviço, nova certamente na tribo, pois não me reconhecera, que fosse chamar Débora.

— Ela está passeando pela margem do Eufrates, como costuma fazer

todos os dias...

E a serva indicou-me o caminho que levaria até à sua senhora.

Encontrei Débora sentada no mesmo local onde Javan costumava ficar.

O sésamo e o painço estavam amarelecendo e das tamareiras pendiam os cachos sazoados.

Aproximei-me da mulher que me escravizava os sentidos. Algo em seu rosto, que eu não soube precisar, mudara. Ao ver-me, expressão indefinível refletiu-se em seus olhos negros.

Estendendo-lhe o anel ruta, disselhe como saudação: — Trago-te uma lembrança de Javan...

Débora fitou-me de maneira estranha, segurando o anel sem falar. E, sempre em silêncio, afastou-se. Vira, abrasando-me, uma chama fulgir em seu olhar... A chama do amor; — pensei.

Segui para o lado do Eufrates onde os homens costumavam banhar-se. Pela primeira vez queria, com prazer, lavar-me, preparar o meu corpo para as carícias das mãos de Débora.

A água não me refrescou o sangue, mas me senti forte e rejuvenescido após banhar-me. Nada me preocupava... Só eu e Débora existíamos. Acariciei o anel ruta... Que estaria Débora sentindo ao contato do outro?

Certamente a mesma loucura que me abrasava... Ela viria correndo para meus braços... Assim a obrigaria a magia do anel...

Dirigi-me para a tenda, onde julgava encontrar minha mãe. Mal caminhei alguns passos, fui surpreendido por uma escolta de guerreiros. Preso, conduziram-me ao Conselho dos Anciãos. Methusala estava presente e também Lamech. Fitaram-me como se não me reconhecessem... Sabiam de tudo. Não encontrei piedade em suas Almas. Condenaram-me ao apedrejamento por traição e fratricídio. Depois de morto, o meu corpo seria jogado ao Eufrates. Em vão gritei inocência...

Quando eu seguia para o suplicio, vi Débora. O seu olhar tinha uma expressão de selvagem vingança. O sortilégio dos anéis era mentira... mentira do mercador ruta, tudo mentira!

\*\*\*

Em silêncio rancoroso, toda a tribo assistia ao meu suplicio. Os olhos, como um só olhar, estampavam desprezo e nojo. As pedras em minhas

carnes pareciam dardos de fogo... Estonteavam-me. Vinham elas do céu ou da terra? Voavam sobre mim... picavam... Seriam águias? abutres?... Por que me olhavam com asco? O meu corpo estava limpo... Lavara-o para as carícias de Débora! “A água lava todas as impurezas, meu filho... só não lava as impurezas da Alma”. Quem me dissera isso? Ah... fora Milcah, minha mãe... O seu rosto não estava em meio da multidão que me cercava... Aquele ali era Methusala... Que dissera ele no Conselho dos Anciãos? Sim... Falava a mim ou a todos? Por que as suas palavras estrugiam agora em minha lembrança como ecos? — “Ouvi um segredo profundo que vem de Seth: Só atingimos a Perfeição através da Ciência da Unidade que se encontra além da Sabedoria. É necessário alçarmos até ao Ser divino, que está acima da Alma e da Inteligência. Porém, como chegarmos até Ele?... Em que mundo ignoto se encontra? — Em nós próprios... Este é o mistério que vos confio. Adonay, Elelion, Elohim, Sebaoth, — o Deus Único — o Eterno — o Senhor dos Mundos o Todo Poderoso Criador — está dentro de cada um de nós. Porém poucos sabem senti-Lo, por isso desviam-se do Caminho da Salvação... Este infeliz Josepho não se apercebeu jamais desta Verdade, por isso se deixou vencer pelas paixões e pelo desejo. Escravo dos sentidos, embriagado de gozos, caiu no atascal do crime e dos vícios — fontes de todos os desgostos e sofrimentos, no presente e no futuro”.

As pedras derrubaram-me... E a voz de Methusala sempre ecoando... Porque não silenciava? Aturdiam-me as pedras e aquela voz... “Não basta operar bem, é preciso ser bom. A razão da Bondade esteja nas ações e não nos seus frutos. Renunciemos ao fruto das nossas obras, porém que as nossas ações sejam sempre oferendas ao Ser Supremo! Todo aquele que renuncia aos desejos por amor ao Senhor e oferta a Ele as suas obras, obtém a Perfeição. Esta é a Ciência da Unidade”.

Com esforço supremo, ergui-me. Mais intensamente que os golpes do apedrejamento, sentia o ódio! Haveria de superar tudo, até mesmo a voz de Methusala! Eu não queria ouvir, por que persistia ela em atordoar-me?

— “Unido a Deus em Espírito, o ser alcança a Sabedoria que está além de todos os cultos e oferendas, atingindo a Felicidade pura. “Porque aquele que encontra em si mesmo a sua felicidade, a sua alegria, e em si mesmo também a sua luz, é uno com Deus. Ora, sabei-o, a Alma que encontra a Deus, está isenta da renascença e da morte, da decrepitude e da dor, e bebe a água da

Imortalidade”.{51}

— Maldição! — bradei. A voz silenciou... Não: eu deixei de ouvi-la... Os rostos da cerca humana que me prendia, confundiam-se-me ... Quem seria aquela mulher que se apoiava com abandono de esposa no braço de Togarmah? Ah!... era Sara, filha de Natan. E aquela? Ó maldição! Aquela era Leah... Tu, também, odiavas a Javan... Por que não te apedrejam? Por que? Afastem-se, oh! rostos odientos, afastem-se... Não morrerei! Ai de todos vós! Hei de matar-te, Lamech!... E minha mãe? Onde está minha mãe? Ah! vejo-te agora... Porque choras, Milcah? Não morrerei... O teu olhar reprova-me... Ah! não sabes? matei o teu Javan!

Foges? Que me importa que fujas?... Não preciso de ti... de ninguém! Sempre foste tola... As mulheres cainhas são lindas! Amei-as... Não! amei. unicamente a Débora... A magia do anel era mentira! E aquela chama que vi fulgir em seu olhar, não era amor... era ódio, somente ódio... Que rosto é este que parece crescer diante de mim? Ah! é o de Débora! Não! este não é mais o rosto de Débora: é o de uma fúria!...

As pedras me atingiam ferindo o corpo, mas não as sentia, imunizado por desespero e raiva. O ódio suplantava a dor. Amarrado, não me podia defender. Agitava-me como o tigre na armadilha... Urrava de ódio e impotência. A raiva me fizera até mesmo esquecer o medo da morte que sempre me acompanhara na vida. Não podia morrer... Não devia morrer! A vingança escudava-me... Por ela sobreviveria, resistiria às pedradas... Eu não morreria, não morreria...

Por que se me confunde o pensamento? E já não vejo mais os que me cercam? Não... não é a morte que se aproxima... Eu a superei, pois não me dilacera mais o terrível traumatismo... É um desfalecimento... Julgam que morri... Mas estou vivo! Atam nos meus pés a pedra que me conduzirá ao fundo do rio... Jogam-me no Eufrates... E um silêncio imenso desceu sobre mim.

\*

Eu não morreria... No leito do rio, sentia-me vivo naquele mundo líquido. Peixes picavam-me as carnes continuamente, mas não me destruíam o corpo... Sofri a dor da putrefação, entretanto a carne conservava-se sempre intacta, não se desfazia... O ódio que conservava na Alma alimentava o meu estranho viver.

Lutava por livrar-me da pedra que me prendia no leito do Eufrates. Haveria de libertar-me um dia... Ai dos homens, então! Ai de Débora... ai do

mondo!

Veze outras, ouvia voze na superfície. Gritava, mas ninguém me respondia... Sobre as águas, a brisa cantava nas folhagens do sésamo e dos painços.

Os sons externos chegavam-me nítidos e claros. Sentia, na época da fusão do gelo, o rio transbordar em inundações; depois, quando as águas volviam ao *leito*, escutava o canto das mulheres na sementeira dos trigais...

E eu preso ali, enquanto a Vida lá fora estuava exuberante!

Os sucessos da tribo chegavam até a mim através de palavras soltas que as águas me traziam. Uma vez ouvi um lamento de mulher... era a voz de Leah chorando a morte de Methusala. Regozijei-me com a sua dor.

Outra, foi um brado de alegria que me chegou aos ouvidos: nascera mais um filho a Lamech, Noé. Maldito fosse ele!...

Nas margens do Eufrates, em meio aos juncos, os namorados vinham, acumpliciados pela noite cálida, entoar suas baladas de amor. E eu preso, preso... Malditas águas! Malditos homens!...

\*\*\*

Certo dia ocorreu-me um pensamento: se Javan vivesse, arrancar-me-ia daquele abismo líquido, daquela profundidade...

E como se ele me tivesse ouvido, senti a presença de meu irmão. Javan me estendia os braços e sua voz soava terna: — Paz em Deus, Josepho! Estás livre, pobre irmão... Apenas acorrentas a Alma nas malhas vibratórias dos maus pensamentos. Reconcilia-te com Deus e as Suas criaturas, e sairás deste abismo de trevas em que te aprisionas.

— Não morreste?! como podes falar?

Quando morremos sem ofender ao Altíssimo, ressuscitamos em Espírito, Josepho.

— Ressuscitaste?

— Bem vês que sim.

— Então, liberta-me... livra-me desta maldita pedra. Quero voltar à terra. Preciso vingar-me...

— Pobre irmão... Deste estado, só tu poderás libertar-te. Não percebes, Josepho, que deixaste a Terra há anos?

— Anos? impossível! Eu não morri... Sinto-me vivo...

— Sim, estás vivo na ilusão da matéria a que te apegaste. Tenta sentir-te... Não possuis mais substância material, és essência, Alma, Espírito. Tenta, irmão, em nome de Deus...

— Não me venhas com teu Deus! Bem sabes que não creio n'Ele... Não passa de invenção dos velhos para atemorizar os novos. Vai-te... Não és mais que um sonho. Se fosses Javan, libertar-me-ias... Desaparece! Não quero verte...

— Repeles-me, Josepho, mas eu te perdoo... Compreender-me-ás um dia. Eu te amo... Partimos juntos, há milênios, do paraíso que perdemos... lembra-te, irmão? Deixamos no ponto sul do Infinito, a fulgir na glória divina de um novo impulso evolutivo, o nosso mundo, Capela. Tu desesperavas, inconformado com a deliberação imposta pelos dirigentes do Cosmos; eu chorava, arrependido de não ter ouvido a voz do Amor, privando-me assim de comungar no hostiário divino das conquistas espirituais que usufruíam os nossos irmãos, tão plenos de piedade e virtudes. A Terra «colheu, amorosa, os exilados de Capela, os degredados da Felicidade... — fez pequena pausa e continuou: — No Infinito distante deixamos a nossa Alfa, o princípio de nossa Vida. A Terra não se nos apresentava como o ômega, o fim, não; sim como um meio de volvermos ao paraíso, à nossa Capela perdida que, no límpido azul do hemisfério boreal, há quarenta anos-luz desta Terra que nos abrigara, acenava-nos em fulgurações de sol imenso. Ao aportar aqui, trazíamos, no âmago das almas, saudade estranha de um Bem perdido, saudade que nos daria coragem e força de lutarmos por conquistas de Altas Virtudes, e fazia-nos sonhar com o paraíso...

— Cansas-me... Se podes livrar-me desta maldita pedra, anda, faze-o logo... Se não, vai-te! Basta-me o peso que me prende, não me exaustes com palavras.

— O peso que te angustia, Josepho, é o da tua Alma... Luta por libertar-te dele, perdendo. O perdão é a mais sublime das conquistas! Luta, por Deus, pelo aprimoramento de teu Espírito ávido de Perfeição. Luta, irmão, e na Eternidade terás por espaço todo o Infinito. Um novo ciclo aproxima-se deste planeta, e a Humanidade que o povoa vai passar por mais um expurgo reparador. Não sentes a atmosfera dia a dia mais aquecida? É motivado este aquecimento pelas alternativas do evolucionismo físico deste globo. E quando a pressão atmosférica elevar-se mais e mais, provocará súbito descongestionamento pluvial, imergindo em água todo o orbe por muitos

dias... Josepho, liberta-te desta pedra de ódio e vingança em que jazes aprisionado e não sofrerás o expurgo que se avizinha. Recorda Capela, o nosso paraíso. .. Lembra-te de Deus, Josepho...

— Vai-te! malditos sejais tu e o teu Deus!

Javan desapareceu...

Imergi mais ainda no abismo líquido... Cresceu o silêncio em minha Alma. Só muito de longe chegavam-me alguns sons. O silêncio crescia... Os sons sempre mais distantes. Já não ouvia a brisa no painçal... As margens do Eufrates pareciam despovoadas.

Por onde andariam os “kokilas” que não mais lhes ouvia o doce canto? Teriam emigrado para as altas montanhas geladas? E o meu povo? Sim...

Que era feito da minha tribo, dos Filhos de Deus? Mereciam estar mortos...

O silêncio crescia com a minha solidão. Só. Eu estava só, talvez na Terra... Como vingar-me então dos homens? O silêncio asfixiou-me toda a mente... Mergulhei em inconsciência completa. Parecia caído em um vácuo...

Acordei da atonia em que me abismara ouvindo vagos sons. Vinham em confusão. Aproximavam-se cada vez mais... Já podia distingui-los. Sim... eram vozes humanas! E eu conhecia aquelas vozes... eram as dos Filhos dos Homens.

E agora, sons bárbaros, como tantans selvagens, sons de orgias estremeciam-me as carnes...

O ar, impregnado de luxúria, abrasava! Os cânticos lúbricos chegavam até a mim, convidando-me ao prazer.

Toda a Humanidade estremecia na volúpia dos pecados. Até os animais, os répteis e as aves estavam corrompidos! “Toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra...”<sup>{52}</sup>

Sempre preso ao limo filamentososo das águas do Eufrates, vinham aos meus ouvidos os rumores da degradação geral.

Ouvi, certa vez, uma voz clara e possante, que me recordou a de Methusael. Convidava os homens ao arrependimento e à penitência...

Porém, um brado insano de ridicularias abafara-lhe as palavras.

Gritavam em meio de risadas estridentes: — É Noé! Não o ouçam, está louco! Passa os dias construindo uma Barca de gofer<sup>{53}</sup>. Diz que foi ordem de Deus e que nela vai salvar-se das águas... De que Deus, velho louco? São

tantos os deuses nesta Terra! Ah! Ah! Ah! Vem afogar-te em vinho! Não bebes, velho tolo? Fazes mal... O vinho alegra a vida! Canaan, o teu filho mais novo, conhece-lhe o valor... Ele não é como os irmãos Sem e Japhet... Vem conosco, velho senil, beber ao presente! Deixa que este mundo pereça... Ele é muito triste apesar do vinho...

E as ridicularias e risadas perderam-se ao longe...

Imergi em novo marasmo. O tempo para mim estacionara. Volvi dessa emaciação sentindo que as águas começavam a subir. E subiram tanto que pareciam tocar nos céus...

Um desejo imenso de ver a terra deu-me forças, desprendendo-me da pedra, afinal... Elevei-me à superfície. Com avidez, busquei a terra! Desaparecera toda ela... Unicamente vi céu e água, água e céu. E sobre as águas, boiando, cadáveres e destroços... Cadáveres de homens, aves e animais. Todos confundidos na mesma fúria líquida, na mesma putrefação.

Quis fugir daquele mundo morto, daquela humanidade sem vida... Bracejei, desesperado! Senti afundar-me novamente... Apeguei-me a algo viscoso, mas se desfez em minhas mãos... era um cadáver. Gritei por socorro! Apelei para Deus... Clamei por Ele... Orei, suplicando misericórdia. Chorava...

Respondeu-me aos apelos um lamento de criança. Olhei, e vi mísero ente, um menino debatendo-se na água... Fitava-me suplicando auxílio... Pobre!... Que poderia eu fazer em socorro dele, se tão necessitado também eu estava? Porém, singular piedade invadiu-me a Alma... Aproximei-me da criança, vencendo a fúria das águas. Tomei-a nos braços... Ela me sorriu e seu sorriso deu-me Vida.

Força estranha elevou-me daquela Humanidade em destruição. Desprendendo-se dos meus braços, sorrindo divinamente, a criança apontou-me o Infinito e desapareceu como o Sol, em luz!

Olhei a Terra. A água que a cobrira, baixava de nível... Ao longe, uma Barca de gofer vagava. Do seu imenso bojo subiam aos Céus cânticos de Esperança!

Que civilização floresceria daquele deserto líquido?

Um corvo esvoaçou sobre o último cadáver.

As águas baixavam lentas. Ao longe, a Barca de gofer pousava docemente no Ararat.

\*

*Fim do primeiro livro.*

*Símula*

**Nota da Versão digital**

**Apresentação**

**Livro Primeiro As margens do Eufrates O ALVORECERDA ESPIRITUALIDADE**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

{1} Espírito autor do romance “A Mansão de Renoir” e coautor do Canção do Destino”. É o guia espiritual da médium Dolores Bacelar.

{2} "... e o quarto rio é o Eufrates". Gênesis, 2: 14.

{3} "Tomou Adão a conhecer a sua mulher; e ela pariu um filho, e chamou o seu nome Seth..." — Gênesis, 4: 25.

{4} Interpretamos aqui a história de Caim e Abel, segundo a letra da Gênesis mosaica; mais adiante a interpretamos em espírito e verdade. — Nota de Josepho.

{5} Nota digital - Bonzo; ecles monge budista, esp. das ordens religiosas budistas do Japão e da China; saí.

{6} Gênesis, cap. 5, vers. 21 — Nota de Josepho.

{7} Josepho emprega aqui um modo de dizer hebraico, muito comum na Bíblia: chamavam de “irmãos” aos primos. Hoje dizemos “primos irmãos” a esse grau de parentesco. — NOTA DA EDITORA.

{8} Nota digital: Seth (130-1042 a partir da criação) "concedido; colocado; nomeado", também grafado Sete ou Set em português, é, segundo a Bíblia, o terceiro filho de Adão e Eva e irmão de Caim e Abel, sendo o único, entre os demais filhos, a ser citado pelo nome. Pela tradição, Adão teve 33 filhos e 23 filhas. De acordo com Gênesis 4:25, Seth nasceu após a morte de Abel, e, Eva acreditava que ele fora designado por Deus para estabelecer uma nova descendência, em substituição a Abel, morto por Caim.

{9} Nota digital: Vide Levítico 1:3

{10} Nota digital: Jubal é um personagem bíblico do Antigo Testamento, mencionado no livro de Gênesis como um dos filhos do perverso Lameque e de Ada, fazendo parte da descendência de Caim. Foi irmão de Jabal e meio-irmão de Tubalcaim e Naamá. Jubal viveu por volta de 3.500 a.C. Vide Gênesis 4 ou 4:18-22

{11} Nota digital: Tidal, rei de Goim, é um monarca mencionado em Gênesis 14:1. A palavra goim na Bíblia hebraica pode ser transliterado como "nações", "povo" ou "grupos étnicos" (no hebraico moderno significa "Gentios") apenas de comentários bíblicos sugerirem que neste versículo pode referir-se à região de Guti. Tidal foi um dos quatro reis que lutaram contra Abraão na Batalha do Vale de Sidim (mar morto).

{12} Adiante veremos que Adão não é mais do que o símbolo das legiões capelinas exiladas para a face da Terra. — Nota de Josepho.

{13} Não confundir este Enoch (Henoch) com Enoch, filho de Jared, da descendência de Seth, pai de Methusala, o patriarca pré-diluviano que situamos nestas

memórias. Este Enoch que citamos agora é o autor, segundo a tradição, do Livro de Henoch, escrito muito antes dos de Moisés. Ler este livro nos Cap. 6 a 21. As transcrições que dele aqui fazemos não são ao pé da letra, apenas na essência. O Livro de Henoch é tido. como apócrifo por muitos. Não fazemos parte do número desses “muitos”. — Nota de Josepho.

{14} Shekinah — palavra hebrãica que significa "a glória visível de Geovah". — Nota de Josaphop.

{15} Nota digital: poder ser “primeira” ou “primavera”. (faltou correção do digitalizador) {16} Lembrar que a poligamia era legal naquele tempo. — Nota da Editora.

{17} Gênesis nos fala de dez gerações antes do dilúvio e dez desde essa época até a vocação de Abraão. — Nota de Josepho.

{18} Capela.

{19} Nota digital: Heterotético adj. Diz-se da filosofia transcendente ou da ciência das coisas absolutas. (Do gr. heteros + thetikos) {20} Para maiores informações sobre os Espíritos exilados de Capela, consulte-se o livro "A Caminho da Luz", de Emmanuel, psicografado por F. C. Xavier, edição FEB, especialmente o Capítulo III e seguintes. — Nota da Editora.

{21} Baseando-nos em Moisés e na Ciência.

{22} Conservamos aqui a forma alemã, como o Autor escreveu no original, mas lembramos que o nome já está aportuguesado para escorio (= turmalina preta). — Nota da Editora.

{23} Usamos linguagem e termos modernos, para melhor compreensão do leitor; com essa licença permitida a todo escritor, quer na poética, quer no romance. — Nota de Josepho.

{24} João, X, 16. — Josepho.

{25} Lucas-, 17, 13: "Não podeis servir a Deus e a Mamom".

{26} Restinga — estreita e longa mata que separa dois campos de pastagens. As restingas citadas por Josepho eram de ciprestes, planta abundante naquelas regiões memorizadas por ele. Restinga = recife, banco de areia, terrenos de litoral, etc. — Nota de Alfredo.

{27} Dólmens — monumentos megalíticos pré-históricos, formados de uma grande

pedra horizontal sobre outras menores e verticais. — Nota de Alfredo.

{28} Doença caracterizada por esclerose difusa ou circunscrita da pele.

{29} Em hebraico "shabbat". Era o dia do descanso religioso que, segundo a Lei de Moisés, deviam os judeus observar. Em sentido popular, como o emprega Josepho: assembleia de bruxos e bruxas que se realiza, — diz o povo, — no sábado à meia noite. — Notas de Alfredo.

{30} RA-D-AR: Radio Direction Finding and Ranging. — Nota de Alfredo.

{31} Esses comentários de Josepho são resumidos a pedido nosso. — Nota de Alfredo.

{32} Como provas desse sentimento religioso que, embora em estado rudimentar, já se fazia perceber muito antes dessa época que memoriamos, ficaram os dólmens de La Pérote, Kervagat, a pedra giratória de Uchon, a cova de Menga na Málaga, e muitos outros monumentos megalíticos que os homens trogloditas do período quaternário legaram à Posteridade, revelando eles 'inteligência e vontade humanas e, principalmente, espírito de coletividade, pois esses trabalhos pré-históricos são hercúleos, e um só homem não poderia executá-los. E revelam também, esses monumentos, um princípio religioso e artístico, além do social. — Nota de Josepho

{33} Surripat: nome que os súmeros-babilônicos davam às suas terras, na época pré-diluviana. —■ Nota de Josepho.

{34} Um deles foi o lemuriano ou ruta.

{35} Uma dessas raças foi a dos atlantes. Quando eles se desviaram do reto caminho evolutivo, Deus, querendo chamá-los à razão, enviou-lhes os messias Anfion e Antúlio, como já enviara antes, à Lemúria, Numú e Juno; porém, tanto os atlantes como os rutas ficaram surdos à voz de Deus. — Notas de Josepho.

{36} Na Assíria dominaria um dia Sardanápalo, cujo nome significa: "homem cheio de toda espécie de vícios, e impiedade voluptuosa". Ele aconselharia á posteridade, através de seu epitáfio: "Viajante, escutai o conselho de Sardanápalo, o fundador de cidades: Come, bebe e goza: tudo o mais é nada"... Hoje, através destas linhas, ele aconselha: Viajante, sê frugal, sóbrio e virtuoso. A Eternidade existe, e ela é tudo: Deus. — Nota de Josepho {37} Adonay (Meu Senhor): um dos nomes que os

israelitas dão à Divindade. — Nota de Alfredo.

{38} Necrotério: termo proposto pelo Visconde de Taunay para substituir o francesismo morgue; hoje já está generalizado e aceito por todos. Nota de Josepho.

{39} Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus“. João, 3: 5.

{40} Nota digital: palavra não identificada.

{41} Platão previu que se surgisse na Terra um Ser puro e justo, seria preso, açoitado, crucificado por aqueles que, não obstante cheios de iniquidades e vícios, tivessem reputação de bons e justos. — Nota de Alfredo.

{42} Certa vez, ajoelhado diante do belo crucifixo bizantino da Igreja de S.

Damião, em Assis, Francisco ouve, vinda da cruz, uma doce voz que lhe diz: — “Francisco, não vês que a minha Casa está caindo em ruínas? Vai e levanta-a”.

Pensando o “Poverello” que a voz se referia ao templo de S. Damião que estava arruinado, sai ele a esmolar tijolos e o restaura. Porém não era isso o que a Voz pedia. Em sonho esclarece-lhe o Senhor, mandando que Francisco, através da palavra inspirada, reavivasse a Fé nos homens. — Nota de Alfredo {43} Sir Galahad procurava o Cálice com que o Senhor ofertou o vinho na Última Ceia, o Santo Graal que somente os justos e puros poderiam ver. Bayard, de todos os cavaleiros que O buscavam, foi o único que pode contemplá-lo. O Santo Graal era o símbolo do Ideal do Cristo {44} A lua devia estar em novilúnio. — Nota de Josepho.

{45} A banana — musa paradisíaca, musa sapientum — o Kandali dos brâmanes, “pacova” dos aborígenes, já existia naquela época. Segundo o Professor Kuntze, notável botânico alemão, devido a não possuir ela mais sementes, indica ter sido submetida a prolongadíssima cultura, “sendo legítimo supor date do período antediluviano”. — Nota de Alfredo.

{46} Essas almas, quando as reencontramos no Espaço ou em novas encarnações nos planos físicos, imantam-se-nos aos espíritos. No primeiro caso, na ilusão de que possamos proporcionar-lhes gozos e satisfações perispirituais; no segundo, impelindo-nos, quando na Carne, ao mesmo abismo de vícios e erros em que as fizemos cair um dia. Neste caso, disfarçam-se quase sempre, apresentando-se-nos como os nossos melhores amigos e companheiros.

Somente quando tivermos desfeito em seus corações todo o mal de que fomos agentes, elas nos darão paz, vencidas pela Luz esclarecedora do Evangelho de Jesus. — Nota de Alfredo.

{47} Génesis, 6: 5.

{48} Havia naqueles dias gigantes na Terra... Gênese, 6: 4.

{49} A asteca e a incaica, por exemplo.

{50} Dois meses e dois dias. — Nota de Alfredo.

{51} Bhagavad-Gitâ, livro I. — Citação de Josepho.

{52} Génesis: cap. 6 — versículo 12

{53} E disse o Senhor a Noé: “Faze para ti uma arca de madeira de gofer”...

Génesis: cap. 7 — versículo 14. — Citação de Josepho.

{i} A manifestação de Espíritos processa-se desde o despertar da Humanidade. O mediunismo é sentido da Alma; foi, e será sempre, ponte ligando o Céu à Terra.

Apoias, como todos os sentidos, pode sofrer deturpações, quando usado para o Mal.

Não confundir invocação com manifestação. A primeira é perigosa, porque pode generalizar-se em abuso; a segunda é santa e pura, porque se processa segundo a orientação de Espíritos sábios, encarregados de missionar a Terra.

Várias foram as manifestações registradas na Bíblia. Citemos aqui, apenas, aquela em Endor, de que nos fala o I.º Livro de Samuel, no capítulo 28, versículos 8 a 19.

Permitimo-nos chamá-la de manifestação, porque a orientava o Espírito de um profeta, justo e santo — Samuel. Essa manifestação foi, cremos, a primeira sessão espírita de que nos fala a História realizada, segundo a Bíblia, muitos séculos antes de Allan Kardec codificar o Espiritismo. Presenciaram-na um rei, Saul, dois vassallos seus, e a mulher-médium — tida por feiticeira e adivinha, então. Ei-la: “E Saul se disfarçou e vestiu outros vestidos, e foi ele, e com ele dois homens, e de noite vieram à mulher; e disse: Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira (mediunidade) e me faças subir (vir) a quem eu te disser.

“Então a mulher lhe disse: (ignorava ela que fosse o rei). — Eis aqui tu sabes o que Saul fez, como tem destruído da Terra os adivinhos e os encantadores: porque, pois me armas um laço à minha vida, para me fazer matar?

“Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: — Viva o Senhor, que nenhum mal te sobrevirá por isso.

“A mulher então lhe disse: — A quem te farei subir? — E disse ele: Faz-me subir a Samuel. “Vendo pois a mulher a Samuel, gritou com alta voz, e a mulher falou a Saul, dizendo: — Porque me tens enganado? pois tu mesmo és Saul.

“E o rei lhe disse: Não temas: porém que é o que vês? — Então a mulher disse a Saul: Vejo deuses que sobem (descem) da terra.

“Disse-lhe (ele): Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um homem ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e se prostrou-se.

“Samuel disse a Saul: — Porque me desinquietaste, fazendo-me subir? Então disse Saul: — Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim (ele que se desviara de Deus) e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos; por isso te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer.

“Então disse Samuel: Porque pois a mim me perguntas, visto que o Senhor te tem desamparado, e se tem feito teu inimigo? (Saul é que se fizera inimigo de Deus, através de crimes e pecados...) “Porque o Senhor (continua Samuel) tem feito para contigo como pela minha boca te disse, e tem rasgado o reino da tua mão, e o tem dado ao teu companheiro David.

“Como tu não deste ouvidos à voz do Senhor, e não executaste o fervor da sua ira contra Amalek, por isso o Senhor te fez hoje isto.

“E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo; e o arraial de Israel o Senhor o entregará na mão dos filisteus”.

E tudo aconteceu como anunciou o Espírito de Samuel. — Notas e citações de Alfredo